

THEOPHILO BRAGA

ROMANCEIRO

GERAL PORTUGUEZ

ROMANCES HEROICOS, NOVELLESCOS
E DE AVENTURAS

SEGUNDA EDIÇÃO AMPLIADA



LISBOA
MANUEL GOMES, EDITOR
Livreiro de Suas Majestades e Altezas
61 - RUA GARRETT (CHIADO) - 61

1906



Via p. Br. 46

fuss

lo.

30

n. 23 / I

BIBLIOTHECA DAS TRADIÇÕES PORTUGUEZAS

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

1

MARIO DE ANDRADE

E	I
c	21

BIBLIOTHECA DAS TRADIÇÕES PORTUGUEZAS

(EDIÇÃO INTEGRAL E DEFINITIVA EM 10 VOLUMES)

- I— *Historia da Poesia popular portugueza* (3.^a edição) 2 vol.
1.^o As Origens .. De xvi-480 p., 1902. 800 rs.
2.^o Cyclos épicos De vi-570 p., 1905. 800 »

EM VIA DE PUBLICAÇÃO

- II— *Cancioneiro popular portuguez* (2.^a edição) 2 »
III— *Romanceiro geral portuguez* (2.^a edição) 2 »
1.^o Romances heroicos, Novellescos e de Aven-
turas. De viii-640 pag., 1906. 1\$000 rs.
2.^o No prelo.
IV— *Theatro popular portuguez*: Reisadas—Lapinhas
—Mouriscadas—Jogos figurados. 1 »
V— *Adagiario portuguez* 1 »
VI— *Contos tradicionaes do Povo portuguez* (2.^a edição) 2 »

THEOPHILO BRAGA

ROMANCEIRO

GERAL

PORTUGUEZ

ROMANCES HEROICOS, NOVELLESCOS
E DE AVENTURAS

SEGUNDA EDIÇÃO AMPLIADA



LISBOA
MANUEL GOMES, EDITOR
Livreiro de Suas Majestades e Altezas
61 - RUA GARRETT (CHIADO) - 61

1906

3667

MA
869.108
B813r
v. 1

Desde 1824 até ao corrente anno, foram-se colligindo as narrativas oraes do Romanceiro tradicional portuguez; tendiam estas compilações, mais ou menos genuinas, impressas em revistas e livros, para a incorporação em um vasto *Romanceiro Geral*, em que se encontrassem representadas todas as nossas provincias, ilhas adjacentes, e terras que pertenceram á primitiva unidade lusitana, ou que se desmembraram da nacionalidade historica.

Encetamos agora essa empreza. Em tão variados e superabundantes elementos é indispensavel uma *classificação*. Estabelece-se espontaneamente, destacando os *themas* das numerosas versões communs ás diversas localidades, fixando o fundo poetico persistente da Tradição europêa, em que se syncretisaram os Cantos narrativos das Raças que se succederam até constituirem as Nacionalidades modernas. São esses *themas* vestigios de Civilizações proto-historicas, de épocas de invasões, feudaes e cavalheirescas; assim o thema da *Esposa fiel* agrupa cantos cyclicos de rhapsodias atlanticas conservadas na coordenação odyssea; o thema da *Mulher forte*, reconhece-se ainda nas Sagas scandinavo-germanicas; no da *Mulher perseguida* acha-se o ecco das cantilenas barbaras espalhadas pelas invasões dos Hunnos; no da *Esposa infiel* reflectem-se os lais gallo-bretãos, e os fabliaux, que se dissolveram nas Novellas; a Edade Média christã e feudal representa-se nos *themas* da *Mulher cativa* e da *Mulher santificada*.

Accumulam-se em volta d'estes grupos thematicos as *versões* e *variantes* das localidades, em uma assombrosa riqueza

de imaginação; torna-se um encanto assistir á elaboração poetica do povo: ora dissolve a parte descriptiva em rubricas laconicas ou phrases feitas, ora dá a esse laconismo a profundidade da expressão dantesca ou shakespeareana; o dialogo é incisivo e inegualavel, ou se amplia em uma forma litanica, como na musica se faz com a nota obstinada. Fica a descoberto o processo formativo originario, objectivando impressões, dramatisando situações, mudando o scenario com um simple verso, mas tudo exuberante de vida e movimento. A perfeição ou deturpação dos quadros documenta o estado da Tradição em cada localidade, e a sua extensão patentea o fundo ethnico, pela comparação com Cantos populares de outras regiões que foram occupadas pela raça ligurica ou pre-celtica, como se vê na Alta Italia, Bretanha continental e insular, e na Hespanha occidental. O *Romanceiro Geral portuguez* fundamenta a affirmativa dos criticos estrangeiros sobre a maior antiguidade e riqueza das nossas Tradições poeticas. Não será isto documento da vitalidade da raça, da energia da nacionalidade? Só quem confunde Portugal com o boçalismo dos seus governantes, é que ousa chamar-lhe *nação moribunda*.

Lisboa — Abril, 1906.

FONTES DO ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

GARRETT — *Romanceiro*. Lisboa. Imprensa Nacional, 1851. In-8.º de XLVI-301 pag. (O 2.º vol.: *Romances cavalleiros antigos*). Id. *Ibid.*, vol. 3.º in-8.º de VI-296 pag (Contém alguns Romances com fôrma litteraria.)

THEOPHILO BRAGA — *Romanceiro geral*, colligido da Tradição. Coimbra, Imprensa da Universidade. 1867. 1 vol. in-8.º de VIII-216 pag.

— *Cantos populares do Archipelago açoriano*. Porto. Typ. da Livraria Nacional. 1869. 1 vol. in-8.º de XVI-478 pag.

BALLESTEROS — *Cancionero popular gallego*, com Introducção por Th. Braga: *Sobre a Poesia popular da Galliza*. Madrid. 1895-86. (No t. III, alguns Romances narrativos.)

ROMERO — *Cantos populares do Brasil*, acompanhados de uma Introducção e Notas comparativas, por Theophilo Braga. Porto. Typ. Teixeira. 1883. 2 vol. in-8.º de XXXII-286 pag. (No 1.º vol.: *Romances e Xacaras*, algumas pela primeira vez publicadas no *Parnaso portuguez moderno*, em 1877.)

— Segunda edição melhorada. Rio de Janeiro. 1897. In-8.º de XX-377 pag., v pag. de Indice. (Segue servilmente a coordenação e correcções da edição portugueza, eliminadas as Notas comparativas e a Introducção.)

RODRIGUES DE AZEVEDO — *Romanceiro do Archipelago da Madeira*. Funchal. 1880. 1 vol. in-8.º de XXIV-514 pag.

HARDUNG — *Romanceiro portuguez* — Coordenado, annotado e acompanhado d'uma Introducção e de um glossario. — Leipzig. F. A. Brockhaus. 1877. 2 vol. in-8.º; 1.º, de XXII-

- 279 pag.; 2.º, de viii-308 pag. (E' um apanhado do *Romanceiro* de Garrett, do *Romanceiro geral* e *Cantos populares do Archipelago açoriano* de Th. Braga, e do *Romanceiro do Algarve* de Estacio da Veiga.)
- ESTACIO DA VEIGA — *Romanceiro do Algarve* Lisboa. Imprensa de Sousa Neves. 1870. 1 vol. in-8.º de xxxviii-206 p.
- ATHAYDE OLIVEIRA — *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve* (Lição de Loulé). Porto. Typ. Universal. 1905. 1 vol. de xvii-432 pag. (Incorpora as versões de Reis Damaso, publicadas na *Encyclopedia republicana*, e algumas versões de Estacio da Veiga.)
- A. THOMAZ PIRES — *Romances populares do Alentejo*, publicados no *Elvensé* e na *Tradição* de Serpa. 1884-85 e 1902.
- LEITE DE VASCONCELLOS — *Romanceiro portuguez*. Folheto Bibliotheca do Povo e das Escolas, N.º 121. In-8.º de 62 pag. (Alguns transcriptos das Collecções anteriores.) Lisboa, 1886. — Id. Barcellos, 1887.)
- CONS. PEDROSO — *Contribuições para um Romanceiro e Cancioneiro popular portuguez*. (*Romania*, t. x, pag. 100-116. Paris, 1881.)
- *Poesias populares portuguezas*. (Na *Revue hispanique* 1902, 2.ºº année, pag. 455 a 467.)
- AD. COELHO — *Romances sacros, Orações e Psalmos populares do Minho*. (Na *Romania*, t. iii, 1870, de pag. 263 a 278.)
- *Romances populares e Rimas infantis portuguezas*. (Na *Zeitschrift fur romanische Philologie*, vol. iii, pag. 62 a 72) 194 a 199.)
- REIS DAMASO — *Encyclopedia republicana*. Lisboa, 1882. (*Romances populares do Algarve*.)
- BELLERMANN — *Portugiesische Volkslieder und Romanzen*. Leipzig, 1864. *Revista do Minho* — *Revista de Guimarães* — *A Tradição* — *Portugalia* — *Revista lusitana*, etc.
- MORAES FERREIRA — *Dialecto mirandez*. (Alguns trechos de Poesia popular de Traz-os-Montes.)
- D: CAROLINA MICHAELIS — *Romanzen Studien*. (Na *Zeitschrift fur romanische Philologie*. 1861. Vol. xvi.)
- ARRUDA FURTADO — *Materiaes para o estudo anthropologico; dos Povos açorianos*. Ponta Delgada. 1884. Folh.

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

I

ROMANCES HEROICOS E NOVELLESCOS

§ I — *Cyclo odysseaico ou atlantico*

1

A NÁO CATHRINETA

(ALGARVE — I. *Versão composita*)

Lá vem a náó Cathrineta¹
Que tem muito que contar!
Ouvide, agora, senhores,
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia²
Que iam na volta do mar;³
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram sola de mólho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tam rija,⁴
Que a não poderam tragar.

¹ Ora da náó Cathrineta,—D'ella vos quero contar—*Extremadura*.
= ² Sete annos e um dia—*Minho*. = ³ Todas as lições dizem assim,
menos a do Algarve, adoptaça por Garrett. = ⁴ Mas a sola era tam
dura,—Que a não podiam rilhar—*Minho*.

Deitaram sorte á ventura
 Qual se havia de matar;
 Logo foi eahir a sorte
 No capitão general.
 —Sobe, sobe, marujinho,
 A'quelle mastro real,¹
 Vê se vês terras de Hespanha,
 As praias de Portugal.
 «Não vejo terras de Hespanha,
 Nem praias de Portugal;
 Vejo sete espadas núas
 Que estão para te matar.²
 —Acima, acima, gageiro,
 Acima ao tópe real!
 Olha se enxergas Hespanha,³
 Areias de Portugal.
 «Alviçaras, capitão,
 Meu capitão general!
 Já vejo terras de Hespanha,
 Areias de Portugal.
 Mais enxergo tres meninas⁴
 Debaixo de um laranjal:
 Uma sentada a cozer,
 Outra na roca a fiar,
 A mais formosa de todas
 Está no meio a chorar.
 —Todas tres são minhas filhas,
 Oh! quem m'as dera abraçar!
 A mais formosa de todas
 Contigo a heide casar.
 «A vossa filha não quero,
 Que vos custou a crear.

¹ A'quelle tope real—*Lisboa.* = ² Todas para te matar—*Extremadura.* = ³ Vê se vês terras da Hespanha,—Areias de Portugal—*Minho.*
 = ⁴ Tambem vejo tres meninas—*Lisboa.*—... tres donzellas—*Beira-baixa.*

- Dar-te-te-hei tanto dinheiro
 Que o não possas contar.
 «Não quero o vosso dinheiro,
 Pois vos custou a ganhar.
- Dou-te o meu cavallo branco,
 Que nunca houve outro igual.¹
 «Guardae o vosso cavallo,
 Que vos custou a ensinar.
- Dar-te-hei a náó Cathrineta,²
 Para n'ella navegar.
 «Não quero a náó Cathrineta,
 Que a não sei governar.
- Que queres tu, meu gageiro,
 Que alviçaras te heide dar?
 «Capitão, quero a tua alma
 Para commigo a levar.
- Renego de ti, demonio,
 Que me estavas a atentar!
 A minha alma é só de Deus,
 O corpo dou eu ao mar.³

¹ Para n'elle campear—*Ribatejo*. — ² A lição de Lisboa acaba aqui o romance por differente modo. Deixando o sobrenatural da tentação do demonio, que toma a fórma de gageiro para tentar o capitão n'aquelle perigo, dá por verdadeira a apparição da terra, e conclue assim:

- Que queres tu, meu gageiro,
 Que alviçaras te heide eu dar?
 «Eu quero a náó Cathrineta
 Para n'ella navegar.
- A náó Cathrineta, amigo,
 É d'el-rei de Portugal;
 Mas ou eu não sou quem sou,
 Ou el-rei t'a hade dar.

Outra lição tambem diz n'esta ultima copia:

- Pede-a tu a el-rei, gageiro,
 Que t'a não póde negar.

³ O corpo da agua do mar — *Ribatejo*.

Tomou-o um anjo nos braços,
 Não n'ò deixou afogar.
 Deu um estouro o demonio,
 Accalmaram vento e mar;
 E á noite a náó Cathrineta
 Estava em terra a varar.¹

(Fragmento de uma Versão alemtejana)

.....
 —Arre nego de ti, maldito,
 Mais das tuas más palavras,
 Que a alma é de Deus,
 Que anda em sua resguarda,
 E o corpo é dos bichinhos
 Que andam em cima da agua.

(Villa Fernando.)

(II — Versão algarvia)

Náo Cathrineta tão linda,
 Que andas na volta do mar,
 Manda El-Rei que se apparelhe
 Para de manhã largar!
 O Conde se aparelhara,
 Nem mais tinha que esperar.
 Ao sahir da barra fôra
 Tudo era arrebicar.
 Por um lenho cacilheiro
 Amarras manda levar;
 Para navegar em cheio,
 Manda as velas desfraldar.

¹ A bom porto foi parar—*Ribatejo*.

Salva a torre de Bogio
Quando a náó vae a passar.

Adeus, marinheiros velhos,
Adeus, que vamos largar!
Náo Cathrineta tão linda,
Já vaes na volta do mar.
Tres annos e mais um dia
Era a náó a navegar,
Já de beber não havia,
Nem havia que manjar.
Deitaram sóla de mólho,
Que a fome vinha a apertar;
Mas a sóla era tão dura,
Que a náó podiam tragar.
Dizem todos á porfia
Que um se havia de matar;
Mas as sortes só caíam
No capitão general.

—Arriba, arriba, gageiro,
Aquelle tópe real;
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
«Náo vejo terras de Hespanha,
Nem praias de Portugal;
Só vejo uma grande armada
Que além cobre todo o mar,
Dentro d'ella vem um turco
Pelas barbas a jurar,
Que o conde, nosso almirante,
Hade elle vir degolar.

O conde que tal ouvira,
De rasto se foi prostrar,

Abraçado a um santo lenho,
 E gritando a bom gritar :
 —Valei-me, senhor do céo,
 Vinde-me aqui ajudar ;
 Não permittaes, vós, senhor,
 Que á moiraima eu vá parar !

Palavras não eram ditas,
 E as balas de par a par ;
 O sangue já era tanto,
 Que ensanguava todo o mar ;
 Pelos embornaes corria,
 De continuo, sem cessar ;
 Umás náos já trebucavam,
 Outras iam a escapar.
 Ganhára o conde a batalha,
 Não mais havia a ganhar ;
 Tocam-se logo os apitos,
 Tudo corre a manobrar.
 Náos Cathrineta, tão linda,
 Faz-se nas voltas do mar.

— Arriba, arriba, gageiro,
 Aquelle tópe real ;
 Vê se vês terras de Hespanha,
 Areias de Portugal.
 « Não vejo terras de Hespanha,
 Nem praias de Portugal ;
 Vejo tres espadas núas,
 Que vos são a ameaçar.
 — Mira, mira, marujinho,
 Sobre esse tópe real ;
 Vê se vês terras de Hespanha,
 Areias de Portugal ;
 Se alviçaras me trouveres,
 Melhores t'as hei de eu dar.

- «Alviç'as, meu capitão,
Alviç'as, meu general!
Alviç'as tenho ganhadas,
Se vós m'as quizerdes dar.
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal;
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal.
Uma está fiando ouro,
Outra na téla a bordar,
E a mais pequena de todas
Com sua mãe a brincar.
- Todas tres são minhas filhas,
Meu é esse laranjal;
As meninas que lá viste
Todas eu te quero dar,
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
E a que mais formosa fôr
Para contigo casar.
- «Eu não quero as vossas filhas,
Que não tenho onde as guardar;
Só quero a não Cathrineta
Que anda nas voltas do mar.
- Não dou a não Cathrineta,
Não a dou, não posso dar;
Dar-te-hei tamanha terra
Que a não possas avistar.
- «Eu não quero a vossa terra
Que por mim não sei lavar;
A não Cathrineta quero,
Que anda nas voltas do mar.
- Não dou a não Cathrineta,
Não me venhas atentar;
Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.

«Não quero o vosso dinheiro
 Que me faz afugentar ;
 Só quero a náó Cathrineta
 Para no mar navegar.
 —Não dou a náó Cathrineta
 Que é el-rei de Portugal ;
 Não tens mais que me pedir
 Nem eu tenho mais que dar ;
 Vae-te d'aquí, inimigo,
 Ou te vou a esconjurar.
 «Não quero a náó Cathrineta
 Que ella ahí se vae talar.
 Este mar será a terra
 Que vos hade sepultar,
 Os peixes serão os homens
 Que vos hão de acompanhar,
 Os mastros serão as vélas
 Que vos hão de alumiar !

Muito não era passado
 E a náó em terra a varar !
 Não creiam, não em feitiços
 Lá mesmo em meio do mar !

(III — *Versão de Lagos*)

Lá vem a Náó Cathrineta,
 Que tem muito que contar ;
 Sete annos e um dia
 Andou sobre aguas do mar :
 Um dia, sem que comer,
 Nem tampouco que manjar,
 Deitaram sóla de mólho,
 Vêr se a podiam tragar ;
 A sóla era tão dura
 Que a não a poderam levar.

Deitaram sorte á ventura,
Qual se havia de matar.
A sorte cahiu em branco
No Tenente general.

Olharam uns para os outros :

—Quem nos hade governar?!

«Sóbe acima, meu gageiro
A'quelle mastro real;
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.

.....

—Alviçaras, Commandante,
Meu Tenente general!

Lá vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal.

Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal.

«Todas tres são minhas filhas,
Todas tres te hei de dar,
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
E a mais bonita de todas
Para contigo casar.

—Não quero as vossas filhas,
Vos custaram a crear.

Quero a não Cathrineta
Para no mar velejar.

«Gageiro, a não Cathrineta
E' que te não posso dar;
Tens o meu cavallo branco
Que te dou em seu logar,
Com duzentas campainhas,
A' roda do peitoral.

—Não quero o teu cavallo
Que custou teu cabedal;
Quero a não Cathrineta

Para no mar velejar.
 «A Cathrineta não dou,
 Nem eu te a posso dar.

E chegando ao Cruzeiro
 Logo o mandou matar.



ARCHIPELAGO DA MADEIRA

(1 — *Versão de San Martinho*)

=Ai, nossa náó Cathrineta,
 Andas perdida no mar !
 Já não temos que beber,
 Já não temos que manjar;
 Botámos sola de molho
 Pera um dia jantar ;
 Mas era ella tão rija,
 Que não se pode rilhar.
 Deitámos então em sortes
 Qual haveramos matar ;
 E no Capitão maior
 Sete vezes foram dar.
 Vinde cá, bom pilotinho,
 Ajudal-o a matar.
 —Tenho feito juramento
 No meu livro de rezar :
 Capitão com que acompanhe
 Nam no heide atraçoar.

Palavras não eram ditas,
 Diz lo capitão maior ;

«Vinde cá, bom pilotinho,
 Meu amigo tão leal,

Assubi-m' áquelle mastro,
 Áquella gávea real;
 Vêde s'avistaes de lá
 Las praias de Portugal.
 Se vós avistardes terra,
 Grande tença vos hei dar;
 Tanto dinheiro tereis,
 Que possaes não carregar:
 E vos darei minha prima,
 Pera comvosco casar;
 E la minha melhor terra
 Em dote ella hade levar.
 — Nã quero la vossa tença,
 Que só el-rei póde dar;
 Nã quero vosso dinheiro
 Qu'inda tendes por ganhar;
 Nã quero la vossa prima,
 Que nã mandastes crear;
 E menos la vossa terra,
 Qu'inda tendes por herdar:
 Quero la não Cath'rineta,
 P'ra com ella navegar.

«Inda la triste da não
 Muito terá que passar.
 Levac-la vós a bom porto,
 P'ra que la possaes ganhar.
 Ide lá, bom pilotinho,
 Meu amigo tão leal,
 Assubi-m' áquelle mastro,
 Áquella gávea real,
 Vêde s'avistaes de lá
 Las praias de Portugal.

Sóbe lo piloto arriba
 Da alta gávea real,

E lá deriba bradou
P'ra lo capitão maioral :

—Alviçaras, capitão,
Meu capitão general!
Avisto costa de Hespanha
E costa de Portugal:
Parecem duas meninas
Postas no seu laranja;
Ambas têm seus fructos loiros,
E seus fios de crystal!

Palavras não eram ditas,
Diz lo capitão maioral :

«Deixemos costa de Hespanha ;
Vamos á de Portugal ;
Ahi é la minha terra,
La minha terra natal!
—Ganhei la náó Cath'rineta,
Meu capitão general.
«Mas quem vol-la póde dar
É el-rei de Portugal.

(Variante II: Ponta Delgada)

Por sete annos e um dia,
Sob' las ondas de la mar,
Andou la náó Cath'rineta,
E nã tinham que manjar :
Da coirama, que traziam,
Demolharam p'ra jantar ;
Mas la coirama, tão dura,
Nã na puderam tragar :
E então deitaram sortes,
P'ra quem haviam matar.

La negra sorte cahiu
No bom capitão maioral.

—Vem tu cá, mestre piloto,
Que sempre foste leal,
Assube m' áquella gávea
D'esta nossa náó real;
Vè se m'avistas la terra
Do reino de Portugal.

Lo piloto diz de ríba :
«Parabens, senhor maioral,
Qu'enchergo além la terra
Do reino de Portugal:
Parece moça morena
Debaixo de um parreiral;
Tem, por cima cachos de oiro,
No chão fios de crystal:
E, com ser tão pequenina,
Tem lança, nã quer dedal!

—Leva-me, piloto mestre,
À terra de Portugal;
Lá mataremos la fome
Debaixo do parreiral;
Lá mataremos la sède
N'esses fios de crystal;
A demais, terá em paga
Muito do meu cabedal.
«Nã quero dos cachos d'oiro,
Nem dos fios de crystal;
Tampouco vosso dinheiro,
Quero voss'alma maioral!

Então, lo capitão, vendo que lo piloto era um diabo, cramou :

—Eu, t'arrenego, diabo;
Nã me venhas atentar!

Seja minh'alma para Deus ;
Fique meu corpo no mar.

Lo diabo do piloto,
Rebentou sem mais fallar ;
Foi la náó a salvamento
Logo no porto entrar.

E agiolharam todos, e lo capitão maioral resou sua oração :

— Virgem Maria santa,
Mãe de Deus, e mãe de nós,
Apressada is á cruz,
Apressado vim a vós !
Quatro cantos tem la casa,
Quatro cirios a arder ;
Está lo Anjo da Guarda
P'ra do Cão me defender ;
E Jesus á minha bocca ;
E Jesus, n'este meu peito ;
E Jesus, por ond' eu ando ;
E Jesus, onde eu me deito.

(Variante III: Funchal)

Sete annos e um dia,
Sob' las aguas de la mar
Andou la náó Cath'rineta,
Sem já haver que manjar :
Deitaram coiros de mólho
P'ra n'esse dia jantar,
Mas tão duros eram elles
Que nã los podem tragar.
Tiraram então por sôrtés
Qual haviam de matar ;
Foi la sorte sete vezes
No capitão acertar.

—Vinde vós cá, bom fradinho,
Lo capitão confessar ;
Vinde com vossa benção
Seus peccados perdoar.
«Tenho feito juramento
No meu livro de rezar,
A capitão com quem venha
Peccados nã perdoar.

Emquanto elles fallavam,
Diz lo capitão maiorál :

—Vem tu cá, ó bom piloto,
Meu bom piloto leal,
Assube-m' áquelle tópe
D'aquella mastro real ;
Vigia s'avistas terras,
Seja da banda de Hespanha,
Ou seja de Portugal.
«Nem d'uma, nem d'outra banda
Nã nas posso avistar :
Vejo só espadas nũas
Com que vos querem matar.

Disse então lo capitão
Quasi sem poder fallar :

—Vinde vós cá, bom fradinho,
Ajudae a me salvar.
«Lo que jurei foi jurado
No meu livro de rezar.
—Vinde, vinde, bom fradinho,
Ajudae a me livrar :
Dou-vos tanto que pod'reis
Um mosteiro levantar.
«Bem m'importa a mim mosteiro,
Bem m'importa cabedal !

Um frade... da mão furada
Só quer tua alma, maioral!

Lo capitão fez tres cruzes,
E oração bem rezada:
—Valei-me vós, Mãe de Deus,
Virgem Maria sagrada!
Abrenuncio de ti, demo,
Fradinho da mão furada!

Ainda la reza toda
Nã estava bem acabada,
Lo fradinho que estoirou,
Nem trovão de trovoadal!
Do relampago tamanho,
Ficou la gente assombrada;
E, quando a si tornaram,
Do frade ninguem viu nada,
E la náol, 'tê 'li perdida,
Vae direito navegada!

Disse então lo capitão,
Já com voz de maioral:
—Vem tu cá, ó bom piloto,
Meu bom piloto leal,
Assube-m' áquelle tópe
D'aquelle mastro real;
Vigia s'avistas terras,
Seja da banda de Hespanha,
Ou seja de Portugal.
«A' pôpa terras avisto,
Mas são terras d'arcial;
São terras de Berberonia,
Más terras, meu general.
—Olha á pròal, bom piloto,
Meu bom piloto leal,

Vigia s'avistas terras
De Hespanha ou Portugal.
«Alviç'ras, senhor, alviç'ras,
Meu capitão general!
Terras avisto de Hespanha
E terras de Portugal:
Parecem duas senhoras
Postas em seu laranjal;
A' cabeça, fructos d'oiro;
Aos pés, fios de crystal.
—Essas mesmas são as terras
De Hespanha e Portugal;
Lá mataremos la fome
Nos fructos do laranjal;
Lá mataremos a sêde
Nos seus fios de crystal:
Por alviç'ras te darei
Do meu grosso cabedal.
«Não quero vosso dinheiro,
Nem fructas, nem agua fria;
Só esta náó Cath'rineta,
Isso era lo que eu qu'ria!
—«Ai, minha náó Cath'rineta!...
Eu nã te la posso dar,
Porque quero morrer n'ella,
Heide me n'ella enterrar:
Los mastros serão las tochas,
Que me hãode alumiar;
Será lençol uma vela,
Que me hade amortallar;
E lo casco será tumba;
E sepultura, lo mar.

Calou-se lo capitão,
Que terra clara se via;

E la companha, contente,
Qual, a qual assim dizia :

—Las casinhas que lá ha
Bem nas vejo alvejar ;
Das lareiras que ellas teem
Eu bem vejo fumegar ;
Las padeiras que lá moram
Bem nas vejo padejar ;
Fritadeiras que las vivem
Peixinho estão a fritar ;
Las taberneiras lá sinto
Da pipa vinho a tirar.
Anda, anda, Cathrineta,
Que já lá vamos jantar.

Palavras não eram ditas,
Ferro la náó a deitar ;
E — Viva ! viva ! — da terra,
E lá da náó a bradar.



ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

(1— *Versão da ilha de S. Jorge*)

Ha sete annos e um dia
Que andam na volta do mar !
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar ;
Botaram sola de mólho
Para a poderem rilhar ;
A sola era mui dura
Não a poderam tragar.

Botam sortes ao acaso
A qual haviam matar!
Cafu por infelicidade
No tenente general.

- Arriba, p'riquito, arriba,
A'quelle tópe real!
Olha se vês minhas terras,
Areias de Portugal?
«Eu não vejo vossas terras,
Areias de Portugal;
Vêjo tres espadas núas
P'ra comvosco guerrear.
Tambem aqui tenho uma,
Ella me defenderá.
- Arriba, p'riquito, arriba,
A'quella tópe real,
Olha se vês minhas terras,
Que Deos te hade ajudar.
«Alviçaras, senhor, alviçaras,
Meu Tenente general;
Já vêjo terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
E vêjo cinco mulheres
N'uma ribeira a lavar;
E vêjo cinco marchantes
No açogue a cortar carne,
Tambem vêjo seis padeiras
N'um fôrno a padejar.
Tambem vêjo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma doba fio de ouro,
Outra fio de crystal;
A mais pequenina d'ellas
Essa perdeu o dedal.

- Essas são as minhas filhas,
 Todas tres te eu heide dar;
 Uma para te vestir,
 Outra para te calçar;
 A mais excellente d'ellas
 Para contigo casar.
 «Não quero as tuas filhas,
 Te custaram a criar.
- Hei-te dar cavallo branco,
 Que é para tu passeares.
 «Não quero o teu cavallo
 Que é para tu passeares.
- Hei-te dar tanto dinheiro,
 Não hade ter fim a contar.
 «Não quero o teu dinheiro
 Que te custou a ganhar;
 Quero a náó Catherineta
 Para n'ella navegar.

Ainda a troco d'essa náó
 Inda ha muito que contar;
 Que sete annos e um dia
 Andou na volta do mar.

- Essa náó já não é minha
 E' do Rei de Portugal;
 Que ella assim que lá chegarmos
 Elle a mandará queimar.

(*Variante II: Ilha de S. Jorge — Rosaes*)

Lá vem a náó Catherineta
 Que tem muito que contar;
 Ha sete annos e um dia
 Sobre as aguas do mar!
 Já não tinham que comer,

Já não tinham que manjar ;
Botaram sola de mólho
Para ao domingo jantar ;
A sola era mui dura,
Não a poderam rilhar.
Botam sortes á ventura,
A qual haviam matar !
A sorte caíu em preto
Ao capitão general.

—Assobe acima, gageiro,
A'quelle tope real !
Vê se vês terras de Hespanha,
Arcias de Portugal.
«Não vêjo terras de Hespanha,
Arcias de Portugal ;
Vêjo tres espadas núas
P'ra cabeça te cortar.

Pensando que era verdade
As sortes botou ao mar ;
Tanta cutilada deram,
Sem nenhuma lhe acertar.

—Assobe acima, chiquito,
A'quelle tópe real ;
Se não poderes assobir
Pois Deos te hade ajudar.

Palavras não eram ditas
Chiquito caíu ao mar ;
Eram botes e escaleres
Sem o poder agarrar.

—Assobe acima, gageiro,
Acima, á gávca real ;

Vê se vês terras de Hespanha,
Arcias de Portugal.

«Alviçaras, senhor, alviçaras,
Meu capitão general;
Já vêjo terras de Hespanha,
Arcias de Portugal;
Tambem vêjo tres meninas
Debaixo de um laranjal;
Uma está lavrando ouro,
Outra fio de crystal,
A mais mocinha de todas
Anda buscando o dedal.

—Essas são as minhas filhas,
Todas tres t'eu quero dar,
Uma para te vestir,
Outra para te calçar;
A mais bonitinha d'ellas
Para contigo casar.

«Não quero as tuas filhas,
Deus vol-as deixe criar;
O que te quero pedir,
Se vós me quizeres dar,
E' a náó Catherineta
Para n'ella navegar.

—Essa náó já não é minha,
E' do Rei de Portugal,
Elle, assim que lá chegar,
Elle a mandará queimar.

(Variante III: Ilha de S. Jorge)

Lá vem a náó Catherineta,
Que traz muito que contar:
Ha sete annos e um dia
Sem nunca terra encontrar!

Já não tinham que comer,
Nem mais pouco que manjar ;
Botaram sola de mólho
P'ra no domingo jantar.
A sola era mui dura,
Não a puderam rilhar !
Entraram a botar sortes
A qual haviam matar ;
Todas as sortes caíram
No capitão general.

—Acima, gageiro, acima,
A'quelle tópe real !
Vê se vês partes de França,
Ou reinos de Portugal ?
« Não vejo partes de França,
Nem reinos de Portugal ;
Vêjo tres espadas núas
Que vêm para vos matar ;
Tambem aqui tenho uma,
Ella me defenderá.

Tornaram a botar sortes
A qual haviam matar,
Todas as sortes caíram
No capitão general.

—Acima, gageiro, acima,
Torna-te bem a afirmar !
Vê se vês partes de França
Ou reinos de Portugal ?
« O que vêjo são tres lanças
Para te espostejar.

Tornaram a botar sortes
A qual haviam matar ;

Todas as sortes caíram
No capitão general.

- Acima, gageiro, acima,
Que Deos te hade ajudar:
Vê se vês partes de França,
Ou reinos de Portugal.
«Alviçaras, senhor, alviçaras,
Meu capitão general;
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
Ribeirinhas a correr,
Lavadeiras a lavar;
Bem vejo fornos a arder,
Padeiras a padejar.
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal;
Uma fiando fio de ouro,
Outra fio de crystal;
A mais bonita de todas
Anda buscando um dedal.
- Essas são as minhas filhas,
Todas tres t'eu quero dar,
Uma para te vestir,
Outra para te calçar;
A mais bonita de todas
Para contigo casar.
«Não lhe quero as suas filhas,
Lhe custaram a criar!
- Tambem te heide dar dinheiro,
Que o não saibas contar.
«Não lhe quero o seu dinheiro,
Pois lhe custou a ganhar.
- Tambem te heide dar cavallo
Para em terra passear.
«Não lhe quero o seu cavallo

Pois lhe custou a domar;
Quero a não Catherineta
Para no mar navegar.
—A não Catherineta, amigo,
Essa não t'a posso dar;
Que ella assim que fôr em terra
Logo irá a queimar.

(Variante IV: Ilha de S. Jorge)

Lá vem a não Catherineta,
Que traz muito que contar:
Ha sete annos e um dia
Que andam na volta do mar!
Não tinham já que comer,
Nem tampouco que manjar.
Já mataram o seu gallo
Que tinham para cantar.
Já mataram o seu cão
Que tinham para ladrar.
Não tinham mais que comer,
Nem tampouco que manjar;
Botaram sola de mólho
P'ra no outro dia jantar.
A sola era mui dura
Não a puderam rilhar.
Botaram sortes ao fundo
A qual haviam matar,
A primeira que cafu
Foi ao capitão general.

—Arriba, gageiro, arriba,
Arriba ao mastro real!
Olha se vês minhas terras,
Ou reinos de Portugal?
«Eu não vêjo tuas terras,

Nem reinos de Portugal,
Vêjo tres espadas núas
Todas para te matar.
—Arriba, Pedro, arriba,
Meu marinheiro leal:
Olha se vês minhas terras,
Ou reinos de Portugal.

O gageiro lá em riba
Em altas vozes gritára:

«Alviçaras, senhor, alviçaras,
Meu capitão general!
Que eu já vêjo as tuas terras
E reinos de Portugal.
Se não nos faltar o vento
A terra iremos jantar.
Lá vêjo muitas ribeiras,
Lavadeiras a lavar;
Vêjo muito forno accêso,
Padeiras a padejar.
E vejo muitos açougues,
Carniceiros a matar.
Tambem vêjo tres meninas
Debaixo de um laranjal.
Uma lavrando ouro,
Outra a prata real;
A mais bonitinha d'ellas
Em procura do dedal.
—Essas tres são minhas filhas,
Todas tres t'eu heide dar,
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
A mais bonitinha d'ellas
Para contigo casar.
«Não quero as tuas filhas,

Que Deus t'as deixe gosar;
Que eu tenho mulher em França,
Filhinhos de sustentar;
Quero a náó Catherineta
Para n'ella navegar.

—A náó Catherineta, amigo,
Eu te não posso dar;
Assim que chegar a terra
Pois ella vac a queimar.
Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não saibas contar.
« Não quero os teus dinheiros
Pois te custam a ganhar;
Quero a náó Catherineta
Para n'ella navegar,
Que assim como escapou d'esta
D'outra ainda hade escapar.

(Variante V: Ilha de S Jorge)

A náó Santa Catherina
Nove annos andou no mar!
Já não tinham que comer,
Nem mais pouco que manjar;
Botaram sola de mólho
P'ra no domingo jantar;
Ella era tanto dura,
Não a puderam rilhar.
Pegaram a botar sortes
A qual haviam matar;
As sortes caíram todas
Ao Capitão general.

—Affirma-te, Pedro, affirma-te,
Torna-te bem a affirmar,

Olha se vês nossas terras
 Ou reinos de Portugal?
 «Eu não vêjo vossas terras
 Nem reinos de Portugal,
 Vêjo duas 'spadas núas
 Que são para te matar.

Pegaram a botar sortes
 A qual baviam matar;
 As sortes caíram todas
 Ao capitão general.

- Affirma-te, Pedro, affirma-te,
 Torna-te bem a affimar;
 Olha se vês nossas terras
 Ou reinos de Portugal?
 «Vêjo rios a correr,
 Lavadeiras a lavar;
 Tambem vêjo tres donzellas
 Debaixo de um laranjal;
 Uma cafu-lhe a agulha,
 Outra cafu-lhe o dedal;
 Ergueu-se a mais mocinha,
 Ergueu-se, foi-lh'os buscar.
- Se ellas forem minhas filhas,
 Todas tres t'as quero dar;
 Uma para te vestir,
 Outra para te calçar
 A mais bonitinha d'ellas
 Para contigo casar.
- «Não quero as vossas filhas,
 Deus vol-as deixe lograr,
 Quero a não Catherineta
 Para n'ella navegar.
- Affirma-te, Pedro, affirma-te,
 Torna-te bem a affimar;

Se o vento nos fôr á pôpa
Em terra havemos jantar.
Se elle nos não lôr á pôpa
Nós hemos lá ir cear.

Capitão pilhou-se em terra
De Pedro não fez mais caso?
Pedro p'la palavra dada
Foi-se metter no quintal.
As tres filhas á janella
Do capitão general;
Respondera uma d'ellas:

— «Está um homem no quintal.
Respondeu uma outra:
«—Nós hemos il-o matar.

Caminharam todas tres
Com suas tochas accesas,
E brandões do laranjal;
Deram-lhe tanta pancada
Que elle se não pôde virar.
Foi ter com o confessor
Para este o confessar.

—Oh Pedro! quem te fez isto?
Que te causou tanto mal?
«Foram essas tres filhas
Do Capitão general.
A mais velha é Maria,
A do meio Brianal,
A mais moça Flôr do Dia,
Com quem eu quero casar.

BRASIL

(Versão do Rio Grande do Sul)

Ahi vem a náó Catharineta
Farta de navegar ;
Sete annos e um dia
Sobre as ondas do mar.
Não tinham mais que comer,
Nem tampouco que manjar ;
Botaram sola de mólho
P'ra no domingo jantar ;
A sola era tão dura
Que não podiam tragar ;
Botaram sorte em branco
Ao qual havia de tocar.
A sorte cahiu em preto
No meu Capitão general ;
A maruja era tão boa,
Que não o queria matar,

- Sobe, sobe, Chiquito
N'aquelle tópe real,
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
«Não vejo terras de Hespanha,
Nem areias de Portugal,
Vejo si tres espadas
Para contigo batalhar.
- Sobe, sobe alli, marujo,
N'aquelle tópe real ;
Vê si vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal,

«Alviçaras, meu capitão,
 Alviçaras vos quero dar:
 Já vêjo terras de Hespanha,
 Areias de Portugal;
 Também vêjo tres meninas
 Debaixo de um laranjal;
 —Todas tres são minhas filhas
 Todas tres vos dera a ti:
 Uma para vos lavar,
 Outra para vos engomar;
 A mais bonita de todas
 Para contigo casar.

Palavras não eram ditas
 Chiquito caíu no mar.

(Variante de Sergipe)

Faz vinte annos e um dia
 Que andamos n'ondas do mar;

 Botando solas de mólho
 Para de noite jantar.
 A sola era tão dura,
 Que a não pudemos tragar.
 Foi-se vendo pela sorte
 Quem se havia de matar!
 Logo foi cahir a sorte
 No capitão general

—Sobe, sobe, meu gageiro,
 Meu gageirinho real,
 Vê se vês terras de França,
 Areias de Portugal.
 «Não vêjo terras de França
 Areias de Portugal;

- Vejo sete espadas finas,
Todas para te matar.
- Sobe, sobe, meu gageiro,
Meu gageirinho real,
Olha p'ra estrella do norte,
Para poder-nos guiar.
- «Alvistas, meu capitão,
Alvistas, meu general!
Avisto terras em França,
Arcias de Portugal;
Tambem avisto tres moças
Debaixo de um parreiral;
Duas, cosendo setim,
Outra calçando o dedal.
- Todas tres são filhas minhas,
Oh, quem m'as dera abraçar!
A mais bonita de todas
Para contigo casar.
- «Eu não quero tuas filhas
Que lhe custou a criar,
Quero a não Cathrineta
Para n'ella navegar,
- Desce, desce, meu gageiro,
Meu gageiro real;
Já viste terras de França,
Arcias em Portugal.

2

BELLA INFANTA

(Versão ribatejana)

Estava a bella Infanta
 No seu jardim assentada,
 Com o pente d'oiro fino
 Seus cabellos penteava ;
 Deitou os olhos ao mar
 Viu vir uma nobre armada ;
 Capitão que n'ella vinha,
 Muito bem que a governava. ¹

—Dize-me, oh capitão, ²
 D'essa tua nobre armada,
 Se encontraste meu marido
 Na terra que Deus pisava ?
 «Anda tanto cavalleiro
 N'aquella terra sagrada...
 Dize-me tu, oh senhora,
 As senhas que elle levava.
 —Levava cavallo branco,
 Selim de prata doirada ;
 Na ponta de sua lança ³
 A cruz de Christo levava.

¹ Que a guiava — *Lisboa*.

² Dize-me, oh cavalleiro,
 Os signaes... — *Ribatejo*.

³ Nos punhos da sua espada — *Extremadura*.

«Pelos signaes que me déste ¹
 Lá o vi n'uma estacada
 Morrer morte de valente:
 Eu sua morte vingava.
 —Ai triste de mim viuva,
 Ai triste de mim coitada!
 De tres filhinas que tenho,
 Sem nenhuma ser casada!...
 «Que darias tu, senhora,
 A quem n'ó trouxera aqui?
 —Dera-lhe oiro e prata fina,
 Quanta riqueza ha por hi.
 «Não quero oiro nem prata,
 Não n'os quero para mi:
 Que darias mais, senhora,
 A quem n'ó trouxera aqui?
 —De tres moínhos que tenho,
 Todos tres t'os dera a ti;
 Um móe o cravo e a canella, ²
 Outro móe do gerzeli: ³
 Rica farinha que fazem!
 Tomára-os el-rei p'ra si.

¹ Pelos signaes que me déste,
 Lá o vi morto ás lançadas,
 Que a mais pequena que tinha
 Era a cabeça passada. — *Várias.*
 Pelos signaes que me déste,
 Lá morreu ás cutilladas,
 Que a mais pequena que tinha
 Era a cabeça cortada — *Várias.*

Estas variantes são ambas muito geraes, e talvez sejam melhores do que o texto adoptado.

² Este verso pelas suas allusões se vê que é moderno comparativamente; foi introduzido decerto por lição muito posterior ao romance; o que se encontra a miudo. = ³ Gerzelim, em arabico *Folzelim*, semente redonda e oleosa ou una planta de que se faz doce, e d'ella moida tambem oleo que serve para comer.

- «Os teus moinhos não quero
 Não n'os quero para mi.
 Que darias mais, senhora,
 A quem t'o trouxera aqui?
 —As telhas do meu telhado
 Que são oiro e marfim.
 «As telhas do teu telhado
 Não n'as quero para mi:
 Que darias mais, senhora,
 A quem n'o trouxera aqui?
 —De tres filhas que eu tenho,¹
 Todas tres te dera a ti:
 Uma para te calçar,
 Outra para te vestir,
 A mais formosa de todas
 Para contigo dormir.
 «As tuas filhas, infanta,
 Não são damas para mi:
 Dá-me outra coisa, senhora,
 Se queres que o traga aqui.
 —Não tenho mais que te dar,
 Nem tu mais que pedir.²
 «Tudo, não, senhora minha,
 Que inda te não déste a ti.
 —Cavalleiro que tal pede,
 Que tão villão é de si,³

¹ De tres filhas que eu tenho
 Todas tres te hei de dar;
 Uma para te vestir,
 Outra para te calçar;
 A mais formosa de todas
 Para contigo casar — *Extremadura*.

Esta variante assás vulgarisada é comtudo uma *pruderie* moderna de linguagem que se introduziu visivelmente quando a hypocrisia pediu a decencia na falla que faltava nos costumes.

² Quanto tinha offereci. — *Baira Alta*. = ³ Que pede e torna a pedir. — *Extremadura*.

Por meus villões arrastado
 O farei andar ahi
 Ao rabo do meu cavallo,
 A' volta do meu jardim.
 Vassallos, os meus vassallos,
 Acudi-me agora aqui!
 «Este anel de sete pedras
 Que eu contigo reparti...
 Que é d'ella a outra metade?
 Pois a minha, vê-a ahi!
 —Tantos annos que chorei,¹
 Tantos sustos que tremi!...
 Deus te perdõe, marido,
 Que me ias matando aqui.



Dona Clara

(Variante do Porto da Bella Infanta).

Dona Clara, Dona Infante
 Estava no seu jardim,
 Penteando tranças de oiro
 Com seu pente de marfim,
 Sentada n'uma almofada
 De veludo carmezim.
 Botou os olhos ao mar
 E avistou formosa armada:
 Capitão que a governava
 Que bem a traz preparada!
 Saltou em terra elle só
 Com a vizeira calada,
 Vem saudar a dona Infante
 Que assim triste lhe fallou:

¹ Os ultimos quatro versos faltam na maior parte das cópias, e talvez sejam postiços; prec:osos não são.

- Viste tu o meu marido
Que ha tempo que me deixou?
«Teu marido não conheço,
Diz-me que signaes levou.
- Levou seu cavallo branco
Com sua sella dourada,
Na ponta de sua lança
Uma fita encarnada;
Um cordão do meu cabelo
Que lhe prendia a espada.
Se porém tu não viste,
Cavalleiro da cruzada,
Ó triste de mim viuva,
Ó triste de mim coitada!
De tres filhas que eu tenho
E nenhuma ser casada.
- «Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera aqui?
- Dera-te tanto dinheiro
Que não tem conto nem fim;
E as telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim.
- «Não quero oiro ou dinheiro,
Que me não pertence a mi:
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi.
Quanto deras mais, senhora,
A quem o trouxera aqui?
- Dera-te as minhas joias
Que não têm pèzo e medida;
Dera-te o meu tear de oiro,
Roca de prata pulida.
- Não quero oiro nem prata:
Com ferro minha mão lida.

- Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi;
Mas quanto deras, senhora,
A quem n'ò trouxera aqui?
—De tres filhas que eu tenho,
Eu t'as dera a escolher;
São formosas como a lua,
Como o sol a amanhecer.
«Eu não quero tuas filhas,
Não me podem pertencer.
Sou soldado, ando na guerra.
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem n'ò trouxera aqui?
—Não tenho mais que te dar
Nem tu mais que me pedir.
«Inda tens mais que me dar,
Não estejas a mentir;
Tens teu leito de oiro fino
Onde eu quizera dormir.
—Cavalleiro que tal diz
Merece ser arrastado
Em roda do meu jardim,
Aos pés de um cavallo atado.
Vinde cá, creados meus,
Castigae este soldado.
«Não chames os teus creados
Que creados são de mi.
—Se tu és o meu marido
Porque me fallas assim?
«Por vêr se me eras leal
É que disfarçado vim.
Lembras-te, oh Dona Infante,
Quando eu d'aqui sahi,
O annel de sete pedras
Que contigo reparti?

Se as tuas não perdeste,
 As minhas eil-as aqui.
 — Vinde cá, oh minhas filhas,
 Vosso pae é já chegado.
 Abri-vos, portão de jaspe,
 Ha tanto tempo fechado!
 Folgae, folgae, meus vassallos,
 Que é Dom Infante a meu lado.

(Versão de Celorico de Basto — MINHO)

«Pinheirinho, pinheirinho,
 Pinheirinho tão gentil!
 Quantas aves ha no céu
 Todas vem fallar a ti;
 Nenhuma traz a noticia
 D'um amor que eu já perdi.

— Quanto dereis vós, senhora,
 A quem v'l-o trouxera aqui?
 «Dera ouro, dera prata,
 Que d'elle ficou em mim.

— Quanto dareis vos, senhora
 A quem aqui vol-o trouxera?
 «Dera ouro, dera prata,
 Dera tudo que tivera.

— Quanto davas mais, senhora,
 A quem vol-o trouxera aqui?
 «De tres filhas que eu tenho,
 Lhe daria a mais gentil.

— As vossas filhas, senhora,
 Não me servem para mim,
 «Uma tem cabellos de ouro,
 Outra, dentes de marfim;
 Outra trabalha na seda,
 Cobre-a triste de mim.

- Quanto deras mais, senhora,
A quem vol-o aqui trouxera?
«Dera-lhe um cavallo branco,
Para n'elle passear.
- O cavallo branco, senhora,
Eu não o sei passear;
Só queria ter comsigo
Um passatempo real.
- «Cale-se lá, oh magano,
Que o não mande partir!
A uma triste viuva
O corpo lhe vem pedir!
- Lembra-se você, senhora,
Quando eu a recchi?
Lá no campo de Sant'Anna,
Testemunhas oito mil?
- «Se tu é'-lo meu marido
Não me estejas a mortificar;
A vossa filha mais velha
Tem-me feito mal zombar.
- A vossa filha mais velha
Eu a mandarei degolar.

— ● —

Dona Anna

(Versão de Penafiel da Bella Infanta)

Dona Anna estando a coser,
No seu quintal assentada.
Voltou os olhos ao mar,
Viu uma grande armada;
Piloto que n'ella vinha,
Muito bem a governava.

«Diga-me, oh meu capitão,

- Se amores que Deus me deu,
Por lá viu ou encontrou?
—Diga-me, oh minha senhora,
Os signaes que elle levou?
«Levava seu burro branco,
E sua sela amarella;
Na ponta da sua lança
Uma bandeira de guerra.
—Quanto dá, real senhora,
A quem lh'o trouxera aqui?
«Uma laranjeira doce,
Que tenho no meu jardim.
—A laranjeira doce
E' que não compete a mim.
Quanto dá, real senhora,
A quem lh'o trouxera aqui?
«As telhas do meu telhado,
Que são de ouro e de marfim.
—As telhas do seu telhado
E' que não competem a mim.
Quanto dá, real senhora,
A quem lh'o trouxera aqui?
«Dou-lhe tres moinhos que tenho,
Todos tres são para si,
—Os tres moinhos que tem,
E' que não competem a mim.
Quanto dá, minha senhora,
A quem lh'o trouxera aqui?
«Dou-lhe tres filhas que tenho,
Todas tres lh'as quero dar,
A mais linda d'ellas todas
Para comsigo casar.
—As filhas que a senhora tem
E' que não competem a mim;
Quanto dá, real senhora,
A quem lh'o trouxera aqui?

«Não tenho mais que lhe dar
 Nem vossè que me pedir.
 —Inda tem mais que me dar,
 E eu mais que lhe pedir;
 O que eu queria de vossè,
 E' esse corpo gentil.
 «Cavalleiro que tal diz,
 Devia ser amarrado,
 A' volta do meu jardim,
 Ao rabo do meu cavallo.
 —Alembra-te a ti, Dona Anna,
 Quando eu d'aqui parti,
 O anel das sete pedras
 Que eu contigo reparti?
 Mostra-me a tua ametade,
 A minha cil-a aqui.
 «Alegrae-vos, minhas filhas,
 Abri portas e janellas!
 Que ahi vem o vosso pae
 Com o anel das sete pedras.

—●—

Dona Infanta

(Versão da Beira Baixa da Bella Infanta)

Andando a Dona Infanta
 No seu jardim passeava;
 Deitou os olhos ao mar,
 Viu vir uma grande armada:

«Dizei-me, oh meu capitão,
 Dizei-me por vossa alma,
 Marido que Deos me deu
 Se ahi vem na vossa armada?

- Diga-me minha senhora
Que signaes é que levava?
«Levava cavallo branco,
Cavallo branco levava;
Levava sella amarella,
Por cima sobredourada;
E adiante de si levava
A cruz de Christo pregada.
- Eu o lá vi, oh senhora,
Elle n: guerra ficava,
Com tres chagas bem abertas
E todas eram mortaes;
Por uma se via o sol,
Por outra o bello luar;
Por outra tambem se via
Rica bola de jogar.
- «Ai triste de mim, viuva,
Ai triste de mim, coitada!
Ir-me-hei por esse mundo
Chamando-me desgraçada.
Ai triste da só viuva,
De mim que nemja de si.
- Quanto dereis vós, senhora,
A quem o trouxera aqui?
«Dera-lhe ouro e prata,
Fôra mais rico que mim.
- O vosso ouro e a vossa prata
Não me servem para mim.
Eu sou soldado de el-rei,
E não posso estar aqui;
Mas quanto davas, senhora,
A quem o trouxera aqui?
- «Tres laranjaes que tenho
Todos tres os dera assim.
- Não quero os seus laranjaes,
Não me servem para mim;

- Que sou soldado de el-rei
E não posso estar aqui,
«Os tres moinhos que tenho
Todos tres os dera a si;
Um que móe pão de canella,
Outro móe pão do Brasil;
Outro móe rica farinha
Que el-rei me manda pedir.
—Eu não quero os seus moinhos,
Não me servem para mim;
O que dereis vós, senhora,
A quem o trouxera aqui?
«Essas tres filhas que tenho,
Todas tres quizera dar,
Uma para vos vestir,
Outra para vos calçar,
A mais linda d'ellas todas
Para comsigo casar.
—Eu não quero as vossas filhas,
Não me servem para mim.
O que dereis mais, senhora,
A quem o trouxera aqui?
«Não tenho mais que lhe dar,
Nem você mais que pedir.
—Índa tem mais que me dar,
E eu tambem que lhe pedir:
Esse corpo delicado
Para commigo dormir.
«Merece ser arrastado
O maroto que tal diz
Ao rabo do meu cavallo,
A roda do meu jardim.
—Não se amofine, senhora,
Que eu comsigo já dormi.
O anel de cinco pedras
Que eu comvosco reparti,

Que é da vossa metade,
 Pois a minha eil-a aqui?
 «Pois a minha ametade
 Esqueceu-me no jardim.
 Vão-me já chamar meus manos,
 Que o venham conhecer;
 Se elle o meu marido fôr
 Eu o quero receber;
 E se algum maroto fôr
 Veja como se hade haver,

—●—

Dona Catherina

(Variante da Beira-Baixa da Bella Infanta)

'Stando Dona Catherina
 No seu jardim assentada,
 Com um pente de ouro na mão
 Seu cabello penteava.
 Deitou os olhos ao largo
 Viu vir uma grande armada;
 Capitão que n'ella vinha
 Trazia-a mui bem guiada.

- Catherina, Catherina,
 Catherina de Menezes,
 Sabbado vou para França,
 Catherina que quereis?
 «Saúdae-me o meu marido,
 Que por lá o achareis.
 —Diga-me, minha senhora,
 Que signaes levava elle?
 «Levava cavallo branco,
 E espada de Marquez;

Capote de camellão
 Forrado de setim verde.
 —Pelos signaes que me daes
 Não o vi senão uma vez;
 Vi-o morrer em França,
 Enterral-o em Santa Inez.

Já Catherina chorava
 Lagrimas de tres a tres.

- Calae-vos, oh Catherina,
 Casae commigo outra vez.
 «Senhoras da minha laia
 Não casam mais que uma vez.
- Quanto déreis vós, senhora,
 A quem vol-o traga aqui?
 «Dera-lhe armas e cavallos,
 Que cresceram de Dom Luiz.
- Suas armas, seus cavallos
 Não me servem para mim;
 Que eu sou capitão da armada,
 Já me vou para o Brasil.
- Quanto déreis mais, senhora,
 A quem vol-o traga aqui?
 «Dera ouro, dera prata,
 Fôra mais rico que mim.
- O seu ouro e sua prata
 Não me servem para mim;
 Eu sou capitão da armada
 Já me vou para o Brasil.
- Quanto déreis mais, senhora,
 A quem vol-o traga aqui?
 «As tres azenhas que tenho
 Todas tres te dera a ti;
 Uma móe cravo e canella,
 A outra móe serzelim,

- Outra m^oe rica farinha
Para el-rei, mais para mim.
- Vossas azenhas, senhora,
Não me servem para mim,
Sou capitão das armadas,
Já me vou para o Brasil.
- Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?
«Uma pereira que eu tenho
No meio do meu jardim,
Pois quando ella dá p^eras
O rei m'as manda pedir.
- Eu sou capitão da armada,
Já me vou para o Brasil;
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?
«Essas tres filhas que eu tenho
Todas tres te dera a ti,
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais linda d'ellas todas
Para contigo dormir.
- As suas filhas, senhora,
Não me servem para mim,
Sou capitão das armadas
Já me vou para o Brasil.
- Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?
«Não tenho mais que vos dar,
Nem vós mais que me pedir.
- Ainda não me offereceu
Esse seu corpo gentil.
- «Cavalleiro que tal falla,
Cavalleiro que tal diz,
Merece a lingua arrancada,
Cortada pela raiz.

Levantae-vos, meus creados,
Vinde-lh'o fazer assim!
Ao rabo do meu cavallo,
Ao redor do meu jardim.

—Os creados que a servem,
Já me serviram a mim;
As suas filhas, senhora,
Tambem filhas são de mim.
Suas azenhas, senhora,
Tambem pertencem a mim;
Suas armas e cavallos
Tambem pertencem a mim;
Seu ouro e a sua prata,
Tambem pertencem a mim.
O annel que eu vos dei
Quando eu d'aqui sahi,
Mostrae-me a vossa metade,
Pois a minha eil-a aqui.
O annel que vos eu dei,
Que se nos partiu no chão,
Mostrae-me a vossa metade,
Aqui está o meu quinhão.

Dona Leonarda

(Versão de Villa Boim (ALEMTEJO) da Bella Infanta)

Estando Dona Leonarda
No seu jardim assentada,
Penteando o seu cabello
Com pente de ouro e prata,
Deitou os olhos ao mar,
Viú vir uma grande armada;

O Capitão que vem n'ella
Tral-a muito bem guiada.

«Dizei-me lá, capitão,
Dizei-me pela vossa alma,
Se esses amores que eu tinha
Veem lá na vossa armada?

—Esses amores, senhora,
Lá vi morrer na batalha,
A mais pequena ferida
Era a cabeça cortada.

«Ai de mim, triste viuva,
Triste viuva, coitada!

—O que deras vós, senhora,
A quem v'lo trouxera aqui?

«As telhas do meu telhado,
Que são de ouro e marfim.

—Não quero as vossas telhas,
Não as pretendo p'ra mim;
Sou soldado, vou á guerra,
Não pretendo estar aqui.

«De tres moínhos que tenho,
Dar-vos-hei o mais gentil;
Um móe cravo, outro canella,
Outro móe trigo anafil.

—Não quero os vossos moínhos,
Não os pretendo p'ra mim;
Sou soldado, vou á guerra,
Não pretendo a estar aqui.

O que deras vós, senhora,
A quem v'lo trouxera aqui?

«De tres filhas que tenho,
Dar-vos-hei a mais gentil;
Uma meterei a freira,
Outra fica para mim.

—Não quero as vossas filhas,

- Não as pretendo p'ra mim ;
 Sou soldado, vou á guerra,
 Não pretendo a estar aqui.
 O que deras vós, senhora,
 A quem v'lo trouxera aqui?
 «Não tenho mais que vos dar,
 Nem vós mais que me pedir.
 —Senhora, podieis dar
 Esse corpo tão gentil.
 «Cavalleiro que isso pede,
 Ser arrastado precisa
 Ao rabo do meu cavallo,
 Em roda do meu jardim.
 Desçam creados abaixo,
 Venham fazel-o assim.
 —Deixem-se estar lá, creados meus,
 Não sejam tão bem mandados!
 Que esse pão que estaes comendo
 Eu bem lh'o tenho ganhado.
 Lembrae-vos oh vós, senhora,
 Quem convosco repartiu
 Um annel de sete pedras?
 Mostrae-me a vossa ametade,
 Que a minha eil-a aqui.

(Versão de Elvas da Bella Infanta)

- Onde vaes, oh Isabel,
 Onde vaes assim viuvada?
 «Vou contar á Virgem Santa
 Minha vida malfadada.
 Ai, triste de mim, viuva,
 Ai, triste de mim, coitada!
 Com tres filhas que eu tenho
 Sem nenhuma ser casada.
 «Virgem santa, Virgem santa,

Gavião que appareceu,
As tres filhas me roubou,
As tres filhas me perdeu.
Ai, triste de mim, viuva,
Ai, triste de mim, coitada!
De tres filhas que eu tenho,
E nenhuma bem casada.
O marido me abalou,
E na guerra me morreu;
Esta noticia me trouxe
Um compadre que era meu.
Ai, triste de mim, viuva,
Ai, triste de mim, coitada!
Marido e filhas tinha,
Agora estou desamparada!
—Ouça lá, comadre minha,
Ouça lá, minha comadre;
Desamparada não está,
Acceite a mão do compadre.
«Ai, triste de mim viuva,
Ai, triste de mim, coitada.
Inda tão nova e tão linda,
E por todos desprezada!
Vae-te d'aqui, tentador,
Vae-te, ave de máo agoiro;
Zunes em roda de mim
Como se fosses bezouro.
Ai, triste de mim, viuva,
Ai, triste de mim, coitada!
Nem ao pé da Virgem santa
Por este homem sou respeitada.
—Esse homem ha-te respeitar,
Oh minha mulher querida!
Trago-te aqui tuas filhas,
A quem deste alma e vida.
Eu na guerra não morri,

Esse homem é que mentiu;
 Pr'a te renderes a ser d'elle
 Com tuas filhas fugiu.
 «Bem dita e louvada seja
 A Virgem Santa Maria,
 Que me dá os meus amores
 E me enche de alegria.
 Deu-me o meu marido e filhas.
 Agora estou amparada;
 A Virgem Santa Maria
 Seja bem dita e louvada.

(Versão de Loulé (ALGARVE) da Bella Infanta)

Estando a bella Infanta
 No seu jardim assentada,
 Com pente de oiro na mão
 Seu cabello penteava;
 Deitou os olhos ao mar
 Viu vir uma grande armada;
 Capitão que n'ella vinha,
 Muito bem a governava.

«Dizei-me, oh capitão,
 Dizei-me, por vossa alma,
 Que armada é a que trazeis
 Que vem tão bem governada?
 —A senhora que procura,
 Alguma cousa tem n'ella?
 «Tenho lá o meu marido,
 Ha dez annos que anda em guerra.
 —Não o vi, nem o conheço,
 Dae-me os signaes que levava.
 «Levava cavallo branco,
 Cavallo branco levava;
 Na ponta de aguda lança

- Uma cruz de Christo alçada.
—Pelos signaes que me daes,
Pelos signaes que me dera,
O cavalleiro, senhora,
Lá o vi morto na guerra.
Tinha trinta e uma feridas,
Quarenta e duas facadas,
A mais pequena de todas
Era a cabeça rachada.
«Ai de mim, triste viuva!
Ai de mim, triste coitada!
Tres filhas que Deus me deu
Sem nenhuma ser casada!
—Tornae para traz, oh senhora,
E dizei-me agora ahi,
Quanto darieis a quem,
Senhora, o trouxera aqui?
«As telhas do meu telhado,
Que são de ouro e de marfim.
—Eu não quero as vossas têlhas,
Não me servem para mim;
Sou capitão, ando em guerra,
Não resido por aqui.
Quanto darieis, vos, senhora,
A quem o trouxera aqui?
«As tres bellas laranjeiras
Que tenho no meu jardim;
Os pés são de fino ouro,
As laranjas de marfim.
—Eu não quero laranjeiras,
Não me servem para mim;
Sou capitão, ando em guerra,
Não resido por aqui.
Quanto darieis vós, senhora,
A quem o trouxera aqui?
«Os tres moíños que tenho,

- Cada qual o mais gentil ;
Um que mõe páo de canella,
Outro mõe páo do Brasil,
Outro mõe rica farinha
Que el rei me manda pedir.
- Eu não quero vossos moínhos,
Não me servem para mim ;
Sou capitão, ando em guerra,
Não resido por aqui.
Quanto darieis vos, senhora,
A quem o trouxera aqui ?
- «Das tres filhas que tenho
Eu daria a mais gentil ;
Uma borda ouro fino,
Outra prata do Brasil,
Outra, faz bellas camisas,
Que el rei costuma vestir.
- Eu não quero as vossas filhas,
Não me servem para mim ;
Sou capitão, ando em guerra,
Não resido por aqui.
Quanto darieis vós, senhora,
A quem o trouxera aqui ?
- «Não tenho mais que lhe dar.
Nem vocè mais que pedir.
- O vosso corpo, senhora,
Para commigo dormir.
- «Vae-te d'aqui, atrevido,
Vae-te d'aqui, malcreado !
Cavalleiro que tal diz,
Merece ser arrastado,
A' roda do meu jardim,
Ao rabo do meu cavallo.
Alto lá, oh creados meus,
Todos já ao meu mandado,
Arrastem o cavalleiro

- Ao rabo do meu cavallo.
 —Alto lá, minha senhora,
 Alto, alto, agora aqui;
 O que é feito do anel
 Que comvosco reparti?
 Mostrae já vossa metade,
 Pois a minha eil-a aqui.
 «Se tu és o meu marido
 Por que rasão não dizias?»
 —Desejava vêr, senhora,
 A fé que me guardarias.

(Variante de Loulé)

- «Estando eu no meu quintal,
 Estando mui bem sentada,
 Lancei os olhos ao mar,
 Vejo vir uma armada:
 Capitão que n'ella vinha,
 Logo para mim a guiava.
 Dize-me tu, capitão,
 Dize-me tu, por tua alma,
 Lindos amores que eu tenho
 Vêm n'essa tua armada?»
 —Dizei os signaes que elle tinha.
 «Direi os que elle levava?
 Uma véstesinha de anta,
 De retroz pespontcada:
 A seu peito esquerdo
 Uma cruz de oiro lavrada.
 —Pelos signaes que vós daes,
 Pelos que elle levava,
 Lá o vi andar na guerra,
 Lá nunca na minha armada.
 «Ai! triste de mim viuva,
 Ai! triste de mim, coitada!

- Lindos amores que eu tinha,
Morreram na tua armada.
- Mas que dareis vós, senhora,
A quem vol-o trouxera aqui?
«As têlhas do meu telhado,
Que são de ouro e marfim.
- Eu não quero as vossas têlhas,
Que não servem para mim.
Que mais darieis vós, senhora,
A quem vol-o trouxera aqui?
«Uma laranjeira doce
Que eu tenho no meu jardim;
As laranjas que ella dá
El-rei as come d'aqui.
- Eu não quero essas laranjas,
Que não servem para mim,
Que mais darieis vós, senhora,
A quem vol-o trouxera aqui?
«De tres filhas que eu tenho
Daria-vos a mais gentil,
Para ser a vossa esposa,
Para comvosco dormir.
- Eu não quero as vossas filhas,
Que não servem para mim.
Que mais darieis vós, senhora,
A quem vol-o trouxera aqui?
«Que mais queres, capitão,
Que mais queres tu de mim?
- Esse seu corpo, senhora,
Que foi feito para mim.
«Capitão que disse tal,
A' guerra o visse eu ir,
E no navio em que elle fosse
Eu o visse enfundir.
Não estão aqui os meus creados.
Mas eu já os vou chamar;

E ao rabo dos meus cavallos
Elles te vão arrastar.

—Alembra-te a ti, senhora;

Uma sexta feira á tarde

Do derradeiro de abril,

Um annel de sete pedras

Que eu com a mão parti?

Mostra-me a tua metade,

E a minha eil-a aqui.

«Se você era meu marido,

Para que zombava de mim?

—Queria vêr a lealdade

Que tu fazias de mim.

(Versão de Lagos da Bella Infanta)

Estando Dona Silvana

No jardim a passear,

C'um pente de ouro na mão

Seu cabelo a pentear;

Jogou os olhos ao mar,

Viu vir uma grande armada;

Capitão que n'ella vinha

Veu ao jardim fazer agua.

«Dize lá, meu capitão,

Dize lá, pela tua alma,

Se o homem que Deus me deu

Vem ou não na tua armada?

—Diga-me, minha senhora,

Os signaes que elle levava.

«Levava cavallo branco,

Com uma sela amarelia;

Na ponta da sua lança

Uma bandeira de guerra.

—Pelos signaes que me daes

- Lá ficou morto na guerra
 Com vinte e cinco feridas,
 Vinte e quatro navalhadas,
 A mais pequena de todas
 Foi a cabeça cortada.
- «Ai de mim! triste viuva,
 Ai de mim, triste, coitada!
 E com tres filhas que tenho,
 Sem nenhuma ser casada!
- Que me dereis vós, senhora,
 Se o trouxera agora aqui?
 «Os tres moínhos que eu tenho,
 Todos tres te dava a ti.
- Não quero os vossos moínhos
 Que me não servem p'ra mim;
 Que eu sou capitão d'armada,
 E não me demoro aqui;
 Que me dereis mais, senhora,
 Se o trouxera agora aqui?
 «Tres laranjeiras que eu tenho,
 Todas tres te dava a ti;
 Que dão laranjas mui ricas,
 E elrei as come d'ali.
- Não quero as vossas laranjas,
 Que me não servem para mim;
 Que eu sou capitão d'armada
 E não me demoro aqui;
 Que me dereis vós, senhora,
 Se o trouxera agora aqui?
 «As têlhas do meu telhado,
 Que são de ouro e marfim.
- Eu não quero as vossas têlhas
 Que não me servem p'ra mim;
 Que eu sou capitão d'armada
 E não me demoro aqui.
 Que me dereis vós, senhora,

- Se o trouxera agora aqui?
«As tres filhas que inda tenho,
Todas tres te dera a ti,
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais velha de todas
Para casar-se contigo.
Uma borda em fino ouro,
Outra em prata e marfim,
Outra bordava as camisas
Que vestia Dom Fraguim.
—Eu não quero as vossas filhas
Que não me servem para mim,
Que eu sou capitão da armada,
E não me demoro aqui.
E o anel das sete pedras,
Que eu convosco reparti?
Dae-me cá vossa metade,
Que a minha já eil-a aqui.
«Olá, olá, meus criados,
Olá, olá, já aqui.
Ao rabo do meu cavallo,
A roda do meu jardim;
Se vós creis meu marido,
Por que é que me não dizieis?
—Porque eu queria vêr, senhora,
Se vós ainda me conhecieis.

(Variante de Lagos)

Estando eu um dia á tarde
Sentada no meu jardim,
Penteando os meus cabellos
Com meu pente de marfim,
Vi vir uma grande armada,
Armada que a elle vinha :

- «Vinde a terra, capitão,
 Vinde a terra, general;
 Dae-me novas de um amor
 Que me ahí foi e me ahí vae.
- P'los signaes que me daes
 Lá ficou morto na guerra;
 Ao pé de uns junquillos verdes,
 Mil adagadas lhe deram.
- «Vou-me por ahí abaixo,
 Desgraçada, sem ventura,
 Quejn me a mim ouvir chorar,
 = E' uma triste viuva. =
 Ai de mim, triste viuva!
 Ai de mim, triste coitada!
 Com as tres filhas que tenho,
 Sem nenhuma ser casada!
- Que me dareis vós, senhora,
 Se o trouxera agora aqui?
- «Tres laranjeiras que tenho,
 Eu vos dava a mais gentil;
 Uma tem o pé de prata,
 Tem outra o pé de marfim,
 Outra dá ricas laranjas
 D'onde come Dom Clarim.
- Não quero as vossas laranjas,
 Que eu tambem as tenho assim;
 Que me dareis vós, senhora,
 Se o trouxera agora aqui?
- «De tres moínhos que eu tenho
 Eu vos dava o mais gentil;
 Um móe a canella rica,
 Outro o rico gergelim;
 Outro móe bella farinha
 Que comia Dom Clarim.
- Não quero os vossos moínhos
 Que eu tambem os tenho assim.

- Que me dareis vós, senhora,
Se o trouxera agora aqui?
«De tres cavallos que tenho
Eu vos dava o mais gentil;
E elrei quando sáe fóra
Elle m'o manda pedir.
Não quero os vossos cavallos,
Que eu tambem os tenho assim;
Que me dareis vós, senhora,
Se o trouxera agora aqui?
«Tres filhas lindas que tenho,
A todas tres eu vos dava,
Uma para vos despir,
Outra p'ra vos descalçar;
A mais bella d'ellas todas
Para comvosco casar.
- Eu não quero as vossas filhas,
Que ellas filhas são de mim.
Que me dareis vós, senhora,
Se o trouxera agora aqui?
«Então que mais, capitão,
O que mais vós quereis de mim?
- O vosso corpo, senhora,
Que foi feito para mim.
«Ao capitão que diz tal
A guerra lhe venha aqui;
E que a náó que em elle vae,
Eu propria a veja afundir,
- Já vos não lembraes, senhora,
De quando d'aqui parti,
N'uma sexta feira á tarde,
A quinze do mez de abril?
O anel de sete pedras,
Que comvosco reparti?
Vá buscar vossa metade,
Pois que a minha está aqui.

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

(Versão de Machico da Bella Infanta)

Estando a Bella Infanta
 No seu eirado sentada,
 Com seu rico pente de ouro
 Sua trança penteada ;
 Deitou olhos a la mar,
 E viu uma grande armada,
 Que o capitão maioral
 Trazia mui bem guiada.

- «D'onde vindes, capitão ?
 — Nas guerras santas andava.
 «Vistes por lá meu marido,
 Que tambem lá guerreava ?
 — Se lo vi não conheço ;
 Dizei que signaes levava.
 «Sela chapeada de ouro,
 Cavallo branco montava ;
 Na ponta da sua lança
 Balsão de guerra deitava.
 — Se conheço ! bem lo vi,
 Té l' hora em que elle finava ;
 Lo ferro de sete lanças
 Seu peito atravessava.
 Ha sete annos que morreu,
 A par de mim batalhava.
 «Cuitada de mim, viuva ;
 Triste de mim, cuitada !
 Que me vejo com tres filhas,
 Sem nenhuma ser casada !
 — Calae-vos 'hi, Bella Infanta,
 Quem quer bem nã desespera.

- Que darieis vós, senhora,
A quem lo aqui trouvera?
«De tres azenhas que tenho
Eu todas tres vo'-las déra;
Uma, de moer esparto,
Outra, de moer canella;
Outra, de farinhas trigas,
Para el-rei d'Inglaterra.
- Não quero azenhas vossas,
Dizel-as minhas pudéra.
Que darieis vós, senhora,
A quem lo aqui trouvera?
«De las tres filhas que tenho
Eu todas tres vo'-las déra;
Uma, para vos servir,
P'ra vos catar outra era;
La mais chiquita de todas
Ser vossa mulher houvera.
- Não quero las vossas filhas;
Isso não me conviera.
Que darieis vós, senhora,
A quem lo aqui trouvera?
«Daria um reino todo,
Se de mim eu lo livera;
Mas, nem tendes que pedir,
Nem tenho mais que vos déra,
- Vós mais tendes que me dar,
Eu inda nada pedi.
Dae-me vós la voss' alcova;
Senhora, commigo dormi.
«Vinde matar este homem,
Meus creados, acudi!
- Atraz, atraz, bons creados
Que tambem lo sois de mim.
«Sereis vós lo meu marido?
—Eu lo sou, senhora, sim.

Do anel de sete pedras,
 Qu'eu comvosco reparti,
 Amostrae vossa metade;
 La minha, vêde-l' aqui.
 «Ai, vós sois lo meu marido!
 —E vós la mulher de mim!
 «Oh marido de minh'alma,
 Então, digo-te que sim.



ARCHIPELAGO DOS AÇORES

(Versão de Rosaes (ILHA DE S. JORGE) da Bella Infanta)

Estando a bella Infanta
 No seu jardim assentada,
 Com pentes de ouro na mão
 Seu cabello penteava.
 Correrá os olhos ao mar
 Vira vir tão linda armada;
 Capitão que n'ella vinha
 Tanto bem a governava.

«Dize-me tu, capitão,
 Dize-me pela tua alma,
 Marido que Deos me deu
 Se o trazes na tua alçada?
 —Não o vi, nem o conheço,
 Dae-me os signaes que levava.
 «Levava cavallo branco,
 Com sua sella dourada,
 Na ponta da sua sella
 Um Christo de ouro levava;
 Na copa do seu chapéo
 Laço de fita encarnada.

- Bem o vi, bem o conheço!
Com vinte e cinco facadas,
Lá ficou morto na guerra
De outras tantas estocadas:
A mais pequena de todas
Era a cabeça cortada.
«Ai de mim, triste viuva!
Ai de mim, triste coitada!
Tres filhinhas que eu tenho
Sem nenhuma ser casada!
- Sou soldado ando na guerra,
Não habito por aqui;
Que darieis vós, senhora,
A quem o trouxesse aqui?
«Dera-lhe tanto dinheiro,
Que no contar não tem fim!
- Não quero o vosso dinheiro,
Que não me convem a mim!
Que mais darieis, senhora,
A quem o trouxesse aqui?
«As telhas do meu telhado,
Que são de ouro e marfim;
Tres moinhos que eu tenho,
Todos tres os dera a ti:
Um é de moer canella,
Outro de moer farinha;
Dos tres moinhos que tenho
O outro móe *gerzelim*.
- Não quero as vossas telhas,
Não quero os vossos moinhos;
Sou soldado, sirvo o rei,
Não assisto por aqui.
Que mais darieis, senhora,
A quem o trouxesse aqui?
«Tres filhinhas que eu tenho,
Todas tres t'as dera a ti.

- Uma para te vestir,
Outra para te calçar;
A mais bonitinha d'ellas
Para contigo casar.
- Não quero as vossas filhas,
Que me não convém a mim!
Sou soldado, sirvo o rei,
Não assisto por aqui.
Que mais darieis, senhora,
A quem o trouxesse aqui?
«Valha-me Deus! Deus me valha.
Isto já não leva fim!
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.
- Vós tendes mais que me dar,
E eu mais que vos pedir:
Vosso corpo tão gentil
Para com elle dormir.
«Cavalleiro que tal diz,
Hade mister arrastado
A' roda do meu jardim,
Ao rabo do meu cavallo.
Abaixo, pretos, abaixo,
Matem-m'o agora aqui;
Que eu abaixarei meus olhos,
Farei que o não vi.
- Alto, alto, meus criados,
Que criados são de mim!
«Se tu és o meu marido
Ai não zombavas commigo.
- Se o queres saber ao certo,
Anda, vamos ao jardim.
O anel de sete pedras
Que eu contigo reparti,
Mostrae-me a vossa ametade
Poís a minha eil-a aqui.

«Se tu és o meu marido
 Que me vem experimentar,
 Se eu a morte te mereci
 Podes-me agora matar.
 —A morte me não mereceste,
 Sempre me foste leal.



BRASIL

Dona Infanta

(Versão do Rio de Janeiro da Bella Infanta)

Estava Dona Infanta
 No jardim a passear,
 Com pente de ouro na mão
 Seu cabelo penteava;
 Lançava os olhos no mar,
 N'elle vinha uma armada;
 Capitão que n'ella vinha
 Muito bem a governava.

«O amor que Deus me deu,
 Não virá na vossa armada?
 —Não o vi, nem o conheço,
 Nem a sina que levava.
 «Ia n'um cavallo branco,
 Com sua espada doirada,
 Na ponta da sua lança
 Um Christo de ouro levava.
 —Por signaes que vós me destes
 Lá ficou morto na guerra;
 Debaixo de uma oliveira
 Sete facadas lhe dera.

- «Quando fôrdes e vierdes
Chamae-me triste viuva,
Que eu aqui me considero
A mais infeliz sem ventura.
- Quanto me dareis, senhora,
Se vos eu trouxel-o aqui?
«O meu ouro e minha prata,
Que não tem conto nem fim.
- Eu não quero a tua prata,
Que me não pertence a mim;
Sou soldado, sirvo ao rei,
E não posso estar aqui.
Quanto me dareis, senhora,
Se vol-o trazer aqui?
- «As telhas do meu telhado,
Que são de ouro e marfim.
- Eu não quero as tuas telhas,
Que me não pertence a mim;
Sou soldado, sirvo o rei,
E não posso estar aqui.
Quanto me dareis, senhora,
Se vol-o trazer aqui?
- «Tres filhas, que Deus me deu,
Todas te darei a ti,
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais linda d'ellas todas
Para casar contigo.
- Eu não quero tuas filhas
Que me não pertence a mim;
Sou soldado, sirvo ao rei,
E não posso estar aqui.
Quanto me dareis, senhora,
Se vos eu trouxera aqui?
- «Nada tenho que vos dar,
E vós nada que pedir.

-
- Muito tendes que me dar,
Eu muito que vos pedir :
Teu corpinho delicado,
Para commigo dormir.
«Cavalleiro que tal pede
Merece fazer-se assim :
No rabo do meu cavallo
Puxal-o no meu jardim !
Vinde todos meus criados,
Vinde fazer isto assim.
- Eu não temo os teus criados,
Teus criados são de mim.
«Si tu eras meu marido
Porque zombavas de mim ?
- Para vêr a lealdade
Que vossê me tinha a mim.
-

3

NAUSICA

(Versão de Tráç os Montes)

Manhanita de San João,
Pela manhã de alvorada,
Jesus Christo se passeia
Ao redor da fonte clara ;
Por sua bocca dizia,
Por sua bocca fallava :

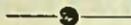
- Esta agua fica benta,
E a fonte fica sagrada.

Ouviu-o a filha de el rei
D'altas torres d'onde estava ;

Vestiu suas meias de seda,
 Calçou sapatos de prata,
 Pegou em cantaro de ouro
 Á fonte foi buscar agua.
 Lá no meio do caminho
 Com a Virgem se encontrava ;
 Atreveu-se e perguntou-lhe
 Se havia de ser casada ?

«Casadinha haveis de ser,
 Muito bem afortunada ;
 Tres filhos haveis de ter
 Todos de capa e espada ;
 Um será bispo de Roma,
 E outro cardeal em Braga,
 O mais novo d'elles todos
 Servo da Virgem sagrada.

Ditosa da donzella,
 Que á fonte que foi buscar agua.



A moça da fonte

(*Versão de Traç os Montes da Nausica*)

Minha mãe mandou-me á fonte,
 Á fonte do Salgueirinho ;
 Mandou-me lavar o cantaro
 Com a flôr do rosmaninho.
 Eu lavei-o com areia
 E quebrei-lhe um bocadinho.

—Anda cá, perra traidora,
 Onde tinhas o sentido?

Não no ténhas tu na róca,
Nem tampouco no sarilho;
Tinha-o n'aquelle magano
Que anda de amores contigo.
«Oh minha mãe, não me bata
Com varas de marmeleiro,
Que eu estou muito doente,
Mande-me chamar o barbeiro,
—O barbeiro já alli vem
Com a lanceta na mão,
Para sangrar a menina
Na veia do coração.
«Mal o hajas, tu, barbeiro,
E mais a tua navalha!
Foste sangrar a menina
Na veia mais delicada.

4

DOM MARCOS

(Versão de Lagos — ALGARVE)

Amanhã parte Dom Marcos
Para a guerra a brigar.
«Quando virás tu, meu conde,
Quando tornarás a voltar?
—Se aos seis annos não vier,
A os sete, o mais tardar;
Em vindo para os nove,
Já te poderás casar.

Ainda os seis não eram vindos,
Já a condessa era casada.

O Dom Marcos, que partia
Da sua guerra passada,
Encontrou umas vaquinhas
Ferradas de outro signal.

- De quem são estas vaquinhas
Ferradas de outro signal?
«Até agora eram de Dom Marcos.
Deus lhe queira perdoar;
Agora são de Dom Fernando,
Tirou-me d'este logar.
- Dá-me os teus fatos, maioral,
Queiras tu os meus vestir;
Quero ir áquella porta
Uma esmola ahí pedir.
- Uma esmola, senhora,
Para ajuda do passar.

Estava elle n'estas fallas,
A condessa no portal,
Deu-lhe uma, deu-lhe duas,
Às tres cahiu no chão;
Aos gritos da condessa
Acudiu o Dom Fernando.

- Que é isto que tens, condessa,
Que é isso que tens, minha alma?
«São os olhos de Dom Marcos,
Vê-os? vê-os? aqui estão.
- Não me chames já Dom Marcos
Nem Dom Marcos me chamarão,
Que tiveste a desventura
De esquecer meu coração.

A Noiva Extremenha*(Versão de Almeida)*

- Deus vos salve, minha tia,
Na vossa roca a fiar.
«Venha embora o cavalleiro,
Tam cortez no seu fallar.
- Má hora se elle foi, tia,
Má hora torna a voltar;
Que já ninguem o conhece
De mudado que hade estar.
Por lá o matassem moiros,
Se assim tinha de tornar!
- «Ai sobrinho, de minha alma,
Que és tu pelo teu fallar!
Não vès estes olhos, filho,
Que cegaram de chorar?
- É meu pae e minha mãe,
Tia, que os quero abraçar?
«Teu pae é morto. sobrinho,
Tua mãe foi a enterrar.
- Qu'è da minha armada, tia,
Que eu aqui mandei estar?
«A tua armada, sobrinho,
Mandou-a o fronteiro ao mar.
- Qu'è do meu cavallo, tia,
Que eu aqui deixei ficar?
«O teu cavallo, sobrinho,
El-rei o mandou tomar.
- Qu'è da minha dama, tia,
Que aqui ficou a chorar?
«Tua dama faz hoje a voda,
Amanhã se vae casar.
- Dizei-me onde é, minhattia,
Que me quero lá chegar.

- «Sobrinho, não digo, não,
Que te podem lá matar.
—Não me matam, minha tia,
Cortezia eu sei usar:
E onde faltar cortezia,
Esta espada hade chegar.
- Salve Deus, oh lá da voda,
Em bem seja o seu folgar!
«Venha embora o cavalleiro;
E que se chegue ao jantar!
—Eu não pretendo da voda,
Nem tampouco do jantar;
Pretendo fallar á noiva,
Que é minha prima carnal.

Vindo ella lá de dentro
Toda lavada em chorar,
Mal que viu o cavalleiro,
Quiz morrer, quiz desmaiar.

- Se tu choras por me vêres,
Já me quero retirar;
Se é os teus gastos que choras,
Aqui estou para os pagar.
«Pagar devia co'a vida
Quem me queria enganar,
Quando te deram por morto
N'essas terras d'além-mar.
Mas que fiquem com a voda
E bem lhes preste o jantar,
Que os meus primeiros amores
Ninguem m'os hade quitar.
—Venha juiz de Castella,
Alcaide de Portugal;

Que, se aqui não ha justiça,
Co' esta espada a heide tomar.

(Versão do ALGARVE, da Noiva Extremenha)

- Deus vos salve, minha tia,
Na vossa roca a fiar.
«Bem haja o bom cavalleiro,
Tão discreto em seu fallar.
- Nunca elle d'aqui se fôra,
Ou não chegasse a voltar;
Por lá o tragassem moiros,
Se havia assim de tornar,
Que tão demudado vem,
Que ninguém lhe vem fallar.
«Ai, meu sobrinho! ai, minha alma,
Que és tu, pelo teu olhar!
- Eu mesmo sou, minha tia,
Que volto d'além do mar.
Que é do meu pae? minha mãe?
Que eu aqui deixei ficar?
«Tua mãe?... essa, morreu;
Teu pae... foi a enterrar,
Vieram anjos do céo,
Ao céo os foram levar!
- Bem lá me lembrava eu d'elles,
Por elles sempre a chorar!
Que é feito da minha armada,
Que eu aqui deixei ficar?
«Essa tua rica armada
O fronteiro a fez ao mar,
Para ir vencer a guerra
Com el-rei de Portugal.
- Que é do meu cavallo branco
Que eu solía cavalgar?

- «Teu cavallo foi-se á guerra,
 Foi-se á guerra a guerrear;
 Outro melhor não havia,
 El-rei o mandou tomar.
- Que é feito da minha dama,
 Que eu aqui deixei ficar?
 «Tua dama... está de boda,
 Amanhã se vae casar;
 De cuidar que estavas morto
 Muito levou a chorar!
- Onde é que pára essa noiva,
 Que eu também lá vou parar?
 «Ai, não, não vás, meu sobrinho,
 Que te pódem lá matar;
 Fica-te aqui, eu lá vou,
 Eu por ti lá vou fallar.
- Não me matam, que nem moiros
 Me sabem a mim matar;
 Onde faltar cortezia,
 Não hade a espada faltar.
- Salve Deus tão grande boda,
 E mais todo : eu folgar!
- «—Salve Deus o cavalleiro,
 E que se chegue a manjar.
- Eu da boda mais não quero
 Do que á noiva já fallar;
 Eu quero vél-a e fallar-lhe,
 Que é minha prima carnal.
- Lá de dentro vinha a noiva
 Ao ouvir o seu fallar,
 Mal que vê o cavalleiro
 Quasi se deixa finar;
 O que dizer-lhe querja,
 Diz-lh'ó só em seu chorar,

- Se tu choras, se desmaias,
De ti me vou apartar ;
Se choras por estes gastos,
Todos los heide eu pagar.
=Pagar devêra co'a vida
Quem tanto me fez penar,
Quando te deram por morto
Para a isto me levar !
—Volta, volta, minha prima,
Nós hemos melhor manjar ;
Que todos ahi se quedem,
Se se quizerem quedar ;
Os meus primeiros amores
Ninguem m'os hade emprazar.
=Vamos, vamos, oh meu primo,
Qu'isto é um resuscitar,
Que não ha quem dos teus braços
Me possa já arrancar.
—Que venha lá de Castella
Da justiça o maioral ;
Ou que venham los fronteiros
E alcaides de Portugal,
Que só eu, com esta espada,
A todos heide matar !

ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

(Versão da Ilha de S. Jorge, da Noiva Extremenha)

- Deus esteja com as tias,
Todas tres a costurar.
«Deus venha com o sobrinho,
Que vem de passar o mar.
—Que é do meu cavallo branco
Que eu aqui deixei ficar ?

- «Vosso cavallo, menino,
Lá na guerra hade andar.
—Que é do meu annel de ouro,
Que eu aqui deixei ficar?
«O vosso annel, menino,
No dedo da prima hade andar.
—Que é da minha rica prima
Que eu aqui deixei ficar?
«A vossa prima, menino,
Já comnosco não quiz estar;
Está hoje cosendo pão
Para ámanhã se casar.
—Digam-me as senhoras tias
Ella aonde vae morar?
Quero ir a sua casa,
Quero com ella fallar.
«Menino, não vades lá,
Que elles podem-vos matar.
—Matarem-me, senhoras, não,
Que eu tambem sei praticar;
Nas terras por onde andei
Apprendi a conversar.

Quando lhe bateu á porta
Já estavam p'ra jantar;
Arrearam-se as cadeiras
Para o senhor se assentar:

- Deus esteja com os folgantes,
Pois bem sabem de brincar;
Não se arrojem as cadeiras,
Não me quero assentar,
Não me quero assentar, não,
Nem nada quero gastar;
Se o noivo dá la licença,
A' noiva quero fallar.

—«Licença, senhor, a tem,
Se ella lh'a quizer dar.

—Toma lá este vestido
Para levares a casar;
Outros melhores que eu tinha
Não os quizeste ganhar.

—Aqui d'El-Rei, quem me acode,
Justiça d'este logar!
Os meus primeiros amores
No coração tem logar,
Vá o noivo para a rua,
Fique este no seu logar.

(Outra versão da Ilha de S. Jorge)

«Bem vindo sejas, sobrinho,
Sobrinho meu, muito amado;
Muito folgo de vos vêr
A esta terra chegado.
Com esta vossa chegada,
Estou cheio de prazer,
Dae-me p'ra cá essas cartas
Que eu as quero ir lèr.
Entrae, e ide fallar
A' vossa tia e á prima,
Que hão de gostar de vêr-vos,
E estimar a vossa vinda.

—As mãos vos beijo, senhoras,
Os céos vos queiram guardar;
Sois vós minha prima Flóra,
A quem tanto ouço gabar?

—Eu é que sou a Flóra,
Eu é que sou essa tal;
Mas a fama não condiz

A' pessoa natural.
 Vinde tomar gasalhado,
 Que vos será importante ;
 Haveis de vir mui cansado
 De um caminho tão distante.

Gasalhado foi tomar
 N'uma sala mui brilhante,
 Ao pé d'onde Flóra ía
 A fallar ao seu amante.
 Flóra se preparou
 Com seu lenço de volante,
 E como era de costume,
 Foi fallar ao seu amante.

- =Flóra, minha Flóra,
 Minha Flóra querida!
 Comtigo quero fallar
 Uma vez por despedida :
 Outros amores te occupam,
 Tu amas com affeição,
 Em casa tens já morando
 Quem te rouba o coração,
 — « Quem te disse que eu amava
 A Felix com affeição?
 Meu amor sempre foi firme.
 Não muda minha eleição.
 =De certo mudas, Flóra,
 Eu t'ó direi verdadeiro,
 Que em má hora entrou em casa
 Aquelle homem forasteiro.
 — « Que me importa elle em casa assista,
 Se o meu amor está fóra;
 Se o meu coração é teu,
 Que assim m'ó diz toda hora.
 =Ninguem se deve fiar

- Em palavras de mulher ;
Ellas mudam como o vento,
Firme só em quanto quer.
- «Não passes mais adiante,
Que te não posso ouvir,
Fazes-me dobrar a pena,
Não me posso despedir.
- Adeus, meu cravo rosado,
Adeus, minha branca flôr,
Adeus, joia do meu peito,
Adeus, meu lindo amor?
- Ouvi-me, senhor, ouvi-me,
O que vos quero dizer,
Para evitar certas cousas
Que possam acontecer :
Estava na minha cama,
Estava eu já deitado,
Ouvi uma voz mui doce
A'quelle muro chegado.
Levantei-me de repente
Para me certificar ;
Nas varandas d's janellas
Me fui pôr a escutar :
Era minha prima Flóra
Mais o seu bello amado,
Que lhe fallava de amores
N'aquelle muro encostado ;
Por pouco tempo fallaram,
Mas em caricias de amor ;
E do coração de Flóra
Elle está possuidor.
- « Ainda que minha filha
Amores queira tomar,
Dará a mão a seu primo,
Ou seu sangue derramar?

- Não vos convém, senhor,
Partir tão acelerado,
O casamento de Flóra
Não está ainda ultimado ;
Saíndo nós d'esta terra,
Procurando outra nação,
O coração de Flóra
Talvez perca esta affeição.
« Oh Flóra, oh Flóra,
Trata de te preparar,
Que ás quatro horas da tarde
Nos devemos embarcar ?
- « Que partida, senhor, é esta
Sem nada se me dizer ?
Ainda a uma criada
Não se deve isto fazer ?
« Também eu, com ser mais velho,
Não sei tudo á vontade ;
Não me pediste conselho,
Sendo de menor idade.
Caminha Dona Flóra,
São horas de embarcar ;
Pela tua má cabeça
Terra alheia vou andar.
- « Ainda que meu pae me mate,
Me chegue á sepultura,
Nunca deixo o meu amor,
Com elle é minha ventura.
Que partida tão cruel,
Com tanta aceleração !
Cá me fica o meu amor,
Eu vou morrer de paixão !

O pae disse p'ra companha :
Os musicos toquem que vão,
Para alegrarem a Flóra

De sua triste paixão.

Principiemos tocando
A nossa moda do mar :
Quem ama sem reflexão
Vem a ter grande pesar !

— « Oh coração magoado,
Mais triste que a noite escura ;
Melhor fôra que este mar
Fosse minha sepultura !

O filho faltou em casa,
O pae o foi procurar ;
Foi dar com elle no muro
Como um velho a caducar.

— Que tens, meu amado filho,
Que a vida te faz perder ?

— Perdi minha amada Flóra,
Não a torno mais a vêr ?

— Foram n'uma romaria,
Elles não devem tardar,
Devemos dar tempo ao tempo,
O tempo se deve esperar !

— Senhor, não digaes isso,
Porque não me dá contento ;
O seu fim foi estorvar
Fazer-se o meu casamento.

— Córta já os teus cabellos,
De pelles nos vestiremos,
Correndo por toda a terra
Flóra descobriremos.

Embarcaram pae e filho,
Correram tudo por ella ;
Passando por certa rua

Flóra viram á janella.

— «Diga-me senhor, d'onde é ?

Eu o quero conhecer,
Se será da minha terra,
Se d'ella se quer esquecer!

— «Eu nasci na mesma terra
Onde o amor vi nascer,
Som das partes de Hungria,
Fugindo, quero morrer!

— «Essas partes de Hungria
Hão de ter muito que vêr,
Pois as do norte são frias,
Enfadonhas no viver,
A terra onde nasceu
Muito o fez esquecer;
O amor que lhe fugiu
Não o sabe conhecer.

— «O amor que me fugiu
Eu bem o sei conhecer;
Mas se elle me é firme,
Isso não posso dizer.

— «Suba, senhor, cá p'ra cima,
Que o quero receber,
E fujamos d'esta terra
Onde eu estou sem querer.
Acudam, senhores, acudam,
Justiça d'este logar;
Os meus primeiros amores
No coração tem logar.

(Versão da ilha de S. Miguel, da Noiva Extremenha)

Havia um rapaz chamado Antonio, que estava para casar, e tinha um cavallo branco. Depois embarcou e deixou a noiva e o cavallo em casa de umas tias, para casar quando viesse.

Veiu, e achou as tias sentadas a fiar, e disse :

- Deus esteja com minhas tias,
Sentadinhas a fiar.
«Deus esteja com meu sobrinho,
Se nos vem a visitar.
—Que é do meu cavallo branco
Que eu aqui deixei ficar?
«O vosso cavallo branco
Foi para a guerra pelejar.
—Aonde está a minha noiva,
Que eu aqui deixei ficar?
«Vossa noiva está nas bodas,
E amanhã vae a casar.

Elle então disse que ia a casa dos noivos, e as tias lhe disseram :

- «Oh Antonio, não vás lá,
Que hãode te querer matar!
—Por ir a casa dos noivos
Não me hãode querer matar,
Que na terra agnde estive
Apprendi a pelejar.

E elle sempre foi ; chegou ás portas, estavam os noivos a jantar, e entrou. Quizeram arrastar cadeiras, mas elle lhe disse :

- Não se arrastem as cadeiras,
Que não me quero sentar ;
Com licença dos padrinhos
A' noiva quero fallar.

Os padrinhos deram licença e elle fallou; e ella disse em voz alta:

«Fique o dito por não dito,
 Já me não quero casar;
 Os meus primeiros amores
 E' que eu não posso deixar.

E foi casar com o Antonio.

⊙

BRASIL

(Versão do Rio do Janeiro, da Noiva Extremenha)

—Deus vos salve, minha tia,
 Na sua roca a fiar!
 «Si tu és o meu sobrinho,
 Tres signaes hasde me dar.
 —Qu' é d'ell' o meu cavallo?
 Que eu aqui deixei ficar?
 «O teu cavallo, sobrinho,
 Está no campo a pastar.
 —Que é d'ella, a minha espada,
 Qu' eu aqui deixei ficar?
 «A tua espada, sobrinho,
 Está na guerra a batalhar.
 —Que é d'ell', a minha noiva,
 Que eu aqui deixei ficar?
 «A tua noiva, sobrinho,
 Está na egreja a se casar.
 —Sele, sele o meu cavallo,
 Qu' eu quero ir até lá;
 Eu andei por muitas terras,
 Sempre apprendi a fallar.

—

—Deus vos salve, minha noiva,
 N'este seu rico jantar.

-
- Si é servido da boda,
Apeie-se e venha jantar.
—Eu não quero a sua boda,
Nem tampouco o seu jantar;
Só quero fallar com a noiva
Um certo particular.

(Variante final de Paraty)

- Devia ser enforcado
Quem me queria enganar,
Dizendo que tu morreras
Lá na guerra a batalhar.
Mas perdôa-me, meu querido,
O mal que assim eu lhe fiz,
Que n'esta terra, por Deus,
Inda deve haver juiz.
-

VESTIGIOS DE UMA SAGA

ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

(Versão da Ilha de S. Jorge)

- Eu bem quizera, senhora,
Com ella fallar um dia.
«Isso como pode ser,
Se na sala aonde assisto
Cinco guardas estariam?
—Diga a sua qualidade,
Que então lhe responderia.
«A primeira guarda era
Um velho que não dormia;
A segunda guarda era
Uma campana garrida;
A terceira guarda era
Uma leõa parida;
E a quarta guarda era
Um rio que bem corria;
Mais a quinta guarda era
Os dois manos que eu tinha.
—Pois essas guardas, senhoras,
Com todas m'eu haveria:
Esse velho que não dorme,
Eu o adormentaria;
Essa campana garrida
Metto-a em agua fria;

Essa leôa parida
Dava-lhe pão que comia !
Esse rio que bem corre
Eu a nado o passaria ;
E esses dois manos vossos
Eu com elles dormiria.

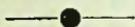
2

O CASO DE JULIANA E JORGE

(*Versão da Ilha de S. Miguel* — PONTA DELGADA)

- Deus te salve, Juliana,
Sentada no teu estrado !
« Deus te salve a ti, Dom Jorge,
Em cima do teu cavallo.
- Eu venho-te convidar
Se queres ir ao meu noivado,
« Espera-me ahi, Dom Jorge,
Espera-me um pouquinho,
Emquanto te vou buscar
Uma taça de bom vinho.
- Que me deste, Juliana,
N' esta taça com bom vinho ?
Que tenho o freio na mão,
Não encherço o cavallinho !
« Ahi servirá de exemplo
A quem o quizer tomar :
Quem deve as honras alheias
Comsigo irá pagar.
- Já minha madre o sabe
Que não tem o seu menino !

«Já minha madre o sabe
Que eu que não tenho marido.



Dona Ausenia

(Versão do Campo de Viboras — TRÁS OS MONTES, de O caso de Juliana e Jorge)

«Apêa-te, oh caballero,
Vamos d'ahi merendar.
—Tu que tens, oh Dona Ausenia,
Guardado para me dar?
«Tenho vinho de ha sete annos
Guardado para lhe dar.
—Eu não sei, oh Dona Ausenia,
Se será muito guardar....
Dá-me cá um cópo d'elle
Que o quero provar.
Dona Ausenia, Dona Ausenia,
Que botaste a este binho?
«Eu botei-le rozalgar
E pós de lagarto moido.
—Oh, meus filhos, sem ter pae,
Minha mulher sem marido!
Triste de ti, Dona Ausenia,
Com o teu credito perdido;
Tenho as rédeas na mão
Já num vejo o meu rucinho.

BRASIL

Juliana

(Versão de Pernambuco, de O caso de Julian a Jorge)

- Deus vos salve, Juliana,
No estrado assentada.
«Deus vos salve, rei Dom Jóca,
No teu cavallo assentado.
Rei Dom Jóca, me contaram
Que te estavas para casar?
—Quem t'ó disse, Juliana,
Fez bem em te desenganar.
«Rei Dom Jóca, se casaes
Tornaes ao bem querer,
Poderás enuiuvar
E tornar ao meu poder.
—Eu ainda que enuiuve
E que torne enuiuvar,
Acho mais facil morrer
Do que contigo casar.
«Espera ali, meu Dom Jóca.
Deixa subir meu sobrado,
Vou vêr um cópo de vinho
Que p'ra ti tenho guardado.
—Juliana, eu te peço
Que não faças falsidade;
Vejaes que sômos parentes,
Prima minha, da minha alma.
—Que me dêste, Juliana,
N'este copinho de vinho,
Que estou com a rédea na mão,
Não conheço o meu caminho?

A minha mãe bem cuidava
 Que tinha seu filho vivo.
 «A minha também cuidava
 Que tu casavas commigo.
 —Oh meu pae, senhora mãe,
 Me bote sua benção ;
 Abraçe bem apertado
 O meu maninho João.
 Lembranças á Dona Cellerencia,
 Também á Dona Maria ;
 A minha alma entrego a Deus,
 O corpo á terra fria ;
 A fazenda e o dinheiro
 Entregue a Dona Maria.
 «Cale a bocca, meu Dom Jóca,
 Ponde o coração em Deus,
 Que este cópo de veneno
 Quem te hade vingar sou eu.
 —Já acabou-se, já acabou-se,
 Oh flôr de Alexandria!
 Com quem casará agora
 Aquella moça Maria ?
 Já acabou-se, já acabou-se,
 Já acabou-se, já deu fim ;
 Nossa Senhora da Guia
 Queira-se lembrar de mim,

—●—

Dom Jorge

(Versão de Ceará, de O caso de Juliana e Jorge)

Dom Jorge se namorava
 De uma mocinha mui bella ;
 Pois que apanhando servido,
 Ousou logo de ausentar-se

Em procura de uma moça
Para com elle casar.
Juliana que d'isto soube
Pegou logo a chorar.
A mãe lhe perguntou :

—De que choras, minha filha?
O que é que te faz chorar?
«E' Dom Jorge, minha mãe,
Que com outra vae casar.
—Bem te disse, Juliana,
Que em homens não te fiasses ;
Não era dos primeiros
Que as mulheres enganasse.

=Deus te salve, Juliana,
No teu sobrado assentada !
«Deus te salve, rei Dom Jorge,
No teu cavallo montado.
Ouvi dizer, rei Dom Jorge,
Que estavas para casar ?
=E' verdade, Juliana,
Já te vinha desenganar.
«Esperae, rei Dom Jorge,
Deixa subir o sobrado ;
Deixa buscar um copinho
Que tenho para ti guardado.
=Eu lhe peço, Juliana,
Que não haja falsidade ;
Olhe que sômos parentes,
Prima minha, da minha alma,
«Eu lhe juro por minha mãe,
Pelo Deus que me criou,
Que rei Dom Jorge não logra
Esse seu novo amor.
=Que me deitas, Juliana,

N'este seu copo de vinho?
 Estou com as rédeas nas mãos,
 Não enxergo meu rucinho!
 Ai, que é do meu paesinho,
 Por elle pergunto eu?
 Eu morro é de veneno
 Que Juliana me deu.
 —Morra, morra, meu filhinho,
 Morra constricto com Deus,
 Que a morte que te fizeram
 Ella quem vinga sou eu.
 =Valha-me Deus do céo,
 Que estou com uma grande dor;
 A maior pena que levo
 E' não ver o meu amor.

3

TRISTES NOVAS

(*Variante transmontana*)

Tristes novas, tristes novas,
 São chegadas de Sevilha,
 Que casa o Duque d'Alba
 Com dama de gram valia.
 Foi-se pôr n'uma ventana,
 Das mais altas que ella tinha;
 Vira vir o Duque d'Alba
 Passeando o mar arriba.
 Chegou elle, e disse-lhe ella:

«Duque d'Alba, duque d'Alba,
 Hão-me dito uma mentira:

Tu que casavas agora
Com dama de gram valia.
— Não é mentira nenhuma,
Que ámanhã são minhas bodas,
É eu a chamar-te benia.
« Não tens vergonha chamar-me ?
Nem eu também se lá iba.

Estando n'aquellas rasões
Dona Anna p'ra traz cahira !
Mandam chamar o barbeiro
A vér Dona Anna o que tinha ?
Acharam-lhe o coração
Co' debaixo para riba ;
Com tres pinguinhas de sangue,
A mais pequena dizia :

« Não te envergonhas casar-te,
Deixando-me a mim perdida ? »

4

D. MARTINHO DE AVISADO

(*Versão de Covilhã* — BEIRA-BAIXA)

— Grandes guerras 'stão armadas
Entre França e Aragão !
Mal o hajas tu mulher,
Mais a tua criação ;
Sete filhas que tiveste
Sem nenhuma ser varão !

Respondeu logo a mais velha
Com todo o seu coração :

- «Dê-me armas e cavallo,
 Que eu irei por capitão.
 —Tendes o cabello louro,
 Filha, conhecer-vos-hão!
 «Dê-me cá uma thezoura,
 Verei-o cahir no chão.
 —Tendes os olhos fagueiros,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Quando passar pelos hombres
 Eu os ferrarei no chão.
 —Tendes os peitos crescidos,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Mande fazer um justillo
 Que me aperte o coração.
 —Tendes as mãos mui mimosas,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Lá virá vento e chuva,
 Que ellas se callejarão.
 —Tendes o pé pequenino,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Dê-me cá as suas botas,
 Encherei-as de algodão.
 —Tendes o passo miudo,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Quando passar pelos hombres
 Farei passo de ganhão.
 —Filha, se fôres á guerra
 Como te lá chamarão?
 «Dom Martinho de Avisado,
 Filho do Rei Dom João.»

==Ai, minha mãe, que me morro,
 Morro-me do coração;
 Os olhos de Dom Martinho,
 Mi madre, matar-me-hão,
 O corpo tiene de hombre,

Os olhos de mulher são.
 — «Convidae-o vós, meu filho,
 Que cá comvosco jantar,
 Se então elle fôr mulher
 Em baixo se hade assentar.

Dom Martinho de Avisado
 Cadeira mandou chegar,
 Com o seu capote em cima
 Para mais alto ficar.

— Ai minha mãe, que me morro,
 Morro-me do coração,
 Os olhos de Dom Martinho,
 Madre minha, matar-me-hão;
 O corpo tenia de hombre,
 Os olhos de mulher são.
 — «Convidae-o vós, meu filho,
 Que vá comvosco enfeirar,
 Elle então se fôr mulher
 As fitas se hade pegar.
 «Oh que espadas finas estas
 Para hombre guerrear!
 Oh que fitas para damas,
 Quem lh'as pudera mandar.

— Ai minha mãe, que me morro,
 Morro-me do coração,
 Os olhos de Dom Martinho,
 Madre minha, matar-me-hão!
 O corpo tenia de hombre,
 Os olhos de mulher são.
 — «Convidae-o vós, meu filho,
 Que vá comvosco dormir,
 Que se elle fôr mulher
 Não se hade querer despir.

- «Dê-me armas e cavallo,
Que eu irei por capitão.
—Tendes o cabelo louro,
Filha, conhecer-vos-hão!
«Dê-me cá uma thezoura,
Verei-o cahir no chão.
—Tendes os olhos fagueiros,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Quando passar pelos hombres
Eu os ferrarei no chão.
—Tendes os peitos crescidos,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Mande fazer um justillo
Que me aperte o coração.
—Tendes as mãos mui mimosas,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Lá virá vento e chuva,
Que ellas se callejarão.
—Tendes o pé pequenino,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Dê-me cá as suas botas,
Encherei-as de algodão.
—Tendes o passo miudo,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Quando passar pelos hombres
Farei passo de ganhão.
—Filha, se fôres á guerra
Como te lá chamarão?
«Dom Martinho de Avisado,
Filho do Rei Dom João.»
- Ai, minha mãe, que me morro,
Morro-me do coração;
Os olhos de Dom Martinho,
Mi madre, matar-me-hão,
O corpo tiene de hombre,

Os olhos de mulher são.
— «Convidae-o vós, meu filho,
Que cá comvosco jantar,
Se então elle fôr mulher
Em baixo se hade assentar.

Dom Martinho de Avisado
Cadeira mandou chegar,
Com o seu capote em cima
Para mais alto ficar.

— Ai minha mãe, que me morro,
Morro-me do coração,
Os olhos de Dom Martinho,
Madre minha, matar-me-hão;
O corpo tenia de hombre,
Os olhos de mulher são.

— «Convidae-o vós, meu filho,
Que vá comvosco enfeirar,
Elle então se fôr mulher
As fitas se hade pegar.
«Oh que espadas finas estas
Para hombre guerrear!
Oh que fitas para damas,
Quem lh'as pudera mandar.

— Ai minha mãe, que me morro,
Morro-me do coração,
Os olhos de Dom Martinho,
Madre minha, matar-me-hão!
O corpo tenia de hombre,
Os olhos de mulher são.

— «Convidae-o vós, meu filho,
Que vá comvosco dormir,
Que se elle fôr mulher
Não se hade querer despir.

«Tenho feito juramento,
 Espero de o cumprir,
 De enquanto eu andar na guerra
 As ceroulas não despir.
 — Convidae-o vós, meu filho,
 Que vá comvosco nadar;
 Que se elle fôr mulher
 Certo, se hade acovardar.

Dom Martinho de Avisado
 Primeiro o mandou entrar :

«Ide vós mais adiante
 Para me ires ensinar!
 Cartas me vêm da terra,
 Cartas de muito pezar;
 Meu pae que já é morto,
 Minha mãe está a acabar.
 Tenho seis irmãs mais novas,
 Quero-as ir amparar;
 Venha a casa de meu pae
 Se commigo quer casar.
 Sete annos andei na guerra,
 Sete annos por capitão,
 Sem ninguem me conhecer
 Se eu era mulher ou não.

— ● —

Dom Martinho

(Variante da Beira-Baixa, de Dom Martinho de Avisado)

— Oh que guerras vão armadas
 Entre França e Aragão!
 Ai de mini, que já estou velho,
 Não as posso vencer, não.

De sete filhas que tenho
Sem nenhuma ser varão!

Respondeu-lhe uma mais nova,
Respondeu-lhe com rasão:

«Venha uma espada e cavallo,
Eu serei já capitão.

—Tendes os olhos grandes,
Filha, conhecer-vos-hão.

«Quando passar pelos homens,
Abatel-os-hei ao chão.

—Tendes o cabello longo,
Filha, conhecer-vos-hão.

«Venha uma tesoura d'oiro,
Vel-o-heis cahir ao chão.

—Tendes as mãos muito brancas,
Filha, conhecer-vos-hão.

«Virão calmas e geadas,
Que ellas negras se farão.

—Tendes o pé pequenino,
Filha, conhecer-vos-hão.

«Venham uns sapatos grandes,
Que os pés n'elles crescerão.

—Tendes o passo miudo,
Filha, conhecer-vos-hão.

«Quando passar pelos homens
Darei passo de malhão.»

=Os olhos de Dom Martinho,
Minha mãe, matar-me-hão;
Elle o corpo será de homem,
Os olhos de mulher são.

—«Convida-o tu, meu filho,
Um dia para o pomar,
Que se elle mulher fôr
Ao agro se hade apegar.

Dom Martinho de Avisado
Ao doce se foi lançar.

=Os olhos de Dom Martinho,
Minha mãe, me hão de matar!
— «Convida-o tu, meu filho,
Um dia para o jantar,
Que se elle mulher fôr
Nos bancos se hade assentar.

Dom Martinho de Avisado
Cadeira mandou chegar :

«Oh que cadeira tão baixa
Para um homem se assentar!
— «Convida-o tu, meu filho,
Um dia para feirar,
Que se elle mulher fôr
As fitas se hade apegar.

Dom Martinho de Avisado
As espadas se foi lançar :

«Oh que espadas tão pezadas
Para um homem guerrear;
Oh que fitas para damas,
Quem lh'as pudera levar.
=Os olhos de Dom Martinho,
Minha mãe, me hão de matar.
— «Convida-o tu, meu filho,
Um dia para dormir,
Que se elle mulher fôr
Não se hade querer despir.

Dom Martinho de Avisado
Se foi logo descalçar :

«Tenho feito juramento,
Espero de o não quebrar,
Emquanto eu andar na guerra
As ceroulas não tirar.
Tenho feito juramento,
Protesto de o cumprir,
Emquanto eu andar na guerra
A camisa não despir;
E a espada de meu pae
Entre nós hade dormir.

—Os olhos de Dom Martinho,
Minha mãe, me hão de matar!
«Convida-o, tu, meu filho,
Um dia para nadar,
Que se elle mulher fôr
Logo se hade acovardar.

Dom Martinho de Avisado
Se foi logo descalçar:

«Entre, entre o cavalleiro,
Já o vou acompanhar;
Os sinos da minha terra
Aqui os ouço tocar!
A minha mãe já morreu,
Meu pae se está a finar;
De sete manas que tenho
Aqui as ouço gritar.

«Abra-me as portas, meu pae,
De todo o seu coração;
Sete annos andei na guerra
Sem me conhecer varão;
Mas só no fim dos sete annos
Conheceu-me o capitão,

Conheceu-me pelo riso,
Que por outra cousa não.

—●—
Dom Barão

(Variante da *Foç do Douro*, de D. Martinho de Avisado)

Já se começam as guerras
No campo de Dom Barão :

- Triste de mim, que sou velho,
As guerras me acabarão !
«Dê-me armas e cavallo,
Serei seu filho varão.
- Tendes o cabelo loiro,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Dae-me cá uma tesoura,
Que eu já o deito ao chão.
- Tendes as mãos pequeninas,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Metel-as-hei n'umas luvas,
Nunca d'ellas sairão.
- Tendes o pé pequenino,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Metel-os-hei n'umas botas,
Nunca d'ellas sairão.
Dae-me armas e cavallo,
Serei seu filho varão.
- Tendes os peitos mui altos,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Encolherei os meus peitos
Dentro do meu coração.»

O capitão dos soldados

Um grande amor lhe tomou ;
Dom Barão como discreto
De nada se recebeu.

=Oh mi padre, oh mi madre,
Grande dor do coração,
Os olhos do soldadinho
São de mulher, de homem não.

—«Convida-o tu, meu filho,
Que contigo vá cear,
Porque no partir do pão
Se virá a delatar,
Que se elle o partir ao peito
Por mulher se hade mostrar.

Dom Barão como discreto
De nada se recebeu ;
Pegou na faca de ponta,
Pão e queijo estransinou.

—«Bota-lhe cadeiras altas,
Cadeiras baixas a par ;
Porque elle se mulher fôr
Nas baixas se hade assentar.

A donzella por discreta
Na mais alta quiz estar.

=Minha mãe, minha mãesinha,
Eu morro do coração ;
Os olhos do soldadinho
São de mulher, de homem não.

—«Convidae-o vós, meu filho,
Que comvosco vá feirar,
Que se elle mulher fôr,
As fitas se hade apegar.

Dom Barão como discreto
Foi uma espada apreçar :

«Oh que bellas fitas estas
Para damas adornar.
—«Convida-o tu, meu filho
Que contigo vá dormir ;
Que se elle mulher fôr
Então se hade descobrir.

Dom Barão como discreto
De nada se receiou ;
Vestiu camisa e ceroulas
E com elle se deitou.

==Oh mi padre, oh mi madre,
Grande dôr do coração ;
Os olhos de Dom Barão
São de mulher, de homem não.
—«Convida-o tu, oh meu filho,
Que contigo vá nadar ;
Que se elle mulher fôr
Desculpa vos hade dar.

Dom Barão como discreto
De nada se receiou ;
Chamou pelo seu creado
Uma carta lhe entregou :

«Novas me chegam agora,
Novas de negro pezar ;
E os sinos da minha terra
Já ouço repinicar,
Ou meu pae que já é morto,
Ou está para enterrar.

—Montae-vos, oh Dom Barão,
Que eu vos vou acompanhar.

Lá chegando á sua terra
Viu seu pae a passear.

—Que foi isso, Dom Barão,
Quem vos vem acompanhar?
«Um genro de vocemecê,
Se o quizer aceitar.

—●—

Dom Carlos e D. Leonor

(Versão de Villa Nova de Gaia, de Dom Martinho de Avisado)

—Ai de mim, que vou p'ra guerra,
Guerras me acabarão;
De tres filhas que eu tive
Sem nenhuma ser varão!

Respondeu-lhe a mais nova
Com grande discrição:

«Oh meu pae, eu vou á guerra
No seu cavallo Rondão.
—Tende-los cabellos grandes,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Dê-me cá uma tesoura,
Que elles cabirão no chão.
—Tende-los hombros mui altos,
Filha, conhecer-te-hão.
«Sendo las armas pezadas
Ellas se abaixarão.

—Tende-los peitos mui grandes,
Filha, conhecer-te-hão.

«Sendo los colletes largos,
N'elles se sumirão.

—Tende-lo pé pequenino,
Filha, conhecer-te-hão.

«Sendo las botas compridas
Compridos se elles farão.

—Tende-los olhos mui lindos,
Filha, conhecer-te-hão.

«Andando eu na guerra,
Porei os olhos no chão.

Bote-me, meu pae, bote-me

Bote-me a sua benção,

Que eu cá parto para a guerra

No seu cavallo Rondão.»

=Minha mãe, minha mãesinha,

Minha mãe do coração,

Os olhinhos de Dom Carlos

São de mulher, de homem não.

—«Convida-o tu, oh meu filho,

P'ra contigo ir feirar,

Que se ella mulher fôr

Em fitas hade pegar.

Dom Carlos, como discreto,

N'uma espada foi pegar :

«Oh que bella espada esta

Para um homem guerrear!

=Minha mãe, minha mãesinha,

Minha mãe do coração,

Os olhinhos de Dom Carlos

São de mulher, de homem não,

—«Convida-o tu, oh meu filho,
P'ra ir contigo ao quintal,
Que se elle mulher fôr,
Em fructa hade pegar.

«Oh que bella flôr é esta
Para a uma dama dar.¹

==Minha mãe, minha mãesinha,
Minha mãe do coração,
Os olhinhos de Dom Carlos^o
São de mulher, de homem não.

—«Convida-o tu, oh meu filho,
P'ra contigo ir jantar,
Que se elle mulher fôr
Em baixo se hade assentar.

Dom Carlos como discreto
No mais alto se assentou,
Pegou logo n'uma faca
Pão e queijo esfatiou.

==Minha mãe, minha mãesinha,
Minha mãe do coração,
Os olhinhos de Dom Carlos
São de mulher, de homem não.

—«Convida-o tu, oh meu filho,
P'ra contigo ir nadar,
Que se elle mulher fôr,
Logo se hade abaixar.

¹ Fôrte flôr para uma dama,
Quem la fôra lá levar!
Fôrte cidrão é este
Para um homem cheirar. -- *Minho.*

«Sinos da minha freguezia
 Aqui os ouço tocar!
 Minha mãe que está a morrer,
 E meu pae a enterrar!
 Adeus, adeus, praça d'armas,
 Adeus, meus nobres senhores,
 Em sete annos que vos serve
 Esta nobre Leonor.
 Honra trouxe da minha terra,
 Honra torno a levar,
 Quem quizer casar commigo
 Vá-me á minha terra buscar.

 Trago aqui um genro
 Se o quizer accéitar.



Dom Marcos

(Versão de Elvas — ALEMTEJO, de Dom Martinho de Avisado)

—Lá se apregôam as guerras
 Entre França e Aragão;
 Ai dê mim, que já sou velho,
 E as guerras me acabarão.
 De sete filhas que tenho,
 Nenhuma saíu varão.
 «Pae, dae-me armas e cavallos,
 Que quero ir ser capitão.
 —Tendes um lindo cabelo,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Mandal-o-hei a cortar,
 E atarei-me um listrão.
 —Filha, tendes lindos olhos,
 Logo conhecer-vos-hão,

- «Ao sahir d'esta cõrte
 Eu os pregarei no chãõ.
 —Filha, tendes lindos peitos,
 Logo conhecer-vos-hão.
 «Inda hade haver um alfayate
 Que me faça um gibão,
 P'ra desapertar meus peitos,
 Mettel-os no coração.
 —Filha, tendes lindo andar,
 Logo conhecer-vos-hão.
 «Hade haver um sapateiro
 Que faça botas de joelhão,
 Para quando eu fõr a andar
 Me faça andar de moitão;
 E quando d'aqui me fõr
 Dom Marcos me chamarão.

- Madre mia, madre mia,
 Que me morro já de amores ;
 Que os olhos de Dom Marcos
 São de mulher que não de hombre.
 —«Pois se tu o queres saber,
 Tral-o contigo a jantar ;
 Bota-lhe cadeiras baixas
 Para n'ellas se assentar.

Dom Marcos, como discreto,
 Não se deixou suspeitar ;
 Foi passando pelas baixas,
 Não altas se foi sentar.

- Madre mia, madre mia,
 Que me morro já de amor,
 Que os olhos de Dom Marcos
 São de mulher que não de hombre !
 «Convidae-o vós, meu filho,

Para ir á feira passear,
 Que se elle mulher fôr
 Às fitas se hade pegar :
 E se elle homem fôr
 Às espadas se hade lançar.

=Oh que tão lindas fitas
 P'ra senhoras se adornarem !

«Oh que bellas as espadas
 Para na guerra lidarem !

=Madre mia, madre mia,
 Que me morro já de amor !
 Que os olhos de Dom Marcos,
 São de mulher, que não de hombre.

—«Pois se tu o queres saber,
 Leva-o contigo a banhar ;
 Pois se elle homem fôr
 Às aguas se hade lançar,
 E se elle mulher fôr
 Muito bem se hade escusar.

Tinha uma bota descalça,
 E outra por descalçar,
 Quando lhe veiu por noticia

.....

Que sua mãe era morta,
 E seu pae a acabar ;
 Que tinha seis irmãs orfãs,
 E que as queria ir amparar.

=Montae-vos oh, Dom Marcos,
 Que vos quero acompanhar.

«Sete annos andei na guerra
 Sem ninguem me conhecer ;
 Dêem cá uma almofada
 A vêr se inda sei coser.

Dom Martinho

(Versão de Loulé — ALGARVE, de Dom Martinho de Avisado)

— Já se começam as guerras
Nos campos de Mazagão ;
Triste de mim, que sou velho,
As guerras me matarão !
De sete filhas que tenho,
Sem nenhuma ser varão !

Respondeu a filha mais velha,
A filha da benção :

«Dê-me armas e cavallo,
Serei seu filho varão ;
As guerras las vencerei,
Nos campos de Mazagão.
— Não irás á guerra, filha,
Logo te conhecerão ;
Tens os olhos de mulher,
De mulher, que de homem não.

«Quando olharem para mim,
Eu olharei para o chão ;
Dê-me armas e cavallo ,
Quero ir a Mazagão.

— Não irás á guerra, filha,
Logo te conhecerão :
Tens o peito de mulher,
De mulher, que de homem não.

«Mando fazer um peitilho
Que me aperte o coração ;
Dê-me armas e cavallo,
Quero ir a Mazagão.

— Não irás á guerra, filha,
Logo te conhecerão :

Tens mãosinhas de mulher,
 De mulher, que de homem não.
 «Mando fazer umas luvas,
 Nunca se descalçarão ;
 Dê-me armas e cavallo,
 Quero ir a Mazagão.
 — Não irás á guerra, filha,
 Logo te conhecerão :
 Tens pésinhos de mulher,
 De mulher, que de homem não.
 «Mettel-os-hei n'umas botas,
 Nunca se descalçarão ;
 Dê-me armas e cavallo,
 Quero ir a Mazagão.
 — Não irás á guerra, filha,
 Logo te conhecerão :
 Tens corpinho de mulher,
 De mulher, que de homem não,
 «Logo farei uma farda
 Que me estreite a compleição ;
 Dê-me armas e cavallo
 Quero ir a Mazagão.

O capitão de soldados
 Um grande amor lhe tomou ;
 Martinho, como discreto,
 De nada se recebeu.

— Ai, minha mãe da minha alma,
 Morro-me do coração,
 Os olhos de Dom Martinho
 São de mulher, de homem não.
 — «Convida-lo tu, meu filho,
 Convida-lo p'ró jantar ;
 Porque se elle fôr mulher
 Pão ao peito hade cortar.

Martinho como discreto,
De nada se recebeu ;
Pegou na faca de ponta,
Pão e queijo quartejou.

==Ai, minha mãe da minha alma,
Morro-me do coração,
Os olhos de Dom Martinho
São de mulher, de homem não.

—«Bota-lhe cadeiras altas,
Cadeiras baixas a par,
Porque se elle fôr mulher
Nas baixas se hade assentar.

Martinho, como discreto,
Pelas baixas foi passar,
Desprezando todas estas
Nas altas se foi sentar.

==Ai, minha mãe da minha alma,
Morro-me do coração,
Os olhos de Dom Martinho
São de mulher, de homem não.

—«Se queres saber se é homem,
Leva-o a passear,
Porque se elle fôr mulher
Nas flôres se hade enlevar.

==Bellas flôres, Dom Martinho,
Para ás damas offertar !
Não as leve na algibeira,
Que se podem desfolhar.
«As damas se las quizerem,
Ellas que as venham buscar.

==Ai, minha mãe da minha alma,

Morro-me do coração ;
 Os olhos de Dom Martinho
 São de mulher, de homem não.
 — «Se queres saber se é homem,
 Leva-o a enfeitar,
 Porque se elle fôr mulher
 As fitas se hade pegar.

==Bellas fitas, Dom Martinho,
 Para as damas enfeitar!
 Não as leve na algibeira,
 Que se podem estragar.
 «As damas se querem fitas,
 Ellas que as venham comprar.

==Ai, minha mãe da minha alma,
 Morro-me do coração,
 Os olhos de Dom Martinho
 São de mulher, de homem não.
 — «Se queres saber se é homem
 Convida-o a banhar,
 Porque se elle mulher fôr
 Logo se hade recusar.

Dom Martinho como discreto
 Foi-se logo descalçar :

«Cartas me cáem do céo,
 Cartas me estão a chegar ;
 Talvez meu pae seja morto,
 Ou minha mãe a acabar !
 As seis manas que lá tenho
 Eu as vou amparar.
 Adeus, oh meu capitão,
 Adeus, que me vou a marchar.

=Parae, oh meu cavalleiro,
 Que vos quero acompanhar ;
 Quando chegarmos a casa
 Comtigo quero casar.

●

Dom Marcos

(Variante de Loulé, de Dom Martinho de Avisado)

—Já começaram as guerras
 No campo de Mazagão ;
 Ai de mim, que já estou velho,
 As guerras me matarão.
 De sete filhas que tenho,
 Sem nenhuma ser varão !

Leonor, como entendida,
 Respondeu-lhe com rasão :

«Dê-me lança, c'róa e scepro,
 Que eu irei p'ra Mazagão.
 —Filha minha da minha alma,
 Filha do meu coração,
 Tendes peitos de mulher,
 De mulher, que de homem não.
 «Mande fazer um peitilho
 Que me aperte o coração.
 Dê-me lança, c'róa e scepro,
 Que eu irei p'ra Mazagão.
 —Filha minha da minha alma,
 Filha do meu coração,
 Tendes uns pés de mulher,
 De mulher, que de homem não.
 «Venham uns sapatos grandes,
 Que os pés n'elles crescerão.

Dê-me lança, c'róa e sceptro,
 Que eu irei p'ra Mazagão.
 —Filha minha da minha alma,
 Filha do meu coração,
 Tendes olhos de mulher,
 De mulher que de homem não.
 «Andarei de um lado ao outro
 Com elles sempre no chão.
 Dê-me lança, c'róa e sceptro
 Que eu irei p'ra Mazagão.
 —Filha minha da minha alma,
 Filha do meu coração,
 Tendes cabelo de mulher,
 De mulher, que de homem não.
 «Dê-me, pae, uma tesoura,
 Vel-os-ha cahir no chão.
 Dê-me lança, c'róa e sceptro,
 Que eu irei p'ra Mazagão.

==Oh querido pae da minha alma,
 Minha mãe do coração,
 Os olhares de Dom Marcos
 São de mulher, de homem não.
 —«Convida-o tu, meu filho,
 Convida-o para o jantar,
 Porque no partir do pão
 Se virá a delatar:
 Que se elle o partir ao peito
 Por mulher se hade mostrar.

==Oh Dom Marcos, oh Dom Marcos,
 Commigo vinde jantar.
 «Prompto. prompto, oh meu principe,
 Sempre prompto ao seu mandar.

Leonor, como entendida,

A' meza se foi sentar,
Pegou logo n'uma faca,
Pão ao largo a cortar.

=Oh querido pae da minha alma,
Minha mãe do coração,
Os olhares de Dom Marcos
São de mulher de homem não.

—«Convida-o tu, meu filho,
Convida-o a caçar;
Se acaso fôr mulher,
Por força se hade acanhar.

=Oh Dom Marcos, oh Dom Marcos,
Vamos ambos a caçar.
«Prompto, prompto, oh meu principe,
Sempre prompto ao seu mandar.

Leonor como entendida
Não teve mais que pensar.
Saiu logo do caminho
E p'r'a matta foi caçar,

=Oh querido pae da minha alma,
Minha mãe do coração,
Os olhares de Dom Marcos
São de mulher, de homem não.

—«Convida-o tu, meu filho,
Que contigo vá dormir;
Se mulher acaso fôr
Então se hade descobrir.

=Oh Dom Marcos, oh Dom Marcos,
Commigo te hasde deitar.
«Prompto, prompto, oh meu principe,
Sempre prompto ao seu mandar.

Leonor como entendida

Não teve que receiar;
 Vestiu camisa e ceroulas,
 Com elle se foi deitar.

= Oh querido pae da minha alma,
 Minha mãe do coração,
 Os olhares de Dom Marcos
 São de mulher, de homem não.

— «Convida-o tu, meu filho,
 No jardim a passear;
 Se acaso fôr mulher
 Aos cravos se hade pegar;
 Se homem acaso fôr
 As rosas hade cheirar.

= Vem Dom Marcos, oh Dom Marcos,
 Ao jardim a passear.
 «Prompto, prompto, oh meu principe,
 Sempre prompto ao seu mandar.

Leonor como entendida
 Pôz-se logo a gracejar:

«Lindos cravos p'r'as senhoras,
 Que os poderão levar;
 Lindas rosas, bellas rosas,
 Quanto gósto de as cheirar.

= Oh querido pae da minha alma,
 Minha mãe do coração,
 Os olhares de Dom Marcos
 São de mulher, de homem não.

— «Convida-o tu, meu filho,
 Que contigo vá nadar,
 Que se acaso fôr mulher
 Logo se hade desculpar.

=Oh Dom Marcos, oh Dom Marcos,
Vamos ambos a nadar.
«Prompto, prompto, oh meu principe,
Sempre prompto ao seu mandar.

Leonor como entendida
No cavallo foi montar ;
O principe entrou n'agua,
Leonor a passear.

=Vinde, vinde, oh Dom Marcos,
Vinde p'ra dentro do mar.
«Banhae, principe, banhae,
Tenho o corpo a suar.
=Vinde, vinde, oh Dom Marcos,
Vinde p'ra dentro do mar.
«Banhae principe, banhae,
Que eu me vou a caminhar ;
Os sinos da minha terra
Aqui os ouço dobrar ;
Talvez meu pae seja morto,
Minha mãe a enterrar !
Tenho seis irmãs mais novas,
Quero-as ir amparar.
Adeus, meu principe, adeus,
Adeus, meu querido senhor,
Sete annos andou na guerra
O soldado.... Leonor...
=Antes que chegues á porta,
Chegarei ao teu portal ;
Irei pedir-te ao teu pae,
Comtigo quero casar.

 ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Dom Martinho

(Versão de Porto da Cruz, de Dom Martinho de Avisado)

—Hoje s'apregõam guerras
 De França contr' Aragão;
 Cuitado de mim, sou velho;
 Guerras já p'ra mim não são.
 De duas filhas que tenho
 Sem nenhuma ser varão!

La mais moça respondeu,
 De seu forte coração:

«Dae-me armas e cavallo.
 Las guerras p'ra mim serão.
 —Tendes cabellos compridos,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Com tesoiras de talhar
 Cortados rente serão.
 —Tendel-os olhos formosos;
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «De mais formosos sei eu,
 E que de mulher não são.
 —Tendel-o rosto sem barbas;
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Eu direi que sou mocinho,
 E que las barbas virão.
 —Tendel-o rosto mui alvo,
 Filha, conhecer-vos-hão.

- «Nos tres dias de caminho,
Estes sóes lo queimarão.
—Tendel-os hombros erguidos,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Sejam las armas pesadas,
Que los hombros descerão.
—Tendes peitos altaneiros,
Filha, conhecer-vos hão.
«Cingidos pela coiraça,
Los peitos abaixarão.
—Tendel-as mãos pequeninas,
Filha, conhecer-vos-hão.
«De suas guantes calçadas,
Ellas grandes par'cerão.
—Tendes largos los quadris,
Filha, conhecer-vos-hão,
«Vão debaixo do saio,
Homens nunca los verão
—Tendes tambem pernas grossas,
Filha, conhecees-vos-hão.
«Apertadas na armadura
Ellas adelgaçarão.
—Tendel-os pés pequeninos,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Levo çapatos de ferro,
Não bótas de cordovão.
«Tendes nome de mulher,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Me chamarei Dom Martinho,
Por homem me tomarão.
Venham armas e cavallo,
Las guerras p'ra mim serão,

Vestida de suas armas,
Montando seu alazão,
Foi la donzella p'r'as guerras,

Que nem que fosse varão.
 No cabo de sete annos,
 Pazes assentadas são.
 Vestido de suas armas,
 Montando seu alazão,
 Passou á côrte de França
 Dom Martinho infanção.
 Filho d'el-rei, mal lo viu,
 Morto ficou de paixão;
 E, chegando a palacio,
 Péd' á mãe sua benção,
 E lhe conta em segredo
 Pena de seu coração:

= Los olhos de Dom Martinho,
 Minha mãe, me matarão;
 No corpinho d'aquell' homem
 Los olhos de mulher são.

— «Convida-lo tu, meu filho,
 P'ra contigo merendar,
 Que, se fôr elle mulher,
 D'estrado se vae sentar,

= Vinde, senhor Dom Martinho,
 Commigo a merendar;
 N'este estrado d'alcatifa
 Bem vos podeis assentar.

Dom Martinho de Avisado,
 Não se deixou enganar:

«Lindo estrado para damas;
 Quem las fôra convidar!
 Estrado não é p'ra homens,
 Não me sei hi ageitar.

Filho d'el-rei, que tal ouve,

Morto fica de paixão ;
E, chegando a palacio,
Péde á mãe sua benção,
E lhe conta em segredo
Pena de seu coração :

=Los olhos de Dom Martinho,
Minha mãe, me matarão ;
No corpinho d'aquelle homem
Los olhos de mulher são.

— «Convida-lo tu, meu filho,
P'ra nos mercados comprar,
Que, se fôr elle mulher,
Nos coraes ha d'enfeirar.

=Vinde, senhor Dom Martinho,
N'estes mercados comprar ;
Olhae vermelhos coraes,
Bem vos podeis enfeirar,

Dom Martinho de Avisado,
Não se deixou enganar ;

«Lindos coraes são p'r'a damas ;
Quem las fôra convidar !
Coraes não servem p'ra homens,
Que só gostam de p'lejar.

Filho d'el-rei, que tal ouve,
Morto fica de paixão ;
E, chegando a palacio
Ped' á mãe sua benção,
E lhe conta em segredo
Pena do seu coração :

=Los olhos de Dom Martinho,
Minha mãe, me matarão ;

No corpinho d'aquelle homem
Los olhos de mulher são.

—«Convida-lo tu, meu filho,
A ir no jardim passeiar;
Que, se fôr elle mulher,
De cravos s'hade enfeitar.

=Vinde, senhor Dom Martinho,
No real jardim passeiar;
D'estes cravos, todos lindos,
Bem vos podeis enfeitar.

Dom Martinho de Avisado,
Não se deixou enganar :

«Lindos cravos são p'ra damas!
Quem las fôra convidar;
Los homens não querem cravos,
Mas rosas... p'ra desfolhar.

Filho d'el-rei, que tal ouve,
Morto fica de paixão;
E chegando a palacio,
Pede á mãe sua benção,
E lhe conta em segredo
Penas do seu coração:

=Los olhos de Dom Martinho,
Minha mãe, me matarão;
No corpinho d'aquelle homem
Los olhos de mulher são.

—«Convida-lo tu, meu filho,
P'ra contigo se deitar,
Que, se fôr elle mulher,
Logo se hade negar.

=«Vinde, senhor Dom Martinho,

Commigo aqui vos deitar;
N'esta cama de lençóes
Ambos cabemos a par.

Dom Martinho de Avisado,
Não se deixou enganar;

«Linda cama p'ra mulher;
Quem la fôra convidar!
Mas dois homens n'uma cama?
Quem los mandára açoitar!

Filho d'el-rei, que tal ouve,
Morto fica de paixão;
E chegando a palacio
Pede á mãe sua benção,
E lhe conta em segredo
Pena do seu coração:

=Los olhos de Dom Martinho,
Minha mãe, me matarão;
No corpinho d'aquelle homem
Los olhos de mulher são,
—«Convida-lô tu, meu filho,
A ir no rio nadar,
Que, se elle fôr mulher,
Logo se hade negar.
=Vinde, senhor Dom Martinho,
Commigo vinde nadar;
N'estas aguas corredias
Ambos podemos brincar.

Dom Martinho de Avisado,
Não se deixou enganar:

«Aguas doces são p'ra damas;

Quem las fôra convidar!
Porém não servem p'ra homens
Se não aguas de la mar.

Filho d'el-rei, que tal ouve,
Morto fica de paixão;
Não foi sequer a palacio
Pedir á mão la benção;
Desatou a suspirar
Penas do seu coração.

=Vossos olhos, Dom Martinho,
Sabei-lo, me matarão;
No corpinho sereis homem,
Los olhos de mulher são,

Dom Martinho, namorado,
Não poude dizer que não:

«Sete annos andei nas guerras
De França contra Aragão;
Suspeitastes-me dos olhos,
Mas d'outras suspeitas não.

N'isto vem um mensageiro
Uma carta lhe entregar.

=Que tendes vós, Dom Martinho,
Que tanto vos faz chorar?
«Esta carta que me diz
Que meu pae está a acabar!
É duas irmãs, que semos,
Semos ambas por casar.
Se quereis sel lo meu marido,
Minha mão vos quero dar.

Filho d'el-rei, que tal ouve,
 Já não morre de paixão ;
 E lá se vae a palacio
 Tomar da mãe la benção ;
 Lá se vae com Dom Martinho,
 Sem penas no coração.

—●—

Donzella que vae á guerra

(Variante de Machico, de Dom Martinho de Avisado)

—Hoje apregõam las guerras
 De França com Aragão :
 Eu já não posso fazel-as,
 E cabo de mim darão.
 De tantas filhas que tenho
 Sem nenhuma ser varão !

Respondeu-lhe la mais velha,
 De seu leal coração :

«Pae, armae-me cavalleiro,
 Homem serei, mulher não ;
 E por vós farei las guerras
 De França com Aragão.
 —Tendes cabellos compridos,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Venham já umas tesoiras,
 N'esta hora se cortarão.
 —Tendes olhar acanhado,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Quando eu esteja com homens,
 Não porei olhos no chão.
 —Tendel-os peitos tão altos,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Debaixo da armadura

- Los peitos esconderão.
 —Tendel-o rosto tão alvo,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Para me pôrem trigueira
 Bastam dois dias de verão.
 —Tendes mão e pé pequenos
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Guañtes, çapatas grossas,
 Mão e pé grandes farão.
 —Tereis medo nas batalhas;
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Eu saberei ser um homem,
 Com minha lança na mão.
 —Tomareis por lá amores,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Los que me fallem d'amores
 Bem caro lo pagarão.

Deu-lhe armas e cavallo
 E também sua benção;
 E la deixou ir p'r'as guerras,
 Por não ter filho varão.

- ==Minha mãe, aquelles olhos
 São de mulher, de homem não;
 Los olhos de Dom Martinho
 Máo cabo de mim darão.
 —«Desafiac-lo, meu filho,
 P'ra comvosco passeiar;
 Se elle fôra mulher,
 De galas hade fallar.

Dom Martinho, por discreto,
 De armas a conversar.

- ==«Minha mãe, aquelles olhos

São de mulher, de homem não ;
 Los olhos de Dom Martinho
 Mão cabo de mim darão.

- «Desafiae-lo, meu filho,
 A ir por 'hi namorar ;
 Se elle fôra mulher,
 De homens hade fallar.

Dom Martinho, por discreto,
 De moças a conversar.

- «Minha mãe, aquelles olhos
 São de mulher, de homem não ;
 Los olhos de Dom Martinho
 Mão cabo de mim darão.

- «Desafiae-lo, meu filho,
 P'ra na taberna folgar ;
 Se elle fôra mulher,
 Não hade qu'rer acccitar.

Dom Martinho, por discreto,
 Logo prompto a entrar.

- «Minha mãe, aquelles olhos
 São de mulher, de homem não ;
 Los olhos de Dom Martinho
 Mão cabo de mim darão.

- «Desafiae-lo, meu filho,
 A ir comvosco nadar ;
 Se elle fôra mulher,
 Não hade qu'rer acccitar.

Dom Martinho, por discreto,
 Primeiro lo manda entrar :
 E, logo que lo vê n'agua,
 Martinho a caminhar.

—Onde ides, Dom Martinho?
 Assim me deixaes, ficar?
 «Cá me vou p'ra minha terra;
 Meu pae me manda chamar.
 —Dom Martinho, ou Martinha,
 Que nome vos heide dar?
 «Se Martinha, se Martinho,
 Ide lá adivinhar!

«Andei sete annos nas guerras
 De França com Aragão;
 Conheceram-me nos olhos,
 Mas de outra maneira não.

—●—

Hoje s'apregôam guerras

(Variante do Caniço, de Dom Martinho de Avisado)

—Hoje se apregôam guerras,
 Las guerras de Dom João,
 E já sou velho cansado,
 Las guerras me acabarão:
 Eu não nas posso lidar
 Las guerras de Dom João.
 Que monta ter eu tres filhas,
 Se nenhuma é varão?

Respondeu a filha mais velha:

«Irei eu por vós ás guerras,
 A's guerras de Dom João;
 Dae-me vós licença, pae,
 Não me falta coração.
 —Esses cabellos tão longos,
 Oh filha, vos trahirão.
 «Las tesouras de talhar

- Meus cabellos cortarão.
 —Esses peitos levantados,
 Oh filha, vos trahirão.
 «Apertados na couraça,
 Meus peitos abaixarão.
 —Essas faces e mãos alvas,
 Oh filha, vos trahirão.
 «Geadas e soalheiras
 Minha alvura crestarão,
 —Esses pés tão pequeninos.
 Oh filha, vos trahirão.
 «Grandes botas cordovezas
 Grandes pés me mostrarão.
 —Mas esses olhos tão lindos,
 Oh filha, vos trahirão.
 «Eu terei cuidado n'elles,
 Já que lindos elles são.
 —Ide vós, filha, em bó' hora
 A's guerras de Dom João.

E foi. E perseguida de amores por um príncipe que desconfiava ser ella mulher, nunca se deu a conhecer por tal.

ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

Donzella que vae á guerra

(Versão da Ilha Terceira, de Dom Martinho de Avisado)

- Já se apregôam as guerras¹
 Entre a França e Aragão ;

¹ Pregoadas são as guerras
 Entre França e Aragão.
 Como as faria triste
 Velho cano e peccador? — *Lição antiga em Jorge Ferreira.*

Ai de mim que já sou velho,
 Não nas posso brigar, não! ¹
 De sete filhas que tenho
 Sem nenhuma ser barão!...

Responde a filha mais velha ²
 Com toda a resolução :

«Venham armas e cavallo
 Que eu serei filho barão.
 —Tendes los olhos mui vivos, ³
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Quando passar pela armada ⁴
 Porei os olhos no chão.
 —Tendes los hombros mui altos,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Venham armas bem pezadas,
 Os hombros abaterão. ⁵
 —Tende'-los peitos mui altos,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Venha gibão apertado. ⁶
 Os peitos encolherão.

¹ As guerras me acabarão — *Lisboa*.

Triste de mim que sou velho

As guerras me acabarão — *Alemtejo, Extremadura*.

² Responde Dona Guimar — *Lisboa*.

³ —Tendes as tranças compridas,
 Filha, conhecer-vos-hão.

«Venham umas tesouras,
 As tranças irão ao chão. — *Minho*.

—Tendes os olhos garridos — *Açores*.

⁴ Pela hoste — *Beir'alta*. = Pelos homens — *Minho* = ⁵ Abaixarão
 — *Lisboa*.

Encolherei os meus peitos
 Dentro do meu coração — *Minho*.

⁶ Venha já um alfaiate,
 Faça-me um justo gabão — *Extremadura, Alemtejo, Algarve*.

—Tende'-las mãos pequeninas ¹
 Filha, conhecer-vos-hão.

«Venham já guantes de ferro,²
 E compridas ficarão.

—Tende'-los pés delicados,
 Filha, conhecer-vos-hão.

«Calçarei botas e esporas,
 Nunca d'ellas sahirão.

«—Senhor pae, senhora mãe,
 Grande dôr de coração!
 Que os olhos do conde Daros ³
 São de mulher, de homem não.

—«Convidae-o vós, meu filho,
 Para ir convosco ao pomar, ⁴
 Que se elle mulher fôr,
 A' maçã se hade pegar. ⁵

A donzella por discreta,
 O camoez foi apanhar. ⁶

«Oh que bellos camoêzes
 Para um homem cheirar!

¹ Delicadas — *Alentejo, Beir'alta* = Muito finas — *Beirabaxa*.

² Mettel as-hei n'umas luvas — *Extremadura*.

Calçal as-hei n'umas luvas,
 D'ellas nunca sahirão — *Alentejo, Minho*.

Venham manapolas de ferro — *Traz-os-montes*.

Os pés bem grandes serão — *Minho, Beiralta*.

³ Dom João — *Açores*. = D. Martinho — *Lisboa, Alentejo*. = D. Marcos — *Extremadura*. = Dom Claros — *Minho*. = ⁴ Jardim — *Minho, Açores, Lisboa*. = ⁵ Co'as rosas se hade tentar — *Lisboa*. = Com as flores se hade armar — *Minho*. = As rosas o hade buscar — *Açôr es*. = ⁶ A lima se foi pegar. — «Oh que bella lima esta. — *Lisboa*. = Uma cidra foi mirar — *Algarve, Minho*.

Lindas maçãs para damas,
 Quem lh'as podéra levar.

- «=Senhor pae, senhora mãe,
 Grande dôr de coração!
 Que os olhos do conde Daros ¹
 São de mulher, de homem não.
- «Convidae-o vós, meu filho,
 Para comvosco jantar;
 Que, se elle mulher fôr ²
 No estrado se hade encruzar. ³

A donzella por discreta,
 Nos altos se foi sentar, ⁴

- «—Senhor pae, senhora mãe,
 Grande dôr de coração!
 Que os olhos do conde Daros ⁵
 São de mulher, de homem não.
- «Convidae-o vós, meu filho,
 Para comvosco feirar;
 Que, se elle mulher fôr,
 A's fitas se hade pegar.

A donzella por discreta,
 Uma adaga foi comprar. ⁶

As mesmas variantes respectivas.

- ² Porque no partir do pão.
 Se virá a delatar;
 Que se elle o partir no peito,
 Por mulher se hade mostrar -- *Açores*.

³ Baixo assento hade ir buscar. — *Minho*. — ⁴ O mais alto foi buscar. — *Lisboa*. — No mais alto quiz estar — *Minho*. — ⁵ As mesmas variantes. — ⁶ N'uma adaga foi pegar. — *Lisboa*. — Foi uma espada apreçar. — *Minho*.

Oh que lindas fitas verdes
 Para moças engalanar? — *Açores*.

—Oh que bella adaga esta
 Para com homens brigar!
 Lindas fitas para damas:
 Quem lh'as podéra levar!

«—Senhor pae, senhora mãe,
 Grande dôr de coração;
 Que os olhos do conde Daros
 São de mulher, de homem não.

—«Convidae-o vós, meu filho,
 Para convosco nadar;
 Que se elle mulher fôr,
 O convite hade escusar.¹

A donzella. por discreta,
 Começou-se a desnudar...
 Traz-lhe o seu page uma carta,
 Pôz-se a ler, e pôz-se a chorar;

«Novas me chegam agora,
 Novas de grande pesar;
 De que minha mãe é morta,
 Meu pae se está a finar
 Os sinos da minha terra
 Os estou a ouvir dobrar;
 E duas irmans que eu tenho,
 D'aqui as oiço chorar.
 Monta, monta, cavalleiro!
 Se me quer acompanhar,

Chegavam a uns altos paços,²
 Foram-se logo apear.

«Senhor pae, trago-lhe um genro,
 Se o quizer acceitar;

¹ Desculpa vos hade dar. — *Lisboa.* = Já se hade accovardar. —
Alemtejo. = ² Chegam juntos do castello. — *Lisboa.*

Foi meu capitão na guerra,
De amores me quiz contar...
Se ainda me quer agora,
Com meu pae hade fallar

«Sete annos andei na guerra
E fiz de filho barão;
Ninguem me conheceu nunca
Senão o meu capitão;
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra cousa não.

—●—

Dom Varão

(Versão da Ribeira do Nabo — Ilha de S. Jorge, de Dom Martinho de Avisado)

—Hoje se apregôam guerras
Entre França e Aragão;
Ai de mim! um pobre velho,
As guerras me acabarão:
De tres filhas que eu tenho,
Sem ter um filho varão!

Responde a filha mais moça
Por ter grande deserição:

«Venham-me armas e cavallo,
Quero ser filho varão!
Quero ir vencer as guerras
Entre França e Aragão.
—Tendes o cabello grande,
Filha, conhecer-vos-hão?
«Venha-me pente e tesoura,
Que o vereis cair ao chão.

- Tendes os olhos bonitos,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Quando fallar c'os soldados
Heide inclinal-os p'r'o chão.
- Tendes os hombros mui altos,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Venham-me armas carregadas,
Meus hombros abaixarão.
- Tendes os peitos mui grandes,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Vou-me a casa do alfaiate
Fazer apertado gibão.
- Tendes as mãos fidalguinhas,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Metel-as-hei n'umas luvas,
Nunca d'ellas sairão.
- Tendes o pé pequenino,
Filha, conhecer-vos-hão?
«Metel-os-hei n'umas botas,
Nunca d'ellas sairão.

Foi p'ra casa do alfaiate
Fazer apertado gibão;
Montou logo para a guerra
A brigar como varão.

- ==«Minha mãe, eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Que os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.
- «—Convidae-o vós, meu filho,
Para ir convosco ao pômar,
Que se elle mulher fôr
A' maçã se hade apegar.

Dom Varão como discreto
A uma cidra foi mirar :

«Oh que rica cidra esta
Para Dom Varão cheirar!
Oh que ricas maçãsinhas
P'ra uma sécia merendar.

— «Minha mãe, eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.

«—Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco jantar,
Ponde-lhe cadeiras altas
E baixas p'ra se sentar;
Que se elle mulher fôr
Nas baixas se hade assentar,
E quando fôr a partir pão
Ao peito o hade levar.

Dom Varão como discreto
Nas mais altas se assentou:
E quando foi a partir pão
Sómente ao punho o levou.

— «Minha mãe, eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Que os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.

«—Convidae-o vós, meu filho,
P'ra ir comvosco á botica,
Que se elle mulher fôr
Hade se apegar ás fitas.

Dom Varão como discreto
A's espadas se apegou :

«Oh que rica espada esta
Para Dom Varão brigar;
Mas que lindas fitas estas
Para moças enganar.

- «Minha mãe, eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não
«—Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco dormir;
Que se elle mulher fôr
Não se hade querer despir.

Dom Varão como discreto
Começou a descalçar;
N'aquella noite seguinte
As guerras a começar.

- «Minha mãe, eu trago magoas
Dentro do meu coração,
Que os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.
«—Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco nadar,
Que se elle mulher fôr
Não se hade querer botar.

Dom Varão como discreto
Começou-se a descalçar;

«Oh que novas, oh que novas
Me acabaram de chegar!
Que meu pae que era morto,
Minha mãe para acabar.
Acompanhe-me, acompanhe-me,

Se quereis-me acompanhar ;
 Sete annos servi el-rei
 Em palacio a brigar !
 Virgem vim, e virgem vou,
 (O filho do rei como asno ficou);
 Se quizer casar commigo,
 Siga-me por onde eu vou.



Donzella guerreira

(Variante dos Rosaes, Ilha de S. Jorge, de Dom Martinho de Avisado)

—Ai de mim ! um pobre velho,
 Que as guerras me acabarão !
 De tres filhas que eu tenho,
 Não ter um filho varão !

Respondera-lhe a mais moça
 Com toda a deliberação :

«Meu pae, dê-me o seu cavallo,
 Que eu serei o Dom Varão.
 —Tendel-o cabello grande,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Dê-me cá pente e tesoura
 Vel-o-heis cair ao chão.
 —Tendes os olhos mui lindos,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Quando fallar c'os soldados
 Inclinarei-os ao chão.
 —Tendes os beiços vermelhos,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Quando olhar para os soldados
 Meus beiços se cerrarão.

—Tendes as orelhas furadas,
Filha, conhecer-vos-hão.

«D'ellas tirarei os brincos,
Os buracos se cerrarão.

—Tendes os peitinhos altos,
Filha, conhecer-vos-hão.

«Eu vestirei uma farda
Que me aperte o coração.

—Tendes as mãos muito lindas,
Filha, conhecer-vos-hão.

«Metel-as-hei n'umas luvas,
Nunca d'ellas sairão.

—Tendes o pé pequenino,
Filha, conhecer-vos-hão.

«Os meterei n'umas botas,
De lá nunca sairão.

Vae Dom Varão para a guerra,
Com toda a deliberação!
O filho do rei indo á caça
Logo disse a sua mãe:

—«Os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não!

«—Convidae-o vós, meu filho,
P'ra convosco vir jantar,
Que se elle fôr mulher
A' couve se hade apegar.

Dom Varão como discreto
Pela couve não quiz dar;
Pegara de pão e carne,
Começara de gastar.

«—Convidae-o vós, meu filho,
P'ra convosco ir ao quintal,

Que se elle fôr mulher
A' maçã se hade apegar,

Dom Varão como discreto
Pelas maçãs não quiz dar;
Pegára n'um limão doce,
Comaçára de o gabar:

«Que rico limão cheiroso
Para moças enganar!

—«Oh minlia querida mãe,
Já não ha que exp'rimenlar;
Dom Varão como discreto
Pelas maçãs não quiz dar!
Pegara n'um limão doce,
Começou de o gabar:
Que rico limão cheiroso
Para moças enganar.

«—Convidae-o vós, meu filho,
P'ra ir comvosco á botica;
Que se elle mulher fôr
Hade se apegar ás fitas.

Dom Varão como discreto
Pelas fitas não quiz dar!
Pegára-se ao panno fino
Começou de o gabar:

«Oh que rico panno fino
Para uma farda talhar!

—«Oh minha querida mãe,
Já não ha que experimentar!
Dom Varão como discreto
Pelas fitas não quiz dar...

«—Convidae-o vós, meu filho,
Para convosco ir dormir,
Que se elle mulher fôr,
Não se hade querer despir.

—«E' meia noite passada,
Outra meia para vir;
Ande lá, senhor amigo,
Vâmo-nos deitar a dormir,
«Deixe-me, senhor amigo,
Não me queira affrontar,
Que na casa aonde habito
Por mim estão a esperar.

—«Oh minha querida mãe,
Já não ha que expermentar...

«—Convidae-o vós, meu filho,
Para convosco ir nadar,
Que se elle fôr mulher
Não se hade querer botar.

Dom Varão como discreto
Em bragas se foi botar;
Levou-o lá tanto fóra,
Arriscado a o matar.
Viu um barquinho na agua,
Começou de navegar:

«Donzella vim e donzella vou,
O filho do Rei como o asno ficou.

INDIA

Dom Marcos

(Versão de Góá, de D. Martinhe de Avisado)

— Já se apregôam as guerras
 Lá no campo de Aragão;
 Ai de mim, que já sou velho,
 As guerras me acabarão.

Responde a filha mais velha,
 Com toda a resolução:

«Venham armas e cavallo,
 Que eu serei filho barão.
 — Tendes os olhos mui lindos,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Quando passar pela armada
 Porei os olhos no chão.
 Venham armas e cavallo,
 Que eu serei filho barão.
 — Tendes os hombros mui altos,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Sejam as armas pezadas,
 Que os hombros abaixarão;
 Venham armas e cavallo,
 Que eu serei filho barão.
 — Tendes os peitos mui altos,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 «Venha cá um alfaiate,
 Faça-me justo um gibão;
 Venham armas e cavallo,
 Que eu serei filho barão.

—Tendes as mãos pequeninas,
Filha, conhecer-vos-hão.

«Metel-as-hei n'umas luvas,
De compridas passarão;
Venham armas e cavallo
Que eu serei filho barão.

—Tendes os pés delicados,
Filha, conhecer-vos-hão.

«Metel-os-hei n'umas botas,
Nunca d'ellas sahirão;
Venham armas e cavallo,
Que eu serei filho barão.

—=Senhor pae, senhora mãe,
Grande dôr do coração;
Porque os olhos de Dom Marcos
São de mulher, de homem não.

—«Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco ao pomar;
Porque se elle fôr mulher
A's maçãs se hade pegar.

Dom Marcos como discreto,
Uma lima foi mirar:

«Oh, que bella lima esta
Para um homem cheirar;
Lindas maçãs para damas,
Quem lh'as podéra levar.

—=Senhor pae, senhora mãe,
Grande dôr do coração;
Porque os olhos de Dom Marcos
São de mulher, de homem não.

—«Convidae-o vós, meu filho,
Que yá comvosco jantar;

Cadeiras altas e baixas
 Fazei a meza cercar,
 Porque se elle fôr mulher,
 Nas baixas se hade sentar.

Dom Marcos, como discreto,
 Depois de considerar,
 Deixando as cadeiras baixas
 A mais alta foi buscar.

- = Senhor pae, senhora mãe,
 Grande dôr de coração;
 Porque os olhos de Dom Marcos
 São de mulher, de homem não.
- «Convidae-o vós, meu filho,
 Para ir comvosco feirar,
 Porque se elle fôr mulher,
 A's fitas se hade pegar.

Dom Marcos, como discreto,
 N'uma adaga foi pegar:

«Oh que bella adaga esta
 Para um homem brigar;
 Bellas fitas para damas,
 Quem lh'as podéra levar!

- = Senhor pae, senhora mãe,
 Grande dôr de coração!
 Porque os olhos de Dom Marcos
 São de mulher, de homem não.
- «Convidae-o vós, meu filho,
 Para comvosco nadar,
 Porque se elle fôr mulher,
 Desculpas vos hade dar.

Dom Marcos, como discreto,

Se propôz a ir nadar ;
E recebendo uma carta
Poz-se a lér, e a chorar.

= Que magoa é essa, Dom Marcos,
Que infortunio, que afflicção
Essas lagrimas te arranca,
Te lacera o coração ?
« Novas me chegam agora,
Novas de grande pesar,
De que minha mãe é morta,
Meu pae vac a enterrar.
Os sinos da minha terra
Parece que ouço dobrar ;
Que duas irmãs que eu tenho
Ouço ao largo lamentar.
Para servir-lhes de amparo
Devo ao castello tornar ;
Monta, monta, cavalleiro,
Temos tempo de chegar.

Partem, chegam ao castello,
O pae á janella estava :
E rindo ao seu capitão
Dom Marcos assim fallava :

« Se me quizer namorar,
Oh tão lindo capitão,
Venha a casa de meu pae,
Porém na guerra isso não.

« — Oh meu filho, quem é esse
Que vos vem acompanhar ?
« É', senhor, um genro vosso,
Se o quizerdes acceitar.
« — Sete annos andou na guerra

Este meu filho barão,
 E ninguém o conheceu
 Senão o seu capitão.
 =Conheci-o pelos olhos,
 Que por outra cousa não.

5

ESTORIA DO BRAVO-FRANCO

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

(Versão da Calheta)

La filha de Dom Rodrigo
 Está á sua gelosia,
 E passou lo Bravo-Franco,
 E pediu quem lh'a daria.
 Seu padre, lhe respondeu
 Que dal-a filha não qu'ria.
 Tambem la madre fallou,
 Cheia de grã soberbia:
 Que sua filha não dava
 A duque nem a marquez,
 Nem por tanto do dinheiro
 Que lhe contassem n'um mez.
 Mas Bravo-Franco tornou,
 Furtou-la, em que lhe pez;
 Chorava la triste moça
 Lagrimas a tres e tres.

—Acaba já de chorar,
 Cal'-te, cal'-te, que te pez:
 Se choras por padr' ou madre,
 Nunca jámais tu los vês;
 Se choras por teus irmãos,
 Los matarei todos tres.

«Não choro padre nem madre,
Que nunca mais heide vêr ;
Não choro los meus irmãos,
Que nunca mais heide ter ;
Só choro minha fortuna,
Que não sei qual hade ser.
— Tua fortuna, oh moça,
Eu t'a digo de uma vez :
Quero-te minha manceba,
Ou por bem, ou que te pez.
«Já não choro la fortuna,
Que bem gostei de saber ;
Ser eu la vossa maceba
Eu lo desejo de ser.
Emprestae-me, Bravo-Franco,
Lo vosso punhal ingrez ;
Quero cortar estes nós,
Ou por bem, ou que me pez.

Bravo-Franco m'emprestou
Lo seu bom punhal ingrez ;
Eu puz-m'a lo punhalar,
Facadas a tres e tres :
Assim me livreí d'affronta,
E meus irmãos todos tres.

«Bravo-Franco, ficas morto,
Bem morto. em que te pez !

Cavallo que me trouvera,
Se tornou a me levar
A mi padre e mi madre,
Com quem me convém estar.
Quando mi madre me viu,
Me perguntou enfadada :

- «D'onde vindes, minha filha,
 Que vindes tão sanguentada?
 «De matar lo Bravo-Franco,
 Que me levava furtada.
 — «Se isso é como dizeis,
 Sêde vós abençoada,
 E nos valha a Virgem santa,
 Nos acuda lo Deus Padre,
 E Jesus que nos defenda,
 Esp'rito Santo nos guarde.



A do Gallo-Franço

(Variante de Machico, da Estoria de Bravo-Franco)

La viuva de Rogerio
 A sua filha mui qu'ria,
 E veiu lo Gallo-Franço.
 E por mulher lh'a pedia.
 La madre lhe respondeu,
 Com muita grã soberbia,
 Que nem a marquez nem duque
 Sua Ignez não daria,
 Nem por tanto do dinheiro
 Que n'um mez se contaria.
 Um duque não era elle,
 Nem sequer era marquez;
 Nem lhe veiu contar dote.
 Sequer um' hora d'um mez;
 Mas veiu furtar-lh'a filha
 A' força, em que lhe pez!
 N'uma torre a sete chaves,
 Preza tem Dona Ignez,
 Que se desfaz a chorar
 Lagrimas a tres e tres.

- Que estás tu chorando?
 Cal'-te, cal'-te, em que te pez,
 Não me chores la tua madre,
 Que tu nunca mais la vês;
 Tão pouco los teus irmãos,
 Que los matei todos tres.
 «Eu não choro la mi madre,
 Nem meus irmãos todos tres :
 Só choro minha ventura,
 Que não sei que de mim fez.
- La tua ventura, moça,
 N'estes meus olhos bem lês;
 Vaes sel-la minha manceba,
 Ou por bem, ou que te pez.
 «Ficac-vos sósinha, madre,
 Sem los filhos todos tres;
 Qu'eu cá estou com os meus amores,
 Nem m'importa que te pez.
 Ai, afogado vestido,
 Quero rasgar-te de vez;
 Emprætae-me, meu Gallinho,
 Lo vosso punhal ingrez.»

Gallo-Frango, namorado,
 Deu-me seu punhal ingrez;
 E, com tal gana lhe dei
 Punhaladas tres a tres,
 Que morto logo ficaste,
 Meu franguinho, que te pez!
 E, vingada minha affronta
 E meus irmãos todos tres,
 No cavallo, que me trouve,
 Fui p'ra casa outra vez.

- «D'onde vindes, qu'rida filha,
 Que vindes tão açodada?

«De matar lo Gallo... Frango,
Que me levára roubada.
La morte de meus irmãos
Deixei na d'elle vingada...

—«Ai, filha que me dizeis?!
Sêde, filha, abençoada,



ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

Dom Franco

(Versão da ilha de S. Jorge, da Estoria de Bravo-Franco)

Lá no mais alto da serra,
Em terra de massapez,
Morava uma menina
Chamada Dona Inez;
Os seus paes a não davam
A duque, nem a marquez.
Passara um cavalleiro,
Lhe pegára e levára;
Chegam ao meio da serra
A descaçar se assentara.
Fôra olhar para ella.
A vira estar a chorar:

—Que tendes, Dona Inez,
Que tendes, que 'staes a chorar?
Se choraes por vossos paes
Vós os não tornaes a vêr;
Se choraes vossos irmãos,
Eu matei-os todos tres.
«Eu não choro por meus paes,
Se os não torno a vêr;
Choro por meus irmãos,
Que um d'elles era marquez.

Emprestae-me a vossa faca,
 Vosso cutello joanez,
 Que eu quero desmanchar galas,
 Galas que minha mãe fez.
 Tomae lá a vossa faca,
 Vosso cutello outra vez,
 Que a morte de meus irmãos
 Está vingada a todos tres.

—●—

Dona Inez

(Variante da Ilha de S. Jorge, da Estoria de Bravo-Franco)

Lá por traz d'aquella serra
 Vae uma serra Monez,
 Onde vae uma menina
 Chamada Dona Inez,
 Que seu pae a não dava
 A duque, nem a marquez;
 Nem a dava por dinheiro
 Que se contasse n'um mez.
 Veiu o duque da Turquia
 E furtou a Dona Inez.

«Dè-me cá, senhor Dom Franco,
 O seu punhal joanez,
 Que eu quero desmanchar galas,
 Galas que minha mãe fez.
 Tome lá, senhor Dom Franco,
 O seu punhal outra vez,
 Que eu quero vingar a morte
 De meus irmãos todos tres.

O caso de Dona Inez

(Versão de PONTA DELGADA — Ilha de S. Miguel, da Estoria de Bravo-Franco.)

Em Lisboa está castilla
 Que á custa de el rei se fez,
 Tambem está uma menina
 Chamada Dona Inez.
 Seu pae não a quer dar
 Nem a duque nem a marquez,
 Nem a quem tenha dinheiro
 Que elle contara n'um mez.
 Furtou-a um rico Franco,
 Furtou-a, que assim lhe pez.

Ella no meio do caminho
 Princiária a chorar,

—O que tendes, Dona Inez,
 Que estaes posta a bom chorar?
 Se choraes por pae ou mãe
 Já não os tornaes a vér;
 Se choraes por vossos irmãos,
 Já os matei todos tres.
 «Não choro por pae nem mãe,
 Nem meus irmãos todos trez,
 Que eu a Deus dou este manto,
 Mais tambem a quem me fez.
 Empresta-me, rico Franco,
 O teu punhal francez,
 Quero descozer barras de oiro
 Que meu pae el-rei me fez.

Ella pegou no punhal,
 Pelos peitos lh'o metera;

«Fica-te ahi, rico Franco,
Com o teu punhal francez,
Que eu já satisfiz a morte
De meus irmãos todos tres.

6

DOM ALEIXO

(Versão da BEIRA ALTA e Lisboa.)

Nós eramos tres irmans,¹
Todas tres de um egualhar;
Uma ensinava á outra
A cozer e a bordar.
A mais pequena de todas
Se foi, por noite, a folgar²
Com duas tochas accesas
Á porta do laranjal.³
Vestiu vestido de pagem
Que lhe ficava a matar,
Seu punhal de oiro na cinta,
Seu borzeguim de alamar.
Foi-se pela rua abaixo,
Tornou acima a voltar:

«Das tres irmans que aqui moram,
A qual heide eu namorar?—

¹ É visível o erro e corrupção das lições que, faltando á rima obrigada, lêem como n'esta:

Nós eramos tres irmans,
Todas tres de um parecer;
Uma ensinava á outra
A bordar e a cozer. — *Beir'alta*.

² Andava pelo pomar. — *Lisboa*. = ³ Ao redor do laranjal — *Beir'alta*.

Nós de dentro do balcão,
 A rirmos de seu brincar.¹
 As tochas tinha apagado,
 Vinha sahindo o luar,
 Passando junto da porta,
 Que os olhos foi a baixar,
 Viu estar um ermitão
 Assentado no poial.

«Que fazeis aqui, meu padre,
 Que fazeis n'este logar? —

O ermitão, sem responder,
 Começou-se a levantar...
 Tam alto em demasia,
 Alto, alto de pasmar²

«Se tu és a coisa má,
 Eu te quero esconjurar,
 Ou se és alma que anda em penas,
 Te farei encommendar.³
 —Eu não sou a coisa má
 Que tenhas de esconjurar;
 Tambem não sou alma em penas
 Para tu me encommendar:
 Sou a alma de Dom Aleixo,
 Que aviso te venho dar:⁴
 Sete te estão esperando
 Na esquina, áquelle portal,
 E juram por Deus sagrado
 Que a vida te hãode tirar.

¹ Folgar.—*Beir'alta*.—² Que era coisa de pasmar.—*Lisboi*.—³ Fa-
 ei encommendar a tua alma, rezar por ti, dizer missas, etc.—⁴ Que te
 venho avisar.—*Lisboã*.

«Pois eu por esse lhe juro,¹
E pela Virgem Maria,
Que outros sete que elles foram,
Eu atraz não tornaria.
Oh lá, oh lá, cavalleiros,
Não levem de covardia,
Puchem por suas espadas,
Que eu pucharei pela minha.
O que não trouxer espada,
Eu esta lhe emprestaria,
Que eu cá com meu punhal de oiro
Defenderei minha vida.

Palavras não eram ditas,
O ermitão se descobria;
Foi a tomál-a nos braços
Com sobeja demasia...
Ella com seu punhal de oiro,
Que na cintura trazia,
Tal golpe lhe deu nos peitos,
Que alli por morto cahia.

«Quem te matou, Dom Aleixo,
Quem te matou, minha vida?
—Mataste-me tu, senhora,
Que outro ninguem não podia.
Ergue-te, Dona Maria,
Bem calçada e mal vestida,
Agora, por mais que chores
Tua alma fica perdida.

¹ Pois pelo mesmo te juro. — *Eiv'alta.*

Dom Aleixo

(Versão da Foz do Douro)

Na cidade de Madrid,
Na melhor que el-rei tenia,
Havia um cavalleiro,
Dom Aleixo se dizia ;
O cujo tal cavalleiro
Namorava uma donzilla.
Ella lhe pediu tres cousas
Que ao seu corpo convenia :
Uma que fosse sósinho
Sem mais outra companhia ;
Outra pela meia noite
Quando a gente dormia

Inda as dez não eram dadas,
Dom Aleixo se vestia,
Seu capacete de grana,
Seu chapéo á bizarria.
Pegando na sua espada,
Foi para vêr sua amiga ;
Chegando a um alvoredo
Penhascos o cobririam :

—Não me atireis com pedras,
Que pedras é cobardia ;
Pucha pela tua espada,
Que eu tambem trago a minha.
Se algum d'ahi não a tem,
Eu lhe emprestarei a minha.
Cessae, cessae, oh vilões,
Não uzeis de mais porfia,

Quero fazer testamento
Da fazenda que tenia :
A minha alma dou a Deus,
E á Virgem Santa Maria ;
O meu corpo tão valente
Já o dou á terra fria,
Coração á minha dama
Discreta Dona Maria.

Rescordou Dona Maria
Do somno em que jazia :

« Quem te matou, Dom Aleixo ?
Quem te matou vida minha ?
— Os ladrões de teus irmãos
Já me tiraram a vida.
Perde quem anda de noite
Ganha quem anda de dia ;
Perde quem tem seus amores
Que d'elles se não retira.

Puchou por um faquim de ouro
Que á sua cinta trazia :

« Quero sacar a minha alma,
Quero levar companhia.

Dom Aleixo

(*Versão de Lisboa*)

Lá nas bandas de Madrid
Onde a còrte residia,
Morava um cavalleiro,
Alto elle em demasia;

Pelo nome se chamava,
 Dom Aleixo se dizia.
 Namorava uma senhora
 Chamada Dona Maria;
 Ella lhe pediu tres cousas,
 Que elle faltar não podia:
 Uma, — que viesse tarde,
 Depois que a gente dormia;
 Outra — que viesse armado
 Para lhe guardar subida;
 Outra — que viesse só,
 Sem nenhuma companhia.

Meia noite não é dada,
 Dom Aleixo já se erguia,
 Chamando pelos seus pagens
 Que elle alli tenia,
 Preparando-lhe o cavallo
 N'elle se amontaria;
 Sapato de lã calçado,
 Malha de meia vestia.

.....
 Viola de oiro na mão
 Lindo romance fazia.
 Descendo por uma calha,
 Indo por outra acima,
 Encontrou um Penitente
 Alto elle em demasia:

«Se tu és alma penada,
 Eu de ti me benzeria;
 Se vens a catar remedio,
 Muito bem eu te daria.
 —Nem venho a catar remedio,
 Eu não sou alma perdida,
 Sou a morte de Dom Aleixo

Que a avisar-lo venia :
Sete vos estão esperando
Ao pé d'aquella esquina,
E o menor d'elles todos
Vos hade tirar a vida.

Indo uma calha abaixo,
Indo por outra acima,
A pelota era tanta
Que já livrar-se não podia.

«Oh vilones, oh vilones,
Da maior vilanaria,
Não atireis com pelota
Que é jogo de rapazia;
Se vós não tendes espada,
Eu vos empresto a minha,
Co'o alfange que aqui trago
Vos heide tirar a vida.

Os quatro já eram mortos
E os outros tres fugidos iam,
E o menor d'elles todos
Que na retirada ia,
Atirou com uma pelota
Que na frente lhe daria !
Aos gemidos que elle dava
Acudiu Dona Maria :

— «O que tens, oh Dom Aleixo,
O que tens, oh alma minha?
Perde quem anda de noite,
Ganha quem anda de dia ;
Perde quem serve os amores
Se d'elles se não desvia,

Dom Aleixo, se morreres,
Deixa-me esta violinha.

«A violinha ali fica
Sobre o cabo dourado;
Dona Maria, se eu morro
D'esta que estou achacado,
Enterrem-me n'esta rua
Aonde eu fui namorado;
No travesseiro me ponham
Um letreiro esmaltado,
Que digam aos Cavalleiros:
=Este foi o mallogrado,
Que morreu de mal de amores,
Que é mal bem desesperado.

— ● —
Dom Aleixo

(Versão de Loulé — ALGARVE)

Na cidade de Madrid,
Entre los grandes vivia
Nobre e bello cavalleiro,
Que era a flôr da fidalguia.
Dom Aleixo lhe chamavam,
Dom Aleixo se dizia,
Secretario era do rei,
E el-rei mui bem lhe queria.
De amores elle tratava,
Com dama de alta valia,
Camareira-mór de el-rei,
Chamada Dona Maria;
De dia andava-lhe á porta,
E de noite a perseguia.

«Tres cousas te peço, Aleixo,
Que á tua honra pretendia :
Primeira, que venhas tarde,
E quando a gente dormia ;
Segunda, que venhas só,
Sem nenhuma companhia ;
Terceira, que tragas armas,
Como é uso e cortezia.

Dom Aleixo de contente
Pelas callas não cabia ;
Foi deitar-se ao sol posto,
O que d'antes não fazia.
Meia noite que era em ponto,
Dom Aleixo que se erguia.
Perguntou-lhe então o pagem :
Se elle queria companhia ?

—Eu companhia não quero,
Nem d'elle precisaria ;
O punhal de oiro que levo
Meu peito defenderia.

Calha abaixo, calha acima.
Dom Aleixõ se partia,
Encontrou um penitente
Que mui perto o vigia ;

—Dize, se és alma penada
Pelas ruas da agonía ;
Que se vens buscar confôrto
Conforto eu te daria,
=Eu não sou penitente,
Nem faço penitência :
Sou o anjo da tua guarda,
Só assim te avisaria.

Não te vás por esta noite
 Visitar Dona Maria;
 Estão lá sete ladrões
 Contra a tua bizarria,
 —Jurei ao senhor d'Arceolo
 Que p'ra traz não voltaria,
 Um punhal de oiro que levo
 Meu peito defenderia.

Calha abaixo, calha acima,
 Dom Aleixo se partia;
 Mas a pedra era tanta
 Que na calha não cabia.

—Alto lá com essas pedras,
 Estylo de vilania;
 O puchar pelas espadas
 E' signal de fidalguia;
 Se por ventura as não têm,
 Eu a minha prestaria.
 Um punhal de oiro, que levo,
 Meu peito defenderia.

Calha abaixo, calha acima,
 Dom Aleixo que partia;
 Mas as pedras eram tantas,
 Que Dom Aleixo cahia;
 E os gritos eram taes,
 Que acudiu Dona Maria.

«Que é isto na minha rua?
 Oh que mortes haveria!
 Quem te matou, Dom Aleixo?
 Quem matar-te mandaria?
 —Mandastel-o vós, senhora,
 Com traição e covardia.
 Não se me dá de morrer,

Que vida assim mal servia,
Bem certo dizer é esse
Que desde infante eu ouvia :
=Perde quem anda de noite,
Ganha quem anda de dia ;
Perde quem tem seus amores
Quando em donzella se fia. =
Se d'elles não me fiasse
Tão cedo não morreria,

(Variante de Lagos)

Namorando-se Dom Aleixo
Com Dona Isabel Maria ;
De dia ronda-lhe a porta,
De noite lhe fallaria.

—D'onde vaes, oh, Dom Aleixo ?
«Vou á de Dona Maria.
—Volta p'ra traz, Dom Aleixo,
Não sigas tal romaria,
Que lá estão sete ladrões
Para te tirar a vida.
«Outros sete que elles fossem,
Eu atraz não voltaria ;
Com punhal de oiro que tenho,
Com elle me defenderia.

Chegado lá mais adiante,
As pedradas que zuniam.

«Oh ladrão d'essas pedradas,
Isso não é valentia ;
Puchem pelas espadas,
Briguem á fidalguia.
A'quelle que não na tiver,

Eu a minha lhe emprestaria ;
Com punhal de oiro, que tenho,
Com elle me defenderia.

Lembraram-se de uma pistola
Que na algibeira traziam ,
Já o sangue era tanto,
Que pela calha corria ;
Quem havia de accudir aos gritos ?
Dona Isabel Maria.

«Não me enterres na egreja,
Nem no adro que é sagrado ;
Enterra-me áquella esquina
Onde eu fui tão namorado,
Para quem passar, que diga :

=Olha um triste desgraçado,
Que não morreu de velho,
Nem tampouco mallogrado ;
Que morreu de mal de amores,
Que é um mal desesperado. =



As tres irmãs

(Versão de Faro — ALGARVE, de Dom Aleixo)

Estando as tres irmanas
Sentadas ao seu lar,
Ensinando uma p'r'a outra
A coser e a bordar,
Dizendo a mais velha :

—Mana, vamos a deitar.
A mais moça respondeu :

«Mana, vamos ao quintal;
Levamos tochas acezas
Debaixo do parreiral,
Que lá está um velhinho
Que eu quizera matar.

—«Já o sangue era tão basto,
Que a casa de meu pae foi dar.
Meu pae, abra-me essa porta,
Abra-m'a de par em dar,
Que eu aqui venho ferido,
Que me quizeram matar.

—Meu filho, quem te fez isso?
Que eu me quero ir vingar?

—«Foram as tres irmanas
Debaixo do parreiral;
Uma chama-se Maria,
Outra chama-se Guiomar,
A outra chama-se Esp'rança,
Que eu espero alcançar.
Meu pae, quando eu morrer
Não me enterre em egreja,
Nem adro que sôr sagrado;
Enterre-me áquelle canto
D'onde eu fui namorado;
Quem por 'qui passat' que diga:

—Já morreu o mallogrado,
Morreu de mal de amores.
Que é um mal desesperado.—
Ponham-me aqui um letreiro,
Rezando á Virgem-Maria:
—Perde quem anda de noite,
Ganha quem anda de dia.—

Dom Aleixo*(Versão do Algarve)*

Lá na cõrte de Castella
Entre los grandes vivia
Nobre e altivo cavalleiro,
Que era a flor da fidalguia.
Dom Aleixo lhe chamavam,
Dom Aleixo se dizia ;
Secretario era d'el-rei,
E el-rei mui bem lhe queria.
De amores elle tratava
Com damá d'alta valia ;
De dia andava-lhe á porta
E de noite a perseguia.

—Sete annos tenho de amores,
Sete annos e mais um dia ;
Vae ser cumprida a palavra,
Jurou que não faltaria,
Que esta noite á meia noite
Aos meus braços se daria.
«Tres cousas te peço, Aleixo.
Que a tu'honra pretendia,
A' uma que venhas só,
Que não tomes companhia ;
A' outra que tragas armas
Como é uso e cortezia,
E que o teu pagem não saiba
O que saber não devia.

Dom Aleixo que tal ouve,
Muito altivo ficaria ;
Inda o sol ia correndo,
Elle já se deitaria.

Meia noite quasi a pino,
Da cama logo se erguia;
Vestira sáia de malha,
Seu capacete lumbria;
Na mão espada levava,
No cinto adaga escondia.
Ao sair encontra o pagem
Que os passos lhe já seguia,

—Eu só me vou esta noite,
Eu só, sem mais galhardia;
De volta serei comvosco
Antes que amanheça o dia,

Rua abaixo caminhava,
Rua acima se volvia,
Vira vir um penitente
Que mui de perto o vigia.

—Diz'-me se és alma que pena
Pelas ruas d'agonia,
Que se vens buscar confôrto.
Salvação te já daria.
«Penando de ha muito estava
Porque ainda te não via.
Eu sou teu anjo da guarda,
O anjo da tua guia,
Que venho aqui avisar-te
Que te esperam á porfia
Sete espadas de emboscada
Contra a tua bizarria.
—Outras tantas que ellas fôssem,
Atraz eu não voltaria;
Com um só palmo de ferro
Minha vida guardaria.

Desapparece o phantasma,
Que um anjo bem parecia.
Volta abaixo o cavalleiro
E acima logo volvia ;
N'isto as pedras eram tantas.
Que até o ár se movia,

—Guar'-te, guar'-te, ó meus villões,
Não useis de vilania ;
Arrancae melhores armas,
Que eu por mim não fugiria ;
Ao que espada não trouvesse,
A minha lhe eu já daria ;
Com um só palmo de adaga
Todos sete mataria.

Avança, e todos por terra,
Bem mortos os julgaria ;
Mas um dos sete que escapa
Fundo golpe lhe daria.
Aos gritos do cavalleiro
A dama logo acudia.

«Quem te mata, Dom Aleixo,
Quem matar-te mandaria ?
—Mandaste-lo vós, senhora,
Com traição e covardia !
Não se me dá de morrer,
Que vida assim mal servia ;
Por minha mãe, que é já velha,
Eu só gritava e gemia.
Bem certo dizer é esse,
Que desde infante eu ouvia :
Perde quem anda de noite,
Ganha quem logra de dia,

Perde quem tem seus amores
Quando em donzellas se fia.
Se d'ellas não me fiára,
Tão cedo não morreria.



ARCHIPELAGO DOS AÇORES

Dom Aleixo

(Versão da :lha de S. Jorge)

Levantou-se Dom Aleixo
Da cama d'onde dormia,
Chegou a sua janella
A vêr que horas seriam.
E' meia noite passada,
Outra meia está por vir;
São horas de caminhar
A quem tem de seguir.
Aleixo como valente
Adiante caminhou;
Encontrou um vulto preto,
D'onde se não assustou.

- Que fazes, oh vulto preto,
Que fazes, alma penada?
«Sou a morte, Dom Aleixo,
Que te venho dar aviso;
Qua na côrte estão sete homens
Para te tirar a vida.
—Antes que sejam mais sete,
Não fazem valentaria!

Aleixo, como valente
Adiante foi seguindo;

Os vira estar todos sete,
 Onde não se assustou.
 Chegou onde elles estavam
 D'esta sorte lhes fallou :

—Que fazeis, oh gente nobre?
 Que fazeis, oh gente ousada?

Elles como eram sete
 Nenhum lhe respondeu nada.
 Aleixo, como valente,
 Desembainhou sua espada.
 Levou a dois de um golpe,
 A tres de uma cutilada;
 Os outros dois que ficaram
 A cabeça lhe cortaram,
 E a levaram a sua mãe
 Na ponta da sua espada!
 Sua mãe quando tal viu.
 Começou de prantear:

—«Eu tambem te avisei, filho,
 E melhor te aconselhava;
 Que as tuas saídas de noite
 Não davam ganho, nem nada.
 —Conselhos de minha mãe
 Eu havia-os ter tomado;
 Antes quiz morrer d'amores,
 Do que deixar de amar!
 Peço a minha mãe,
 Faça bom enterramento;
 Uma sepultura de prata,
 Forrada de ouro por dentro.
 Perde quem serve os amores,
 Ganha quem os não servia;
 Perde quem anda de noite,
 Ganha quem anda de dia.

Dom Aleixo

(Variante da Ilha de S. Jorge)

Na cidade de Hungria
Passeava um cavalleiro,
Cavalleiro, gente nobre,
E' chamado Dom Aleixo.
O chamado Dom Aleixo
Uma noite que safa,
Vira estar um Ermitão
Oh bem alto, em demasia!

- Se tu és carne humana,
Vae na minha companhia;
Se tu és alma que pena,
Eu te esconjuraria.
«Eu não sou carne humana,
Que te vá em companhia;
Tambem não sou alma em pena
Que tu me esconjurarias;
Sou a morte de Dom Aleixo
Que te venho avisar,
Na côrte estão sete homens
Para a vida te tirar!
- Antes que sejam outros sete
Dom Aleixo não temia;
E juro por minha espada,
Por a sagrada Maria,
Vou cumprir uma promessa.
Que fiz a Dona Maria.

Palavras não eram dadas
As espadas retiniam.
Quatro já estavam mortos,
E trez já eram feridos;

O mais pequenino d'elles
Uma pedra lhe atiraria.

—Magano, não jogues pedras,
Que é guerra de covardia;
Jogae a vossa espada
Que é guerra de valentia!
Se essa vossa vos não vale,
Vos emprestaria a minha.

Aos gritos de Dom Aleixo
Acordae, Dona Maria!

—Vós me matastes, senhora,
Vossos irmãos não podiam.
Dêem-me tinta e papel,
Oh minha escrivanaria,
Quero deixar os meus bens
Todos a dona Maria,
Que não morra por amores
Que foi porque m'eu perdi.

Mal de amores não tem cura,
Que é um mal desesperado;
Quem morre de mal de amores
Não se enterra em sagrado,
Enterra-se em campo verde,
Onde vae pastar o gado.



BRASIL

—
Dona Maria e Dom Arico

(Versão do Rio de Janeiro, de Dom Aleixo)

—No pino da meia noite
O que é que está aqui?

Si tu és alma penada,
Remedio te quero dar;
Si é cousa do outro mundo,
Quero-te desconjurar,
«Eu não sou alma em pena
P'ra vós remedio me dar;
Nem sou cousa d'outro mundo
Para vós me desconjurar.
Lá detraz d'aquella esquina
Estão a vos esperar.
—Pelos sete que lá estão,
Meu pé atrás não voltaria;
Dom Arico hade cear
Em casa de dona Maria.
Não jôgo jogo de bala,
Que é jogo de covardia;
Jôgo com jogo de espada,
Que é jogo de valentia.

Dom Arico matou seis;
Ficou um por mais menos,
D'elle conta não fazia,
Este atirou-lhe uma bala
Da mais alta que havia;
A bala caiu no peito,
E o peito lhe feria.
Dom Arico foi cahir
Na porta de Dona Maria;
Pelos ais e os gemidos
Acordava quem dormia.

—O que não dirão agora?
Que mataram este coitado!
Que morreu de mal de amores,
Que é um mal desesperado.

Si me acharem aqui morto,
Não me enterrem em sagrado;
Me enterrem em campo de rosas
Das quaes eu fui namorado.
Trazei papel, trouxe tinta,
Trazei vossa escrevaninha;
Eu quero escrever saudades
No vosso peito, Maria.

1

REGINALDO

(*Versão da BEIRA*)

- «Reginaldo, Reginaldo,
Pagem d'elrei tam querido,
Não sei porquê, Reginaldo ¹
Te chamam o atrevido.
—Porque me atrevi, senhora,
A querer o defendido.
«Não fôras tu tam covarde,
Que já dormiras commigo.
—Senhora, zombaes de mim,
Porque sou vosso cativo.
«Eu não n'ô digo zombando,
Que devéras te lo digo.
—Pois quando quereis, infanta,
Que vá pelo promettido?
«Entre las dez e las onze, ²
Que elrei não seja sentido.

¹ A lição da Extremadura e muitas outras omittem estes seis versos, e completam a primeira copia com est'outros dois :

Bem podéras, Reginaldo,
Dormir um dia commigo.

A adoptada no texto é do *Alemtejo*.

² Entre la uma e as duas,
Quando el-rei esteja dormindo, — *Alemtejo*.

Inda não era sol pôsto,
 Reginaldo adormecido ;
 As dez não eram bem dadas,
 Reginaldo já erguido.
 Calçou sapato de panno,
 Que d'el-rei não fosse ouvido,
 Foi-se á camara da infanta,
 Deu-lhe um ai, deu-lhe um gemido.

«Quem suspira a essa porta,
 Quem será o atrevido ?
 — É Reginaldo, senhora,
 Que vem pelo promettido.
 «Levantae-vos, minhas aias,
 Que assim Deus vos dê marido !
 E ide abrir mansinho a porta,
 Que el-rei não seja sentido.

Vela o pagem toda a noite...
 Por manhan é adormecido ;
 Chamava o rei que chamava, ¹
 Que lhe dêsse o seu vestido :

— «Reginaldo não responde;
 Alguma tem succedido !
 Ou está morto o meu pagem
 Ou grande traição ha sido ! ²

Responderam os vassallos ³
 Que tudo tinham sentido :

¹ Lá por sobre a madrugada
 Pedê el-rei o seu vestido. — *Alentejo*.

² Ou traição tem commettido. — *Estremadura*.
 Ou traição me ha commettido. — *Bair'alta*.

³ Accode d'alli um pagem
 Que é de Reginaldo amigo :

«—Morto não é Reginaldo,
De somno estará perdido.

Vestiu-se el-rei muito á pressa,
E leva um punhal comsigo ;¹
Vae correndo sala e sala,
Abrindo porta e postigo ;
Chega ao camarim da infanta,
Entrou sem fazer ruido.
Dormiam tam socegados
Como mulher e marido.
De nada do que passava
De nada davam sentido !
Acudiram os vassallos,
Que viram a el-rei perdido :

«—Nunca vossa magestade
Mate um homem adormecido.²

Tira el-rei seu punhal de oiro,
Deixa-o entre os dois mettido,
O cabo para a princeza,
Para Reginaldo o bico.
Ia-se a virar o pagem,
Sentiu cortar-se no fio :

—Acorda já, bella infanta,
Triste somno tens dormido !
Olha o punhal de teu pae
Que entre nós está mettido.

—«Não é morto Reginaldo
Nem traição tem commettido.

—«Então está Reginaldo
Com a princeza dormindo ! — *Beirabaixa.*

¹ Leva um terçado comsigo. — *Estremadura.*

² Dê n'um home' adormecido — *Minho.*

«Cal'-te d'ahi, Reginaldo,¹
 Não sejas tão dolorido;
 Vae já deitar-te a seus pés,
 Que el-rei é bom e soffrido;
 Para o mal que temos feito
 Não ha senão um castigo;
 Mas se el-rei mandar matar-te
 Eu heide morrer contigo.

— «D'onde vens, oh Reginaldo?²

— Senhor, de caçar sou vindo.

— «Que é da caça que caçaste,
 Reginaldo, o atrevido?

— Senhor rei, da caça venho;
 Mas não a trago commigo;
 Que trazer caça real
 À vassallo é defendido.

Só vos trago uma cabeça,
 A minha: dae-lhe o castigo.

— «Tua sentença está dada,
 Morrerás por atrevido.

Vêdes ora o bom do rei
 Dando voltas ao sentido:

— «Se mato a bella infanta,
 Fica o meu reino perdido...
 Para matar Reginaldo,
 Criei-o de pequenino...

¹ Vae-te deitar, Reginaldo,
 A seus pés muito rendido;
 Que el-rei tem bom coração
 E te hade casar commigo. — *Beirabaixa, Extremadura.*

² Estas tres coplas são ommissas em todas as lições, salvo na do Alemtejo, e em umas das do Porto.

Metel-o-hei n'uma tôrre ¹
 Por principio de castigo.
 Dizei-me vós, meus vassallos,
 Pois tudo tendes ouvido,
 Que mais justiça faremos
 N'este pagem atrevido?
 Respondem os condes todos,
 E muito bem respondido :

«—Pagem de rei que tal faz,
 Tem a cabeça perdido.

Já o mettem n'uma torre, ²
 Já o vão encarcerar;
 Mas anno e dia é passado,
 E a sentença por dar.
 Veiu a mãe de Reginaldo
 O seu filho a visitar :

—Filho, quando te pari
 Com tanta dor e pezar,
 Era um dia como este,
 Teu pae estava a expirar.

¹ A lição do Alemtejo termina o romance aqui com esta copla:

—«Levanta-te Reginaldo,
 Reginaldo atrevido,
 O castigo que te dou
 É que sejas seu marido.

Outra lição da mesma provincia continúa ainda depois:

Responderam os vassallos,
 Que tudo tinham sentido :
 —«Oh! quem teria a fortuna
 Que Reginaldo tem tido!
 Até 'qui pagem d'el rei,
 Agora filho querido!» — *Alemtejo*.

² Só as versões do Ribatejo trazem este episodio da torre.

Eu co'as lagrimas nos olhos,
 Filho, te estava a lavar ;
 Cabellos d'esta cabeça
 Com elles te fui limpar.
 E teu pae já na agonia,
 Que me estava a encommendar :
 Emquanto fòsses pequeno
 De bom ensino te dar,
 E depois que fòsses grande
 A bom senhor te entregar.
 Ai de mim, triste viuva,
 Que te não soube criar !¹
 A el-rei te dei por amo,
 Que melhor não pude achar :
 Tu vaes dormir co'a infanta,
 De teu senhor natural !
 Perdeste a cabeça, filho,
 Que el-rei t'a manda cortar !...
 Ai! meu filho, antes que morras,
 Quero ouvir o teu cantar.
 — Como heide eu cantar, mi madre,²
 Se me sinto já finir ?
 = Canta, meu filhinho, canta,
 Para haver minha benção,
 Que me estou lembrando agora
 De teu pae n'esta prisão.
 Canta-me o que elle cantava
 Na noite de San'João ;
 Que tantas vezes m'o ouviste
 Cantar c'o meu coração.
 — Um dia antes do dia
 Que é dia de San João,

¹ Ensinar — *Ribatejo*. = ² Mãe minha — *Ribatejo*.

Me encerraram n'estas grades
 Para fazer penação.
 E aqui estou, pobre coitado,
 Metido n'esta prisão,
 Que não sei quando o sol nasce,
 Quando a lua faz serão.¹

De suas varandas altas
 El-rei estava a escutar;
 Já se vac onde a princeza,
 Pela mão a foi buscar:

- «Anda ouvir, oh minha filha,
 Este tão lindo cantar,
 Que ou são os anjos no céo,
 Ou as sereias no mar.
 «Não são os anjos no céo,
 Nem as sereias no mar,
 Mas o triste sem ventura
 A quem mandaes degollar.
 — «Pois já revogo a sentença
 E já o mando soltar:
 Prende-o tu, infanta, agora,
 Pois contigo hade casar.

— ● —

Gerinaldo

(*Versão de Maçores* — TRAZ OS-MONTES, de Reginaldo)

«Gerinaldo, Gerinaldo,
 Pagem de El-rei mais querido,
 Por que não fallas de amor

¹ Em uma lição da Beir'alta vem o episodio da prisão com mais uma copla n'este cantar do preso, visível interpolação, que será fragmento

Quando te encontras commigo?
 —Não fôra eu seu creado,
 Que não mangára commigo!
 «Eu não mango, Gerinaldo,
 Que eu deveras t'o digo.
 Entre las dez e las onze,
 Quando o pae stava dormindo,
 Vem descalço, pés e pernas,
 P'ra não sermos presentidos.

Inda as dez não eram dadas,
 Já Gerinaldo a caminho,
 Vem descalço, pés e pernas,
 Para não fazer rugido.

«Oh, quem bate á minha porta,
 Quem arromba o meu postigo?
 —Sou Gerinaldo, senhora,
 Não falto ao promettido.

=Gerinaldo, oh Gerinaldo,
 Alcança-me o meu calçado...
 Ou Gerinaldo é morto,
 Ou elle me é refalsado!
 Gerinaldo, oh Gerinaldo.
 Alcança-me o meu vestido....
 Ou elle se me é pervertido.

(O rei sabendo de tudo)

=Vou matar o Gerinaldo,
 Criei-o de pequechinho;

de outra xácara ou cantiga, segundo tantos se encontram em muitas d'ellas:

Tenho aqui dois passarinhos
 Que me trazem alcanfôres
 Elles vão e elles vêm
 Com novas dos meus amores.

Para matar a princeza
Fica-me o reino perdido!

«Gerinaldo, oh Gerinaldo,
Nós sòmos presentidos!
O punhal de ouro do pae
Entre nós esta mettido.
Levanta-te, oh Gerinaldo,
Vae-lhe a fallar humilde,
O castigo que te hade dar
E' o de casares commigo.

=D'onde vens, oh Gerinaldo?

—Venho da caça perdido;
Só achei uma garça
Dentro d'aquelle castillo.

=Essa garça, Gerinaldo,
Foi creada no meu trigo;
Ama-a tu como mulher,
E ella a ti como marido.

(Versão de TRAZ-OS-MONTES)

«Gerinaldo, Gerinaldo,
Pagem de el rei mais querido,
Queres tu, oh Gerinaldo,
Tomar amores commigo?
—Vós, como sois ama minha,
Senhora, zombaes commigo.
«Eu não mango, Gerinaldo,
Que eu bem deveras t'o digo.
—Diga-me, minha senhora,
Quando irei ao promettido?
«Lá da uma para as duas,
Que meu pae esteja dormindo

Inda bem não era a uma,
Gerinaldo ao postigo,
Descalço de pé e perna
Para não fazer trupido.

«Oh quem bate á minha porta?
Oh quem é o atrevido?
—É Gerinaldo, senhora,
Que aqui vem ao promettido,
Descalço de pé e perna
Para não fazer trupido.
«Pousa ahi as tuas armas,
E deita-te aqui commigo.

El-rei sonhava um sonho
Que bem certo lhe sahiu:

«Ou dehonram a infanta,
Ou me roubam o castillo.

Levantou-se el-rei da cama
Com desgraçado sentido,
Pegou em sua espada
E foi dar volta ao castillo;
Achou-os ambos na cama
Como mulher e marido:

—«Eu se mato a Gerinaldo
Crici-o de pequechinho!
Se eu mato a dona infanta
Fica o reinado perdido.
Meto-lhe a espada no meio
Para que sirva de aviso.

Acordou o Gerinaldo,
Ficou mais morto que vivo.

«Não te assustes, Gerinaldo,
Que meu pae o tem sabido,
Se nos quizera matar
Poder estava comsigo.
Não te assustes, Gerinaldo,
Vem ter com o rei ao castillo.

- «D'onde vens, oh Gerinaldo.
D'onde vens espulverido?
—Venho de matar caça,
Senhor, da borda do rio.
—«Não me mintas, Gerinaldo,
Que nunca me tens mentido.
—Venho de regar as flôres,
Que ellas o estavam pedindo!
—«Pois toma-a por tua mulher,
E ella a ti por marido,

Dom Geraldo

(Versão de Villa Nova de Gaia, de Reginaldo)

- «Geraldo, meu Geraldinho,
Pagem de el-rei tão querido,
Quem me dera, oh Geraldo,
Uma noite só contigo!
—Vós, senhora, dizeis isso,
Porque eu sou vosso cativo.
«Não vol-o digo mangando,
Nem mangando vol-o digo.
—Se m'o não dizeis mangando,
A que horas posso vir?
«Entre a dez e as onze,
Que está meu pae a dormir.

As dez horas eram dadas,
E Geraldo ia a caminho.

«Oh, quem bate á minha porta,
Quem me arromba o meu quartinho?
—E' Geraldo que, senhora,
Vem cumprir o promettido.

Pegou n'elle pela mão
E foi deital-o consigo.
Era meia noite dada
El-rei a chamar se ouvia :

==Oh Geraldo, oh Geraldo,
Aonde estás tu metido?
Ou Geraldo é morto,
Ou de amores está cativo.

Respondia-lhe o escudeiro,
De Geraldo muito amigo :

—«Nem Geraldo é morto,
Nem d'amores está cativo,
Está a cumprir uma batalha,
Por causa d'ella está perdido.

Levantou-se el-rei da cama,
Rondar em palacio ia ;
Lá viu estar Geraldo
Na cama com sua filha ;
Puchou pelo punhal,
Porém considerou commigo :

==Se mato a Geraldinho,
Criei-o de pequenino ;
Se mato a minha filha,
Fica meu reino perdido.

Aqui fica o meu punhal
 No meio d'elles mettido,
 Para que acordando vejam
 O mal que têm commettido.

«Geraldinho, acorda, acorda,
 Acorda, que estás perdido;
 Está o punhal de meu pae
 Entre nós ambos mettido.

—Ai de mim, real senhora,
 Ai de mim, que estou perdido!
 «Vae-lhe tu dar os bons dias,
 Como humilde cativo.

—Bons dias, real senhor,
 Bons dias eu vol-o digo.
 Mandae-me matar, senhor,
 Que eu a morte hei merecido.

—Já que ella assim o quiz,
 Que vos tome por marido.

—Estou aqui, real senhor,
 Tenho honras por castigo.

(Versão de Loulé — ALGARVE)

«Gerinaldo, Gerinaldo
 Pagem de el-rei o mais querido,
 Bem podias, Gerinaldo,
 Dormir á noite commigo.

—A senhora está brincando
 Ou quer caçoar commigo?

«Eu não cação, Gerinaldo,
 Eu bem déveras t'o digo.

—Diga a senhora a que horas
 Heide vir ao serviço?

«Vem lá das dez para as onze,
 Que meu pae esteja dormindo.

A hora certa que dava,
Gerinaldo que era vindo.

«Quem é esse cavalheiro
Que a porta está abrindo?
—É', senhora, Gerinaldo,
Que é chegado ao serviço.
«Dá de mão a essa porta,
E vem deitar-te commigo.

El-rei que bem os ouvira,
Logo da cama descera;
De sapatinhos calçado
A muitas portas batera.
Foi ao quarto da princeza,
Viu Gerinaldo co'a filha,
De rosto com rosto unido,
Como mulher com marido.

—Eu se mato Gerinaldo,
Gerinaldo é meu amigo;
Eu se mato a infanta
Fica o reinado perdido.
Ahi fica o meu punhal
Entre um e outro mettido.

«Acorda, meu Gerinaldo,
O nosso somno é sabido;
Vê o punhal de meu pae
Entre um e outro mettido.

Gerinaldo, que isto ouviu,
Ficou mui desmorecido.

«Não te afflijas, Gerinaldo,
Não sejas desmorecido,
Vae-te aos pés de meu pae
E chora de arrependido.

O meu pae não é tão máo
Que te não case commigo.

- =D'onde vens, oh Gerinaldo,
D'onde vens espavorido?
—A vossos pés, meu senhor,
Venho buscar o castigo.
=Nunca pensei, Gerinaldo,
Que fosses tão atrevido;
Inda hontem meu vassallo,
Já hoje meu genro querido.
—Eu sou um vassallo vosso
Mas de linhagens reaes;
Sou filho do rei de Hespanha,
Neto do rei de Cascaes,
Sobrinho do Padre Santo,
Que quereis que eu seja mais?
=Se és filho do rei de Hespanha,
Neto do rei de Cascaes,
Sobrinho do Padre Santo.
Agora te quero mais.

(Versão de Lagos, Paderne, Estombar, Alvor, Aljezur e Monchique — ALGARVE)

- «Generaldo, oh Generaldo,
Meu conselheiro tão querido,
Bem podias, Generaldo,
Dormir á noite commigo.
—Eu creado sou de el-rei,
A princeza zomba commigo.
«Já te disse, Generaldo,
Na verdade já te disse.
—Pois diga-me a princeza
A hora a que heide vir?
«Vem das onze p'ra meia noite,
Quando el-rei esteja dormindo,

Inda as dez não eram dadas,
 Generaldo ao postigo,
 Elle ao quarto da princeza
 Fazendo grande rugido.

«Qual será o cavalleiro,
 Qual será o atrevido,
 A meu quarto fôra de horas
 Me faz tão grande rugido?
 — General'eu sou, princeza,
 Que venho ao vosso serviço.

Da cama se levantou,
 Descalça pelo ladrilho;
 Ella lhe pegou p'la mão,
 Como mulher com marido:

«Dá-me a mão, Generaldo,
 Vem-te aqui deitar commigo.

Toda a noite conversaram,
 P'la manhã estão dormindo.
 El-rei que acordou
 Do seu somno presentido:

=Generaldo, Generaldo,
 Dá-me cá o meu vestido.
 Ou Generaldo é morto,
 Ou traição me tem havido.

Calçou sapato de lona
 P'ra que não fosse sentido,
 Andando de quarto em quarto
 Ambos os achou dormindo;
 Viu estar rosto com rosto
 Como mulher com marido.

=Eu se mato a Gerinaldo
Criei-o de pequenino;
Eu se mato a princeza
Tenho o meu reino perdido.
Metto meu punhal a peitos,
Entre os dois está mettido,
O cabo para a princeza,
E a ponta para o amigo,
Para quando acordarem
Digam que é o somno sabido.

Generaldo, que acordou
De seu somno presentido:

—Acordae, minha princeza,
Que o seu pae já é sabido.
«Cala-te, oh Generaldo,
Não sejas tão desmorecido,
Que meu pae é dos bons homens,
Hade-me casar contigo.
Vae já dar-lhe a saber
Do que ha acontecido.

Generaldo chegou ao rei,
Como fôra em pequenino.

=Onde estavas, Generaldo,
Que não eras apparecido?
—Limpando os vossos cavallos,
Escovando os vossos vestidos.
=Generaldo, oh Generaldo,
Meu conselheiro atrevido,
Que inda hontem eras pagem,
Já hoje és genro querido.
—Se sou genro querido,
Tambem lhe quero explicar,

Sou filho d'el-rei de França,
 Neto do rei de Cascaes,
 Sobrinho do Padre Santo,
 Qual de nós seremos mais?
 — Desculpa-me, o Generaldo,
 Esta minha cortezia;
 Se eras de sangue real
 Eu é que o não sabia.

— ● —
 ARCHIPELAGO DA MADEIRA

—
 Estoria de Gerinardo

(Versão da Calheta, de Reginaldo)

«Gerinardo, Gerinardo,
 Pagem d'el-rei tão amigo,
 Quizera eu, Gerinardo,
 Dormil la noite contigo.
 — Eu sou um vassallo vosso,
 Senhora, zombaes commigo?
 «Eu não zombo. Gerinardo,
 E' devéras que t'o digo.
 — E quando qu'reis vós, senhora,
 Que venha aqui ao postigo?
 «Quando já el-rei meu pae
 Na cama fôr dormecido;
 Vem na palmilha das meias,
 Que tu bem sabes lo p'rigo.

Gerinardo, de contente,
 Dentro de si não cabia;
 E, quando el-rei n'alcôva
 A somno solto dormia,

Gerinaldo, descalçado,
Ao postiguinho batia :
E n'alcôva da princeza
Eu não sei lo que seria ;
Mas de noite não dormiram,
Que adormeceram já dia.
De manhã faltou lo pagem,
Quando el-rei se vestia ;
Que Gerinaldo no paço
A sua merçê servia.
Correu el-rei seu palacio,
Ninguem Gerinaldo via ;
Foi-se á alcôva da princeza,
Elle com ella dormia !
Quêdo el-rei se ficou
A cuidar no que faria.

=Eu, se mato minha filha,
Fica lo throno sósinho ;
P'ra matar a Gerinaldo,
Crici-o de pequenino....

E poz seu punhal entre ambos,
E foi fallando baixinho.
Ao depois, acordam elles
Do seu somno bem dormido:

«Ai Jesus, meu Gerinaldo,
Que tudo está perdido !
Vê lo punhal de meu pae
Entre nós aqui mettido.
Se tu fojes, Gerinaldo,
Eu tambem fujo contigo ;
Ou deita-te aos pés d'el-rei,
Que meu pae é teu amigo.

—Aqui venho, rei senhor,
 Pedir perdão, repellido.
 =Pelo certo, Gerinaldo,
 Que foste bem atrevido!
 —Rei senhor, se me atrevi,
 Fui primeiro pretendido.
 =Cal'-te, pagem confiado,
 Hasde ser d'ella marido;
 Não és da mesma igualha,
 Mas és lo seu escolhido.
 —Se não sou filho de rei,
 De reis venho descendido;
 De bastardia de França
 Meu cartel trago commigo:
 Pouca differença d'igualha,
 E pago lo não devido.

Oh, que festas vão na còrte!
 Oh, casamento luzido!
 Oh, Gerinaldo mansinho,
 E com fama de atrevido!

—●—

Gerinaldo

(Variante do Porto da Cruz, de Reginaldo)

«Gerinaldo, Gerinaldo,
 Lindo conde, meu tão qu'rido,
 Bem podias, Gerinaldo,
 Ser esta noite commigo.
 —Não zombeis de mim, princeza,
 Aqui estou/vosso cativo.
 «Eu não zombo, Gerinaldo,
 Coração nas mãos, o digo.

—Que hora mandaes, princeza,
Que eu venha a vosso pedido?
«Vem tu lá das dez p'r'as onze,
Que meu pae esteja dormindo;
Traze sapatos de hollanda,
P'ra não seres presentido.

Doze voltas de passeio,
Outras tantas de passinho;
P'r'a janella da princeza
Deram leve suspirinho.

«Quem será este atrevido?
(Diz la princeza, baixinho.)
—É este vosso cativo,
Lo conde Gerinaldinho.
«Ai, se vós sois Gerinaldo,
Assubi devagarinho.

Deitou-lhe escada de sêda,
Que não fôsse presentido.
Elles ainda no somno,
El-rei n'alcôva erguido.

==Gerinaldo! Gerinaldo!

Mas el-rei não foi ouvido.
Chamou-lo duas, tres vezes,
E nunca elle appar'cido.
Ou Gerinaldo é morto,
Ou traição ha commettido?

Foi-se á cama da princeza,
Lá estava elle despido;
Ambos 'stavam somno solto,
Como mulher e marido.

E vendo-los assim ambos,
Disse el-rei enfurecido :

=P'ra matar a Gerinaldo,
Criei-lo desde nacido ;
P'ra ir matar la princeza,
Meu sangue vae-me perdido . . .
Fica-te, punhal, entre elles,
De aviso ao atrevido.

«Gerinaldo, Gerinaldo,
Meu segredo foi sabido ;
Que meu pae já aqui veiu,
Seu punhal 'qui está mettido.

Gerinaldo embaçou,
Ficou calado, tollido :

«Não embaces. Gerinaldo,
P'ra que és tu atrevido ?
Deita-te aos pés de meu pae,
Que de meu pae és mui qu'rido.
Bem no vês, se elle quizesse,
Tu já terias morrido.

—Aqui me tendes, bom rei,
Mandae-me pôr a castigô.
=Gerinaldo infiel,
Fôste muito atrevido.
—Eu não no fui, rei senhor ;
Fui primeiro commetido.
=Hoje mesmo, na egreja,
Serão mulher e marido.

Gerinaldo lá casou
Com uma filha de rei ;
Mas, se la gosou donzella,
Não sou eu que jurarei.

Leonardo

(Variante de Camara de Lobos, de Reginaldo)

«Leonardo, Leonardo,
Pagem d'el-rei tão querido,
Bem puderas, Leonardo,
Ser duas horas commigo.

—No mangueis de mim, senhora,
Que sou um vosso cativo.

«Eu não mango, Leonardo,
É deveras que lo digo.

—Senhora, quando mandaes
Que venha em vosso serviço?

«Vem ás dez, ou vem ás onze,
Que meu pae esteja dormido;
Traze capa e capuz,

Que não sejas conhecido;
Traze sapatos de lã,
Que não sejas presentido.

«Quem 'hi bate á minha porta
Bem se póde d'ahi ir.

—Sou Leonardo, senhora,
Que venho por vos servir.

«Venhas em bem, Leonardo,
Minha porta vou abrir.

Ambos em cama de rosas
Se deitaram sem dormir,
Senão sobl' a madrugada,
Já manhansinha a luzir;
E a dormir inda estavam
Depois d'el-rei se vestir.
Nem Leonardo, nem ella,
Nenhum d'elles appar'cia.

=Minha filha, onde estás?

Com Leonardo dormia.
 El-rei entra-lhe n'alcôva,
 Eu não sei que lá faria;
 Mas acharam entre si
 Lo punhal que el-rei trazia.

«Ergue-te já, Leonardo,
 Fuge, fuge, amor querido,
 Que lo punhal de meu pae
 Entr'ambos bem vês mettido!
 Fuge, fuge! Se não fojes,
 Leonardo, estás perdido.

Já Leonardo fugia,
 Sae-lhe el-rei enfurecido:

=Leonardo, p'ra vassallo
 Foste muito atrevido.
 —Rei senhor, se' tenho culpa,
 A' culpa fui commettido.
 =Oh homens da minha guarda,
 Seja de morte punido.

La infanta, que tal soube,
 Vem a correr, a gritar:

«Senhor pae, não lo matcis,
 Quero com elle casar:
 E, se lo mataes, matae-me,
 Que tambem quero acabar.

El-rei chama seu conselho,
 Que se quer aconselhar;
 Mas los grandes de palacio
 Fallavam sem desatar;

Nem el-rei nem la infanta
 Queriam descontentar,
 Que, s'el-rei então reinava,
 Viria la fill' a reinar;
 Mas el-rei por fim fallou
 Como quem sabe fallar;

=Criei-o de pequenino,
 Não no heide degollar;
 Se mando a morrer la filha,
 Ninguem tenho a quem herdar....
 Ide, fidalgos da côrte,
 A Leonardo soltar;
 Ide todos de cortêjo,
 Para com elle voltar.
 Hoje mesmo na egreja
 Elle e ella hãode casar.

— ● —
 ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

—
Gerinaldo

(*Versão da Ilha de S. Miguel, de Reginaldo*)

«Gerinaldo, Gerinaldo,
 Pageim do rei bem querido,
 Porque não fallas de amores,
 Que estás aqui só commigo?
 — Por eu ser vosso vassallo,
 Senhora, zombaes commigo?
 «Gerinaldo, eu não zombo,
 Fallo devéras, comtigo.
 — Vós quando quereis, senhora
 Que vá ao vosso serviço?

«Das dez horas para as onze,
Quando o rei estiver dormindo.

Ainda não eram dez horas
Gerenaldo já erguido,
Sapatinho descalçou
A fim de não ser sentido ;
Foi á sala da infanta
Deu um ai mui dolorido.

«Quem é esse cavalleiro
Das armas tão atrevido?

—E' Gerenaldo, senhora,
Que vem ao vosso serviço.

«Levanta os cortinados,
Vem-te aqui deitar commigo.
De beijinhos e abraços
Hasde ser mui bem servido !
Nada mais t'eu não prometto
Que entre nós será sentido.

D'ahi mais a poucochinho
O rei andava erguido,
Chamando por Gerenaldo,
Que lhe dêsse o seu vestido.
Andou de sala em sala,
De postigo em postigo :

—«Gerenaldo não me falla,
Gerenaldo é falecido !
Ou Gerenaldo é morto
Ou traição tem commettido ;
Ou me está com a infanta,
A prenda que eu mais estimo.

Alevantou-se o bom rei,
O seu vestido vestiu ;

Seus sapatos na mão
P'ra o passo não ser sentido.
Fôra de paço em paço,
De castillo em castillo!
Foi á cama da princeza
Aonde elle nunca ia;
Estavam cara com cara,
Como mulher com marido!

—«Para matar Gerenaldo,
Crici-o de pequenino!
Para matar a infanta
Meu reino fica perdido.

Pegára do seu punhal,
Entre elles ficou mettido.

—Acordae, senhora infanta,
Que o nosso mal é sabido!
O punhal de vosso pae
Entre nós está mettido.
«Cal'-te. cal'-te, Gerenaldo,
Que meu pae é meu amigo.
Se elle te mandar matar,
Applico que és meu marido;
Se elle te mandar prender,
Não hasde ser mal servido.
Se elle te perguntar,
Não lhe neges o partido.

—«Donde vens, oh Gerenaldo,
Que vens tão descolorido?

—Venho de regar a horta
Pela manhã do rocio.

—«Não me mintas, Gerenaldo,
Que nunca me has mentido!

- Venho de caçar a rôla
Da outra banda do rio.
- «A rôla que tu caçaste
Já t'a tinha promettido,
Pois toma-a por tua mulher,
E ella a ti por marido;
Se queria outro mais alto
Tivera ella juizo!



Girinaldo

(*Variante da Ilha de S. Jorge, de Reginaldo*)

- «Girinaldo, Girinaldo,
Pagem d'el-rei tão querido!
Porque não tratas de amores
Quando te achas só commigo?
- Porque sou vosso vassallo,
Senhora, zombaes commigo!
- «Girinaldo, Girinaldo,
Pois eu devéras t'o digo.
- Vós quando quereis, senhora,
Que eu vá ao vosso serviço?
Das dez horas para as onze,
Quando meu pae está dormindo.
- Inda as dez não eram dadas,
Girinaldo já erguido;
Foi á porta da infanta,
Deu um ai muito sentido.
- «D'onde vindes, cavalleiro,
Das armas tão atrevido?
- Elle não é cavalleiro,
Nem traz armas atrevido;

E' Girinaldo, senhora,
Quem vem ao vosso serviço.
«Aferra-te a essas cortinas,
Vem-te cá deitar commigo.

Ainda bem não eram onze
Já o rei andava erguido;
Andava de sala em sala,
De postigo em postigo
A chamar por Girinaldo,
Que lhe dêsse o seu vestido.

—«Girinaldo não me falla,
Que lhe terá succedido?
Ou Girinaldo é morto,
Ou de amores está rendido.

Foi-se á camara da infanta,
Aonde nunca tinha ido,
Com seu calçado na mão
Para menos ser sentido;
E os achára estar dormindo
Que nem mulher com marido.

—«Para matar Girinaldo,
Criei-o de pequenino!
Para matar a infanta
Fica o meu reino perdido.

Pegara do seu cutello
Deixa-o entre ambos mettido,
Com a ponta para a filha
Que a morte tinha merecido!
Despertára Girinaldo
Do somno adormecido:

—Acorda, oh bella infanta,
Já o nosso mal é sabido!
O punhal de vosso pae
Entre nós está mettido,
Com a ponta para vós,
Que a morte tens merecido.

«Cal'-te, cal'-te, Girinaldo,
Que meu pae é meu amigo!
Vae-te botar aos seus pés
Que elle te dará o castigo.
Se te elle mandar matar,
Carpir-te-hei por marido:
Se elle te mandar prender,
Conta que hasde ser ouvido.

—«Erguei-vos, bella infanta,
Vinde ouvir lindo cantar;
Ou são os anjos no céo,
Ou as sereias no mar?
«Pois não são anjos no céo,
Nem as sereias no mar;
E' um triste prisioneiro
Que meu pae manda matar.

—«Dizei-me, bella infanta,
Se com elle queres casar?
«Esse é o melhor dote
Que meu pae me póde dar.

—«Girinaldo, Girinaldo,
Tu foste bem atrevido!
Hontem eras meu vassallo,
Hoje és meu genro querido;
Hontem comias de parte,
Hoje é á meza commigo.

2

DOM BELTRÃO

(Versão de TRAZ OS MONTES)

—Quêdos, quêdos, cavalleiros,
Que el-rei os manda contar!

Contaram e recontaram,
Só um lhe vinha a faltar:
Era esse Dom Beltrão,
Tam forte no batalhar;
Nunca o acharam de menos
Senão n'aquelle contar.
Senão ao passar do rio,
Nos portos do mal passar.
Deitam sortes á ventura
A qual o havia de ir buscar:
Que ao partir fizeram todos
Preito, homenagem no altar,
O que na guerra morresse
Dentro em França se enterrar.
Sete vezes deitam sortes
A quem n'o hade ir buscar;
Todas sete lhe cahiram
Ao bom velho de seu pae.
Volta rédeas ao cavallo,
Sem mais dizer nem falar...
Que lh'a sorte não cahira,
Nunca elle havia ficar.

Triste e só se foi andando,
Não cessava de chorar;
De dia vae pelos montes,
De noite vae pelo val,

Aos pastores perguntando
 Se viram alli passar
 Cavalleiro de armas brancas,
 Seu cavallo tremedal.

«Cavalleiro de armas brancas,
 Seu cavallo tremedal,
 Por esta ribeira fóra
 Ninguem não n'ó viu passar.

Vae andando, vae andando,
 Sem nunca desanimar,
 Chega áquella mortandade
 D'onde fóra Roncesval :
 Os braços já tem cansados
 De tanto morto virar;
 Viu a todos os francezes,
 Dom Beltrão não pôde achar.
 Volta atraz o velho triste,
 Voltou por um areal,
 Viu estar um perro moiro
 Em um adarve a velar :

—Por Deus, te rogo, hom moiro,
 Me digas sem me enganar,
 Cavalleiro de armas brancas
 Se o viste por 'qui passar?
 Hontem á noite seria,
 Horas de o gallo cantar.
 Se entre vós está cativo,
 A oiro o heide pesar.

«Esse cavalleiro, amigo,
 Diz'-me tu que signaes traz.

—Branças são as suas armas,
 O cavallo tremedal;
 Na ponta da sua lança
 Levava um branco sendal,

- Que lh'o bordou sua dama,
Bordado a ponto real.
- Esse cavalleiro, amigo,
Morto está n'esse pragal,
Com as pernas dentro d'agua,
O corpo no areal,
Sete feridas no peito
A qual será mais mortal:
Por uma lhe entra o sol,
Por outra lhe entra o luar,
Pela mais pequena d'ellas
Um gavião a voar.
- Não torno culpa a meu filho,
Nem aos moiros de o matar;
Torno a culpa ao seu cavallo
De o não saber retirar.

Milagre!! Quem tal diria,
Quem tal podéra contar!
O cavallo meio morto
Alli se pôz a fallar:

- Não me tornes essa culpa,
Que m'a não pódés tornar:
Tres vezes o retirei,
Tres vezes para o salvar;
Tres me deu de espora e rédea
Co'a sanha de pelejar;
Tres vezes me apertou cilhas,
Me alargou o peitoral...
A' terceira fui a terra
D'esta ferida mortal

Valdevinos

(*Variante de TRAZ OS MONTES, de Dom Beltrão*)

—Quêdos! quêdos, cavalleiros,
 Que el-rei vos manda contar.
 Falta aqui o Valdevinos,
 Seu cavallo Irmedar.
 Não o achastes vós de menos
 A' ceia nem ao jantar;
 Topael-o agora de menos
 Em ponto de máo passar.

Deitaram as sete sortes,
 Qual o havia procurar.
 A tres lhes caiu a sorte,
 A quatro por falsidade;
 Mas a quem caiu por sorte?
 Ao pobre velho seu pae.

Lá se vae o pobre velho
 O seu filho procurar;
 Pelos altos se vae rindo,
 Pelas baixas a chorar;
 Encontrou tres lavadeiras
 Em um regueiro a lavar.

«Deus vos guarde, oh lavadeiras, ¹
 Que Deus vos torne a guardar!

¹ Variante de *Traz-os-Montes* :

—Tres voltas dei ao castello
 Sem achar por onde entrar.
 Soldadito de armas brancas
 Viste-lo por aqui passar?
 «Esse soldado, senhor,
 Morto está no areal;
 O corpo tem-no na arcia . . . etc.

Cavalleiro de armas brancas,
Vistel-o aqui passar?
— Cavalleiro de armas brancas
Morto está no areal ;
O corpo tem-o na areia,
E a cabeça no juncal.
Tres chagas tem no seu corpo,
Todas tres de humor mortal ;
Por uma chaga entra o sol,
E por outra entra o luar ;
Pela mais pequena d'ellas
Entrava a aguia real
Com suas azas abertas
E sem as ensanguentar.

3

Dom Gayfeiros

(Versão de TRAZ-OS-MONTES)

Sentado está Dom Gayfeiros
Lá em palácio real,
Assentado ao taboleiro
Para as távolas jogar ;
Os dados tinha na mão,
Que já os ia deitar,
Se não quando vem seu tio
Que lhe entra a pelejar :
— Para isso és, Gayfeiros,
Para os dados arrojjar ;
Tua esposa lá têm mouros,
Não és para a ir buscar.
Outrem fôra seu marido,
Já lá não havia estar.

Palavras não eram ditas,
 Os dados vão pelo ár,
 A que não fôra o respeito
 Da pessoa e do logar,
 Távolas e taboleiro
 Tudo fôra espedaçar :

«Sete annos a busquei, tio,
 Sem a poder encontrar;
 Os quatro por terra firme,
 Os tres por cima do mar.
 Andei por montes e valles
 Sem dormir, nem descansar;
 O comer de carne crua,
 No sangue a sêde matar,
 Sangue vertiam os pés,
 Cançados de tanto andar;
 E os sete annos cumpridos
 Sem a poder encontrar.
 Ella estava em Salsonha,
 Lá em palacio real!
 Mercê vos peço, meu tio,
 Se m'a vós quizeréis dar,
 Vossas armas e cavallo
 Que m'as queiraes emprestar;
 A minha esposa entre mouros
 Eu a quero ir buscar.
 —Minhas armas não te empresto,
 Que as não posso desarmar;
 Meu cavallo bem vezeiro
 Não o quero mal vezar.

Dom Gayfeiros, que isto ouviu,
 A espada foi a tirar :

«Bem parece, Dom Roldão,
 Bem parece, mal pesar,

O muito amor que me tendes
Para assim me affrontar.
Mandae-me dizer por outrem
Que me las possa pagar,
Essas palavras, meu tio,
Que vos não quero tragar.
— Bem parece, Dom Gayfeiros,
Bem se deixa de mostrar,
Que a falta de annos, sobrinho,
Em tudo vos faz fallar.
Aquelle que mais te quer
Esse te hade castigar:
Fôras tu máo cavalleiro,
Nunca te eu dissera tal!
Porque sei que és bom, o disse,
E agora armar e sellar.
Meu cavallo e minhas armas
Ahi estão ao teu mandar;
E aqui tendes o meu corpo
Para vos acompanhar.
«Só quero ir, meu tio, só,
Para melhor a tirar;
Venham armas e cavallo,
Que já me quero marchar.

= Oh que lindo cavalleiro
De tão gentil cavalgar!
«Melhor sou jogando ás damas,
Com mouros a batalhar.
= Se sois christão, cavalleiro,
Recado me haveis levar,
Que digaes a Dom Gayfeiros
Porque me não vem buscar;
Pois me querem fazer moura,
E de Christo renegar.
Com un rei mouro me casam

De além das bandas do mar,
 Dos sete reis da mourama
 Rainha ma hãode coroar.
 =Esse recado, senhora,
 Eu mesmo lh'o heide dar,
 Pois Dom Gayfeiros sou eu,
 Que vos venho a buscar.

A falla não era dita,
 Puzeram-se a caminhar;
 Tirou-a pelo balcão
 Por não haver mais logar.
 Cavalgam, vão caminhando,
 Não cessam de caminhar,
 Por essa Mourama fóra
 Sem mais temor, nem pesar:
 Fallando de seus amores
 Sem de mais nada pensar.
 Em terras da christandade
 Por fim vieram a entrar,
 As festas que se fizeram
 Não teem conto, nem par.

—●—

Melisendra

(*Variante de TRAZ-OS-MONTES, de Dom Gayfeiros*)

—Sete annos são cumpridos,
 Bem n'os debes de contar,
 Que a Melisendra é cativa
 E a vida leva a chorar.
 Outrem fóra seu marido,
 Já lá não havia estar!

A seu tio Dom Roldão
 Tal resposta lhe foi dar:

- «Os sete annos são cumpridos
Sem a poder encontrar!
Agora a saber sou vindo
Que a Salsonha foi parar.
É eu sem armas, nem cavallo
Com que a possa ir buscar!
- Eu sempre te vi com armas,
Com cavallos a adestrar;
Agora que estás sem elles
É que a queres ir buscar?
- «As vossas armas, meu tio,
Que m'as não queiraes negar;
A minha esposa cativa
Como heide eu ir buscar?
- Em San João de Latrão
Fiz juramento no altar,
De a ninguem emprestar armas
Que m'as faça acovardar.

Saltam-lhe os olhos da cara,
De merencorio fallar:

- «De covarde a mim! ninguem
Nunca me hade appellidar!
- Fôras tu máo cavalleiro,
Nunca te eu dissera tal.

Dom Roldão a sua espada
Ali lhe foi entregar:

- E mais terás o meu corpo
Para te ir acompanhar.
«Mercès, meu tio, heide ir só,
Só tenho de a ir buscar.
- Pois se queres ir só, sobrinho,
Esta te hade acompanhar;

Meu cavallo é generoso,
 Não o queiras sopear;
 Dá-lhe mais rédea que espora,
 N'elle te podés fiar.

Andando vae Dom Gayfeiros,
 Andando a bom andar;
 Por essas terras de Christo
 Té á Moirama chegar.
 Ia triste e pensativo,
 Cheio de grande pesar,
 Para as portas de Salsonha,
 Sem saber como hade entrar;
 Melicendra em mãos de mouros,
 Como lh'a hade sacar?
 Estando n'este cuidado
 As portas se abrem de par,
 El-Rei com seus cavalleiros
 Sahia ao campo a folgar.
 Furtou-lhe as voltas Gayfeiros,
 Pelas portas foi entrar;
 Deu com um christão cativo
 Que ali andava a trabalhar:

«Por Deus te peço, cativo,
 E elle te venha livrar,
 Assim me digas se ouviste
 N'esta terra anomear
 A uma dama christã
 Senhora de alto solar,
 Que anda cativa de mouros
 E a vida leva a chorar?

«—Deus te salve, cavalleiro,
 Elle te venha ajudar!
 E assim me dê outra vida,
 Que esta se váe a chorar.

Pelos signaes que me déste
 Já bem te posso affirmar,
 Que a dama que andas buscando
 Em palacio deve estar.
 Toma essa rua direita,
 Que leva ao paço real,
 Lá verás pelas janellas
 Muitas christãs a folgar.

Tomou a rua direita,
 Que no palacio vae dar,
 Alçou os olhos ao alto,
 Melisendra viu estar
 Sentada áquella janella,
 Tão entregue ao seu pensar,
 Que as outras em redor d'ella
 Não as sentia folgar.
 Rua abaixo, rua acima,
 Gayfeiros a passear:

- ==D'onde é o cavalleiro
 De tão lindo passear?
 «O cavalleiro é christão
 Das bandas d'além do mar.
- ==Se o cavalleiro é christão
 Recado me haveis levar,
 Que digaes a Dom Gayfeiros
 Porque me não vem buscar,
 Em quanto eu presa e cativa
 A vida levo a chorar.
- «Esse recado, senhora,
 Vós mesma lh'ó haveis de dar;
 Dom Gayfeiros aqui o tendes,
 Que vos vem a libertar.
- Palavras não eram ditas,
 Os braços lhe foi a dar,

Ella do balcão abaixo
 Se deitou sem mais fallar.
 Maldito pèrro de mouro
 Que ali andava a rondar,
 Em altos gritos o mouro
 Começava de bradar :

«—Accudam á Melisendra,
 Que se vae para além-mar.
 «Melisendra, Melisendra,
 Agora é o esforçar!

Aperta a cilha ao cavallo,
 Affrouxa-lhe o peitoral,
 Saltou-lhe em cima de um pulo,
 Sem pé no estribo poisar;
 Tomou-a pela cintura,
 Que o corpo ergueu por lh'a dar.
 Assenta a esposa á garupa
 Para que a possa abraçar;
 Finca espóras ao cavallo,
 Que o sangue lhe faz saltar,
 Os mouros pela cidade
 A correr e a gritar;
 Quantas portas ella tinha
 Todas as foram cerrar,
 Sete vezes deu a volta
 Da cêrca sem a passar,
 O cavallo ás oito vezes
 De um salto a foi saltar.
 O rei que vinha da caça
 Lá deitou a desfilár.
 Sentiu logo Dom Gayfeiros
 Como o iam alcançar :

«Não te assustes, Melisendra,
 Que é força aqui apear;

Entre estas arvores verdes
Um pouco me hasde aguardar,
Em quanto eu volto a esses pèrros,
Que os heide affugentar.
As boas armas que trago
Agora as vou a provar.

«—Renego de ti, christão,
E mais do teu pelejar!
Não ha outro cavalleiro
Que se te possa egualar;
Só se fosse Dom Roldão,
O encantado sem par.
«Calla-te d'ahi, rei mouro,
Calla-te, não digas tal,
Sou o infante Dom Gayfeiros,
Roldão meu tio carnal,
Alcaide mór de Paris,
Minha terra natural.

Gayfeiros, senhor do campo.
Não tem com quem pelejar;
Cheio de grande alegria
Melisendra foi buscar:

==Ai, se vens ferido, espóso,
E que ferido hasde estar?
Eram tantos esses mouros,
E tu só a batalhar!
Mangas da minha camiza
Com ellas te heide pençar;
Toucas da minha cabeça
Faixas para te apertar.
«Calla-te d'ahi, infanta,
E não queiras dizer tal,
Por mais que foram-n'os mouros
Não me haviam fazer mal:

São de meu tio Roldão
Estas armas de provar,

A Paris já são chegados,
Já saem para os encontrar;
Sete leguas da cidade
A côrte os vae esperar;
Sahia o Imperador
A sua filha a abraçar:
Grande honra a Dom Gayfeiros
Os parabens lhe vão dar;
Por sua muita bondade
Todos o estão a louvar,
Pois libertou sua esposa
Com valor não singular.

Parodia de Gayfeiros (SECULO XVI)

Sayo, se a aljabebes ides,
Por dineros perguntade;
Dizile que el señor mi amo
Os vende para jogar;
Dizile que era mas tiempo
De otro, que no de os llevare;
Y que queda acá la saya
Muriendo con soledad;
Dizile que ya que os vende
Que traya algo que cenare,
Que yo y la su esposa
Le tenemos velontad.

(*Auto das Cantarinhas de Prestes, Aut., p. 443*)

4

CRUEL VENTO*(Versão de TRAZ OS MONTES)*

- Cruel Vento, Cruel Vento,
 Ah, roubador maioral!
 Derrubaste tres cidades
 Todas tres em Portugal;
 Deshonraste tres donzellas
 Todas de sangue real;
 Mataste um padre de missa
 Revestido no altar;
 O cal'ce tinha na mão
 E a hostia p'ra consagrar.
 Se derrubei tres cidades,
 Tenho com que as pagar;
 Se deshonrei tres donzellas,
 Tenho ouro p'ras casar;
 Matei um padre de missa,
 Deus m'o hade perdoar,
- Cruel Vento, Cruel Vento,
 Ah, roubador maioral!

**ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES****Joãosinho ou o Banido***(Versão da Ilha de S. Jorge—Vellas, do Cruel Vento)*

Joãosinho foi jogar
 Uma noite de Natal,
 Ganhou cem dobras de ouro
 Marcadas e por marcar;

Matou um padre de missa
 Revestido no altar!
 Enganou sete donzellas
 Que estavam para casar;
 E furtou sete castellos
 Todos do paço real.
 O seu pae quando tal soube
 Quizera-o mandar matar;
 A mãe, como triste mãe
 Começou de prantear:

«Não mateis o nosso filho,
 Que bem custou a criar;
 Mandae-o p'ra terras longes
 Fóra de céo natural.

Andando por terras dentro,
 Começou de perguntar:

—Aqui onde haverá pão
 P'ra este pobre mercar?
 —«N'esta terra não ha pão,
 Nem padeira p'r'o guisar.

Andando mais para diante,
 Começou de perguntar:

—Aqui onde haverá vinho
 Para este pobre mercar?
 —«N'esta terra não ha vinho,
 Nem se usa cultivar.

Andando mais para diante,
 Começou de perguntar:

—Aqui onde haverá agua
 P'ra este pobre mercar?

—«N'esta terra não ha agua,
Nem Deus destina a mandar.

Andando mais para diante,
Começou de perguntar:

—Aqui onde haverá erva
Para este pobre mercar?

—«N'esta terra não ha erva
Nem se usa a semeiar.

Foi tal a dôr que lhe deu
Que logo santo acabára.

— ● —

Flores e Ventos (Floovant)

(Variante da Ilha de S. Jorge—Ribeira d'Areias, de Cruel Vento)

Caminhou Flores e Ventos
Uma noite de natal,
Deshonrou sete donzellas
Todas de sangue real!
Arrasou sete cidades
Que o pae tinha p'ra lhe dar;
Matou seis padres de missa
Revestidos no altar!
Jogou cem dobrões de ouro
Marcados e por marcar.
Sua mãe quando tal soube
Logo ao rei foi fallar:

«Não o mateis, senhor rei,
Que é o nosso filho carnal,
Desterrae-o para longe,
Longe de vosso reinado;

Que não tenha pão, nem vinho,
 Nem comida o seu cavallo!
 —Se lhe eu não der castigo,
 Ou outro qualquer extranho,
 Já não sou imperador,
 Sou imperador de engano.

Fôra ter a uma terra
 Onde gente não havia,
 Se não uma santa mulher
 Que vida santa fazia,
 Andando de terra em terra,
 Começou de perguntar:

- «—A senhora vende pão
 P'ra ajuda do meu jantar?
 —«Eu não, senhor cavalleiro,
 Não o ha n'este logar.
 «—Senhora, vendeis cevada,
 Para dar ao meu cavallo?
 —«Eu não, senhor cavalleiro,
 Não a ha n'este cerrado.
 «—A senhora me desculpe,
 Que eu sou um pobre vassallo.
 —«Deus o encaminhe, senhor,
 Não tenho que desculpar.

Sete annos andou em sella,
 Outros sete andou a pé,
 Foi acabar santamente
 Ao adro de Nazareth.

Dona Branca

(Variante da Ilha de S. Jorge—Urzelina, de Cruel Vento)

Deus me dera ter a graça
 Além das ondas do mar,
 Que teve Flores e Ventos
 N'uma noite de Natal.
 Deshonrou sete donzellas
 Que o rei tinha p'ra casar!
 Abrazou sete cidades,
 Que o rei tinha p'ra lhes dar;
 Jogou cem dobras de ouro
 Que o rei tinha p'r'as dotar.
 Tambem matou sete padres
 Revestidos no altar!
 O Rei quanto que o soube
 Logo o mandou matar!
 Sua mãe, que lh'o disseram,
 Por elle foi apellar:

«Se deshonrou as donzellas,
 Sete tenho p'ra lhe dar;
 Se abrazou sete cidades
 Sete tenho p'ra lhe dar;
 Se jogou cem dobras de ouro,
 Eu cem tenho p'ra lhe dar.
 Se elle matou sete padres
 Deus lhe queira perdoar.
 Vem-te cá, oh filho meu,
 Que te quero amaldiçoar!
 Que a mulher com quem casares
 Nunca te seja leal.

Caminha Flores e Ventos,
 Longes terras foi casar;

Foi casar com Dona Branca
 A mais linda do logar,
 E d'ali a sete mezes
 Tratara de caminhar;
 Foi p'ras partes de Aragão,
 Longes terras foi caçar.

Caminhára Dona Branca
 Para o jardim passear;
 Com agua n'um cópo d'ouro,
 Para o seu rosto lavar.
 Passaram dois cavalleiros,
 Iam por lá a passar:

—Oh que rica Dona Branca,
 Deus m'a dera namorar!
 «Vinde, vinde, cavalleiros,
 Uma noite e outra não,
 Que o meu homem foi caçar
 A's partes de Aragão.

Mas d'ahi a quinze dias
 Já para casa viera.

—Quem eram aquelles pombos
 Que stavam na minha janella?
 «Aquelles dois pombos, vosso
 Pae devia-os mandar.
 —De quem são os dois cavallos
 Que estão no meu saguão?
 «Aquelles dois cavallos,
 Vosso pae cá os mandou.
 —Quem eram esses dois homens,
 Que estavam na minha sala?
 «Matae-me, homem, matae-me,
 Que a morte tenho ganhado.

—Não te mato, Dona Branca,
 Mate Deus, que te criou,
 Que isto tudo foram pragas
 Que a minha mãe me rogou.

5

Carlos Magno

(Versão de Tolosa—ALENTEJO)

*De Carlos Magno sou mandado,
 Oh gigante Farrabus,
 Que me des os meus cinco Pares
 Que vivem na lei de Jesus.*

Eu sou cavalleiro christão
 Que vem contigo pelear,
 Venho-te batalhas dar
 P'ra que saibas que sou Roldão.
 Procura a tua redemção
 Como sempre tens usado,
 Que eu venho aqui destinado
 A contigo tomar vingança
 A' força de espada e lança,
De Carlos Magno sou mandado.

.....

 Ama a Jesus crucificado
 Que está pregado n'uma cruz,
 É que a todo o mundo dá luz,
 E a tudo quanto ha;
 A resposta da-m'a já
Oh gigante Farrabús.

Eu não temo os teus revêzes
 Nem tua altura demasiada;
 Eu co'a ponta da minha espada
 Corto troncos e arnezes.
 Quantas e quantas vezes
 Córto a turcos a milhares,
 Antes tu experimentares
 Mesmo aqui te trago a morte;
 A poder do meu braço forte
Me dês os meus cinco Pares.

Cuidavas que me vencias
 Com coragem, com valor;
 Usaste como traidor
 Não como cavallaria;
 Eu pr'a vêr a tua valentia
 Olha o caminho a que me puz,
 Olha o que a minha espada luz,
 E muito melhor hade cortar;
 Venho contigo pelejar
Para que crêas em Jesus.

*

*Oliveiros fostes valente,
 Tinhas tanta valentia
 Que ate fizeste ser christão
 O Farrábras de Alexandria*

Carlos Magno era pimpão,
 Tinha ao peito as medalhas
 Que tinha ganho em batalhas
 Ao almirante Balão.
 Entraste em tanta acção
 Com a espada dos teus cavalleiros
 Lá no meio d'aquelles guerreiros
 Sac-te corpo para armandil,
 Venceste a Turquia vil,
Foste valente, Oliveiros.

Aquelles Doze Pares de França
Foram os homens tão valentes.
Até brigaram com as serpentes
A' força de espada e lança;
Nos Turcos fizeram matança
Com coragem e valentia;
O Roldão, que se não temia
Por ser dos Pares commandante,
Até matou um Gigante
Que tinha tanta valentia.

.....

Farrabrás logo marchou
Assim que seu Pae maltratar,
Tratou de os armar
Os Doze Pares desafiou;
Oliveiros se alevantou
Doente de uma enfermaria,
Em trage de cavalleria
Contra os Turcos arremetteu,
Foi então quando venceu
Farrabrás de Alexandria.

INFANTINA

(Versão da Beira Alta)

Caçador que vae á caça,
A' caça como sabia,
Anoiteceu-lhe n'um campo,
N'uma obscura montia.
Encostou-se a um pinheiro
Dos mais altos que havia ;
Lá pela noite adeante
Viu lá estar uma donzilla ;
As pontas do seu cabelo
Todas o pinheiro cobria,
Os olhos da sua cara
Eram tochas que allumia,
Os dentes da sua bocca
Eram neve que parecia.

—Desça abaixo, oh menina,
Venha-me fazer companhia,
Ou na anca ou na sella,
Adonde a menina queria.
«Na anca não, cavalheiro,
Que isso é pouca cortezia ;
Na sella, sim, cavalheiro,
Que é honra tua mais minha.

Andara bem sete leguas
A menina sem resurgir,
E no fim das sete leguas
Deu-se a menina em rir.

- Porque se ri, oh menina?
«Eu rio-me do cavalleiro
Mais da sua covardia:
Encontra a menina n'um campo,
Guarda-lhe muita cortezia.
- Venha d'ahi, oh menina,
Venha-me fazer companhia,
Que lá me ficou minha espada
No pé d'uma fonte fria.
- «Volta a traz, oh cavalleiro,
Que já vae sendo meio-dia;
Se tua espada é de prata,
Meu paé de oiro t'a daria.
- Diga-me lá, oh menina,
Diga-me de quem é filha?
«Sou filha d'el-rei de França,
Neta d'el-rei de Castilha.
- Mal o hajam as mulheres,
Mais de quem n'ellas se fia;
Cuidava que levava esposa,
Levo uma mana minha.



Infanta da França

(Versão de Covilhã — BEIRA-BAIXA, da Infantina)

Dom João foi para a caça,
Foi á caça á profia,
Anoiteceu-lhe n'um bosque,
Era o que elle mais temia;
Seus cavallos por ferrar,

Era o que elle mais sentia.
 Lá pela noite adiante
 Um lindo cantar ouvia!
 Deitou os olhos ao largo,
 Viu lá estar uma donzilla,
 Penteando o seu cabello
 Em um tanque de agua fria.

—Que fazeis aqui, senhora,
 Que fazeis aqui, donzilla?
 «Sete fadas me fidaram
 No collo de madre minha,
 Fadaram-me por sete annos,
 Por sete annos e um dia.
 Hoje se acabam os annos,
 A' manhã por noite o dia;
 Bem podera o cavalleiro
 Levar-me na companhia.

—Desde já, minha senhora,
 Eu tudo isso lhe faria.
 Dizei-me, oh minha senhora,
 Se ides de anca ou de silha?
 «Eu vou de anca, oh cavalleiro,
 Que isso é da honra minha.

Lá pelo caminho adiante
 Ella se pôz a sorrir.

—De que vos rides, senhora,
 De que rides vós, donzilla
 «Eu rio-me do cavalleiro
 E da sua cobardia,
 Achar donzilla no campo
 E guardar-lhe cortezia.
 —Tornemos atraz, senhora,
 Tornemos atraz, donzilla,

- Que deixei a minha espóra
No tanque da agua fria.
«Adiante, oh cavalleiro,
Eu atraz não tornaria,
Se a espóra era de prata
Meu pae de ouro lh'a daria.
— Dizei-me, oh minha senhora,
De quem é que vós sois filha?
«Sou filha do rei de França,
Neta do rei de Castilla.
— Pelos signaes que me daes
Vós sois uma mana minha!
Mal hajam todos os homens,
E quem em mulheres se fia;
Cuidando que levo esposa
Levo a uma irmã minha!
Abram-se esses palacios,
Venha toda a fidalguia,
Trago aqui uma mana,
Ha sete annos que a não viram.
Venha cá, senhora mãe,
Ande vêr a sua filha,
Cuidei trazer nóra sua
E trago uma mana minha.

Levantou-se a sua mãe
Da cadeira onde estava:

- «Se tu és a minha filha,
Anda cá para os meus braços;
Se tu és a minha nóra
Aí tens os teus palacios.

A Encantada

(*Variante da Foz do Douro, da Infantina*)

Indo um cavalleiro á caça,
 Á caça de altanaria,
 Lá chegando ao alvoredo
 Viu estar uma donzilla.

- Que fazeis ahí, senhora?
 Que fazeis aqui, donzilla?
 «Sete fadas me fadaram
 No ventre d'uma mãe minha:
 De eu aqui estar sete annos,
 Sete annos e mais um dia.
 Sete annos são acabados,
 Hoje se acaba o dia;
 Se quereis oh, cavalleiro,
 Levae-me por companhia,
 Não me leveis por senhora,
 Não me leveis por donzilla;
 Levae-me por estrangeira
 Que achaes na terra perdida.
- Montae-vos aqui, senhora,
 Montae-vos aqui, donzilla,
 Ou nas ancas ou na sella.
 Onde fôr mais honra minha.

Montou-se logo a donzella,
 Foi seguindo o seu caminho;
 Lá chegando á estrada
 De risos o accommettia:

- De que se ri, oh menina?
 De que se ri, oh donzilla?
 «Rio-me do cavalleiro
 E da sua cobardia,

De achar menina na serra,
 E lhe guardar cortezia.
 —Deixae-me agora chorar,
 Olhae a minha mofina!
 Oh, quem perdeu o que eu perco
 Grande pena merecia.

●

O caçador e a donzilla

(*Versão de Villa Nova de Gaia, da Infantina*)

Indo um caçador á caça,
 Na caça lhe anoitecia;
 Deitou os olhos abaixo,
 Tambem os deitou acima;
 Viu estar uma donzella
 Que ao sol resplandecia.

—Que fazeis ahi, donzella?
 Que fazeis ahi, donzilla?
 «Sete fadas me fadaram
 No ventre de uma mãe minha:
 Hoje se acaba o anno,
 Amanhã se acaba o dia.
 Queres-me tu, oh cavalleiro,
 Levar na tua companhia?»
 —Eu te levarei, donzella,
 Eu te levarei, donzilla,

Lá no meio do caminho,
 De uma fonte agua bebia;
 Depois montou a cavallo,
 Pelo caminho sorria.

—Tornemos atraz, donzella,
 Tornemos atraz, donzilla,

Que na fonte onde bebêmos
 A minha espóra é perdida.
 «Não voltes atraz, cavalleiro,
 Não vóltes, por vida minha;
 Se a tua espóra é de prata,
 Meu pae de ouro t'a daria.
 —Quem é vosso pae, senhora,
 Que tanto ouro tenia?
 «Sou filha do rei de Hespanha.
 Da rainha Constantina.
 —Pelos signaes que me daes,
 Vós sois uma mana minha!
 Correi moços e vassallos,
 Correi com grande alegria,
 Julgei que trazia esposa,
 Trago uma mana minha.

—●—

Infantina

(Versão de Penafiel)

Caçador que vae á caça,
 A' caça vae, vida minha;
 Seu pèrro leva cançado,
 Seu falcão perdido havia!
 Viu estar uma menina,
 Viu estar uma donzilla:

—Que fazeis aqui, senhora?
 Que fazeis aqui, donzilla?
 «Sete fadas me fadaram
 No ventre de uma mãe minha,
 De eu estar aqui sete annos,
 Por sete annos e um dia.
 Hontem acabaram os annos,
 Hoje se acaba o dia.

—Quereis vós, senhora donzella,
Vir na minha companhia?

.....
.....

«Cópo d'onde eu bebesse
De repente estoiraria;
Prato d'onde eu comesse
De repente quebraria:
Cavallo d'onde eu montasse
De repente arreberitaria.

—Do que vos rides, senhora?
Do que vos rides, donzilla?

«Rio-me de ti, cobarde,
E da tua cobardia;
Achaste'-la nina no monte
E guardaste'-la cortezia.

—Tornemos atraz, senhora,
Tornemos atraz, donzilla,
Que a espóra do meu cavallo
Lá no monte ficaria.

«Adiante, cavalleiro,
Que eu atraz não tornaria;
Se a espóra era de prata,
Meu pac de oiro lh'a daria,
Que elle tem tanto dinheiro
Que ás razas o mediria,
Sou filha do rei de França,
Da rainha Constantina;
Minha mãe Dona Joanna,
Minha avó Dona Maria.

—Ai de mim, coitado!
Triste de mim, que fazia!
Cuido que trago esposa
E trago uma mana minha.

O Caçador

(Versão de Extremadura, da Infantina)

O caçador foi á caça,
 A' caça, como solhia,¹
 Os cães já leva cansados,
 O falcão perdido havia.
 Andando se lhe fez noite²
 Por uma matta sombria,
 Arrimou-se a uma azinheira,
 A mais alta que alli via.
 Foi a levantar os olhos,
 Viu cousa de maravilha:
 No mais alto da ramada
 Uma donzella tam linda!
 Dos cabellos da cabeça
 A mesma arvore vestia,
 Da luz dos olhos tam viva
 Todo o bosque se allumia.
 Alli fallou a donzella,
 Já vereis o que dizia:

— Não te assustes, cavalleiro,
 Não tenhas tamanha frima;
 Sou filha de um rei c'roadado,
 De uma bemdita rainha.
 Sete fadas me fadaram
 Nos braços de mi madrinha,
 Que estivesse aqui sete annos,
 Sete annos e mais um dia;
 Hoje se acabam n'os annos,
 A' manhã se contá o dia;

¹ Á caça de montaria — *Alemteic.* — A caça de altanaria — *Tras-os-Montes.* — ² Fez-se noite no caminho — *Beir'alta.*

Leva-me, por Deus t'ò peço,
Leva-me em tua companhia.
«Espere-me aqui, donzella,
Té ámanhã, que é o dia;
Que eu vou a tomar conselho,
Conselho com minha tia.
Responde agora a donzella,
Que bem que lhe respondia!

—Oh, mal haja o cavalleiro,
Que não teve cortezia:
Deixa a menina no souto ¹
Sem lhe fazer companhia!

Ella ficou no seu ramo,
Elle foi-se a ter co'a tia...
Já voltava o cavalleiro
Apenas que rompe o dia;
Corre por toda essa mata,
A enzina não descobria.
Vae correndo e vae chamando,
Donzella não respondia;
Deitou os olhos ao longe,
Viu tanta cavallaria,
De senhores e fidalgos
Muito grande tropelia.
Levavam-n'a linda infanta,
Que era já contado o dia.
O triste do cavalleiro
Por morto no chão cahia;
Mas já tornava aos sentidos
E a mão espada metia:

«Oh, quem perdeu o que eu perco
Grande penar merecia!

¹ Deixa a menina no monte — *Beirabaixa*

Justiça faço em mim mesmo,
E aqui me acabo co'a vida.



A Infeitiçada

(Versão ribatejana, da Infantina)

Vae correndo o cavalleiro,
A Paris levava a guia,
Viu estar uma donzella
Sentada na penha fria:

—Que fazeis aqui, donzella?
Que fazeis, oh donzellinha?
«Vou-me á côrte de Paris¹
D'onde padre e madre tinha.
Perdi-me no meu caminho,
Puz-me a esperar companhia;
Cansada estou de esperar
Sentada na penha fria;
Se te praz, oh cavalleiro,²
Leva-me em tua companhia.

Respondeu-lhe o cavalleiro:

—Pois que me praz, vida minha.

Lá no meio do caminho
De amores a requeria;
A donzella muito enchuta³
Lhe disse com ousadia:

¹ Vou-me á côrte de França — *Extremadura*.

² Quereis vós, oh cavalleiro,
Que eu vá em vossa companhia?
Respondeu-lhe o cavalleiro:

—Pois não quero, minha vida! — *Ribatejo*.

³ A donzella mui sisuda
Sem ter medo, lhe dizia — *Beir'alta*.

«Tem-te, tem-te, cavalleiro,
 Não faças tal vilania;
 Que, antes que me baptizassem
 Me deram feitiçaria:
 Sete bruxas me embruxaram
 Antes que eu fosse á pia;
 O homem que a mim se chegasse,
Malato se tornaria.¹

Não responde o cavalleiro,²
 Todo na sella tremia.
 Lá para o fim do caminho³
 A donzella que sorria.

—De que vos rides, donzella,
 De que rides, donzellinha?
 «Não me rio do cavallo
 Nem da sua fitaria,
 Rio-me do cavalleiro,
 Mais da sua covardia;
 Com a donzella á garupa
 E catou-lhe cortezia!
 Soube guardar-se das moças,
 E bruxas velhas temia.

—Atraz, atraz, oh donzella,
 Atraz, atraz, donzellinha,
 Que na fonte onde bebemos
 Deixo uma espóra perdida.
 «Cavalleiro, adiante, adiante,
 Que eu `atraz não tornaria;

¹ *Malato* era o homem livre que descia á condição quasi de servo e villão. No sentido figurado — que parece ser o que domina — homem perdido, tolhido, envelhecido?

² O cavalleiro com medo
 Tremendo-lhe respondia — *Alentejo*.

³ Passado largo caminho — *Beir'alta*.

- Se a sua espóra é de prata,
 Meu pae de oiro lh'a daria;
 Que ás portas de meu pae¹
 Se mede oiro cada dia.
- Dizei-me vós, oh donzella,
 Dizei-me de quem sois filha?
 «Sou filha d'el-rei de França
 E da rainha Constantina.
- Arrenego eu de mulheres,
 Mais de quem n'ellas se fia!
 Cuidei de levar amante,
 Levo uma irmã minha.



Dom Pedro

(Versão de Traç-os-Montes, da Infantina)

- Dom Pedro foi á caça,
 Dom Pedro á caça se ia;
 Seus pèrros leva cansados
 E elle tambem cansado ia.
 Arrumára-se a um roble
 Carregado de prata fina.
 Lá pela noite adeante
 O mundo se esclarecia;
 Levantou o seu cavallo,
 Botou seu olhar arriba:
 Viu estar uma princeza,
 Uma princeza mui linda.
- Que estás fazendo, princeza?
 Que estás fazendo, menina?

¹ Que ás portas do meu palacio — *Extremadura*.

«Cativaram-me sete fadas
Nos braços de mi madrinha :
Que estivesse aqui sete annos,
Sete annos e mais um dia.
Hoje se cumprem os annos,
A' manhã se cumpre o dia.
—Vem tu commigo, princeza,
Vem tu commigo, menina;
Põe-te aqui no meu cavallo,
Ou ás ancas ou á cilha.
«A las ancas, cavalleiro,
Que é mais honra tua e minha.

Lá no meio do caminho
De amores a accommettia.

«Ala, ala, cavalleiro,
Não uses de vilania!
Que meu pae era malato,
Minha mãe malata fina;
O homem que a mim se chegasse
Malato se volveria;
Cavallo que elle montasse
Logo arrebentaria;
O prado d'onde passasse
Nunca mais herva daria;
A fonte d'onde bebesse
Logo ella se seccaria.

Lá no meio do caminho,
A menina se sorria..

—Por que te sorris, princeza?
Por que te sorris, menina?
«Rio-me do cavalleiro
Fintar-se de mi mentira,

- Atraz, atraz, meu cavallo,
 Que mis espóras são perdidas.
 «Adiante, cavalleiro,
 Não uses de vilania;
 Se as esporas são de prata,
 Meu pae de oiro t'as daria.
- Atraz, atraz, meu cavallo,
 Que mi espada é perdida.
 «Adiante, cavalleiro,
 Não uses de vilania;
 Se tua espada é de prata,
 Meu pae de oiro t'a daria.
- Quem é esse vosso pae
 Que tanto oiro-tenia?
 «Sou filha do rei de França,
 Neta do Conde de Hungria.
- P'las novas que me vaes dando,
 Tu és uma irmã minha.
 Adeante, meu cavallo
 A's fontes da agua fria.
- Abra as portas, minha mãe,
 Aqui tem a sua filha!
- Se a trazes por minha filha
 Entre por toda a alegria:
 Mas se m'a trazes por nora,
 Sahirás pela porta fóra.

—●—

A Encantada

(*Versão de Loulé — ALGARVE, da Infantina*)

Indo um cavalleiro á caça,
 A' caça de altanaria,
 Foi de tarde descansar
 N'uns matos da Barberia;

Viu uma linda donzella,
Um loureiro a encobria,

—Que fazeis aqui, senhora,
Que fazeis aqui, menina?
«Sete fadas me fadaram
Lá no collo de uma tia.
Se te présas, cavalleiro,
Leva-me por companhia.

Cavalleiro, que isto ouvira,
No cavallo a montaria;
Então viu-lhe elle um punhal,
Ella lh'o esconderia.
Indo no meio do caminho,
De amor ella fallaria:

«O que queres, cavalleiro,
De uma moura da Turquia,
Filha qu'rida de um califa,
Natural de Barberia?
Fadada como me vês
Grã loucura tu farias.
Sete fadas me fadaram
Lá no collo de uma tia,
De eu estar aqui sete annos,
Sete annos e um dia.
Sete annos são acabados,
Mas não acabou o dia.
Os fados das sete fadas
N'isto se resumiriam:
=O caminho que eu andasse
Em mato se tornaria;
A fonte onde eu bebesse
Logo ella se seccaria;

Homem com quem eu fallasse
 Em moiro se tornaria ;
 Cavallo onde eu montasse
 Logo elle arrebentaria,=
 —Oh menina, em que fallaes ?
 Largae minha companhia.

O cavallo fez parar,
 E a menina descia.
 Indo lá mais adeante
 A menina se sorria ;
 Se o cavallo bem andava,
 A menina mais se ria.

—De que se ri, oh senhora,
 De que se ri, oh menina ?
 «Rio-me d'esse cavalleiro
 E da sua cobardia,
 De achar menina nos mattos
 E lhe guardar cortezia.

Cavalleiro que voltava,
 Ella logo lhe dizia :

«Não voltes, oh cavalleiro,
 Segue a tua correria ;
 Se tu tens punhal de prata,
 Eu um de oiro te daria.
 Que na casa de meu pae
 Bate-se oiro todo o día ;
 Sou filha do Rei de França,
 Neta do rei de Castilla.
 —Ai triste de mim, coitado !
 Grande mal eu não faria ;
 Ella é minha irmã,
 Eu de amores a accommettia.

Almendo

(*Variante de Tavira — ALGARVE, da Infantina*)

A caçar andava Almendo,
A caçar, como soía,
Mas seu pèrro tão cansado
Que já correr não podia;
Onde havia anoitecer-lhe?
Em rude estrada montia.
Em que não houvera gente
Nem tampouco abrigo havia;
Tam só um grande arvoredó
O campo todo cobria.
Deita olhos a um loureiro,
Vê um rosto que sorria;
Seu fino cabello de oiro
Toda la rama cobria;
O lindo olhar de seus olhos
Em todo o monte lumbria.

—Que fazeis aqui, senhora,
Quem aqui vos prantaria?
Ai, quem veiu aqui leixar-vos
N'esta chaparra sombria?
Contae-me la vossa historia,
Que eu por gosto a escutaria.
«Sou filha d'el-rei de França,
Neta sou d'el-rei de Hungria;
Aqui me trouveram moiros
Com sua feitiçaria;
Encantada me leixaram
Até vêr quem me queria.
Se o cavalleiro quizera
Minha sina quebraria,
Montára-me em seu cavallo
E d'aqui me levaria.

—Levára, sim, vos levára,
Já vos déra companhia,
Mas tenho atraz de voltar
Pelo pèrro que trazia,
Que a taes horas, de cançado
Para ahi se estenderia.

«Adiante, oh cavalleiro,
Não useis descortezia,
Leixando uma dama infanta
Por um perro que dormia.
Se me leixaes pelo pèrro,
Tem elle bem mais valia.

—Não é sómente por elle,
Que eu ahi o leixaria,
Mas é tambem pela caça
Que me deteve este dia,
Que me ficou resguardada
N'uma longe penedia.

«Adeante, oh cavalleiro,
Não useis de vilania,
Não leixeis por pennas mortas
Minhas penas em porfia;
Ora comvosco levae-me,
Que meu pae por vós seria.

—Não se me dá d'essa caça,
Que por 'hi me ficaria;
Mas a sêde agora é tanta,
Que já me causa agonia.
Quedae-vos, senhora, um pouco,
Que eu á fonte correria;
De volta sôra comvosco
Antes que raiasse o dia.

«Ai cavalleiro, escutae-me
Por Deus e a Virgem Maria;
Eu vos matarei a sêde
Que ora matar-vos queria;

Eu vos darei a beber
Prantos de minha alegria!

Cativa-se o cavalleiro,
Quem se não cativaria!
N'isto la enfeitçada
Do loureiro se descia.

«Vamos, cavalleiro, a Roma
Pôr os pés em pedra fria;
Padre Santo que lá seja
Absolvição nos daria.
—Não iremos lá tão longe,
Que em vós não ha *maladia*,
Ireis á minha albergada,
Lá tereis albergaria.

A caminhar se pozeram
Quando a lua mais lumbria.
E dava o clarão no rosto
De la infanta que fugia;
Quando ao meio do caminho
Përro moiro lhe safa,
Que quem a vigiava,
Que era quem a guardaria.

==Tem-te, tem-te, cavalleiro,
Se a vida nao te agonia;
Se la poncella me levas,
Levas a luz do meu dia.
—Só me importa o que te levo,
De ti não me importaria.
==Se a dona tu me roubáras,
Logo aqui te mataria.

Para elle avança o moiro,
Pensando que o deteria,

Mas ao puxar pela infanta
 A mão aos pés lhe caía.
 Quêda-se elle pensativo,
 Sem saber o que faria.
 Emquanto o moiro pensava,
 Emquanto elle se doria,
 O christano com la infanta
 Voava, que não corria! ¹



ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Filha do Rei de França

(Versão do Porto da Cruz, da Infantina)

Foi el-rei longe caçar,
 A caçar como solia;
 Vão los perros já cansados,
 Cansado o falcão ia.
 El-rei tambem de cansado
 Já comsigo não podia;
 E no bravo alvoredo,
 Onde casas não havia,
 Nem palhoças de pastor
 A el-rei anoitecia.
 Abrigou-se a um loureiro,
 Ao pé de uma fonte fria.
 Viu então sobl'o loureiro
 Uma formosa donzilla,

¹ Algumas versões terminam com a seguinte estrophe:
 Quem não quizer ver mulher
 Em outros braços rendida,
 Não a deixe um só momento,
 Por toda a parte a persiga.

De seu cabello tão basto
Que lo corpo lhe escondia ;
De seus olhos tão senhores,
Que tudo lhe obedecia ;
De sua bocca tão linda,
Que, sem dizer, fallaria ;
E logo lhe perguntou :

—Que fazeis aqui, donzilla!

Do loureiro lá em riba,
La donzilla respondia :

«Sete fadas me fadaram
No collo da madre minha ;
Que encantada aqui andasse
Por sete annos e um dia ;
Que no fim do meu encanto,
Mui formosa ficaria :
Hontem findaram los annos,
E hoje findou lo dia.

—De pequeno, minha madre
Me ensinou la cortezia.
Decei, pois, d'ahi, senhora,
Que eu vos não offenderia ;
Até onde vós quizerdes.
Eu vos déra companhia ;
E, se qu'reis ir de cavallo ;
Eu aqui vos levaria.

De ficar alli sósinha
La donzilla se temia ;
Ir de cavallo com elle
Isso não lhe conviria ;
Pollo que, lhe foi mentindo,
E assim lhe respondia :

«Obrigada, cavalleiro,
Eu ahi cavalgaria ;
Mas sou filha de malatos
Da maior malataria,
E cavallo que eu montasse
Logo arrebentaria.

El-rei, então, apeou-se,
E a par d'ella seguia ;
Mas, por meio do caminho,
Um abraço lhe pedia.

«Arredae-vos, cavalleiro,
Um abraço vos daria ;
Mas sou filha de malatos
Da maior malataria,
E homem que me tocasse
Malato se tornaria.

El-rei, então, arredou-se
E la donzilla sorria.

—Senhora, porque vos rides?
De mim, ou de quem seria?
«Foi vêr que um estorninho,
De uma azeitona fugia.

Chegados entre casaes,
Mais la donzilha se ria.

—Senhora, porque vos rides?
De mim, ou de quem seria?
«Eu me rio do cavalleiro
De tamanha cobardia,
Que encontra mulher na serra,
E lhe guarda cortezia ;

- Que, de medos enganado,
Um menino me par'cia!
Quem não ri do estorninho
Que da azeitona fugia?
- Tendes vós rasão, senhora:
Mas 'té anoitecer é dia....
- «Minha jornada acabou;
Já cheguei aonde queria;
São estados de meu padre,
Onde eu menina vivia.
- Mas, senhora, vós quem sois?
Qual la vossa gerarchia?
- «Eu sou princeza de sangue,
Que mais nobre não havia;
Sou filha d'el-rei de França,
E nemja por bastardia.
- Ai, então, bem aconselhado
Vos guardei eu cortezia;
Que vós sois la irmã minha
Que eu julguei nunca veria!
El-rei, nosso pae, morreu;
Rei sou eu por varonia:
Muitos me queriam lo throno,
Mas só a mim competia.

De contente, el-rei de França
Dentro de si não cabia;
Chegados que são á còrte,
Grandes festas de alegria.

ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

A filha do Rei de França

(Versão da Ilha de S. Jorge, da Infantina)

A caçar se foi Dom Jorge,
 A caçar como solia;
 Seus pèrros leva cansados,
 Seu falcão perdido havia.
 Anoitecêra na serra,
 N'uma escura montilla;
 Vira estar um arvoredó
 Bem alto á maravilha;
 No pé lhe tinia o ouro,
 Na rama a prata fina.
 Lá no mais alto dos galhos
 Vira estar uma menina,
 Com pente de ouro na mão
 Que pentear-se queria.

—Que fazeis aqui, donzella,
 Que fazeis aqui, menina?
 «Sete fadas me fadaram
 Nos braços de uma mãe minha,
 Que estivesse aqui sete annos,
 Sete annos e um dia.
 Hontem se encerraram annos,
 Hoje se acaba o dia!
 Leva-me tu, cavalleiro,
 Leva-me por tua vida!
 Não me leves por mulher,
 Nem mais pouco por amiga;
 Leva-me, por tua môça,
 Por tua escrava cativa,

Que eu sou filha de um *malato*,
Da maior *malataria*,
Homem que a mim se chegasse
Malato se tornaria.

Puzera-a na sua sela,
Nas andilhas não cabia.
Indo mais para diante
A donzella se sorria.

—De que vos rides, donzella,
De que vos rides, menina?
«Não me rio do cavallo,
Nem da sua selaria,
Rio-me de um estorninho
Que pelo ár vae zunindo.

Indo mais para diante
A donzella se sorria:

—De que vos rides, donzella,
De que vos rides, menina?
«Rio-me do cavalleiro,
Mais da sua covardia.

—Torna atraz meu cavallinho,
Que a espóra é perdida;
Na fonte aonde estivemos
Ella lá nos ficaria.

«Trote, trote, cavalleiro
Não façaes tal tyrannia;
Se a espóra é de prata
Meu pae de oiro t'a daria;
O meu pae lavra no oiro,
Minha mãe na prata fina:
Sou filha do Rei de França,
Da rainha Constantina.

—Valha-me Deus, Deus me valha,
 Valha-me a Virgem Maria!
 Cuidei que trazia amores,
 Trago uma irmã minha.
 «Se meu pae tal soubera
 Que sua filha aqui ia,
 Mandára correr cavallos,
 Mandára tanger manilha.

O caçador e a donzilla

(*Variante da Ilha de S. Jorge, da Infantina*)

Caçador que foi a caça,
 Na caça lhe foi o dia;
 Anotecêra na serra
 Onde casas não havia.
 Vira estar um arvoreda
 De uma alta françaria;
 No pé lhe tinia o oiro,
 E na rama a prata fina,
 E nos galinhos mais altos,
 No derradeiro de cima,
 Vira estar uma donzella,
 Vira estar uma donzilla,
 Com pente de ouro na mão
 Que pentear-se queria;
 O cabelo da cabeça,
 Todo o arvoreda cobria,
 Os olhos da sua cara
 Todo o mundo relumbria.
 Da maçã do seu rosto
 Arrubim bello corria;
 Os dentes da sua bocca
 Crystaes bellos pareciam;
 Dos beiços da sua bocca
 Sangue vermelho corria.

- Que fazeis aqui, donzella?
Que fazeis aqui, donzilla?
«Sete fadas me fadaram
No collo de uma mãe minha,
Que estivesse aqui sete annos,
Sete annos e um dia;
Hontem se acabaram os annos,
Hoje se encerra o dia.
Quer-me levar, cavalleiro,
N'essa sua companhia?
Sem me levar por mulher,
Nem tampouco por amiga;
Leve-me por sua serva,
Por sua escrava cativa.
- Dize-me, por a tua alma,
Dize-me de quem és filha?
«Sou filha de um *malato*,
Da maior *malataria*!
Quem no meu corpo tocar
Malato se tornaria.
- Diga-me a minha menina
Se quer ancas ou andilhas?
«Quero ancas, cavalleiro,
Que eu na sella não regia.

Indo em meio da serra
A donzella se sorria.

- De que vos rides, donzella,
De que vos rides, donzilla?
Ou vós rides do cavallo,
Ou da sua sellaria?
«Não me rio do cavallo,
Nem da sua sellaria;
Rio-me de um estorninho
Que pelo ár vae zunindo.

Avistando a cidade,
A donzella se sorria:

- Valha-te Deus, oh donzella,
Oh valha-te Deus, donzilla;
Tu ou te ris do cavallo,
Ou da sua sellaria?
«Não me rio do cavallo,
Nem da sua sellaria:
Rio-me do cavalleiro,
Da sua má covardia:
Achou a *ninha* no campo,
Não a quiz por sua amiga...
- Volta p'ra traz, meu cavallo,
Que a espóra é perdida!
«Tenha-se em si, cavalleiro,
Não faça tal tyrannia!
Se a espóra é de prata
Meu pae de ouro lh'a daria;
Que em casa de meu pae
Lavra-se ouro todo o dia.
- Dize-me, pela tua alma,
Dize-me de quem és filha?
«Sou filha do Rei de França,
Minha mãe Dona Maria!
- Valha-te Deus, oh donzella,
Valha-te Deus, donzilla,
Disseste que eras *malata*,
Tu és uma mana minha!...

Donzella encantada

(*Variante da Ilha de S. Jorge, da Infantina*)

Caçador que ia á caça,
Caçador que á caça ia,
Seus cães leva cansados,
Sua furôa perdida ;
Se sentára a descansar
De tão cansado que ia,
Debaixo de um arvoredro
Bem alto da françaria.
Levantou olhos p'ra cima,
Viu estar uma donzilla,
Com pente de ouro na mão,
Que pentear-se queria.
O cabello da cabeça
Todo o arvoredro cobria ;
Os olhos da sua cara
Todo o mundo relumbria ;
Os dentes da sua bocca
Marfim bello pareciam.

—Que fazeis aqui, donzella,
Que fazeis aqui, donzilla?
«Sete fadas me fadaram
No collo de uma mãe minha,
Para estar aqui sete annos,
Sete annos e um dia ;
Hontem se atimaram annos,
Hoje se atima o dia.
Bem podias, cavalleiro,
Levar-me na companhia ;
Não me leveis por mulher
Nem tampouco por amiga,
Levae-me por vossa serva,
Que eu tambem vos serviria.

- Espera-me aqui, donzella,
 Té ámanhã, que é dia;
 Que eu vou a tomar consello
 De uma mãe que me pariu;
 Resposta que me mandar
 Essa mesma vos daria :
- « Não a tragas por criada,
 Nem também por tua amiga;
 Tral-a por tua mulher,
 Tua mulher toda a vida. » —

Puzera-a no seu cavallo,
 Pois nas ancas a trazia;
 Lá no meio da estrada
 De amores a acommettia.

« Tem-te, tem-te, cavalleiro,
 Não faças tal tyrannia;
 Que eu sou filha de um *malato*,
 Da maior *malataria* :
 Homem que a mim se chegasse
Malato se tornaria;
 A fonte aonde eu beber
 Sangue lá correria.

Indo mais para diante,
 A donzella se sorria :

- De que vos rides, donzella?
 De que vos rides, donzilla?
- « Não me rio do cavallo,
 Nem da sua sellaria;
 Rio-me de um estorninho
 Que pelo ár vae zunindo.

A' entrada da cidade
 A donzella se sorria.

—De que vos rides, donzella?

De que vos rides, donzilla?

«Não me rio do cavallo,

Nem da sua sellaria,

Rio-me do cavalleiro

Mais da sua phantasia :

Achou menina na serra

E logo a acommettia!

—Torna atraz, meu cavallo,

Temos uma espóra perdida!

«Adiante, cavalleiro,

Adiante, paz em guia!

Se a espóra é de prata,

Meu pae de ouro t'a daria;

Eu sou filha do rei Cosme,

Da rainha Constantina.

—Mais tolo é o menino

Que de meninas se fia!

Cuidei de levar mulher,

Levo uma irmã minha.

(Versão de Ilha de S. Miguel, da Infantina)

Caçador que foi á caça,

A' terra do sol subia,

Anoiteceu-lhe em terra

D'onde gente não havia.

Chegou-se a um arvoredó

Dos mais altos que lá havia ;

Lançou os olhos acima,

Avistou uma donzilla,

Penteando os seus cabellos,

Que o arvoredó cobriam.

—Que fazeis aqui, menina?

Que fazeis aqui, donzilla?

«Sete fadas me fadaram
 No collo de uma mãe minha,
 Que viesse para aqui,
 Estar sete annos e um dia.
 Sete annos estão acabados,
 E por noite acaba o dia
 Levae-me, senhor, levae-me,
 Por Deus ou cortezia,
 Nas ancas do seu cavallo,
 Que na sella não cabia.

Cavalleiro se safava,
 Donzella deixar queria:

—De quem sois vós, menina,
 De quem sois vós, donzilla?
 «Sou filha de uma *malata*,
 Da maior *malataria*;
 Quem em mim puzer as mãos
Malato se tornaria,
 Cavallo em que eu montasse
 Elle logo arrebentaria;
 Terra por onde eu passasse
 Novidade não daria;
 Fonte por onde eu bebesse
 Ella logo seccaria.

Indo mais para diante
 A donzella se sorria.

—De que vos rides, menina?
 De que vos rides, donzilla?
 «Rio-me do cavalleiro
 E da sua cobardia,
 Que achou menina na serra,
 Guardára tal cortezia.

—Atraz, atraz, meu cavallo,
Que minha espóra é perdida;
Pois ella era de prata,
Que me ficou á partida.
«Adeante, cavalleiro,
Vá seguindo sua via;
Que se a espóra era de prata
De ouro meu pae lh'a daria.
No thesouro de meu pae
Muito mais ouro havia.
Sou filha do Rei de França,
Neta de el-rei de Castilla:
Levae-me a casa de meu pae
Que elle me accitaria:
Se tivesse de tomar amores
A vós não engeitaria.

2

CONDE NILLO

(Versão de Traç-os-Montes)

Conde Nillo, conde Nillo
Seu cavallo vae banhar;
Em quanto o cavallo bebe,
Armou um lindo cantar.
Com o escuro que fazia
El-rei não o póde avistar;
Mal sabe a pobre da infanta
Se hade rir, se hade chorar.

—Calla, minha filha, escuta,
Ouvirá's um bel cantar:

Ou são os anjos do céo,
 Ou a sereia no mar.
 «Não são os anjos no céo,
 Nem a sereia no mar:
 E' o conde Nillo, meu pae,
 Que commigo quer casar.
 — Quem falla no conde Nillo,
 Quem se atreve a nomear
 Esse vassallo rebelde,
 Que eu mandei desterrar?
 «Senhor, a culpa é só minha, ¹
 A mim deveis castigar;
 Não posso viver sem elle . . .
 Fui eu que o mandei chamar.
 — Calla-te, filha traidora,
 Não te queiras deshonrar;
 Antes que o dia amanheça ²
 Vê-lo-has ir a degollar.
 «Algoz que o matar a elle,
 A mim me tem de matar;
 Adonde a cova lhe abrirem
 A mim me têm de enterrar.

= Por quem dobra aquella campá ?
 Por quem está a dobrar ?
 — «Morto é o conde Nillo,
 A infanta já a expirar. ³

Abertas estão as covas,
 Agora os vão enterrar:
 Elle no adro da egreja,
 A infanta ao pé do altar,

¹ Senhor pae, eu tenho a culpa — *Açôres*. = ² Antes que não rompa o dia — *Açôres*. = ³ A infanta vae a expirar — *Açôres*.

De um nascêra um cypreste,
 E do outro um laranjal;
 Um crescia, outro crescia,
 Co'as pontas se iam beijar.
 El rei, apenas tal soube,
 Logo os mandára cortar.
 Um deitava sangue vivo,¹
 O outro sangue real;
 De um nascêra um pombo,
 De outro um pombo torquaz.
 Senta-se el-rei a comer,²
 Na mesa lhe iam poisar:

—Mal haja tanto querer,
 E mal haja tanto amar!
 Nem na vida nem na morte
 Nunca os pude separar.

Conde Niño

(*Versão de Traç-os-Montes, do Conde Nillo*)

Vae o conde, conde Niño,
 Seu cavallo vae banhar;
 Em quanto o cavallo bebe
 Cantou um lindo cantar:

==Bebe, bebe, meu cavallo,
 Que Deus te hade livrar

¹ Um, nobre sangre deitava — *Tras-os-Montes*.

² Sentava-se el rei á mesa,
 No hombro lhe iam poisar — *Açores*,

Dos trabalhos d'este mundo
 E das areias do mar.
 —Esperta. oh bella princeza,
 Ouviu um lindo cantar;
 Ou são os anjos no céu,
 Ou as sereias no mar!
 «Não são os anjos no céu,
 Nem as sereias no mar,
 E' o conde, conde Nião
 Que commigo quer casar.
 —Se elle quer casar contigo
 Eu o mandarei matar.
 «Quando lhe deres a morte
 Mandae-me a mim degollar;
 Que a mim me enterrem á porta,
 A elle ao pé do altar.

Morreu um, e morreu outro,
 Já lá vão a enterrar;
 D'um nascera um pinheirinho,
 Do outro um lindo pinheiral;
 Cresceu um e cresceu outro,
 As pontas foram juntar,
 Que quando el-rei ia á missa
 Não o deixavam passar.
 Pelo que o rei maldito
 Logo as mandava cortar;
 D'um correra leite puro,
 E do outro sangue real!
 Fugira d'um uma pomba
 E do outro um pombo trocal,
 Sentava-se el-rei á meza
 No hombro lhe iam poisar:
 —Mal haja tanto querer,
 E mal haja tanto amar;

Nem na vida, nem na morte
Nunca os pude separar.

O Conde Lindes

(Versão de Villa Boim — ALEMTEJO, do Conde Nillo)

Vindo Dom Conde Lindes
N'uma noite de luar
A dar agua aos seus cavallos,
Elle se poz a cantar.
O Rei que tal ouviu,
Sua filha foi chamar.

—Anda cá, oh minha filha,
Anda cá ouvir cantar;
Ou são os anjos no céo,
Ou é a sereia no mar.
«Nem são os anjos no céo,
Nem é a sereia no mar;
E' o Dom Conde Lindes,
Que commigo quer casar.
—Diz-me lá, oh minha filha,
Se isso assim é na verdade?
Se na verdade assim é,
Que o mando já matar.
«Se manda matar o Conde.
Mande-me a mim tambem.

Inda mal era manhã,
Dois amantes a enterrar;
Um se enterra ao pé da cruz,
Outro lá cima ao altar.

D'elle nasceu uma cana,
 E d'ella um canavial.
 Mandou o rei deitar pregão,
 Oh que pregão mandou deitar :

=Casamentos por amor
 Não se podem apartar.

—●—
Dom Nino

(Versão de Loulé — ALGARVE, do Conde Nillo)

Estava o conde Dom Nino
 N'uma noite de Natal,
 Dando agua ao seu cavallo
 Lá sobre a riba do mar;
 O cavallo que bebia,
 Elle se poz a cantar;
 E El rei que bem ouvia
 Se poz logo a escutar.

—Acorda já, minha filha,
 Se queres ouvir cantar!
 Ou são os anjos lá do céu,
 Ou sereias cá no mar.
 «Não são os anjos do céu,
 Nem as sereias do mar;
 E' sim o conde Dom Nino
 Que commigo quer casar.
 —Se é Dom Nino, minha filha,
 Eu o mandarei matar.
 «Se mandar matar lo quer,
 Mande-me já degolar;
 Um que se enterre no adro,
 O outro ao pé do altar.

Tres annos eram passados,
Na egreja o mesmo cantar,
O cantar que El-rei ouvira,
Lá sobre a riba do mar.
D'ella nasceu uma rosa,
Do outro um canavial;
E as canas tanto cresceram
Que em arco se iam cruzar.
Manda El-rei cortar as canas,
Mais as rosas do altar.

Tres annos eram passados,
Na egreja o mesmo cantar,
O cantar que El-rei ouvira
Lá sobre as ribas do mar.
D'ella nasceu uma pomba,
D'elle um pombo a rolar;
Mas El-rei de enraivecido
Laços lhes manda armar.
Voavam azas com azas,
Para no ár se abraçar;
Voavam bico com bico
Para no ár se beijar.
Padre Santo que isto ouviu
Mandou-os logo juntar;
Levou-os p'ra o seu palacio
Para o seu palacio real.

Tres annos eram passados,
Na egreja o mesmo cantar,
O cantar que El-rei ouvira
Lá sobre as ribas do mar.
O pombo e pomba voaram
E ao céu foram parar.

Dom Diniz

(Versão de Faro, do Conde Nillo)

Já se lá vae Dom Diniz,
 Manhanita de Natal,
 Vêr dar agua ao seu cavallo
 Lá para as ribas do mar.
 Dom Diniz morre de amores
 Pela infantina real;
 Assim que El-rei tal soubera
 O mandára desterrar.
 Enquanto o ruço bebia,
 Elle se pôz a cantar;
 El rei que á janella estava,
 Mal o acabava de escutar,
 Vae-se a ter com sua filha,
 A linda infanta real:

- Anda cá, oh filha minha,
 Ouvir um doce cantar,
 Que ou é dos anjos do céo,
 Ou das sereias do mar.
 «Não é, não, senhor meu pae,
 É bem esse outro cantar...
 É Dom Diniz com saudades,
 Que se está a delatar!
 É Dom Diniz, Dom Diniz,
 Que de amor me vem fallar.»
 — Se é Dom Diniz, minha filha,
 Eu o mando já matar;
 É bem que pague co' a vida
 Desterrado que tal faz.
 «Na fogueira em que elle arder,
 Me quero eu logo queimar,

E na cova em que o metterem,
Tambem me quero enterrar.

Todos os sinos dobravam,
Dom Diniz era a queimar;
Mal que a infanta ouvira os sinos
Se deixa logo finar.
Mortos que eram os amantes
Já os lá vão a enterrar,
Elle no meio da egreja,
Ella mesmo ao pé do altar.
Tres dias eram passados.
Na egreja o mesmo cantar,
O cantar que el rei ouvira
Lá para as ribas do mar.

Passados outros tres dias,
Então é que era pasmar;
Da campa da linda infanta
Nasce um formoso rosal,
Da campa do cavalleiro
Um viçoso canavial;
E as canas tanto cresceram
Que em arco se iam cruzar.
Manda el-rei cortar as canas
Mais as rosas do altar,
Da infanta nasce uma pomba,
D'elle um gavião real;
Mas el rei de enraivecido
Laços lhe mandou armar.
Voavam azas com azas
Para no ár se abraçar;
Voavam bico com bico
Para no ár se beijar;
E tanto, tanto voaram,
Que ao céo foram a parar.

A rainha, de raivosa,
Maldição lhes foi deitar :

=Maldição te deito, filha.
Para que vás fazer ninho
Lá sobre as rochas do mar :
D'ella se forma uma egreja,
D'elle um portentoso altar,
Para quem de amor morresse
Alli se fôsse enterrar.



ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

Filha Maria

(Versão da Ilha de S. Jorge, do Conde Nillo)

—Escutae, se qu'reis ouvir
Um rico, doce cantar!
Devem de ser as marinhas,
Ou os peixinhos do mar?
«Elle não são as marinhas,
Nem os peixinhos do mar;
Deve de ser Dom Doardos
Que aqui nos vem visitar,
—Elle se fôr Dom' Doardos
Eu o mandarei matar!
«Se o mandares matar,
Mandae-me a mim degollar.

Quando Dom Doardos chegou
O rei o mandou matar;
E tambem o rei mandou
A' princeza degollar.
Elle se enterrou ás grades,
Ella á porta principal;

Ella se formou em arvore,
 Elle n'um pinho real;
 Um cresceu, outro cresceu,
 Ao ár foram-se abraçar;
 Seu pae tanto que o soube
 Os mandou logo cortar.
 Nunca houve ferramenta
 Que com elles podesse entrar.
 Ella se tornou em pomba,
 Ella n'um pombo real;
 Um vôou, outro vôou,
 Longes terras foram dar,
 Ella se formou em ermida,
 Elle n'um altar real!
 Seu pae tanto que o soube,
 Logo os foi visitar.

«Ajoelhae, pae da minha alma,
 E começae a resar:
 Que eu sou a filha Maria
 Que não quizestes casar;
 Alimpae as vossas lagrimas
 Não caiam a este mar.
 Nunca haja pae, nem mãe,
 Que tal torne a augmentar;
 Apartar o matrimonio
 Que Deos tem para ajuntar.

—●—

Dom Doardos

(Variante da Ilha de S. Jorge, do Conde Nillo)

—Chegae, Infanta, á janella,
 Ouvi um doce cantar;
 Ouvi cantar as sercias
 No meio d'aquelle mar.

«Elle não são as sereias,
 Nem o seu doce cantar;
 Elle é o Dom Doardos.
 Que a mim me vem visitar.
 — Se elle é o Dom Doardos,
 Heide mandal-o matar!
 «Se o mandares matar, pae,
 Mandae-me a mim degollar.

Mataram a Dom Doardos
 A' noite pelo luar;
 Degollaram a princeza
 Antes do sol arraiar.
 Enterrou-se um na capella,
 Outra á porta principal;
 D'ella nasceu oliveira,
 E d'elle um pinho real;
 Cresceu um e cresceu outro,
 Ao ár foram-se abraçar.
 O pae quando tal soube
 Logo os mandára cortar!
 Da oliveira corre leite,
 Do pinho sangue real.
 A rainha com inveja
 Mandara-os botar ao mar!
 Foram os barcos ao peixe.
 Nada de peixe pilharam;
 Viram estar uma Ermida
 C'uma Santa no altar!
 Chamaram os padres todos
 Que a fossem baptizar,
 Que lhe fossem pôr por nome
 San João de Baixa-mar;
 Que a Senhora que está n'ella
 Fosse a Virgem do Pilar.
 Ajuntou-se muita gente

Onde ia tambem seu pae ;
Seu pae, quando lá chegou
Começára de chorar.

« Calae-vos, pae da minha alma,
Calae-vos, não choreis mais ;
Não haja pae, nem mãe
Que tal torne a considerar,
Desmanchar o casamento
Que Deos tem para ajuntar.

— 3 —
A Ermida no mar

(Variante da Ilha de S. Jorge, do Conde Nillo)

Maria, pondo a meza
Para seu pae vir jantar,
Viu vir uma náó á vela,
A' vela por esse mar ;
São os amores de Maria
Que a vêm enamorar !

— Se são amores de Maria,
Eu não a quero casar !

Ella não se lhe dá d'isso,
O mandou apregoar ;
Seu pae quando o soube
O mandaria matar.

« Se o mandares matar, pae,
Mandae-me a mim degollar.

Mandou-o matar a elle,
E a ella degollar.

O senhor se enterraria
Antes do gallo cantar,
E a senhora rainha
Antes do sol arraiar!
Um se enterrou na capella,
Outro ao pé do altar;
A um nasceu um craveiro,
A outro um pinheiro real;
Foram crescendo e andando,
Se vieram a abraçar!
Seu pae com toda a inveja,
Os mandaria cortar.
Da mais alta rocha que havia
Os mandou botar ao mar.
Andavam os marinheiros
Tirando peixe do mar,
D'onde viram uma Ermida
Que a fossem baptizar.
Ajuntou-se muita gente,
Na companhia ía o pae:
Seu pae, quanto que a viu,
Começou de prantear:

«Que tendes, pae da minha alma,
Que estaes tanto a chorar?
Casamentos que Deus fez
Não os faças desmanchar;
Tudo o que tendes resado
Seja á Virgem do Pilar.
Que esta é a vossa filha
Que aqui está no altar,

3

PRINCEZA PEREGRINA

(Versão do Porto)

Peregrina, a peregrina ¹
Andava a peregrinar
Em cata de um cavalleiro
Que lhe fugiu, mal pezar!
A um castello torreado
Pela tarde foi parar:
Signaes certos, que trazia
Do castello, foi achar.

«Mora aqui o cavalleiro?» ²
Aqui deve de morar.

Respondêra-lhe uma dona
Discreta no seu fallar:

—O cavalleiro está fóra,
Mas não deve de tardar;
Se tem pressa a peregrina,
Já lh'o mandarei chamar.

Palavras não era ditas,
O cavalleiro a chegar:

¹ Anda atraz do cavalleiro
A princeza a bom andar.—*Minho*.

² Está em casa o cavalleiro
Que aqui deve de morar?—*Traz-os-Montes*

—«Que fazeis por'qui, senhora,¹
 Quem vos trouxe a este logar?
 «O amor de um cavalleiro
 Por aqui me faz andar;
 Prometteu de voltar cedo,
 Nunca mais o vi tornar.
 Deixei meu pae, minha casa,²
 Corri por terra e por mar
 Em busca do cavalleiro,
 Sem nunca o poder achar.

—«Negro fadairo, senhora,
 Que tarde vos fez chegar!
 Eu de vosso pae fugia,
 Que me queria matar;
 Corri terras, passei mares,
 A este castello vim dar.
 Antes que fôsse anno e dia
 (Vós me fizeste jurar)
 Com outra dama ou donzella
 Não me havia desposar.
 Anno e dia eram passados
 Sem de vós ouvir fallar;
 Co'a dona d'esse castello
 Eu hontem me fui casar...

Palavras não eram ditas,
 A peregrina a expirar,

—«Ai penas de minha vida,
 Ai vida de meu penar!
 Que farei d'esta lindeza
 Que em meus braços vem finir?

¹ Que fazeis por'qui, princeza,
 Que andaes a procurar?—*Minho.*

² Deixei meu pae, minha gente—*Traz-os-Montes.*

Do alto de sua torre
A dama estava a raivar :

- Leva-a d'ahi, cavalleiro, ¹
E que a deitem ao mar.
—Tal não farei eu, senhora,
Que ella é de sangue real...
E amou com todo o extremo
A quem lhe foi desleat.
Oh! quem não sabe ser firme;
Melhor fôra não amar.

Palavras não eram ditas,
O cavalleiro a expirar.
Manda a dona do castello ²
Que os vão logo enterrar
Em duas côvas bem fundas
Ali junto á beira mar.
Na campa do cavalleiro
Nasce um triste pinheiral;³
E na campa da princeza
Um saudoso canavial.
Manda a dona do castello
Todas as canas cortar ;
Mas as canas das raizes
Tornavam a rebentar
E á noite a castellana
As ouvia suspirar.

1 E vae lançal a no mar — *Minho*.

2 De raivosa, a castelhana
Os mandou logo cortar. — *Minho*

3 Nasceu um triste pinhal. — *Extremadura*

Promessa de Noivado

(Versão da Covilhã—BEIRA BAIXA, da Peregrina)

- Oh menina da mantilha,
 Guarda-me esse lindo rosto,
 Que eu vou para a minha terra,
 Em vindo caso comvosco.
 Lá dos quatro para os cinco,
 E dos cinco para os seis,
 Menina, se eu não vier,
 Menina, casar-vos-heis.
- «Filha, eu quero-te casar,
 Que é o teu tempo venido.
 «Senhor pae, estou casada,
 Não tenha duvida n'isso.

Agarrou no seu fatinho,
 Abalou por ai além.
 E ia de terra em terra.
 E de logar em logar,
 Já levava a bocca secca
 De por elle procurar;
 Os seus olhos como punhos,
 De por elle ir a chorar.

- «Móra aqui um cavalleiro
 Da minha terra natural?
 — Aqui móra, sim senhora,
 Anda na caça a caçar;
 Se elle é de muita pressa
 Eu o mando lá chamar.
 «Elle a pressa não é muita,
 Que por elle heide esperar.
 Elle á noite quando veiu,
 Começou-se a admirar:

- Quem vos trouxe aqui, senhora,
A minha terra natal?
«Foram as suas saudades
Que fizeram cá chegar.
—Tenho os meus filhos pequenos,
Que Deus m'os deixe criar;
Tendo a minha mulher moça,
Que Deus m'a deixe gosar.

A menina, que isto ouviu,
Cabiu morta para traz.

- Que farei aqui, senhora,
Que farei a tanto mal?
—Pegue-lhe pelos cabellos
E mande-a deitar ao mar!
—Não farei isso, senhora,
Na mi terra natural;
Mando fazer um caixão
Com a tampa de crystal,
E na pia da agua benta
A mandarei sepultar

—●—
A Enganada

(*Versão de Tavira—ALGARVE, do Conde Nillo*)

- Vosso pae, quando morreu,
Me deixou como penhor,
Que vos dêsse bom ensino
E entregasse a bom senhor;
Entreguei-vos a elrei,
Pois não acho outro melhor.

Olhae filho, que me dizem,
 Que vós fostes lo trédor,
 Que enganaste la princeza,
 Filha d'elrei meu senhor,
 Receiae-vos do castigo,
 Accolhei-vos, se tal fôr.

Mancebo, que tal ouviu,
 Longes terras foi morar;
 A princeza que o não vira
 No seu palacio real,
 Mandou sellar um cavallo,
 Pôz-se logo a caminhar.
 Chegára a uma terra longe,
 Longe d'aquelle logar.

«Móra aqui um cavalleiro?
 Esse é que eu venho buscar.
 —Um cavalleiro aqui móra,
 Mas hoje foi a caçar.

Palavras não eram ditas,
 Elle que á porta chegava;
 Olhava um para o outro,
 Nem um nem outro fallava;
 Nos olhos bem se entendia
 O que um do outro cuidava!
 As lagrimas eram tantas,
 Que a terra já se banhava;
 Os suspiros eram taes,
 Que só de ouvil-os cortava.
 Ficára-se ella suspensa,
 Elle immovel se quedára!
 —A que vindes vós, senhora,
 Que vindes buscar aqui?

«Que me guardeis a palavra
 Que vós me déstes a mim :
 Que me acceiteis por mulher,
 Pois que por vós me perdi!
 = Mulher e filhos já tenho,
 Não os posso abandonar; ¹
 A mulher é muito honesta,
 Eu não a heide matar;
 Os filhos são mui pequenos,
 Hei mister de os bem criar.

A princeza, que isto ouviu,
 Morta caíu para traz.

—Que a soterrar hoje a levem
 Ao mosteiro de San Braz,
 N'um ataúde coberto
 Com ricos panos de Arrás.

Vinte padres a acompanham
 Com tochas por cada lado,
 C'um letreiro á cabeceira
 Em ouro fino esmaltado :
*Quem morre de mal de amores,
 Leva um mal desesperado !*

—●—

Dom Manuel

(*Versão de Tavira, da Peregrina*)

Havia um Dom Manuel,
 Filho de um gran' general ;
 Mandou fallar á princeza
 Para com ella casar.

¹ Não os posso *desdeixar*.

Seu pae se fez muito grave,
 Sua mãe não a quiz dar:
 Elle quando tal ouvira
 Longes terras foi buscar.
 A princeza com saudades
 Pôz-se logo a caminhar;
 Andava de terra em terra
 E de logar em logar.
 Foi-se a ter com uma dama
 Mui discreta em seu fallar;
 Em casa de Dom Manuel,
 Lá mesmo foi a parar.

«Mora aqui um cavalleiro,
 D'outra terra natural?
 —Ai, sim, mora aqui, senhora,
 Dizei vosso desejar;
 Elle foi a uma caçada
 Para se desenfadar;
 Se é recado de importancia,
 Eu o mando já chamar.
 «Deixae-o caçar senhora,
 Deixae-o desenfadar.

Palavras não eram ditas,
 Elle á porta a desmontar.

—«Quem trouxe aqui a princeza
 De mi terra natural?
 «Saudades, tuas saudades
 Cá me fizeram chegar,
 —«Em má hora sois chegada,
 Em má hora de contar!
 A vosso pae vos pedi,
 A vossa mãe fui fallar,

Vosso pae se fez mui grave,
Vossa mãe não vos quiz dar ;
Agora é tarde, não posso,
Tenho outra em vosso logar,
E d'ella filhos já tenho,
Que Deus me ajude a criar.
«Se tu tens mulher e filhos,
Deus t'os queira conservar;
Tarde cheguei, cavalleiro,
Para só por mim fallar.
Não podes tu já valer-me,
Não tenho mais que esperar ;
Porém como tu és d'outra,
Mais ninguem me hade gosar ;
Abre-me ainda os teus braços,
Que n'elles quero expirar.

Nos braços do cavalleiro
Ella se deixa finar ;
Nem com cravos nem com rosas
A poderam despertar !
Manda chamar tres donzellas
Para a virem enfeitar ;
Mandou fazer uma cova
Como se fôra real ;
Mandou dizer muitas missas
Todas de pontifical.
Já se lá dobram os sinos,
Já se lá vae a enterrar.
Ao cabo de setè annos,
Da cova nasce um rosal,
Que dava rosas tão altas,
Rosas de tal perfumar,
Que até a casa da mãe
O perfume ia parar.

A Peregrina

(Versão de Lagos)

—Dom Alberto, não ames
A filha do teu senhor ;
Ella é muito creancinha,
Não te hade ter amor.

Dom Alberto, como entendido
A longes terras foi parar ;
Casou com uma senhora
Que mui bem sabia fallar ;
A princeza que isto soube
Logo se pôz a pelingrinar.

«Esmola á pelingrina,
Que anda a pelingrinar ;
Que a pelingrina já foi rica,
Já teve muito que dar,
=Quem sois vós, minha senhora,
Que tão bem sabeis fallar ?
«Sou filha do rei de Hespanha,
Rainha de Portugal,
Dá-me a mão, Dom Alberto,
De ti me não quero separar.
=Como póde ser, senhora,
Se ainda hoje me fui casar ?
«Se tiveres mulher moça,
Que Deus te a deixe gosar ;
E se tu tiveres filhos
Que Deus t'os deixe criar.

Encostou-se ao hombro d'elle,
E alli se deixou ficar.
A rainha que isto viu
Logo os mandou separar,

Uma hora era passada,
Elle estava a expirar.
Um enterrou-se ao pé do pulpito,
Outro ao pé de um altar,
D'elle se formou um pereiro,
D'ella uma pereira real ;
As folhinhas que cahiam
Logo se punham a brincar.
A rainha mal isto soube
Logo os mandou cortar ;
D'elle se formou um pombo,
D'ella uma pomba real ;
E n'um vôo que deram
Logo se foram abraçar ;
A esta hora estão no céo
Sua felicidade a gosar.



ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Don'Anna

(Versão de Camara Lobos, do Conde Nillo)

Conde pae morreu nas guerras
Do tempo d'el-rei passado ;
Conde filho, de menino,
Era no paço creado ;
E da infanta Don'Anna
Elle era lo namorado :
Passavam tardes inteiras
N'um verde campo relvado.
Indo elle para o palacio,
Foi pela mãe encontrado:

— Por pedidos de teu pae,
 Tens d'el-rei sido criado ;
 Agora te peço eu,
 Fuge, filho malfadado !
 Que da infanta Don'Anna,
 Bem no sei és namorado.
 E quem põe olhos tão alto
 D'alto pôde ser deitado :
 Pratos d'ouro têm peçonha,
 Ou pôdes ser degollado ;
 Que no trato dos amores
 Paço real é sagrado.

Amoestado da culpa,
 Fugiu elle, a bom recado :
 No cabo de uma semana
 A suas terras chegado
 Mas don'Anna, que lo soube,
 Toda chorosa, carpia,
 Perguntando á fortuna
 De que sorte viveria ?
 La fortuna respondeu,
 Que com tempo saberia.

« Fica-te embora, fortuna,
 Eu, por mim, não ficaria.

E lá vác, de amor penada,
 Triste infanta a caminhar ;
 De dia, polos caminhos.
 De noite sem descansar.
 No fim de um anno chegou,
 E começa a perguntar :

« É aqui seu senhorio,
 Aqui é lo seu solar ?

«—É aqui seu senhorio,
 Aqui é lo seu lar ;
 Mas anda *venalteando*,
 Nos montes a montar.

Palavras não eram ditas,
 Elle na porta a chegar:

—«Que fazes aqui, infanta ;
 Que vens tu aqui buscar ?
 «Minha honra te entreguei ;
 Venho contigo casar.
 —«Já tenho mulher e filho ;
 Tenho outra em teu logar.

Cabiu ella para traz ;
 Alli veiu acabar :
 E elle quedo, ali,
 Sem falla poder fallar !
 Mas fallou sua mulher,
 Chamada Anna Guimar ;

«—Vinde cá, bom ermitão,
 Este caso consultar ;
 Vinde cá, bom ermitão,
 Eu vos quero perguntar :
 Tamanho crime de amor
 Lo posso eu perdoar ?

—Morreu sem rependimento ;
 Morreu em mortal peccado ;
 Quem assim morre de amor
 Nunca se enterre em sagrado ;
 Enterre-se em campo verde,
 Onde vác pastar lo gado ;
 Fique-lhe um braço de fóra
 Com seu letreiro pregado ;

No letreiro letras grandes,
 Que seja bem declarado :
Quem assim morreu de amor,
Morreu em mortal peccado.

—●—

Cavalleiro não namores

(Variante da Ponta do Sol, do Conde Nillo)

«Cavalleiro não namores,
 Filha d'el-rei teu senhor ;
 Tua vida pagaria
 Tamanho crime de amor.

Ouviu elle e não fez caso,
 Poz-se a cantar, sem temor ;
 Era noite ; longe foi
 Lo seu cantar de primor :

— Oh, que linda noite esta,
 La noite de San João !
 Conversar com seu amor
 Todollos rapazes vão.

— «Ergue-te d'ahi, Anninha,
 Se queres ouvir cantar ;
 Só sabe cantar tão doce
 La sirena de la mar.

« Senhor pae, não é sirena,
 E' mais doce este cantar ;
 Senhor pae, é Dom Bernal
 Que me está a namorar.

— «Soubera eu de assim ser,
 Lo mandaria matar :

X |

Na ponta da sua lança
Lo mandava lancear ;
No rabo do seu cavallo
Lo mandava a arrastar ,
E, depois, já quasi morto,
Lo mandaria queimar.

Dom Bernal, quando lo soube
Oh! fugir sem descansar ;
Ao cabo de sete mezes,
A suas terras foi dar.
Don'Anninha, mal lo soube,
Atraz d'elle a caminhar :
E lá vae de villa em villa,
E de logar em logar.
No cabo de sete annos,
Fartinha de perguntar,
Tres senhoras ella viu,
Todas tres a costurar:

- «—Que Deus vos salve, senhoras,
Bem postas no seu logar.
=Deus vos salve, forasteira,
Tão cortez no seu fallar.
«—Por quem *soides* vós senhoras :
Aqui estará Dom Bernal ?
Elle ha de estar aqui,
Sua terra natural.
=Aqui está, mas foi á caça.
Elle não póde tardar ;
Se muita pressa vós tendes,
Vou já mandal-o chamar.
«—Eu pressa não tenho muita,
Tambem não tenho vagar...
Que deixei la meza posta
A meu pae, para jantar.

Palavras não eram ditas,
E Dom Bernal a chegar,
Don'Anninha, mal lo vê,
Logo lo quer abraçar.

- «—Dá-me esses braços, Bernal,
N'elles me quero deitar.
—Já vos não posso, senhora,
N'estes braços apertar;
Já não sou livre de mim;
Acabei de me casar.
Aqui está minha mulher,
D'isso não hade gostar.
=Quer eu goste quer não goste,
Pouco vos hade importar.
Vae-te d'aqui, forasteira,
Não te posso encarar.

Don'Anninha, de affrontada,
Cahiu morta sem fallar.

- Ai, que dôr tamanha esta!
Ai, que tamanho pesar!
Oh tu, meu amor primeiro,
Aqui vieste acabar!
=Dae-lhe um beijo, Dom Bernal;
Talvez a si vá tornar.
—Não zombes, mulher tyranna,
Carniceira de matar;
De quem Deus me qu'ria junto
Tu me vieste apartar.
Dou-lhe um beijo? Dou-lhe mil,
Mas baldo é porfiar;
Que tuas palavras feras
La morte lhe foram dar.

Palavras não eram ditas,
Tambem elle a expirar.
Dom Bernal e Don' Anninha
Ambos vão a enterrar;
Ambos fóra da egreja,
Cada qual em seu logar.

Na cova de Don' Anninha
Naceu alvo jasminal;
Na cova do cavalleiro
Naceu vermelho rosal;
Tanto pendem um p'ra outro
Que se foram enlaçar;
Tanto creceram p'ra cima,
Que no céo foram topar;
Todas las aves do mundo,
Todas lá iam cantar,
Todas lá iam dormir,
Todas lá iam criar;
E las folhas que esfolhavam,
Lo vento las foi juntar!
Mas la mulher, invejosa,
Tudo lá mandou cortar.

●

Dona Ignez

(Variante da Calheta, do Conde Nillo)

— Oh filha, filha, vem cá,
Vem ouvir doce cantar!
Pescador não póde ser;
Só sirena de la mar.
• Oh pae, pae, eu aqui estou
A ouvir doce cantar:
Pescador não póde ser,
Nem sirena de la mar.

Esta voz ainda é mais ;
 Bem parece suspirar.
 E se fosse Dom Bernal,
 Que me esteja a namorar ?
 —Lo mandaria prender,
 E ao depois degolar.

Dom Bernal, que lo ouviu;
 Abalou sem mais esp'rar ;
 Dona Ignez, de paixão,
 Cahiu na cama a penar :
 Esteve em artigos de morte,
 Sem se poder confessar ;
 Só no fim de sete annos
 Se chegou a levantar.

«P'ra ir ter com D Bernal:
 Que traças heide eu armar ?

Um dia, poz ella a meza
 A seu pae para jantar ;
 Jarra de prata na salva
 Com agua, p'ra refrescar ;
 Bacia, tambem de prata,
 Onde seu pae se lavar ;
 Toalha de linho fino,
 Onde seu pae se alimpar :
 E já tinha barca prompta,
 Bom vento e melhor mar.

«Larga, larga, minha barca,
 Por 'hi fóra a navegar !
 P'ra terras de Dom Bernal,
 Minha barca, andar, andar.
 Eu deixei la meza posta
 E meu pae está a jantar.

Que la infanta fugia,
Quem lo houvera cuidar?
A'quellas terras chegada,
Fartinha de viajar.
Viu tres damas assentadas ;
Só duas a trabalhar ;
La do meio, por senhora,
Nada fez se não olhar.

- «Nosso Senhor aqui seja
Comvosco n'este logar ;
Comvosco, dama do meio,
Comvosco quero fallar,
De Dom Bernal, vós, senhora,
Que novas me sabeis dar?
—«Deus te salve, forasteira.
Que tão bem sabes fallar.
Aqui mora Dom Bernal ;
Foi la caça montar.
Forasteira, se tens pressa,
Depressa se vae chamar,
«Sete annos ha que espero,
Já estou fartinha de esperar.

Palavras não eram ditas,
Eil-o de pé no portal.

- Que fazes aqui, Ignez?
«Venho por ti, Dom Bernal.
—Quando eu te namorei,
Teu pae me quiz degolar ;
Agora, já sou casado,
Tenho outra em teu logar,
E tenho filhos pesquitos,
Que Deus do céu me quiz dar.

- «Ai, tu tens outra mulher! .
 Deus te la deixe lograr.
 Ai, tu tens filhos pesquitos! . .
 Deus te los deixe crear,
 E eu que tão longe vinha
 Los teus braços procurar! . . .
- A outra los entreguei,
 Pelas bençãos do altar;
 Mas, dando ella licença,
 Cá, por mim, não vou negar.
- «Vae-te, porca forasteira;
 Não lo venhas attentar.

Dona Ignez que tal ouviu,
 N'um ai, que deu, rebentou;
 Nos braços de Dom Bernal
 Logo morta ali ficou.

- Aqui d'el-rei! Cá por dentro
 Meu coração estallou;
 Que minha querida Ignez
 Nos meus braços expirou!
- «Se tu lhe dás um beijinho,
 A' vida ella tornou.
- Morreu ella, morro eu;
 Tudo na morte acabou.
 Não tenhas de mim ciumes,
 Que já do mundo não sou!
- «Ai de mim, oh carniceira,
 Já me não chamo quem sou;
 Matei um e matei outro.
 Só a mim ninguem matou!

E mandou ambol los dois
 Com grandes dós enterrar

Em supulturas sagradas,
 Elle e ella par a par.
 E prantou um rosal verde
 P'ra bôa sombra lhes dar,
 E pediu a Deus perdão,
 Quem lh'o houvera rogar?
 Este amor mal começado;
 Mal tambem foi acabar ;
 Mas se não casaram cá
 Foram-se no céu juntar.

ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

Donzella que se fina de amor

(Versão de Vellas — Ilha de S. Jorge, do Conde Nillo)

«A fortuna convidou-me
 P'ra ir com ella jantar,
 Em meza de sentimentos,
 Toalhina de pesar :
 Diz-me tu, oh fortuna,
 Quando me hasde deixar ?
 — Quando se seccarem fontes,
 E rios que correm ao mar,
 «Fica-te embora, fortuna,
 Que bem te podes ficar ;
 Eu vou-me de terra em terra,
 E de logar em logar,
 Vêr se encontro um cavalleiro,
 O meu amor natural.

Indo por uma praça acima,
 Tres senhores vira estar :
 «Beijo-vos as mãos, senhores,

Cada qual no seu logar.
 Não pergunto por ermida,
 Nem por contas de rezar,
 E' só por um cavalleiro,
 Freguez do meu natural?

— Namoremos a donzella
 Discreta no seu fallar:
 Não pergunta por ermida,
 Nem por livros de resar;
 E' só por um cavalleiro
 Freguez do seu natural.

— O senhor Dom foi p'ra caça,
 Aqui não póde tardar:
 Mas se a pressa é muita
 Eu o mandarei chamar.
 «Elle a pressa não é muita,
 Tambem posso esperar.

Palavras não eram ditas,
 O senhor Dom a chegar.

«— Que fazeis aqui, donzella,
 Terra do meu natural?

«Meus suspiros c'os teus ais
 Me fizeram cá chegar!
 Dize-me tu, cavalleiro,
 Que dia vamos casar?

«— Quando te eu mandava prendas
 Não m'as quizeste acceitar;
 Quando t'eu fallar queria
 Não me quizeste escutar.
 Quando eu quiz não quizeste,
 Agora que vens buscar?
 Agora, bella donzella,
 Está outra no teu logar;
 Tenho mulher mui gentil,

Meninos para criar.

«Bem a vejo acolá
Com filhinhos de criar!
Dae-me licença, senhora,
Que eu o quero abraçar.

—«A licença vós a tendes,
Não vol-a posso negar.

Palavras não eram ditas,
Donzella o foi abraçar;
Ella cahiu para traz,
Ali se deixou finar.

—Jesus! tamanha é a dôr,
Jesus, tamanho o pesar;
Cavalleiro, dá-lhe um beijo,
Que torna a resuscitar,

»—Nem com beijo, nem sem beijo
Não torna a resuscitar,
Ella já está tão fria
Como o ferro natural.
Venha cá minha mulher,
Conselho quero tomar;
Que faremos á donzella,
De ermida para a enterrar? ,

—«O conselho que te dou
E' que a mandes arrastar,
Arrastar pelo cabello,
E lança-a n'aquelle mar.
Vae andando, vae rolando,
Irá ter ao seu logar,

«—Esse conselho, mulher,
Eu não o quero tomar;
Eu ainda tenho dinheiro
Para a mandar enterrar.

—«Carregae-a de ouro e prata

Mandae-a deitar ao mar :
 Para que aonde ella chegue
 Ter com que a enterrar.
 — «Esse conselho não tomo,
 Esse não heide tomar ;
 Ainda tenho uma ermida
 Para n'ella se enterrar ;
 Esse ouro, essa prata
 Para com ella gastar.
 Heide fazer um enterro
 Como seja pae e mãe ;
 Mandarei fazer uma cova
 Para a mandar enterrar ;
 Os seus cabellos dourados
 Por fóra hão de ficar,
 P'ra todos os namorados
 Ali irem acabar.

Palavras não eram ditas
 Cavalleiro se finára ;
 Enterrou-se um na capella,
 Outro ao pé do altar ;
 A rainha com inveja
 Se mandára degolar ;
 Aqui vereis vós, menina,
 O que é amor natural.



Rosal-florido

(*Variante da Ribeira de Areias — Ilha de S. Jorge, do Conde Nillo*)

—Rosa, que estás na roseira,
 Manda-me um vintem de rosas ;
 As abertas não as ha,
 Fechadas são mais formosas.

- «Vá-se embora, cavalleiro,
Não me queira attentar,
Que o rosal é muito alto,
Não as posso apanhar.
—Rosinha, dê-me licença,
Que eu as irei apanhar.
«Vá-se embora, cavalleiro,
A má ida vá contigo;
Pelo bafo que me botas
Cheiras-me a lôdo podrido.
—Volta, volta meu cavallo,
A boa ida vá contigo!
Pelo bafo que me cheira
E' rosal enflorcido.

Ao cabo de sete annos
Rosinha d'alli partia,
N'uma lanchinha de prata
A par da Virgem Maria.
Fôra ter a uma terra
Onde gente não havia,
Senão só duas senhoras
Cada uma em seu logar.

- «Senhora, dae-me noticia
Do que vos vou perguntar,
Por um senhor estrangeiro
Do meu paiz natural?
—«Esse senhor foi p'ra caça,
Aqui não pode tardar.
«Senhora, dê-me licença,
Que eu me quero assentar.

Palavras não eram ditas,
O senhor ali a chegar.

- Que fazeis aqui, donzella
De mi terra natural?
«A vossa vinda, senhor,
E' que me fez aqui chegar.
—Quando eu quiz tu não quizeste,
Está outra em teu logar;
Aí tens a par de ti
Um filhinho de criar.

Ella quando tal ouviu,
Logo ficou passada.

- «Pega-lhe pelo cabello
E bota-a n'aquelle mar,
—Esse conselho, mulher,
Eu não o quero tomar;
Ainda tenho prata e ouro
Para com ella gastar.

Mandei fazer um moimento
Para a mandar enterrar,
O seu cabello de fóra
Para por elle chorar.

(Versão da Ilha de S. Miguel)

Ao cabo de sete annos
Donzella casar queria.
Sabiu de casa á procura
Onde o Caçador estaria;
E vae perguntar por elle
A' terra em que vivia.

- «Não pergunto por egrejas,
Nem por contas de rezar,
Pergunto por cavalleiro
De mi terra natural?

—Cavalleiro não está aqui,
 Foi para a caça caçar ;
 Se vindes com muita pressa,
 Eu o mando já chamar,
 Ou pela minha Therezinha,
 Ou pela minha Guimar,
 «Deixae estar as vossas filhas;
 Cada uma em seu logar,
 Que a pressa não é muita,
 Eu bem posso esperar,

Palavars não eram ditas,
 Cavalleiro a chegar.

—Deus esteja com duas damas,
 Cada uma em seu logar,
 «Deus venha com o cavalleiro
 Que tambem soube fallar;
 Olha bem se te alembras
 De quando te queria amar ?
 —Agora tenho mulher
 E filhas de sustentar.
 «Se tendes mulher bonita,
 Deus vol-a deixe lograr;
 E se tendes filhos pequenos
 Deus vol-os deixe crear.

Palavras não eram ditas,
 A donzella a desmaiar.

—Dae-me licença, senhora,
 Que um beijinho lhe vá dar;
 Para vêr esta donzella
 Se ella a si se quer tornar ?
 —Dê-lhe um, dê-lhe dois,
 Até tres, não lhe dê mais.

- =Dá-me licença, senhora,
 Que um abraço lhe vá dar?
 Para ver esta donzella
 Se a si se quer tornar?
 =Dê-lhe um, dê-lhe dois,
 Até tres, não lhe dê mais.
 =Dae-me licença, senhora,
 Que na cama a vá deitar,
 Para ver esta donzella
 Se a si se quer tornar?
 —A licença que vos dou
 E' que a mandeis queimar,
 Com dez carradas de lenha,
 Eu para as atihar.

O conde com grande dôr
 Alli se deixou finar.
 Lá vão os dois de amor,
 Já la vão a enterrar,
 Um se enterra na capella,
 E outro de traz do altar.
 A' beira da sepultura
 Nasceram dois pinheiraes;
 A condessa com inveja,
 Logo os mandou cortar,
 P'ra fazer um cadeirado
 Para n'elle se asentar.
 D'um corria sangue e leite,
 Do outro sangue real;
 E elles como eram santos
 Tornaram a rebentar;
 Folhas que d'elles cabiam
 No chão estavam a brincar,
 Que eram os filhos que teriam
 Se chegassem a casar.
 Um cresceu e outro cresceu,
 No céu se vão abraçar.

BRASIL

D. Duarte e Donzilha

(Versão de Sergipe, do Conde Nillo)

«Eu não procuro egreja,
Nem rosarios p'ra rezar,
O logar só procuro
Onde Dom Duarte está,
Deus vos salve, rainha,
Rainha em seu logar.

—Deus vos salve, princeza,
Princeza de Portugal

.....
O que me quereis, princeza?
Que novas quereis-me dar?

«É o amor de Dom Duarte,
Que ainda espero lograr.

—Dom Duarte não está em casa,
Anda na alçada real.

«Mandae levantar bandeira
Para dar um bom signal.

Palavras não eram ditas,
Dom Duarte na porta estava.

—O que me quereis, princeza?
Que novas quereis-me dar?

«E' o amor de Dom Duarte
Que ainda espero lograr.

—No tempo em que eu vos queria,
Me juravam de matar;
Mas hoje que sou casado
Tenho filhos a crear,

.....

—Dae licença, senhora,
 Dae-me licença real,
 P'ra dar um beijo em Donzilla,
 Que ella finada está.
 —Dae-lhe quatro, dae-lhe cinco.
 Quantos vós podeis dar, dae-lhe,
 Não tendes mais que beijar
 A quem já finada está.

A cova de Donzilla
 Foi na porta principal;
 A cova de Dom Duarte
 Foi lá ao pé do altar.
 Na cova da Donzilla
 Foi um pé de sicapirá,
 Na cova de Dom Duarte
 Nasceu um pé de collar.
 Foram crescendo, crescendo,
 Cresciam ambos egual;
 Lá em riba das galinhas
 Lá se foram abraçar.
 A viuva que viu isto,
 Logo mandou decotar;
 Se haviam botar leite
 Botaram sangue real.

4

CLARALINDA

(Versão ribatejana)

Meia noite já é dada,
 Os gallos querem cantar,
 O conde Claros na cama ¹

1

Conde Claros em seu leito—*Alentejo*.

Não podia repousar;
 Chamou pagens e escudeiros,
 Que se quer já levantar;
 Que lhe tragam de vestir,
 Que lhe tragam de calçar.
 Deram-lhe uma alva camisa.
 Que el-rei a não tinha tal ¹;
 Deram-lhe saia de seda,
 Cintura de oiro o firmal.
 Trazem-lhe esporas douradas
 Para com ellas montar;
 Cavalgou no seu cavallo,
 Poz-se logo a caminhar.

- Deus te salve, Claralinda,
 Tam cedo está a bordar?
 «Salve-te Deus, conde Claros!
 D'onde vaes a caminhar?» ²
 — Aos moiros me vou, senhora,
 Grandes guerras guerrear.
 «Que bello corpo que tendes
 Para com elles brigar!
 — Melhor o tenho, senhora,
 Para com voseco folgar...» ³

Palavras não eram ditas
 Um pagem que ia a passar:

- «As palavras que são ditas,
 A el-rei vou já contar.
 — Palavras que ditas são,
 A elrei não vás levar:

¹ Que el-rei a não tinha igual—*Minho.* = ² Tam cedo a caminhar—*Lisboa.* = ³ Para com damas folgar—*Bairabaixa.*

Dar-te-hei de oiro e de prata
 Quanto possas carregar.
 — «Não quero oiro nem prata,
 Se oiro e prata me heis de dar;
 Quero guardar lealdade
 A quem n'a devo guardar:
 As palavras que são ditas,
 A el-rei as vou contar.

Foi d'alli o bom do pagem ¹
 Andando de bom andar,
 A' casa da Estudaria,
 Onde el-rei estava a estudar:

— «Deus vos salve, senhor rei,
 E a vossa c'roa real!
 Lá deixei o conde Claros
 Com a princeza a folgar.
 = Se á puridade o dissesses,
 Tença te havia de dar;
 Mas pois tão alto fallaste,
 Alto hasde ir a enforcar.

Castigar os chocalheiros,
 Boa justiça real;
 Mas o pobre conde Claros
 Tambem vae a degollar!

= «Vinde, vinde, Claralinda...
 Como estaes a descançar!
 Vinde vêr o conde Claros,
 Que el-rei o manda matar.
 «Accudi, minhas donzellas,
 Vinde-me acompanhar;

1

Foi d'alli o pagemzito—*Alemtejo*

Que se el-rei lhe não perdôa,
Com elle quero acabar. ¹

«Deus vos salve, senhor rei.
E a vossa c'roa real!
Que vos fez o conde Claros
Para o mandardes matar?

— «Se eu tivera outra filha
Para em meu reino reinar,
Juro-te, oh Claralinda,
Que o ias acompanhar;
Mas toma-o tu por marido,
Por genro o quero eu tomar;
E ninguem mais n'esta côrte
Se atreva a mexericar. ²

— ● —

Conde de Montealvar

(Versão de Penafiel, de Claralinda)

Estando Dona Claralinda
Com Dom Carlos a brincar,
De beijinhos e abraços
Sem se poder apartar,

¹ Com elle me hão de matar. *Minho.*

² A lição da Extremadura accrescenta aqui:

«Ganhaste, mexeriqueiro,
Com o teu mexericar
— Ganhei a morte 'senhora,
E a vida m'a podeis dar.
«Se ella está na minha mão
A vida não t'a heide dar;
Para outra não fazeres
Já irás a d-golar.
E ao rabo do meu cavallo
Te mandarei arrastar.

Passou um pagem de el-rei,
 Nunca houvera de passar.
 Disse Dom Carlos ao pagem,
 Muito bem posto a espreitar :

- Viste o que has visto, agora
 A el-rei não vás contar.
 Pois te dou tanto dinheiro
 Quanto tu possas contar ;
 E te dou campos e villas,
 Quantos possas passear ;
 E te dou o meu cavallo,
 Para n'elle campear.
- «Não quero o seu dinheiro,
 Poil-o não sei contar;
 Nem quero campos e villas,
 Poil-as não sei passear ;
 Nem quero o seu cavallo.
 Poi-lo não sei campear.

Chegando o pagem a casa,
 A el-rei o foi contar :

- «Vossa corôa não vale nada,
 Nem vosso septro real :
 Está a Dona Claralinda
 Com Dom Carlos a brincar,
 De beijinhos e abraços
 Sem se poder apartar.
- Se m'o disseras occulto,
 Tença te havia de dar ;
 Como m'o disseste em publico
 Logo te mando enforçar.
 Minha filha Claralinda
 Tambem vae a degolar.

A ama que ouviu aquillo,
A' menina o foi contar ;
Veiu a casa ao seu quarto,
Logo se poz a chorar.
Chegou el-rei seu pae,
Chegou el-rei ao jantar:

=Tirem-me lá essa meza,
Tirem-me este manjar,
Que a infanta Claralinda
Hoje vae a degolar.
«Haja aqui um portador,
Depressa, não devagar.
Que me leve esta carta
A Dom Carlos Mantealvar ?
←Portador d'ella, senhora,
Eu vol-a quero levar ;
Jornada de oito dias,
Para a hora do jantar.

E foi a casa de Dom Carlos
Para o recado lhe dar,
Perguntou por Dom Carlos,
Elle veiu-lhe fallar ;
Tinha o jantar na meza,
Não acabou de jantar.

—«Viva o Conde d'esta casa,
Tristes novas venho dar.
—Se são boas, venha dentro,
Venha dentro ao jantar.
—«Nem são boas que lh'as dê,
Bem me peza de lh'as dar ;
A infanta Claralinda
Lá fica para degolar.

—Tirem-me d'aqui esta meza,
Tirem-me este manjar;
Que eu vou a um convento,
Queria-me vestir de frade.
Toma moço, toma moço,
Vae ferrar-me este cavallo
Com ferradurinha de ouro.
As avéssas hãode andar.
Alarga-lhe a contracilha,
Estreita-lhe o atafal;
Vinte e cinco campainhas
Todas a um peitoral.
Esforça-te, meu cavallo,
Deus te queira esforçar,
Que antes de vinte e quatro horas
Tens cem leguas para andar.
Se a enforçar foi a menina,
Ao caminho a hei de ir esperar.

Vestiu-se o Conde de frade,
E se apresentou no arraial,
Quando Dona Claralinda
Inda ia a degolar:

—Oh justica, oh justicinha,
Para oh justiça moiral,
Essa menina que levas
Inda vae por confessar.
=Ou vós sois o seu amor
Ou nol-a queredes furtar!
—Eu nem sou o seu amor
Nem vol-a quero furtar;
Sou um frade franciscano
Que a venho confessar.
Dae-me licença, justiça,
Que é para aquelle quintal,

- ==« Pegue-lhe pela mão direita.
Leve-a para o laranjal.
- Venha cá, minha menina,
Faça confissão geral;
Diga-me, oh minha menina,
Porque vae a degolar?
« E' por dormir duas noites
Com Dom Carlos Montealvar,
Uma na Paschoa das Flores,
Outra noite de Natal.
Não tenho outros amores
Se não do Conde de Alvar;
Desgraçada foi a hora
Quando eu os fui tomar.
- Menina, deite-me um beijo
D'essa bocca de cristal.
« Atrevido, confiado,
No que havia de fallar!
Bocca que Dom Carlos beija,
Não é p'ra frade beijar.
- Deite-me cá um abraço,
Não tenha que arrepear,
Que eu sou o mesmo Dom Carlos,
Que venho para a tirar
Oh justiça! oh justicinha,
Oh justiça do moiral,
Quem quizer Dona Claralinda
Que m'a venha aqui tirar,
Mas olhe lá como vem,
Que a vida lhe hade custar.

Dom Carlos

(Versão de Adeganha—TRAZ-OS-MONTES, de Claralinda)

«Deixe-me, oh senhor Dom Carlos,
Que me quero ir lavar;
N'aquelle tanque de agua
Me quero desenganar.

—Eu não a deixo, menina,
Eu não a heide deixar,
Pomba que eu tenho na mão
Não a deito a avoar.

—Florido, o que estás vendo
A el-rei não vás contar;
Dare ei-te uma tença
Para cada dia jantar;
Dare ei-te uma donzella
Para com ella casar.

O ladrão do Florido
Não se quiz accomodar,
Foi contar-lo a el-rei
D'onde andava a passear.

=Deus vos guarde, oh Magestade,
Não vos valeu o passear;
Vi andar a Claralinda
Com Dom Carlos a brincar.

—«Se m'ó disseras em casa
Tenças lhe havia de dar;
Assim m'ó dizes no campo,
A vida lhe ha de custar.

«—Por quem se tocam os sinos,
Por quem se estão a tocar?
—E' pelo triste Dom Carlos

Que vão a enforçar,
Por brincar com Claralinda,
Filha de sangue real.

«—Dá-me cá essa viola,
Que lhe quero pôr a mão,
Quero tocar a sinaes,
Da raiz do coração,
— Olha que mãe tão ingrata,
Tão cheia de ingratição!
Vê o seu filho á morte
'Stá-lhe tocando baixão!

«—Oh meu filho! foste muito
Atrevido e liberal,
A brincar com Claralinda,
Filha de sangue real...

Por quem se tocam os sinos
Porquem se estão a dobrar?

—Pelo triste Dom Carlos,
Que estão a enforçar.

«Anda cá, oh minha aia,
De pressa, não devagar;
Toma lá as minhas chaves,
Vae-o a desencarcerar.

—Deus te salve, Claralinda
Mais linda que o mesmo sol!
Que (me) vieste tirar
Da escuridão maior!

O que diz o rouxinol

Versão da Junqueira,—Mortella, de Claralinda)

Indo eu por hi abaixo
 A saber dos meus amores,
 Encontrei um laranjal
 Carregadinho de flores;
 Deitei-me á sombra d'elle
 P'ra que me não queimasse o sol,
 Lá pelo meio da noite
 Ovi cantar o rouxinol.

—Rouxinol, que tão bem cantas,
 Adonde fostes aprender?
 Os palacios da rainha,
 D'onde o rei estava a escrever,
 O rei estava na varanda
 E a rainha no quintal;
 Atirava-se um o outro
 Com pedrinhas de cristal
 'Stavam colhendo laranjas
 Do seu rico laranjal:
 As agras a vintem
 E as doces a real,
 Aquellas mais bonitinhas
 Diz que eram p'ra el-rei jantar.

—●—
 ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Conde de Montalbano

(Versão do Porto da Cruz)

Lo Conde morreu nas guerras,
 Grandes guerras de algum dia:
 Seu filho, lo Conde nino,
 Nos paços de el-rei se cria;

E no condinho creado
La Infanta se revia ;
Todos lo sabem na côrte,
Só el-rei lo não sabia.

Indo o Conde passeando,
Pela mãe foi encontrado :

«Teu pae quando faleceu
Me deixou encommoado,
Que a el-rei eu te entregasse
Para de el-rei seres creado.
Olha que em tratos de amores
Paço real é sagrado ;
E, se tu lá tens amores,
Fuge, filho malfado.

Mas nem lo Conde fugiu,
Nem emendou lo peccado ;
Mais namorou la Infanta,
Mas foi d'ella namorado ;
Passavam horas e horas
N'um laranjal enrelvado :

—E se de vós, meu amor,
Eu deixar de ser amado ?
— «Só quando lo mar fôr serra,
Ou la serra fôr a nado.

No comenos, outro conde,
De quem elle é invejado,
Passa, vê, e a el-rei
Tudo conta bem contado :

—Vinde, el-rei el-rei senhor, cá vêr
Elle com ella abraçado,

Lo conde mai' la Infanta
No laranjal enrelvado.

== «Correi, correi, meus creados,
Ide lo conde agarrar;
Chamem los do meu conselho,
Que me quero aconsellar:
Vinde cá, lidos prelados,
Eu vos quero perguntar:
Este peccado de amor
Como lo vou castigar?

«=Paço real é sagrado,
Acima só o altar;
Um réo de tamanha culpa
Caro lo deve pagar.
Mandae-lhe vasal los olhos
Com que que veiu namorar;
Mandae-lhe rasgal la bocca
Com que la veiu beijar;
Mandae-lhe quebral los braços
Com que la foi abraçar;
Mandae-lhe quebral las pernas
Com que se foi ao logar;
Mandae-lhe arrancar do peito
Coração de tal peccar;
Tudo com que elle peccou
Mandae-lhe tudo cortar;
E no laranjal relvado
Que vá, por fim, enterrar:
Fique-lhe um braço de fóra
Com lettreiro para lembrar;
Las letras rezem assim
Em romance de rezar:
*«Justiça d'el-rei mandou
N'este Conde justiça;*

*Morreu por crime de amor,
Amor de mortal peccar.*

—«Criei-lo de pequenino,
Basta ir a degolar;
Ella, só por ser quem é,
Não na mando já matar.

La mãe d'elle, que tal sabe,
Doida lá vae a chorar;
Com ser velha, corre tanto
Que não na ha alcançar.
Quando chegou ao tronco,
La quasi a rebentar:

«Oh filho d'estas entranhas,
Quem te poz n'este logar?

—Um traidor mexeriqueiro
Que foi de mim delatar,
Por me vèr mai la Infanta
No laranjal a brincar.

«Ai, nunca teu pae mandasse
Na mão d'el-rei te entregar!

Ai, nunca te fôra eu
Pôr-te na côrte a crear!

Ai, filho d'estas entranhas,
Eu como te hei de livrar?!

—Oíça-me cá, minha mãe,
Vá-me um recado levar.

«Aqui me tens, filho meu,
A quem no hei de ir eu dar?

Elle disse, e ella foi
Tão depressa a caminhar,
Que, com ser velha, ninguem,
Ninguem na póde alcançar:

«Que vos salve Deus, Infanta,
 Filha do rei, a reinar,
 Por amor de vós, Infanta,
 Vae meu filho a degolar.

E ella que tal ouviu,
 Poz-se a correr sem parar,
 Com seus cabellos caídos,
 Suas roupas a arrastar:

- «Deus vos salve, senhor pae,
 N'este reino a reinar;
 Que fez Conde Montalbano
 Para ir a dogolar?»
- = Outra filha que eu tivera
 P'ra no meu throno sentar,
 Tambem vós, Dona Infanta,
 Eu mandaria matar.
- «Lo pae d'elle vos serviu
 Nas guerras a batalhar;
 Lo filho é meu marido,
 Só falta ir ao altar.
 Se vós lo mataes agora,
 Quem me ha de a mim honrar?
 Que marido acharci eu,
 Para pôr em seu logar?
 Quem será pae d'este filho,
 N'este meu ventre a pular?»
- = Arrenego de ti, filha,
 E d'esse teu porfiar;
 Se são mulher e marido
 Não los quero separar.
 Lo Conde de Montalbano
 Lá vae solto, e vae casar;
 Lo conde mexeriqueiro
 Lá vae preso a degolar;

E lo conselho d'el-rei
Vae los noivos 'companhar ;
Que se el-rei agora reina,
La infanta hade reinar.

—●—
Conde de Montalvão

(Variante de Ponta do Sol, de Claralinda)

Morreu lo duque nas guerras
De antigo tempo passado ;
Dos quatro filhos varões,
Que tinham d'elle ficado,
Cada qual teve um logar,
Que por el-rei lhe foi dado.
Ao filho mais velho deu
Seu real almirantado ;
Ao filho segundo deu
Um muito rico bispado ;
Ao filho terceiro deu
La mordomia de estado ;
Esguardou p'r'o derradeiro
De Montalvão lo condado ;
Este, por nino, ficou
Pera ser d'el-rei creado :
E era d'el-rei mui querido,
Da infanta namorado ;
Com ella passava horas
N'um campo bem enrelvado.
Mas de um invejoso mão
Foi este amor espreitado ;
A el-rei lo invejoso
Tudo contou bem contado ;
E el-rei foi, e los viu
Elle com ella abraçado,

Elle e ella se beijando
No campo bem relvado.

—Prendam-me já aquelle homem,
Não no deixem escapar;
Traidor de tamanha culpa,
Caro lo hade pagar.
Los saíões da minha côrte,
Que se vão apparellhar;
Um frade, bom confessor,
Que lo vá já confessar;
A'manhã de manhãsinha
Quero lo vèr enforçar.

Estando lo conde preso,
Pola mãe foi procurado:

«Oh! que malditos amores
De ti filho malfadado!

—«Por elles vou padecer,
Sendo lo menos culpado.
«E teu pae quando morreu,
Que deixou recommendado,
Que te entregasse a el-rei,
P'ra com elle seres creado!
Ai, filho, p'ra te livrar,
Cá formei minha tenção;
D'onde lo teu mal proveiu
Póde-te vir salvação.
Aqui tens esta viola,
Oh meu filho de benção;
Canta ahi antigas trovas,
Em palacio te ouvirão.
—«Ai, Jesus! ai, minha mãe,
Que não tendes coração!
Vêl lo filho de oratório,
Mandal-lo cantar centão!

«Canta, canta, filho meu,
Canta, filho de benção;
Nas trovas que tu deitares
Póde estar la salvação.
Canta, canta, filho meu,
Canta, filho de benção,
Trovas que teu pae deitava
Na noite de San João;
Talvez que d'elle em palacio
Por ellas se lembrarão.

—«E' linda manhã de flores
La manhã de San João;
Visital lo seu amor
Todol los rapazes vão,
Uns, com cravos; outros, rosas,
Outros, com mangerição...
Só eu, triste condemnado,
Aqui estou n'esta prisão!
Eu não sei quando amanhece,
Nem quando las noites são;
Só se cantam passarinhos,
Ou se caladinhos estão.

—Vinde cá, oh filha minha,
Ouvir sirena cantar;
Como tão soidosa canta
La sirena de la mar!
= Senhor pae, não é sirena,
E' lo conde a se chorar.
Senhor pae, não lo mateis,
Quero com elle casar.
—Criei-lo de pequenino,
Vou já mandal-lo soltar.
Ide, fidalgos da cõrte,
P'ra lo vir acompanhar,

Tóma-lo tu por marido,
Genro lo quero tomar.

— ● —
Conde de Montalvar

(Variante da Senhora do Monte, de Claralinda)

Conde Montalvar não dorme,
Não pára no cabeça;
Salta pinotes na cama,
Que nem galeão real.
E brada por seus creados,
A' pressa não devagar;
Que lhe dêem de vestir,
Ginete p'ra cavalgar.
Fina camisa lhe trazem
De se fechar n'esta mão,
Cozida por tres donzellas
Na manhã de San João;
Tambem lhe deram vestido,
Recamado a primor,
Que nem el-rei, com ser rei,
Não lo vestia melhor.
No seu ginete puzeram,
A' roda do peitorel,
Sete estrellas de oiro fino,
Sete do branco metal;
E meteu duas nos pés,
Além das do peitoral;
Tres ourives las lavraram
N'uma noite de natal.
E cavalgou no ginete,
Depressa, não devagar,
Que la infante já estava
Na janella a viajar:

«Oh, que lindo corpo de homem!...

Não p'ra com mouros brigar.

—P'ra melhor lo tenho eu,
P'ra vos servir e guardar.

«A pé, a pé, conde Nino,
Depressa, não devagar;
Meia-noite já é dada,
Vem commigo te deitar.

N'isto um mexeriqueiro

Vem, e los ouviu fallar:

—«Palavras que vós dissestes
A el-rei las vou contar.

—Não vades, mexeriqueiro,
Não vades mexericar,
Que vos dou este meu manto,
Tão rico que não tem par.

—«Não quero lo vosso manto,
Deus vol lo deixe gosar;
Palavras que vós dissestes
A el-rei las vou contar.

—Mexeriqueiro, não vades,
Não vades mexericar,
Que eu vos dou tanto dinheiro,
Que lo não possaes contar.

« — Não quero vosso dinheiro.
Deus vol lo deixe gastar;
Palavras que vós dissestes
A el-rei las vou contar.

—Não vades, mexeriqueiro,
Não vades mexericar,
Que eu vos dou minha sobrinha
Pera comvosco casar.

—«Não quero vossa sobrinha,
Deus vol la deixe crear;

Palavras que vós dissestes
A el-rei las vou contar.

— «Não vades, mexeriqueiro,
Não vades mexericar,
Que eu por dote vos darei
Las terras de Montalvar.

— «Não quero las vossas terras,
Deus vol las deixe lavrar;
Palavras que vós dissestes
A el-rei las vou contar.

— «Não vades, mexeriqueiro,
Não vades mexericar;
Se nada quereis receber,
Não lo queiraes vós pagar.

Dava el-rei audiencia,
Na mão seu sceptro real,

= Quem és tu, e que me queres?

— «Vosso vassallo leal.
Deus vos salve, rei senhor,
N'este reino a reinar:
Vi vossa filha esta noite
Mail lo conde ir-se deitar.

= Se lo dissesses secreto,
Te mandava premiar;
Mas em pruvico lo dizes.
Conde e tu vão a matar.

E mandou prendel lo conde
Pera ir a degolar,
E mandou prendel lo outro,
Pera ir a enforçar.
Lo conde pediu um padre,
Que se queria confessar;

Appar'ceu-lhe seu irmão,
Que era padre de altar.

- Rico irmão da minha alma,
Que bem me podes salvar,
Se esta carta que escrevi
Vaes á infanta levar.
- «—Rico irmão da minha alma,
Eu lá irei entregar;
Fosse caminho p'ra dias,
Em horas lo heide andar.

Sentada no seu estrado,
Bem longe de mal cuidar,
La infanta se penteia.
Suas tranças a enastrar.

- «—Lêde esta carta, senhora,
Depressa, não devagar;
Se não acudis depressa,
Vae lo conde a degolar.
«Ide-vos d'ahi, bom padre,
Que de mim vindes zombar.
- «Lêde na carta senhora,
Las véras do meu fallar.

Lá vac, cabellos á solta,
E vestidos a arrastar,
Com suas aias atraz,
La infanta a caminhar,
E, quando se foi chegando,
Ouviu assim pregoar:

- ==«Mandam justiça d'el-rei,
N'este conde justiça;
Morre por crime de amor,
Amor de mortal peccar,

«Meirinho, que hi apregõas,
Pára já de apregoar ;
Se não, da parte d'el rei,
Lingua te mando cortar.

E lo meirinho ficou
A tremer, e sem fallar.

«Duras justiças d'el-rei,
Parae ahi n'esse andar,
Se não, da parte d'el-rei,
Pernas vos mando cortar.

E las justiças ficaram
A tremer, e sem andar,

«Oh vós, guardas de palacio,
Arreda, deixae-me entrar ;
Se não, da parte d'el-rei,
A todos mando matar.

E los guardas, que tal ouvem,
Todos, todos a arredar,
E disseram uns p'r'os outros :
Vae lo seu conde livrar.

«Deus vos salve, pae e rei,
N'este reino a reinar :
E' innocente lo conde,
Não lo mandeis degolar.
=Tu com elle, ambol los dois,
Juntos se foram deitar.
Outra filha que eu tivera
P'ra lo meu reino herdar,
Tambem a ti, porca filha,
Te mandaria matar.

«Quem vol-o disse mentiu,
 No fogo lo vou jurar.
 Que lo conde é meu amor
 Excuso é perguntar;
 Mas, se al vos dizem, mentem,
 No fogo lo vou jurar.
 Senhor pae e rei senhor,
 Deixae-me lo ir soltar;
 Dae-me-lo vós por marido,
 Com elle quero casar.

==Poil lo queres por marido,
 Genro lo quero tomar;
 Aqui tens meu sceptro de oiro,
 Lo teu conde vae livrar,

«Vem tu d'ahi, conde Nino,
 Vem já commigo casar.
 E tu, máo mexeriqueiro,
 Lo que vinheste ganhar?
 —«Senhora, ganho la morte;
 Mas vida me podeis dar.
 «Que possa ou que não possa,
 Não te quero perdoar.
 Alto quijuste subir,
 Pois de alto te vão deitar.

Conde de Montes-Claros

(Variante de Machico, de Claralinda)

Altos vão los sete estrellos.
 Los gallos a miudar,
 E conde de Montes-Claros
 Na cama sem descançar,

Sempre a dar voltas e voltas,
 Que nem galeão na mar.
 Chamou elle por seu creado,
 Por seu creado leal:
 Que lhe desse de vestir,
 Pera já se alevantar;
 E seu cavallo trouvesse,
 Depressa, não devagar.
 Montado no seu cavallo,
 Começou de caminhar;
 La infanta lo esperava
 Da porta no limiar.

«Que forte corpinho, conde,
 P'ra investir e brigar!
 —Lindo lo tendes, infanta,
 Pera despir e brincar.

Palavras não foram ditas,
 Eram mil beijos a dar,
 E los abraços então,
 Não los havia contar.
 Vem de lá um onzenciro
 Sua onzena tratar;
 Achou abraços e beijos,
 Mas não los poude onzenar.

—Umás coisas como estas
 Não são p'ra ninguem contar.
 —«Umás coisas como estas
 A el-rei vou delatar.
 —Umás coisas como estas
 A el-rei não vás contar;
 Por coima dou minha capa,
 Pezo de oiro te hade dar.
 —«Eu não quero vossa capa,
 Não la posso encoimar:
 Umás coisas como estas

- A el-rei vou delatar.
—Umas coisas como estas
A el-rei não vás contar;
Por coima dou meu cavallo,
Conforme tu lo vês estar.
—«Tampouco vosso cavallo,
Não lo posso encoimar:
Umas coisas como estas
A el-rei vou delatar,
—Umas coisas como estas
A el-rei não vás contar;
Por coima dou Montes-Claros,
Onde tenho meu solar.
—«Nem dal-os vos lo podeis,
Nem eu los posso coimar:
Umas coisas como estas
A el-rei vou delatar:

—«Feias coisas, rei senhor,
Vos venho eu delatar:
La infanta mail lo conde
Eu los vi com que brincar!
Tantos abraços e beijos,
Que não los pude contar.
=Atrevido onzeneiro,
Isto não é onzenar;
Se m'ó disseses secreto,
Algo te mandava dar;
Mas eu prúvico lo dizes,
You-te mandar enforçar:
E lo conde, que é fidalgo,
Esse irá a degolar.

La infanta, que tal soube,
Vae depressa a caminhar,
Ao vento soltas las tranças,

Que começava a enastrar.
Tamanhos ais ella dava,
Que los ouviu el-rei dar :

- =«Que cramas, oh filha minha,
De que te estás a aggravar?
«Se me matam Montes-Claros,
Tambem eu me vou matar.
=Sete condes ha na cõrte,
Outro te dou p'ra casar.
«Todos esses condes juntos,
Todos podeis enforçar.
Se me matam Montes-Claros,
Tambem eu me vou matar,
E vós ficareis sem filha
P'ra vosso throno herdar.
Este conde é meu marido,
Meu marido natural,
E por vós jogou la vida
Nas guerras de Portugal.
=E creci-lo pequenino...
Não irá a degolar;
Aqui tens meu sceptro de oiro,
Vae-lo tu, filha, soltar.

La infanta, que tal ouve,
Não corre, vae a voar;
Lá fidalguia da cõrte
Mal la póde acompanhar.
E lo conde já lá ia
Na praça, p'ra degolar;
Lo meirinho da justiça
Estava assim a pregoar :

- «Manda justiça d'el-rei
Este conde justiça;
Morre por crime de amor,

Amor de mortal peccar.
«Meirinho, que hi apregôas,
Pára já de apregoar,
Se não, da parte del-rei,
Lingua te mando cortar.

E lo meirinho ficou
A tremer e sem fallar.

«Dura gente da Justiça,
Parae ahi já de andar,
Se não, da parte d'el-rei,
Pernas vos mando cortar.

E la Justiça ficou
A tremer e a olhar.

«Oh vós guardas, que ahi ides,
Arredae, deixae andar,
Se não, da parte d'el-rei,
A todos mando matar.

E los guardas a tremer,
Todos, todos a arredar.

«Vem-te d'ahi, conde meu,
Vem já commigo casar;
E tu, malsim onzeneiro,
Lo que vinheste ganhar?
— «Senhora, ganho la morte,
Se vida me não qu'reis dar.
«Quando lo conde pediu
Tu não quizeste calar;
Agora, que tu me pedes,
Não quero por ti fallar.
Justiça que se contente,

Ficou um p'ra enforçar :
Onzeneiro lá se vae
Nos infernos onzenar.

—●—
Conde Claros

(Versão da ilha de Porto Santo, de Claralinda)

Conde Claros, com amores,
Não podia descansar,
E dava pulos na cama,
Nem gavião a pular.
Chamava pelo seu môço,
Depressa, não de vagar :
Que lhe dêsse de vestir,
De vestir e de calçar.
Vestiu camisa tão fina
Que se fechava na mão,
Lavrada por tres donzellas
Na manhã de São João.
Mandou sellar seu cavallo,
Que lo não houvesse egual ;
Duzentas e mil campanas,
A' roda do peitoral :
Las duzentas eram de oiro,
Las mil do branco metal ;
Seu vestido de brocado
Luzia que nem cristal.
La infanta, da janella,
Todo lo estava a mirar :

«Mal empregado corpinho
Pera com mouros brigar !
—Melhor lo tenho, senhora,
Pera comvosco brincar.

E foram p'r'o rosal verde
Ambos á sombra folgar.
N'isto vem um caçador,
Que não houvera passar.

—Escuta-me, caçador,
Se me quizeres escutar:
Lo que viste aqui agora
A el-rei não vás contar;
Prata e oiro te darei,
Quanto possas carregar;
E derei minha sobrinha
Pera contigo casar;
E tambem, em dote della,
Las terras de Montalvar;
Essas terras são tamanhas,
Que da serra dão na mar.

—«Não quero vossa riqueza,
Nem sobrinha p'ra casar,
Nem essas tamanhas terras,
Condado de Montalvar;
Lo que vos ouvi e vi
A el-rei lo vou contar.

—«Deus vos salve, rei senhor,
N'esse throno de reinar,
Aqui vos dou umas novas,
Que não las quizera dar:
La infanta mail lo conde
Ambos los vi a brincar
A' sombra do rosal verde,
Como não deviam estar.

—Se com verdade e secreto
Lo vieras delatar,
Santa palavra de rei,
Que tença te houvera dar;

Mas prúvico lo disseste,
 Vaes por isso a enforçar;
 Irá tambem conde Claros,
 Por seu crime, a degolar.
 Vem cá, tu, pagem da lança.
 Vae la infanta chamar;
 Que, depressa, venha já
 Sua fama resgatar.

—«Que Deus vos salve, senhora,
 Filha d'el-rei a reinar,
 Aqui vos dou umas novas,
 Que vol las não queria dar:
 Caçador mexeriqueiro
 Foi a vosso pae contar.
 Senhora minha, que viu
 Vós mail lo conde a brincar
 A' somhora do rosal verde,
 Como não deviam estar.
 Lo caçador, que lo disse,
 Vae por ello enforçar;
 Conde Claros, que lo fez,
 Por ello vae degolar;
 E tocante a vós, senhora.
 El-rei vos manda chamar,
 Que vades depressa, já,
 Vossa fama resgatar.

Palavras não eram ditas,
 La infanta a caminhar,
 Com seus cabellos cahidos,
 Que tinha por entrancar;
 Seu mantéo dependurado,
 Sem lo poder conchegar:

«Afasta, afasta, villões;
 Caminho, quero passar!

Quantos la reconheciam
Todos lhe davam logar ;
Quantos nao la conheceram
Ficavam a perguntar.

- «Deus vos salve, pae e rei,
N'esse throno a reinar;
Como heide eu ir agora
Minha fama resgatar,
Se, pela morte do conde,
Me acabaes de desfamar?
Não posso jurar que é falso ;
Iria falso jurar ;
Resgate da minha fama
Não no ha senão casar,
=Sete condes tem la cõrte,
Escolhe qual te agradar.
«Todol los outros bem podem
Ir já hoje a enforçar;
Com aquelle me deshonrei,
Só aquelle me pôde honrar.
=Arrenego de ti, filha,
No teu tanto porfiar ;
Vae tomal-o por marido,
Vae-te com elle já casar.
=«E a mim, real senhor,
Mandae-me vós perdoar.
=Corda da forca te ensine
A ouvir, vèr e calar.

Conde Alarcos

Variante de Santa Luzia, de Claralinda)

Eu passei n'um logarinho
 (Má hora, peor logar)
 Eu bem vi lo conde Alarcos
 Mail lá infante a brincar:
 De beijinhos e abraços
 Não los havia apartar;
 Como marido e mulher,
 Cada qual a redobrar.
 E então assim fallámos.
 (Nunca lhe fosse eu fallar):

—Estas coisas, conde Alarcos,
 lleide a el-rei ir contar.

==«Tu, cal'te, mexeriqueiro,
 Em paga do teu calar
 Meu navio te darei,
 Em que tu andes na mar.

==Não quero lo seu navio,
 Que el-rei lhe hade secrestar:
 A el-rei vou dizer tudo,
 Maior tença me hade dar.

—«Tambem te dou minhas joias,
 Vaes com ellas fidalgar;
 São de pedras, prata, oiro,
 Que las mandei eu lavar.

==Não quero las suas joias,
 Que el-rei lhe hade de secrestar;
 A el-rei vou dizer tudo,
 Maior tença me hade dar.

«Tambem te dou minhas terras,
 Las terras de Montalvar;
 De tamanhas que ellas são,
 Descem da terra na mar.

—Não quero las suas terras,
Que el-rei lhe ha de secrestar ;
A el-rei vou dizer tudo ;
Maior tença me hade dar.

E logo fui a palacio,
Má hora, peor logar ;
A el-rei fui dizer tudo,
Nunca lhe fosse eu fallar.

—P'ra que ninguem mai! lo saiba,
Vou-te mandar enforçar ;
Lo conde, p'ra que não falle,
Esse vac a degolar.

Prezo eu, lo conde prezo,
Cada qual em seu logar ;
Desatei eu a carpir,
Poz-se lo conde a cantar :

«Por amor de ti infanta,
Aqui estou n'este penar ;
Por amor de ti infanta,
Vou d'aqui a degolar.

Palavras não eram ditas,
La infanta a caminhar,
Vestidos meio vestidos,
Cabellos por ennastrar ;
E, posta aos pés do pae,
Se desatou a chorar :

—«Deus vos salve, pae e rei,
No reino a governar ;
Deitae-me vossa benção,
Se me quereis abençoar.

- Que vos fez lo conde Alarcos,
Pera ir a degolar?
- Lo conde te deshonorou,
Sua culpa vae pagar.
- «Toda la culpa foi minha,
Que lo mandei invitar:
Se minha honra me deve
Com elle quero casar.
- Pois, se lo queres por marido,
Não irá a degolar.
Aqui tens tu lo meu sceptro,
Vae lo tu mesma soltar.
- «Aonde ides, vós sobrinha.
Pela rua, n'esse andar,
Vestidos meio vestidos,
Cabellos por ennastrar?
- «Deixae-me, tio, deixae-me,
Vou conde Alarcos soltar.
La que não vale ao marido
Que mulher se hade chamar?
Arreda, fugi, villões,
Caminho! quero passar,
E vós, guardas, que ahi estaes,
Arreda, deixae-me entrar!
- E los villões mail los guardas,
Todos, todos a arredar.
- «Aqui nie tens, conde Alarcos,
Acabou lo teu penar!
Por amor de mim infanta,
Não vaes tu a degolar;
Vem tu d'ahi, conde Alarcos,
Vem já commigo casar.

Vem com elles la nobreza,
 Que la foi a companhia.
 La infanta, que me viu,
 Começa de perguntar :

- Tu, que lucraste. mofoino,
 Com tanto mexericar?
 — Eu tudo perdi, senhora,
 Se me não quereis perdoar,
 — Tanto lo conde te dava,
 Nada quijeste acceitar;
 Hoje pedes só perdão.
 Nem esse te houvera dar;
 Mas dia de casamento
 Não é dia de enforçar.

Por um triz não fui á forca ;
 Mandou-me el-rei perdoar.



ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

A Condessa

(Versão da ilha de S. Jorje, de Claralinda)

A Condessa teve um filho,
 Teve um só, não teve mais ;
 Foram offerecer ao rei
 P'ra saber e valer mais.
 Se o rei muito lhe queria,
 A rainha muito mais.
 El-rei dava o bom' vestido,
 A rainha o bom calçado ;
 Mandavam-no passear
 Com cavalleiros fidalgos.

Os vassallos com inveja
 Ao rei foram-no accusar,
 Que elle estava e a rainha
 Debaixo de um laranjal,
 Elle em gibão de linho,
 Ella em rico saial.

—Corre, corre, cavalleiro,
 Anda, vae-m'o apanhar;
 Logo que chegar aqui,
 Quero-o mandar castigar.

Mandou-lhe tirar as pernas
 Para lhe quitar seu andar;
 Mandou-lhe tirar os olhos
 Para mais não a mirar;
 Mandou-lhe tirar a lingua
 Para perder seu fallar;
 Mandou-lhe tirar os braços
 Para mais não abraçar.
 Nem os olhos nem a lingua
 Não lh'os quizeram tirar;
 Mandou-o deitar na praça
 Para ir a apedrejar.

—Passasse um anjo do céu,
 Novas a minha mãe levasse!
 Se não tivesse papel
 Sobre as azas lh'as levasse.

Passára um anjo do céu
 Voando pelo seu ár:

—Oh moço, dá-me uma carta,
 Que t'a quero ir levar;
 Jornada é de outo dias,
 Hoje lh'a vou entregar.

Chega a casa da Condessa,
Ella o mandou entrar;
Mandou-lhe deitar cadeira
P'ra com elle conversar,

- « Não quero sua cadeira
Que me não venho assentar;
Trago-vos novas, senhora,
Bem custosas de vir dar!
« Que fará a quem as ouve,
Se são caras de contar!
— « Trago-vos novas, senhora,
Seu filho quer-se casar.
« Diga-me o senhor menino
Que tal é a qualidade;
Se é filha de algum Duque,
Ou de rei de Portugal?
— « Pois não é filha de Duque,
Nem de rei de Portugal,
E' filha de um carniceiro,
Neta de um que talha carne.

Logo cobriu seu manto,
Começou de caminhar;
Criados que vão com ella
Não a podem alcançar.
Quando lá chegou á praça
Aquelle vulto viu estar:
Metteu a mão no seu manto
Para uma esinola lhe dar.

- Não quero vossa esmola
Que lhe não posso pegar;
Dae-me a vossa mão direita
Que vol-a quero beijar!
« Oh meu filho, oh meu filho,
Quem vos fez tamanho mal?

—Foram os vassallos do rei
 Que me foram accusar,
 Que eu estava mais a rainha
 Debaixo de um laranjal,
 Eu em castello branco,
 Ella em rico saial.
 «Oh meu filho, oh meu filho,
 Tua morte vou vingar.

Fôra-se a casa do rei,
 Elle a mandára entrar:
 Mandára-lhe pôr cadeira
 P'ra com ella conversar:

«Senhor rei que é do meu filho;
 Que eu o venho visitar?
 =O seu filho é na caça.
 E' na caça, foi caçar.

Botou seu manto p'ra traz
 Que queria desabafar:

«Não me soffre o coração
 Que não torne a perguntar:
 Senhor rei que é do meu filho
 Que o quero abraçar?
 =O seu filho é na caça,
 Aqui não pôde tardar;
 Do meio dia para a uma
 Elle aqui hade ficar.
 «Não me soffre o coração
 Que não torne a perguntar:
 Senhor rei que é do meu filho,
 Que o venho visitar?
 Que caça tão rigorosa,
 Tão custosa de apanhar...

Puchára do seu punhal,
Logo ali o matára.

«Ali te fica, rainha,
Manda-o agora enterrar;
Tambem te ficá meu filho
Para com elle casares,
Fica-te embora, meu filho,
Tua morte está vingada,
Que eu vou corrida da morte
Da justiça arreada



Dom Pedro Menino

Variante da ilha de S. Jorge, de Claralinda)

O Marquez tinha tres filhos,
Tres filhos tinha o Marquez;
O rei os mandou chamar
Cada um por sua vez.
Do primeiro fez um Bispo,
Do outro fez seu barbeiro;
Dom Pedro, por ser mais moço,
Ficou para dispenseiro;
P'ra servir o rei á mesa
Como triste maravilha,
A princeza que o viu
Logo d'elle se agradou.
Seu pae assim que o soube
Logo em carcere o fechou;
A rainha que o soube
Logo o mandou chamar:

«Que fazes aqui, sobrinho,
Minha carne natural?

—Estou prezo por ter amores
Com a princeza real.

Puchára da sua manga
Esmola para lhe dar.

—Agradeço, minha tia,
Não posso esmola pegar;
El-rei me quitou as mãos
Para esmola não pegar:
Tambem me quitou os braços
Para amores não abraçar;
Tambem me quitou a bocca
Para amores não fallar!
Tambem me quitou os olhos
Para amores não mirar!
Diga lá a minha mãe
Que me venha visitar.
Nos dias em que nós estamos,
Que é tempo de caminhar,
Com seu mantinho no braço
Sem o poder enfiar,
Sua viola na mão
Para seu filho tocar.

«Que fazeis aqui, meu filho,
Minha carne natural?»

—Estou prezo por ter amores
Com a princeza real.

Puchára de uma manga
Esmola para lhe dar,

—Agradeço, senhora mãe,
Que não a possa acceitar;
Que o rei me quitou as mãos
Para esmola não pegar!

Tambem me quitou os braços
Para amor não abraçar;
Tambem me quitou a bocca
Para amores não fallar.
Tambem me quitou os olhos
Para amores não olhar.

«Tomae lá esta viola,
Ide tocar um *baixão*!

—Oh minha mãe, tão cruel,
Tão dura do coração!
Seu filho para enforçar,
Mando tocar um *baixão*!
Deus me dera um portador
Que esta carta levara
A' minha esposa Leonor.
«Dá-me cá essas cartas,
Quero ser o portador.

Fôra-lhe bater á porta.
Mesa posta p'ra jantar:

«Oh El-rei, que é do meu filho?
Com elle quero fallar!

—«Teu filho foi para a caça,
Aqui não póde tardar!

«Oh El-rei, que é do meu filho?
Com elle quero fallar.

—«Valha-te Deus, mulher.

Mais o teu importunar;
Teu filho foi para a caça.
Aqui não póde tardar.

«Que mal te fez o meu filho,
Para o mandares matar?

—Já os linhos enflorescem,
Estão os trigos em pendão!

Ajuntem-se as moças todas
 No dia de São João ;
 Uns com cravos e rosas.
 Outros com manjaricão ;
 Aquelles que o não tiverem
 Tragam-me um verde limão.—

- «Vinde, vinde, minha filha
 Ouvir tão doce cantar ;
 Ou são anjinhos no céu,
 Ou são sereias no mar ?
 «Não são anjinhos no céu
 Nem são sereias no mar ;
 E' o Dom Pedro Menino
 Que o senhor pae manda matar.
 —«Se elle é Dom Pedro Menino
 Comvosco venha reinar ;
 Tragam tinta e papel,
 Comvosco venha casar.

—●—

Dom Pedro Pequenino

Variante da ilha de S. Jorge, de Claralinda)

O Marquez tinha tres filhos,
 Tres filhos tinha o Marquez ;
 O rei os mandou pedir
 Cada um por sua vez :
 O mais velho p'r'o vestir,
 O do meio p'r'o calçar ;
 O mais moço d'elles todos
 Para o rei barbear.
 A princeza que tal soube
 D'elle se quiz namorar ;
 O rei que tal soubera
 Quizera-o mandar matar ;

Manda-o metter n'uma torre
Até elle ir degolar.

Passava um caçador
A caçar caça real:

- Que fazeis aqui, Dom Pedro,
Minha carne natural?
«Estou com sentença de forca,
A' manhã vou a matar,
Por uma falla de amor
Que á princeza qu'ria dar.

Foi-se embora o caçador
A caçar caça real:

- Eu trago noticias novas
As quaes as não posso dar;
Vi vosso filho na forca,
A' manhã vae a matar.

Ella, que ouviu aquillo,
Tratou já de caminhar;
Suas aias e criadas
Não a podem alcançar!
Os seus vestidos no braço
Sem os poder enfiar.

- «Que fazeis aqui, meu filho,
N'este escuro hospital?
«Estou com sentença de forca,
A' manhã vou a matar,
Por uma palavra de amar
Que á princeza queria dar.
— «Tomae lá n'esta viola,
Tocae-me n'ella um *baixão*,
Como vosso pae tocava
No dia de São João.

Dae vós a Deus tal mulher,
Tão dura do coração!
Tem o filho para morrer.
Manda tocar um *baixão*,

« Oh dia, que eras um dia,
Oh dia de San João!
Quando todos os mancebos
Com as suas damas vão.
Uns levam cravos e rosas,
Outros um manjaricão;
Ai de mim, triste coitado,
Estou n'esta escura prisão
D'onde não vejo sair
O tão lindo claro sol.

O rei que ia passando,
Cavallo mandou parar:

«—Que vozes do céu são estas
Que eu aqui ouço cantar?
Ou são os anjos do céu,
Ou as sereias no mar?
—Não são os anjos do céu
Nem as sereias no mar;
E' Dom Pedro Pequenino,
Que meu pae manda matar.
Eu o queria por marido,
Se o pae m'o quizer dar.
«—Chama á pressa o carcereiro
Que á pressa o vá soltar;
Ahi o tens por marido,
Deus vol-o deixe gosar.

BRASIL

Dom Carlos de Montevalbar

(Versão de Sergipe, de Claralinda)

«Deus te salve, senhor Dom Carlos,
O senhor que fazia lá?
—Me arrumando, senhora,
Para contigo brincar.

Quando estavam brincando,
Um cavalleiro vem passar,
Dom Carlos como ardiloso
Logo quiz o degolar.

—«Não me mate, cavalleiro,
Que é do reino de meu pae.

«Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pae não vae contar,
Que eu te darei ouro e prata
Quanto possas carregar.

—«Eu não quero ouro e prata,
Que a senhora não m'ó dá.
Brinquedos que vi aqui
A meu rei irei contar.

«Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pae não vás contar;
Que eu te darei minha sobrinha
Para contigo casar.

—«Não quero sua sobrinha
Que a senhora não m'a dá;
Folguedo, que vi aqui
A meu rei irei contar.

«Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pae não vae contar;

Te darei o meu palacio
 Com todo o meu cabedal.
 — O seu cabedal não quero
 Que a senhora não m'o dá,
 Que isto que eu vou contar-lhe
 Muito mais me ganhará :

— « Novas eu trago, senhor,
 Novas eu vos quero dar:
 Eu topei a Claralinda
 Com Dom Carlos a brincar,
 Da cintura para riba
 Muitos beijos eu vi dar ;
 Da cintura para baixo
 Não vos posso mais contar.
 = Si me contaras occulto,
 Meu reino te haverá dar ;
 Como contaste de publico
 Mandarei-te degolar.
 Vão-me buscar a Dom Carlos.
 Depressa, não devagar.
 Carregado bem de ferros
 Que não possa me fallar.

— Vae bascar meu tio bispo
 Que eu me quero confessar,
 Antes que chegue a hora
 Que me venham degolar.
 « — Deus vos salve, meu sobrinho,
 Que em sua prisão está ;
 Por amor da Claralinda
 Já te vão a ti matar ;
 Toda a vida eu te disse
 Que tu deixasses de amar,
 Claralinda era impedida,
 Poderiam-te matar.

—Saia-se d'aqui, meu tio,
Não me venha enfadar ;
Mais vale eu morrer por ella,
Do que deixal-a de amar.
Chiquitinho, Chiquitinho,
Que sempre me foi leal,
Vae dizer á Claraninha,
Que já me vão me matar ;
Se meus olhos vir os d'ella,
Minha alma se salvará.

—«Deus vos salve, Claraninha,
Que no seu estrado está ;
Dom Carlos manda dizer.
Que já vae a degolar.
«Creadas, minhas creadas,
Se me quereis acompanhar,
Eu já me vou com os cabellos
Faltando por entrançar.
Justiça, minha justiça,
Minha justiça real,
Por aquelle que está alli
Minha vida eu irei dar.
Deus vos salve, senhor Dom Carlos,
Não se dê a desmaiar ;
Se a minha alma se perder
A sua se salvará.

=Conselheiros, conselheiros,
Que conselhos quereis dar :
Que eu mate senhor Dom Carlos
Ou que os mandarei casar ?

«—O conselho que vos damos
E' para os mandar casar ;
E pague este arengueiro,
E mandae-o degolar

- «Arenqueiro, arenqueiro,
 O que ganhaste em contar?
 — «Ganhei a forca, senhora;
 D'ella me vinde tirar.
 «Se eu quizera bem pudera,
 Pois nas minhas mãos está;
 Para te servir de emenda
 Mandarei-te degolar.



(Versão de Papêla-de-Flores, de Claralinda)

- «Linda cara tem o conde
 Para commigo brincar.
 — Mais lindo tendes, senhora,
 Para commigo brincar.
 Veiu o caçador e disse:
 — «A el-rei irei contar,
 Que apanhei a Claralinda
 Com Dom Carlos a brincar.
 «Vem cá, meu caçador,
 Caçadorsinho real,
 Darei-te villas de França,
 Que não possas governar;
 Darei-te prima carnal
 Para contigo casar.
 — «Não quero villas de França,
 Nem essa prima carnal;
 Não heide casar com ella,
 A el-rei irei contar.
 Tudo contar a el-rei,
 Mais tem elle que me dar.

 — «Apanhei a Claralinda
 Com Dom Carlos a brincar;

De abraços e boquinhos
Não pediam desgarrar ;
Da cintura para baixo
Não tenho que lhe contar.
— Se me disseses occulto,
Posto te havia de dar;
Como dissestes ao publico
Vae-te já a degolar,
Ide, guardas, já prender
Dom Carlos de Montealbar,
De mulas acavalgadas
Que lhe pezem um quintal ;
Dizei a seu tio bispo
Que o venha confessar.

-- « Deus vos salve, Clarasinha,
Rainha de Portugal,
Dom Carlos mandou dizer
Que o saias a mirar ;
Inda que a alma lhe pene,
A sua não penará.
Levanta-te, Claralinda,
Rainha de Portugal,
Ide defender Dom Carlos
Para não ir a enforçar.
« Que ganhaste, mexeriqueiro,
A meu pae em ir contar ?
— « Ganhei a forza, senhora,
D'ella me queira livrar.

5

DOM CLAROS D'ALEM-MAR

(Versão ribatejana)

—Quero fazer uma aposta,
 Ou eu não sei apostar;
 Claralinda hade ser minha¹
 Antes do gallo cantar.
 «Apostar, apostareis,²
 Mas não haveis de ganhar;
 Que é discreta a Claralinda,
 Ninguem n'a póde enganar.

Não quiz ali dizer nada,
 Não quiz ali mais fallar;
 Vestiu trajos de donzella
 E se poz a caminhar.³
 Lá estava a Claralinda
 De seu balcão a mirar:

—«Que donzella tam bonita!⁴
 Quem é, e o que vem buscar?»

-
- 1 De dormir com Mariana—*Beir'alta*.
 —«Tal coisa não faças, filho,
 Que a não hades ganhar:
 Mariana é mui sisuda,
 E não se deixa enganar»—*Beir'alta*.
 —«Não apostes, oh meu filho,
 Não te mettas a apostar;
 Que Mariana é discreta,
 Não a podes enganar.»—*Beirabaixa*.
- 3 Vestiu trajos de donzella,
 Ao jardim foi passear—*Beir'alta*.
- 4 —«Quem é aquella donzella
 Que além anda a passeiar?»—*Beiralta*.
 —«Quem bate á minha porta,
 Quem me vem importunar?»—*Minho*.

- É a tecedeira, senhora, ¹
 Que vem das praias do mar;
 Tem a sua teia urdida,
 E a falta vem n'a buscar
 — «Ahi tenho a falta, donzella,
 Mas inda está por dobar. ²
 «— Senhora, que se faz tarde,
 E eu não posso esperar;
 De noite pelos caminhos ³
 Donzellas não hãode andar.
 — Para honra da donzella,
 Aqui hoje hade poisar.
 «— Tendes creados tam moços,
 Tam atrevidos do olhar...
 — Para honra da donzella
 No meu quarto hade ficar.

A donzella, de contente,
 A' noite não quiz ceiar;
 Tinha somno, tanto somno,
 Que se quiz logo deitar.
 Lá por essa noite adiante ⁴
 Claralinda de gritar...

- 1 — «Tecedeira, sou senhora,
 De las areias do mar;
 A teã tenho-a urdida,
 A seda venho-a buscar!» — *Tras-os-Montes.*
 2 «Essa falta eu a tenho,
 Mas não a posso dobar.
 — «Dobe-a já, minha senhora,
 Trate de a mandar dobar. — *Beir'alta*
 3 «Dilate-se, oh menina,
 Que ainda está por dobar:
 Donzellas pelo caminho
 De noite parecem mal. — *Beirabaixa.*
 4 Lá por essa noite velha
 Marianna de queixar — *Munho.*

« — Cala-te, oh Claralinda,
 Não te queiras diffamar;
 Que eu sou de nobre gente
 E contigo hei de casar.
 Fia-te n'esta palavra
 De Dom Claros d'Além-mar. ¹

Passados são tantos dias,
 Tão compridos de esperar:
 Não voltou a tecedeira,
 Mas a tèa ia a dobrar.
 Aos sete para oito mezes
 O pae á mesa a jantar: ²

== Claralinda, Claralinda,
 Que feio é o seu trajar!
 — Não diga tal, senhor pae,
 Ninguem lhe oiça tal fallar:
 Não sou eu, é da vasquinha
 Que é mal feita e dá máo ár.

Mandou chamar alfaiates ³

- 1 — «Aos sete para oito mezes
 Se teu pae já reparar,
 Mandarás uma cartinha
 A Dom Carlos d'Além-mar.—*Beir'alta.*
- 2 — Seu pae que a estava a mirar.
 — «O que mira, senhor pae
 O que é que está a olhar?
 — «E miuro-te, minha filha,
 E óiho no teu dezar.
 — «Este enchume, senhor pae,
 E da saia mal trajar—*Coimbra.*
 — «Que é isso, Marianna,
 Que te faz assim estar?
 — «Não é nada, sempre pae,
 E a vasquinha mal talhada.—*Porto.*
- 3 — Mandou logo vir dois xastres
 Cada um de sua casa:

Para se desenganar :
 Disseram uns para os outros:
 —Não tem falta a saia tal.

Não ha ali mais que dizer, ¹
 Não ha mais que perguntar :

=Prepara-te, oh Claralinda,
 Que ámanhan vaes a queimar;
 —Não se me dá que me matem, ²
 Que me levem a queimar;
 Dá-se-me d'este meu ventre
 Que é de sangue real! . . .
 Haverá por ali um pagem ³
 Que o meu pão queira ganhar,
 E que me leve esta carta
 A Dom Claros d'Além-mar?

Disseram um para o outro :

—'A vasquinha não tem nada,
 E a menina está pejada.—*Porto.*

—'Esta saia não tem nada ;

Ao fim de nove mezes

Ella será abaixada.—*Coimbra.*

1 'Oh lá, oh lá, meus criados,
 A leirha ao monte apanhar,
 Que ámanhã por estas horas
 Vae Claralinda a queimar.—*Beirabaira.*

'Confessa-te, oh Marianna,

Trata de te confessar,

Que hoje te ajuntam a lenda,

Amanhã te hãode queimar.—*Beir'alta.*

2 «Não se me dá que me queimem,
 Que me tornem a queimar.—*Coimbra.*

3 «Não ha por ali um pagem
 Que se doia do meu mal.—*Ponte-de-Lima.*

Quem me dera aqui um pageni,

Que me fôra ao meu mandar,

Quem me levára esta carta,

A Dom Claros, de pezar.—*Munho.*

Apparece um pagemsito
Discreto no seu fallar :

— «Aqui está um mensageiro
Que o recado quer levar.
— Se o meu pão queres comer,
A toda a pressa hasde andar.
E entregarás esta carta
A Dom Claros d'Além-mar. ¹

«— Que quereis, oh pagemsito,
Que vindes aqui buscar?
— «Trago uma carta, senhor,
Novas de muito pezar;
Novas lhe trago, más novas ²
Da sua amiga leal :

1 «Se elle estiver a dormir,
Façam-n'ò logo acordar;
Se elle estiver a comer,
Não o deixem acabar.— *Beira-baixa*

— «Se o achares a passear,
Deixál-o has assentar;
Se e achares a dormir,
Deixal-o-has acordar;
Se o achares a jantar,
Deixál-o-has alevantar.— *Açôres.*

— «Se o achares a dormir,
Deixál-o-has acordar,
Se o achares acordado,
A carta lhe hasde entregar — *Beir'alta.*

2 «Novas lhe trago, senhor,
Da sua amiga leal:
Dos sette para oito mezes
Seu pae a man'ca queimar.— *Beir'alta.*

— «A sua amada menina
Amanhã vae a queimar.— *Açôres.*

— «Menina com quem dormiu
Vae ámanhan a queimar.— *Feira-baixa.*

Hoje se lhe ajunta a lenha,
A'manhã vae a queimar.

Elle pôz-se a lèr a carta,
Não a podia acabar ;
As lagrimas eram tantas
Que o faziam cegar : ¹

«—Oh lá, oh lá, escudeiros,
Os cavallos a ferrar ;
Jornada de quatro dias
Esta noite se hade andar.

Chega a um convento de frades,
Estava o sino a dobrar :

«—Por quem dobra o sino, padre,
Por quem está a tocar ?

«E' a infanta Claralinda
Que se está a agonizar ;
Hontem juntaram-lhe a lenha,
Hoje a levam a queimar.

Era quasi manhã clara,
Mandou seus pagens deitar,
Vestiu-se em trajos de frade, ²
Foi ao caminho esperar :

-
- 1 Desgraçada Marianna,
Que te levam a queimar !
Mal'streado dó teu ventre
Que leva sangue real !.—*Beir'alta.*
Pouco me dá que a queimem,
Que a tornem a queimar ;
Dá-se-me é do seu ventre
Que é de sangue real.—*Alentejo.*
- 2 Vestiu-se em trajos de frade,
Ao caminho a foi esperar :
Em chegando ao pé d'ella
Aos criados foi fallar.—*Beir'. Ita.*

«—Parem lá os da Justiça, ¹
 Justiça de mão pezar,
 Que a menina que ahí levam
 Indo vae por confessar.

Deixaram-n'ó ao bom do frade
 Para a infanta confessar;
 Mal se elle viu só com eila,
 De amores lhe foi fallar :

«—Venha cá, minha menina, ¹
 Que a quero confessar :
 No primeiro mandamento,
 Um beijinho me hade dar.
 «Não permitta Deus do céo
 Nem os santos do altar ;

-
- 1 Parem lá com a liteira,
 E façam-n'a já parar,
 Que a menina que ahí levam
 Ainda vae por confessar.—*Beira-Raixa.*
- «Oh da justiça d'el-rei,
 Alto lá, façam parar.—*Coimbra.*
 A menina que ahí levae
 Ainda vae por confessar.—*Beir'alta*
 «Diga-me, minha menina,
 O porque vae a queimar ?
- «Porque dormi uma noite
 Com Dom Claros d'Alem-mar.—*Beir'alta.*
- 2 Diga-me, minha menina,
 Verdade me que ha de fallar:
 Se teve amores com clerigos,
 Ou com frades, mal pezar.
- «Não tive amores com clerigos
 Nem frades de mal pezar:
 Tive amores com Dom Claros,
 Por isso vou a queimar.
- «Pois Dom Cl. ros sou eu mesmo.
 E contigo heide casar.—*Coimbra.*

Segundo esta lição de Coimbra, acaba o romance aqui.

Onde Claros pôz a bôcca ¹
 Não me hade um frade beijar.
 «—Venha cá, minha menina,
 Que a quero confessar;
 No segundo mandamento,
 Um abraço me hade dar.
 «Vae-te na má hora, frade,
 Que a mim não hasde chegar;
 Que a mim nunca chegou homem,
 Se não, inda mal pezar!
 Senão só esse Dom Claros
 Dom Claros o d'Alem-mar,
 Que, por meus grandes peccados,
 Por elle vou a queimar!

Dom Claros que tal ouviu,
 Não pôde o riso occultar.

«Por esse riso que daes, ²
 Sois Dom Claros d'Alem-mar...
 — Calate, oh Claralinda, ³

-
- 1 Que onde Claros pôz a bôcca
 Não hade pôr nenhum frade.—*Beir'alta*
 Que onde o meu bem pôz a bôcca.—*Evora.*
 Não me hade um frade beijar. *Ponte-de Lâma.*
 Venha um frade bafejar.—*Porto.*
- 2 Pelo sorriso que daes.—*Beirabaixa.*
- 3 — «Sim, senhora, sou Dom Claros
 Que vos vem libertar.
 Tomou-a logo nos braços,
 Pozeram-se a caminhar.
 Correm d'alem os criados
 E pozeram-se a gritar:
 — «Senhor padre, deixe a moça,
 Que a manda seu pae queimar.
 — «Pois vão dizer a seu pae
 Que a venha cá buscar.

Que te venho libertar ;
 Já está tecida a têia,
 Vamol-a agora a curar.

Tomou-a logo nos braços,
 Pozeram-se a caminhar ;
 Êstava perto o convento,
 Viram-n'os os pagens chegar.
 Chegavam, não chegariam...
 A Justica de bradar.

«—Nas ancas de meu cavallo,
 Menina, haveis de montar.

Assim foi livre a infanta
 Por Dom Claros d'Alem-mar.

Dom Carlos de Montealbar

(*Versão do Porto e BEIRA-ALTA, de Dom Carlos d'Alem-mar*)

Estando Dona Silvana,
 Mais Dom Carlos Montealbar,
 Debaixo de uma roseira,
 Debaixo de um rosal,
 Passou por ali um pagico,
 Que nunca elle passasse :

Que eu co'este faim de prata
 A alma lhe heide atravessar.—*Beira'alta.*

—«Eu Dom Claros sou, menina,
 Sou Dom Claros d'Alem-mar :
 Nas ancas do meu cavallo,
 Menina, haveis de montar.
 Senhora das minhas quintas,
 Rainha do meu caudal...
 Agora dize a teu pae
 Que te venha cá buscar.»—*Tras-os-Montes*

—Pagico, do que has visto
A el-rei não vás contar,
Que eu te dou a minha chave,
Quando puderes levar;
E da parte da senhora
O que ella te quizer dar.

«Não quero ouro, nem prata,
Se ouro e prata me heis dar;
Quero guardar lealdade
A quem a devo guardar.

Pagem, como ignorante,
A el-rei o foi contar,
A casa dos estudantes,
Onde estava a estudar:

«Deos vos salve, senhor rei,
E a vossa corõa real;
Lá deixei o conde Carlos
Com a princesa a folgar.

—«Se á puridade o dissesses,
Tença te havia de dar;
Mas pois tão alto fallaste,
Alto hasde ir a enforcar.

—Ganhaste, mexeriqueiro,
Com o teu mexericar.

«Ganhei a morte, senhora,
E a vida me podeis dar.

—Se ella está na minha mão,
A vida não te heide dar;
Para outra não fazeres
Já irás a degollar,
E ao rabo do meu cavallo
Te mandarei arrastar.

Aos sete para oito mezes,
Seu pae que a estava a mirar;

- Que me mira, senhor pae,
 Que tanto me está a mirar?
 — «Eu miro-te, minha filha,
 Que me pareces pejada.
 — Cale-se d'ahi. meu pae,
 Que é das saias mal talladas.

Mandou chamar dois obreiros.
 A quem elle mais amava;
 Olharam um para o outro:
 «Estas saias não tem nada!

- «Cal'-te, cal'-te, minha filha,
 Amanhã serás queimada!
 — Não se me dá que me queimem.
 Que me tornem a queimar,
 Da-se-me d'este meu ventre
 Que é de sangue real.
 Ai, quem me dera um pagico
 Que me fôra bem mandado,
 Que me levara uma carta
 A Dom Claros Montealbar.
 «Escreva, minha senhora,
 Em quanto eu vou jantar.
 — Se elle estiver a dormir
 Façam-nó logo acordar,
 Se elle estiver a comer
 Não o deixem acabar.

«Aqui lhe trago, senhor,
 Novas de grande pesar,
 Que a sua bella menina
 Amanhã vae a queimar;
 Jornada de trinta leguas
 Temol-a nós para andar.

Era meia noite em ponto

Dom Carlos a repousar ;
Chamou um dos seus criados,
O que lhe era mais leal,
Lhe aparelhasse um cavallo
Dos que tem melhor andar ;
Doze campainhas de ouro
Lhe puzesse ao peitoral.
Onde vás tu, oh Dom Carlos,
Sósinho por esse andar ?
Vestiu-se em trajos de frade
Ao caminho foi esperar.

—Cesse, cesse, senhor conde,
Cesse se hade cessar,
Que a menina que aí vae
Inda está por confessar.

—«Confesse-a, senhor padre,
Em quanto eu vou jantar.

—Diga-me, minha menina,
Verdade me hade fallar :
Se algum dia teve amor
A leigo, crelgo, ou a frade ?

«Nunca tive amor a crelgo,
Nem a leigo, nem a padre ;
Tive amores com Dom Carlos.
Por isso vou a queimar.

No primeiro mandamento
O padre nada lhe disse ;
No meio da confissão
Um beijinho lhe pediu.

—Cesse, cesse. senhor padre,
Cesse se hade cessar,
Onde Dom Carlos beijou
Ninguem mais hade beijar.

—Esse sou, minha senhora,
Que a venho aqui buscar.

Tomou-a logo nos braços,
Puzeram-se a caminhar!
Correm d'álem os criados
E puzeram-se a gritar:

«—Senhor padre, deixe a moça,
Que a manda seu pae queimar!
—Pois vão dizer a seu pae,
Que a venha d'aqui tirar.

—●—

Dona Lisarda

(Variante da Covilhã BEIRA-BAIXA, de D. Carlos de Alem-mar)

—Oh Lisarda, oh Lisarda,
Oh Lisarda, meus amores,
Quem dormira uma só noite
Comvosco n'esses alvares.

«Dirmirieis uma ou duas
Se não vos fôsses gabar.
—Tenho feito juramento
Na follinha do missal,
Menina com quem dormir
De eu a não ir difflamar.

Ainda não era manhã,
Ao jogo se foi gabar:

—Dormi esta noite com uma....
Não ha na côrte uma igual!
Puzeram-se uns para os outros:
Quem seria? Quem será?

Aonde estava um irmão,
À mãe o veiu contar;
A mãe assim que o soube
Logo a mandou fechar,
O pae perdeu confiança,
Lenha lhe mandou cortar.

«—Oh Lizarda, oh Lizarda,
O pae te manda queimar.
«Não se me dá que me queime,
Nem que me mande queimar;
Dá-se-me d'este meu ventre
Que leva sangue real.

Chegou a uma janella,
Mui triste do coração:

«Haverá por'hi um pagem
O qual queira do meu pão,
Que esse levasse uma carta
Ao conde de Montalvão?

Appareceu-lhe um menino
De sete annos e mais não:

—«Eu lh'a levarei, senhora,
Escrita no coração.
«Se o achares a dormir
Deixa-o primeiro acordar;
Se o achares á janella,
Cartas lhe vás entregar.

Foi fortuna do menino
À janella o ir achar:

—«Cartas lhe trago, senhor,
Cartas de muito pesar:

Menina com quem dormistes
 Amanhã a vão queimar.
 Não se lhe dá que a queimem,
 Nem que a levem a queimar;
 Dá-se-lhe só do seu ventre
 Que leva sangue real.
 —Ala, ala, meus creados,
 Cavallos ide ferrar,
 Com ferraduras de bronze
 Que não se hajam de gastar.
 Jornada de outo dias
 Esta noite se hade andar.

Vestiu-se em trajos de frade,
 Começou a caminhar;
 Quando chegou ao pé d'ella
 Então já a iam queimar.

—Quêde, quêde essa justiça,
 Se não a farei quedar;
 A menina que aí levam
 Ainda vae por confessar.
 =Confessae-a, senhor padre,
 Enquanto vamos jantar;
 A confissão é de um anno,
 Ella hade-se demorar.
 —Venha cá, minha menina,
 Faça confissão geral;
 No meio da confissão
 Um beijinho me hade dar.
 «Tenho feito juramento
 Na folhinha do missal,
 Bocca que beijou o conde
 Frade não hade beijar.
 —Venha cá, minha menina,
 Que a quero confessar;

No meio da confissão
Um abraço me hade dar.
«Não permitta Deos do céu
Nem os santos do altar,
Braços que o conde abraçaram
Frades não hão de abraçar.

Começa-se elle a sorrir
No meio da confissão:

«Pelo rir estás parecendo
O Conde de Montalvão!
—Esse sou, minha senhora,
Creado para a salvar.

Montou-a no seu cavallo,
Foi á pressa a caminhar;
Quando veio a justiça
Não a puderam alcançar.

—Digam agora a seus manos
Que a venham cá accusar;
Digam agora a sua mãe
Que a venham cá fechar;
Digam tambem a seu pae
Que a mande agora queimar!
Vae na minha companhia
Para com ella casar.

●

Lisarda

(Versão de TRAZ-OS-MONTES, de Dom Claros de Alem-mar)

—Oh Lisarda, oh Lisarda,
Oh quem contigo dormira!
Uma noite nada mais,
Que felicidade era a minha!

«Dormiras um noite e duas
 Se te não fôres gabar
 A' meza dos cavalleiros,
 Onde meu pae vae jogar.

Ainda não era de dia,
 Nem o sol estava a raiar,
 Quando a tia, que o soubera,
 Logo a foi visitar.
 Sua mãe, que lo disseram,
 Logo a mandou fechar;
 Seu pae, logo que o soube,
 Logo a mandou queimar.

«Não ha por ali um creado
 Que me venha consolar?

— «Aqui estou, minha senhora,
 Para aquillo que le prestar!

«Leva-me já uma carta
 A Carlos de Montealvar;
 Se o achares jantando
 Deixa-lo acabar,
 Se o achares a dormir
 Deixa-lo acordar.

Se o encontrares passeiando
 Então la hades entregar.

Foi tanta a sua sorte
 Que o achou a passeiar.

— «Novas te trago, Dom Carlos,
 Novas de grande pesar!

Menina com quem dormiste
 Já a levam a queimar.

— Não se me dá que a queimem
 Nem que a vão a matar;
 Só me pesa o seu ventre

Que é de sangue real !
Ala! ala! meus soldados,
Meus cavallos a ferrar,
Com ferraduras de bronze
Que se não possam gastar.

Despiu o fato de principe
E o de frade foi tomar;
Foi ter a um convento
Onde ella havia de parar.

- Menina que vae á queima,
Inda vae por confesssar.
—Pois confessa-a, senhor padre,
Emquanto vamos jantar.
—Ajoelhae, já, menina,
Comece-se a confessar;
No meio da confissão
Um beijo me hade dar.
«Não permitta Deus do céo
Nem a sua santidade!
Bocca que beijou Dom Carlos
Não a beija nenhum frade!
Pela sua voz parece
Dom Carlos de Montalvar?
—Este mesmo sou, menina,
«Que te venho a buscar.
Sube-te n'este cavallo,
Vamos d'aquí a marchar;
Dize agora a tua tia
Que te venha cá fechar!
Dize agora a teu pae
Que te venha queimar;
Com a ponta da espada
O havemos de matar.

Albaninha

(Versão de Traç-os-Montes, de Dom Claros d'Alem-mar)

«Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
Oh! quem te vira, Albaninha,
Tres horas a meu mandar!
— Pouco tempo são tres horas,
Mas vem depois o contar.
«Usança de mãos villões
Nunca a eu soubera usar.
Com esta espada me cortem,
Com outra de mais cortar,
Donzella que em mim se fie
Se eu d'isso me fôr gabar.

Inda bem manha não era,
Já na praça a passeiar;
Aos tres irmãos de Albaninha
Se foi de braço travar:

«Esta noite, cavalleiros,
Sabereis que fui caçar;
Em minha vida não tive
Noite de tanto folgar,
Era uma lebre tão fina
Que nunca vi tal saltar;
Com tres horas de corrida
Não a cheguei a caçar!

Disseram uns para os outros:

— «Bom modo de se gabar!
Será de nossas mulheres?
Das irmãs nos quer fallar?

Responde agora o mais moço,
Discreto no seu pensar :

—«Não vêdes que é Albaninha,
Que o traidor quer diffamar?

Foram os tres para um canto,
Pozeram-se a aconselhar ;
Diziam os dois mais velhos :

—«Vamo'-lo nós a matar?

E o mais moço respondia :

—Vamo'-la nós a casar?

—«Sim! e o dote que ella tem,
Nós o temos de pagar.

Vão ao quarto de Albaninha,
De voda a foram achar ;
Duas aias a vestiam,
Duas a estão a tocar.

—«Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
As barbas de teu pae conde
Que bem lh'as soubeste honrar!

—As barbas de meu pae conde
Tratae vós de as honrar,
Pagando-me já o meu dote,
Que agora me vou casar.

D. Felisarda

(Versão de Elvas, ALEMTEJO, de Dom Claros d'Alem-mar)

- Felisarda, Felisarda,
 Felisarda, meus amores!
 Quem me dera dormir uma noite
 Entre vossos bastidores.
 «Dormira uma, dormira duas
 Se não se fôra gabar
 A' mesa dos estudantes,
 A' mesa de meu pae estar.
- Tenho feito juramento
 Nas cruces da minha espada,
 Donzella com quem eu durma
 De nunca ser diffamada.

Ainda bem não era manhã.
 Já se tinha ido gabar
 A' mesa dos estudantes,
 A' mesa do pae estar.

O pae. que isto ouvia,
 Felisarda manda queimar.

-
 «Já não tenho um creado
 Que me valha em meus males.
 =Aqui me tendes, senhora,
 Para o que vos prestar.
 «Vae-me levar esta carta
 A Dom Carlos de Montalvar.
 Se o achares deitado.
 Deixa-o bem levantar;
 Se o achares jantando
 Deixa-o bem acabar;
 Se o achares passeando
 Vae-lh'a logo entregar.

Em tão boa hora foi,
Que elle estava a passear :

- Novas lhe trago, Dom Carlos,
Novas de muito pesar ;
A sua amada menina
Seu pae a manda queimar.
—Não se me dá que a queimem
Nem que a vão já queimar ;
Da-se-me só do seu ventre
Que leva sangue real.

Começou a lèr a carta,
Elle se pôz a chorar :

- Oh creados, oh creados,
Meus cavallos a ferrar
Com ferraduras de bronze,
Que se não possam gastar.
Jornada de cinco dias,
N'uma noite se hade andar.

Elle foi a um convento
Um escapulario buscar.
Lá no meio do caminho
A justiça via andar :

- Pare ahi, oh justiça,
Que eu a mando parar ;
Que essa menina que levam
Ainda vac por confessar.
—Confessae-a, senhor padre,
Emquanto vamos jantar.
—Confesse-se bem, menina,
Saiba-se bem confessar,
Que no meio da confissão
Um abraço me hade dar.

- «Não permita Deos do céo,
Nem os santos dos altares,
Que onde Dom Carlos pôz os braços
De não os pôr nenhum frade.
- Confesse-se bem, menina,
Saiba-se bem confessar,
Que no meio da confissão
Um beijinho me hade dar.
- «Não permitta Deos do céo,
Nem vossa paternidade,
Que onde Carlos pôz os labios
De não os pôr nenhum frade.
Ai, que pelo rir me parece
Dom Carlos de Montalvar!
- Dom Carlos sou eu, menina,
Que a venho aqui buscar.
Por uma porta saiu.
Pela outra hade entrar.
Mande dizer a seu pae
Que a mande agora queimar ;
Com este punhal de vidro
O heide atravessar.
- «Adeus, casa de meu pae,
Rouxinol canta ao meio dia ;
Eu tambem tenho um navio
Prompto a partir para a Hungria.

Dona Galançúa

(Versão de Loulé — ALGARVE, de Dom Claros de Alem-mar)

Estando Dona Galançúa
No seu jardim a brincar,
Passou por ali Dom Carlos,
Dom Carlos de Montealbar.

- Oh que linda formosura,
Para commigo brincar!
«Brincaria sim, senhor,
Se vos não fosseis gabar.
—Tenho feito juramento
Lá nas folhas do missal,
Menina com quem dormisse
De eu a não ir diffamar.

Dom Carlos d'ali saiu,
Ao jogo se foi gabar:

- Brinquei com uma menina...
No mundo não ha outra igual!

Dois, que estavam mesmo ao pé,
Se puzeram a pensar:

- «Quem será? Quem não será?
Talvez Dona Galançua,
Filha de sangue real.

Um primo que estava alli,
Logo se poz a fallar:

- «—Cala-te, oh meu amigo,
Ao meu tio heide contar.

- «Venha cá, senhor meu tio,
Uma nova lhe vou dar:
Estava Dona Galançua
No jardim posta a brincar,
Com um moço ainda novo.
Dom Carlos de Montealbar.

- Cala-te, sobrinho meu,
Que eu a mandarei matar;

Se tivera lenha agora,
Hoje a mandava queimar.

Galançúa, que isto ouviu,
Logo se poz a chorar :

«Ai, quem levara uma carta
A Dom Carlos Montealbar!

Um Anjo do céo fallou :

«Escreve, que eu vou levar.

«Vae-me levar esta carta
A Carlos de Montealbar ;
Se elle estiver jantando
Não o deixes acabar ;
Se elle estiver dormindo
Manda-o logo acordar ;
E se estiver passeando
Vae-lhe logo a fallar.

Em tão boa hora foi,
Que elle andava a passear.

«Cartas lhe trago, senhor,
Cartas de muito pesar;
A menina Galançúa
A' manhã a vão queimar.

—Ala, ala, meus creados,
Meus cavallos vão ferrar,
Com ferraduras de bronze,
Que não se hajam de estragar ;
Jornada de quinze dias
N'uma noite se hade andar.

Elle foi a um barbeiro,
A corôa mandou rapar,

Logo foi a um convento
Um habito foi comprar;
Vestiu-se em trajo de frade
E se poz a caminhar.

- Que é isto? Quem vae ahi?
Moirinha a confessar!
- E' uma infeliz menina
Que seu pae manda queimar
- Arreda, justiça! arreda,
Que mando eu desarredar;
A menina que ahi vae
Inda vae por confessar.
- Confesse-a, senhor padre,
Emquanto vamos jantar;
A confissão de quem morre
Tempo deve demorar.
- Diga lá a confissão,
Faça o seu Pelo signal;
Em seguida á confissão
Logo um beijo me hade dar.
- «Eu fiz trinta juramentos
Lá nas folhas do missal,
Onde Carlos pôde a bocca
Outro não hade beijar.
- Diga lá a confissão,
Faça o seu Pelo signal,
Lá no meio da confissão
Um abraço me hade dar.
- «Eu fiz trinta juramentos
Lá nas folhas do missal,
Onde Carlos poz os braços
Outro não hade abraçar!
- Diga lá a confissão,
Faça o seu Pelo signal,
Lá no fim confissão

A sua mão me hade dar.
 Trapos de frade eu vesti
 Para da morte a livrar;
 Dê já a sua mão de prata
 A Carlos de Montealbar.

Tomou-a logo nos braços,
 Puzeram-se a caminhar.

= Senhor frade! deixe a moça,
 Que seu pae manda matar!
 —Vão dizer agora ao pae
 Que m'a venha cá tirar.

—●—

Dona Areria

(Variante de Coimbra, de Dom Claros de Alem-mar)

A cidade de Coimbra
 Tem uma fonte de agua clara,
 As moças que bebem n'ella
 Logo se vêem pejudadas;
 Dona Areria bebeu n'ella,
 Logo se viu occupada.
 Estando com seu pae á mesa,
 Seu pae que muito a mirava:

—Dona Areria, Dona Areria,
 Parece que estás pejada?
 «A culpa é dos alfaiates,
 Que talharam mal a saia.

Chamaram-se os alfaiates
 Á sua sala fechada,
 Olharam uns para os outros:
 =Esta saia não tem nada.

Ao cabo de nove mezes
Ella será abaixada.

Arrecolheu-se ao seu quarto,
Muito triste, desmaiada.

—Dona Areria, Dona Areria,
Amanhã serás queimada.
«Não se me dá que me queimem,
Que me tornem a queimar,
Dá-se-me d'este meu ventre
Que é de mui nobre linhagem.
Oh quem me dera um creado
Que me comêra o meu pão,
Que me levara uma carta
Ao conde de Montalvão.

—Escreva, menina. escreva,
Escreva do coração,
Que eu lhe levarei a carta
Ao conde de Montalvão.

—Aqui tem, oh senhor conde,
Carta de muito pesar;
Menina com quem dormiu
Ella aí vem a queimar.

—«Se tu me dizes devéras,
Cavallos mando apromptar;
A jornada de oito dias
Ainda hoje se hade andar.

—Lá ao fim de nove legoas
Liteiras se hão de encontrar.

Vestiu-se em trajos de frade,
Ao caminho a foi esperar;
Em chegando ao pé d'ella
Aos creados foi fallar:

- «Pára, pára, oh da liteira,
Que eu te farei parar ;
A menina que vem dentro
Ella vem por confessar.
.....
- «Diga-me, minha menina,
Verdade me hade fallar,
Se teve amores com clerigos,
Ou com frades, mal pesar?
«Não tive amores com clerigos,
Nem frades de mal pesar ;
Tive amores com Dom Carlos,
Por isso vou a queimar.
.....
- «Lá no meio da confissão
Um beijinho me hade dar.
«Onde o Conde poz a bocca
Padre algum lhe hade tocar.
- «Pois Dom Carlos sou eu mesmo,
E contigo heide casar.

Lisarda

(*Versão de Lagos* — ALGARVE, de Dom Claros de Alem-mar)

- Lisarda, amor, Lisarda,
Lisarda, amor primeiro,
Se tu me deras um beijo,
Lisarda, amor verdadeiro.
«Não te deu nem um nem dois
Nem um nem dois te heide dar,
Eu eu não quero que depois
Tu de mim te vás gabar.
- Eu já fiz um juramento.
Protesto de o não quebrar,

Menina com quem dormir
Nunca a heide diffamar.

Mas no fim de tres mezes
Para o jogo se foi gabar.
Os seus manos, que alli estavam.
Disseram um para o outro :

==Será a mana Lisarda ?==

Quando vieram para casa
A' mãe o foram contar ;
Sua mãe assim que tal soube
Lisarda mandou fechar.
Quando o pae chegou a casa
Tambem lhe foram contar ;
O seu pae assim que o soube
Lisarda mandou queimar.
Estando Lisarda fechada,
Triste, triste, agoniada,
Ella chegou á janella :

«Quem o meu pão quizer ganhar,
Ao meu Conde Montalvão
Esta carta hade entregar.

Appareceu-lhe um menino
De sete annos e mais não :

==Oh menina, eu levo a carta
Escripta no coração.

«Se elle estiver jantando
Deixa-o primeiro acabar ;
Se elle estiver dormindo
Deixa-o primeiro acordar.

==Logo foi fortuna minha
Encontral-o a passear.

Pegue lá, senhor Conde,
Esta carta de pesar,
Que lhe manda a sua amada,
Pois ella vae a queimar.
— Tanto se me dá que a queimem,
Como a deixem de queimar;
A pena que meu coração sente
E' eu ser sangue real.
Ala, ala, meus creados,
Os cavalloos vão a ferrar
Com ferradura de cobre,
Que é p'ra assim não se gastar.
E' jornada de oito dias
Que nós temos para andar.

Elle se vestiu de padre,
Ao caminho foi esperar:

- Alto aí, parae. justiça,
Senão eu te faço parar;
Essa menina que aí levam
Ainda vae por confessar.
— Pois confesse-a o senhor padre
Em quanto nós vamos jantar.
— Ajoelhe-se, oh menina,
Faça o seu pelo sinal,
Que no meio da confissão
Um beijinho me hade dar.
• Não permitta Deus do céu
Nem os santos do altar.
Bocca que um conde beijou
Padre nenhum hade tocar.
— Ajoelhe-se, oh menina,
Faça o seu pelo signal,
Que no fim da confissão
Um abraço me hade dar.

«Não permita Deus do céu
Nem os santos do altar,
Corpo que um conde abraçou
Padre nenhum dade abraçar.

O padre então se sorriu,
Pregando olhos no chão.

«Esse rir, oh senhor padre,
Esse rir de mangação,
Parece-me bem ser
Do meu conde Montalvão.

— E' verdade, oh menina,
Prenda do meu coração.

«Se tu eras o meu conde,
P'ra que me fizeste zangar?

— Calae-vos, menina,
Que foi para te experimentar.
Manda chamar os teus manos
Que te vão agora accusar;
Manda chamar tua mãe
Que te mande agora fechar,
Manda chamar a teu pae
Que te mande agora queimar;
E manda chamar a justiça
Que te venha aqui buscar,
Que amanhã por estas horas
Na egreja havemos de estar.

●

Dona Aldonça

(Versão de Lagos, de Dom Claros d'Alem-mar)

A' porta de Dona Aldonça
Corre um cano de agua clara,
A mulher que d'ella bebe
Logo se sente pejada;

Dona Aldonça bebeu d'ella
 Em má hora, desgraçada!
 Indo a sentar-se á mesa,
 Seu pae que lhe bem olhára:

- O que é isso, Dona Aldonça,
 Que me pareces pejada?
 «Ai não é, não, senhor pae,
 Sim a sáia mal rodada;
 De mal vestida que foi,
 Me ficou alevantada.
 —Como a falta é só da sáia,
 Que seja logo queimada ..
 Recolhe-te, Dona Aldonça,
 Recolhe-te á tua sala;
 Nunca mais tu me appareças
 Com sáia tão mal tallhada...

Retirou-se Dona Aldonça
 Muito triste e magoada;
 Indo pela escada acima,
 Dor de parto que apertava.

- «Anda já, creada minha,
 Anda cá, minha creada,
 Corre, corre, vae ligeira,
 Vê quem passeia na praça.
 «—Senhora, minha senhora,
 Não vos deis por malfadada,
 Só passeia Valdivinos,
 Rico primo de voss'alma;
 Já de cá lhe fiz aceno,
 Elle pôz-se de abalada.

Tal rasão não era dita,
 Valdivinos que chegava.

—Deus vos salve, minha prima,
Que já estaes descansada?
«Anda cá, oh Valdivinos,
Rico primo da minh'alma,
Toma lá esta menina,
A eriar irás leval-a;
Despeza que ella fizer,
Eu sómente heide pagal-a.

Indo pela escada abaixo;
Com seu tio se encontrára.

—Que Deus vos salve, oh meu tio,
Rico tio da minh'alma.

—Anda cá, oh meu sobrinho,
Meu sobrinho da minh'alma;
Ai, dize-me, oh Valdivinos,
Que levas na aba da capa?

—Amendoas verdes, meu tio,
Desejo de uma pejada...

—Vae convidar tua prima.

—Mesmo agora de lá venho,
Já ficou bem convidada.

—Dá-me uma, dá-me duas,
Deixa vêr se estão coalhadas.

—Não posso, senhor meu tio,
Não posso, que vão contadas.

Ao dizer estas palavras,
A menina que chorava.

—Foge d'aqui, Valdivinos,
Perdição da minha casa;
Se meu sobrinho não fôras,
Aqui mesmo te matára;
Dona Aldonça tua prima,
Depois tambem a queimára.

— Não se me dá que me matem,
 Nem que ella seja queimada,
 Dá-se-me d'esta innocente,
 Que me fica desgraçada!
 — Eu se mato Dona Aldonça,
 É minha filha adorada;
 Eu se mato Valdivinos;
 Ella fica deshonrada.
 Casará elle com ella
 N'esta hora aventurada.

Voltam ambos; Dona Aldonça,
 Que em suspiros se finava,
 Quando o pae lhe a filha entrega
 Para que bem a criara,
 Tal foi seu contentamento,
 Que de alegria chorava.

— ● —

Dona Galançúa

(Versão de Lagoa, de Dom Claros d'Alem-mar)

Estando Dona Galançúa
 Pela varanda a passear,
 Por ali passou dom Carlos.
 Dom Carlos de Mont'Alvar.

— Que linda menina aquella
 Para commigo brincar!
 «Brincaria toda a tarde
 Se te não fosses gabar.

No outro dia pela manhã
 Ao bilhar se foi gabar:

— Eu brinquei com uma menina
 Que no mundo não ha tal!

Olharam uns para os outros:

—«Quem será, quem não será?
É a Dona Galançúa
Filha de elrei Cardeal.
Pelas minhas barbas juro
Que ao pae heide ir contar.

—Aqui venho, senhor rei,
Tristes novas lhe quero dar:
Sua filha Galançúa
Com Dom Carlos foi brincar.

—Se não tivesse lenha colhida
Já a mandava matar;
Como tenho lenha colhida
Já a mando queimar,
«Não se me dá de morrer
Nem tampouco de acabar,
Só se me dá do meu ventre,
Que leva sangue real.
Tenho aqui uma carta,
Não tenho quem m'a vá levar.

Veiu um anjo do céo a terra:

—«Senhora! eu vou levar.
«Se o achares dormindo
Deixae-o acordar;
Se o achares jantando
Deixae-o acabar.

Em tão boa hora foi,
Que o achou a passear.
Logo que pegou na carta,
Logo se poz a chorar:

—Corram, corram, meus creados,
Os que estão a meu mandado,

Com ferraduras de bronze
 A ferrar os meus cavallos,
 Que esta noite, toda a noite,
 Quinze leguas tem de andar.

Chegando ao convento
 Onde ella ia a queimar:

- Arreda! justiça, arreda.
 Senão, faço a arredar,
 Que essa menina que ahí vae
 Inda vae por confessar.
 —Se vós sois o confessor,
 Ide-a já confessar.

No meio da confissão
 Um beijo lhe quiz dar.

- «Não permitta Deus d'arcello
 Nem a sua corôa real,
 Que ninguem me ponha a bocca
 Senão Dom Carlos Montealvar,
 Que da morte me veiu livrar.



ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Dona Ausenda

(Versão de Santa Luçia, de Dom Claros d'Alem-mar)

Na horta de Dona Ausenda
 Ha uma erva encantada,
 La mulher que cheirar d'ella
 Dizem que fica prenhada.
 Pela noite de Natal

Dona Ausenda tresnoitada
Alli mesmo adormeceu,
Na horta ficou pejada;
Dormiu somno de delicias
Sobre uma erva encantada;
Mas quantos mais mezes correm,
La saia mais levantada.

—Que tens tu, oh filha minha?
Diria que estás prenhada!
«Tal não digaes, senhor pae,
É da saia mal talhada;
Que nunca eu tive amores,
Nem homem me deve nada.

—Vem cá tu, mestre alfaiate,
De tamanha nomeada,
Vem correger esta saia,
Que ficou tão mal talhada.

—«N'esta saia, rei senhor,
Não vejo que falte nada;
Só se fôr la dona d'ella
Mulher que esteja prenhada.

—Que tens tu, oh filha minha?
Diria que estás prenhada!
«Tal não digaes, senhor pae,
E' que me sinto inchada,
Das aguas da fonte fria
Bebidas de madrugada.

—Vem cá tu, physico meu,
De tamanha nomeada,
Minha filha tem maleitas?
Quero que seja curada.

—«Senhor, maleitas não são,
Aqui não ha fazer nada;

Las maleitas que ella tem
É que la vejo prenhada.

Quando ella tal ouviu,
Ficou sua alma passada :

«Triste, mesquinha de mim,
Mesquinha de mim, coitada !
Sendo eu moça donzella,
Como posso estar prenhada ?

—La filha que tal me fez,
Disse el-rei, quer ser queimada,
Em sete carros de lenha,
Fogucira bem atigada.

«Sem conhecer homem nunca,
Vou a morrer desfamada !
Dae-me, pae. um confessor,
Quizera ir confessada.

Chamou-se um santo frade,
Que passava na estrada.
Logo que elle entrou na horta,
Colheu da erva fadada,
E foi onde Dona Ausenda.
P'ra ser d'elle confessada:

=Agiolhae, Dona Ausenda,
Vossa hora está chegada :
Confessae vosso peccado,
Pol la Mãe, Virgem Sagrada.

«Frade, nunca tive amores,
Nem homem me deve nada ;
Más artes são do demonio,
Ser donzella e pejada !

=Quanto tempo ha, senhora,
Que vos sentis embaraçada ?

«Los nove mezes faz hoje,
 Ali, n'aquella ramada,
 Pol la noite de natal,
 Adormeci tresnoitada,
 Sobre umas verdes ervas,
 Na minha horta, deitada :
 E sonhei tão novos sonhos,
 Tanta cousa namorada,
 Que de acordar deu-me pena,
 Já vinha la madrugada.

== Cheirae vós agora esta erva ;
 É uma erva encantada ;
 Pol la benção que lhe eu deito,
 Ficará erva sagrada.

«Ai, este cheiro, bom frade,
 Eu lo senti na ramada.

Não disse mais Dona Ausenda ;
 Do somno ficou tomada.
 Virtude tem aquella erva,
 Outra virtude fadada :
 Mulher prenhe que la toque
 Logo fica alliviada.
 E Dona Ausenda, sem dôr
 Em boa hora abençoada ;
 Teve uma linda criança,
 Bem nacida, bem medrada,
 Que lo frade levou logo
 Na manga arrecadada ;
 Caladinha ia ella,
 Pelo fradinho aninada.
 Já desperta Dona Ausenda,
 Já se sente alliviada ;
 De tudo quanto passou
 Nem sequer estava alembrada.
 Chamou por suas donzellas,

Chamou por sua creada ;
 Vestiu suas galas ricas,
 Sua saia bem tallada,
 E foi encontrar seu pae,
 Que estava na alpendorada,
 Vendo armar la fogueira,
 Em que la queria queimada.

«Senhor pae, aqui me tendes.
 Já disposta, confessada ;
 Morra eu, de nulla culpa,
 Se tendes sentença dada.

Lo pae la mira, remira,
 Tão bem posta e galeada,
 Seu corpete tão gentil,
 E saia não levantada.

— Com que mãos feitiços, filha,
 Andavas infeitiçada ?
 Quem curou los mãos feitiços,
 De que estás alliviada ?

«Fossem feitiços ou não,
 Ou fosse por encantada,
 Santo frade lo desfez
 C'uma oração bem resada.

— Ao bom frade que darei
 Por obra tão acabada ?

Palavras não eram ditas,
 Diz lo frade, da portada :

— Frade não sou, que sou conde,
 Nem quero que me deis nada ;
 D'Além-mar meu senhorio
 Tem castello e lavrada.
 Só vos peço por mulher
 Dona Ausenda alliviada.

Oh, que noite de Natal !
 Oh, que erva encantada !
 Encantos de Dona Ausenda...
 Eram lo conde, mais nada.

—●—

Dona Alberta

(Variante de Camara de Lobos, de D. Claros d'Alem-mar)

Passeava dona Alberta,
 Mas de saia mal rodada,
 Toda cheia de tristeza,
 E no coração descorada.
 Disse-lhe el rei:

- Vós que tendes ?
 Tendes la côr demudada !
 «Das aguas frias, senhor,
 Que bebo de madrugada.
 — Chamem-me cá um barbeiro,
 Para que já sejaes sangrada.

Lo barbeiro respondeu :

- «Esta dama está pejada.
 — Infanta, que tal fizestes,
 Ides, por lei, ser queimada ;
 Fogueira de sete cargas
 E lenha bem atiçada.

Quando tal sentença ouviu,
 Desatou ella chorar:

- Quem me levasse uma carta
 A Dom Carlos d'Além-mar.
 — «Aqui me tendes, senhora,
 Se de mim quereis confiar ;

Vossa carta levarei
 Depressa, não devagar;
 Fosse viagem de dias,
 Eu á noite hei de voltar.

E lá foi leval la carta
 A Dom Carlos d'Alem-mar.
 Começou este de lel-la,
 Começou de passeiar;
 Vestiu habito de frade,
 E corôa mandou rapar;
 Té á porta da egreja
 Elle andou sem descancar.
 Mal lo sol era nacido,
 Já Dona Alberta a passar;
 Vae la justiça d'el-rei
 Leval-la já a queimar.

=Oíça cá, senhor juiz,
 Mande esta gente parar;
 Essa dama que ahí vae
 Inda está por confessar.
 =Pois confessae-la, vós frade,
 E vá tambem commungar.
 =Eu, por Deus, tudo farei,
 Para das chammas la salvar.

Elle e ella na egreja,
 Los outros fóra a esperar;
 Começam na confissão,
 Elle um beijo lhe quer dar.

«Deixae-me, frade molino,
 Não me venhaes attentar.
 Deus que não me dê perdão,
 Nem hostia de consagrar,

Se a mim outro beijasse
 Senão Carlos d'Alem-mar.
 — Carlos d'Alem-mar sou eu;
 Vamos, vamos, caminhar!
 Fugamos por este lado,
 E depressa, cavalgar!

Vão a unhas de cavallo,
 Vão a todo galopar.

«Espera por mim, justiça,
 Bem te fartarás de esperar,
 Que Dom Carlos cá me leva,
 Para commigo se casar.
 E agora que me prendam
 Na sola do calcanhar.



ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

Claralinda

(Versão da Ilha de S. Jorge—Ribeira de Areias, de Dom Claros
 d'Alem-mar)

— Claralinda está doente,
 Vejo-a tão descorada?
 «Foi de um pucarinho de agua
 Que bebeu na madrugada.

Seu pae. tanto que o soube,
 Logo a mandou sangrar;
 Mandou chamar tres donzellas
 P'ra com Claralinda estar.
 D'onde vinha uma d'ellas
 Mui liberal no fallar:

— «Claralinda está pejada,
 Já o não pode negar.
 Seu pae quando que o soube
 Logo a mandou matar;
 Todos os primos e primas
 Lá a foram visitar.

«Todos os primos e primas
 Aquí me vem visitar;
 Só não ha um primo de alma
 Que se dôa do meu mal,
 Que me vá levar uma carta
 A João de Gibraltar.

Respondeu-lhe o mais moço,
 O mais moço que ali estava:

«—Oh prima, apromptae a carta,
 Quero vol-a ir levar:
 Se a jornada é de dez dias
 N'uma hora a quero andar.

Quando elle lá chegou
 Estavam á mesa a jantar:
 Arrojaram-se as cadeiras
 Para o senhor se assentar.

«—Venho aqui com uma carta,
 Não me quero assentar;
 Claralinda está doente,
 Seu pae a manda matar,
 —Eu não se me dá que a mate,
 Nem que a mande matar.
 Dá-se-me do ventre d'ella
 Que é filho de tão bom pae.

Respondera sua mãe,
A sua mãe, que ali estava :

- «Se isso tem algum remedio
Filho, trata de lh'o dar.
—Eu não lhe sinto remedio;
Que remedio lhe heide dar?
«Despe o vestido de seda,
E veste habito saial,
Dize que és um clérigo,
Que a queres confessar.

Quando elle lá chegou
Já estavam p'ra a matar;
Já o theatro está feito
Para ir a degolar.

- Tate! tate, bons algozes,
Que eu quero aí chegar;
Que ella é menina e moça,
Terá de que se accusar.

Primeiro lhe perguntou :

- Vós a quem deveis amar?
«Primeiro, a Jesus do Céu,
E a João de Gibraltar.
—Os senhores dão licença,
Deixem-m'a ir confessar;
Ella pede sacramento,
Tem tempo de se emendar.

Entram pela porta travessa,
Saíram pela principal...

- Embarque-se, senhora, embarque-se,
Vâmos para Gibraltar!

Fica-te embora, meu sôgro,
 Aqui não quero tornar;
 Toda a filha da fortuna
 Commigo queira embarcar,
 A nossa cama está feita
 Sobre as ondas do mar.

— () —

Dom Carlos de Montealvar

(Variante de Ribeira de Arcias, de Dom Claros de Alem-mar)

Claralinda está preza,
 Seu pae a manda matar;
 Seu tio a veiu vêr,
 Seu primo a visitar.

— Muito me pésa, prima,
 Muito me pésa o seu mal.
 Assim elle me não pése,
 E não me póde pesar,
 Que o que anda em meu ventre
 E' filho de bom pae.
 Não se me dá de morrer,
 Que eu nasci para acabar;
 Dá-se-me do meu filhinho,
 Que outra mãe não hade achar.
 Não haver anjo no céo,
 Para carta me levar
 A portos da Inglaterra,
 A Dom Claros Montealvar!

Appareceu um pombinho,
 Na janella foi poisar:

— Dae-me cá essas cartas,
 Que eu quero-as ir levar

A portos de Inglaterra,
A Dom Carlos Montealvar;
Viagem de outo dias
N'uma hora se hade passar.

Entrando pelo palacio,
Senhores á mesa a jantar;
Apromptem-se as cadeiras
Para o senhor se assentar.

—Não se apromptem as cadeiras,
Que eu não me venho assentar;
Aqui tendes estas cartas,
Tratae já de as passar.
Claralinda está preza,
Seu pae a manda matar.

Entrou de lèr logo as cartas,
Entrou de as passar;
As lagrimas eram tantas
Que eram de par a par.
Respondeu a sua mãe
Lá da sala onde estava:

- «—Anda, filho, anda, filho,
Se tem remedio vae dar.
—«Como póde ter remedio,
Se elle já não tem logar?
«—Mete-te pelo convento,
Veste-te em trajo de frade,
Que ella é moça, é menina,
Hade ter que confessar;
Debaixo da confissão,
Nada se pode negar.
—«Oh justiça, oh justiça,
Vós podeis bem descansar;

- Claralinda é menina,
Hade ter que confessar!
Diga-me a minha menina,
A quem deve de amar?
«Eu amo a Deos do céo,
E a Dom Carlos Montealvar;
Lá lhe mandei umas cartas,
Não lhe puderam chegar.
— «Diga-me a minha menina,
A quem deve de amar?
Debaixo da confissão
Se um beijo me póde dar?
«Não permitta Deos do céo,
Nem os santos do altar,
Onde o Conde poz os beijos
Que os ponha nenhum frade;
Nem vos posso dar um beijo
Porque eu vou a matar.
— «Dê-me a menina um beijo,
Que já não vac a matar.

Puzera-a no seu cavallo,
Tratou já de caminhar;
Passara por uma rua,
A mãe á janella estava :

«Deus te guie, cavalleiro,
Deus te queira guiar:
Que livraste Claralinda
D'ella não ir a queimar.

Conde Claro

(Versão da Ilha de S. Miguel, de Dom Claros de Alem-mar)

Conde Claro com amor
Não podia repousar;
Foi-se ter com Clara-Linda
Debaixo do seu rosal.
Clara-Linda que o viu
Ficou muito admirada :

«Conde Claro vem armado
Para commigo brigar?»

—Melhor vol-o tereis, senhora,
P'ra comvosco conversar.

N'isto um mexeriqueiro
Acontece de passar.

—Dize-me, oh mexeriqueiro,
Quanto queres tu ganhar?
=«Eu não quero ganhar nada,
Porque nada me hão de dar;
Isto que aqui se passa
A El-rei lhe vou contar.

«Dou-te o meu vestido de oiro
Que na côrte não é achado.

=«Não quero o seu vestido,
Porque nada me hade dar;
Isto mesmo que aqui vi
A El-rei lhe vou contar.

—Eu darei-te o meu cavallo
Bem sellado e bem ferrado,
Com duzias de bolões de oiro
Na roda do peitoral.

=«Eu não quero o seu cavallo,
Porque m'o não hade dar;

Isto mesmo que aqui vi
A El-rei lhe vou contar.

«Beijo-vos a mão, senhor,
A' vossa corôa real,
Alviçaras venho trazer
Se vós m'as quereis dar;
Que eu vi estar Clara-Linda
Com Conde Claro a fallar.

«Se m'o disseses occulto
Alviçaras te havia de dar;
Como m'as disseste em publico
Tens sentença de enforçar.

«Meu cabello desatado
Eu não o posso atar!
Palacio de El-rei meu pae
Não no posso alcançar.

Mas o pae á maior pressa
Para a casa a foi buscar.

«Se eu tivesse outra filha,
Que no meu reino reinar,
Até vós, oh Clara-Linda,
Havia mandar matar.

Por espaço de algum tempo
O rei ouvira cantar.

«Vinde vós cá, oh Clara-Linda,
Vinde ouvir bello cantar,
Ou são os anjos no céo
Ou são sereias no mar?
«Não são os anjos no céo,
Nem são sereias no mar;
Conde Claro é, senhor,
Se vós o mandaes soltar!

- =Se vós o quereis por esposo,
Por genro o heide tomar.
«Se meu pae me dá licença,
A' prisão o vou buscar.
- =Espera por mim, minha filha,
Que eu vos vou acompanhar.
«Conde Claro, dae-me a mão,
Que meu pae a manda dar.
Dize-me, mexeriqueiro,
Quanto vieste ganhar?
- «Ganhei a morte. senhora,
Que a vida me podeis dar,
«Para dar exemplo aos mais
Logo vaes a enforcar.

Casaram um com o outro,
E foram para o palacio.



BRASIL

Dona Branca

(Versão de Sergipe)

- O que tens, oh Dona Branca,
Que de còr estás mudada?
«Agua fria, senhor pae,
Que bebo de madrugada.
- Juro por esta espada,
Affirmo por meu punhal,
Que antes de nove mezes
Dona Branca vae queimada.
- «Eu não sinto de morrer
Nem tambem de me queimar;
Sinto por esta creança,

Que é de sangue real,
 Se o meu creado tivera
 Que sôra ao meu mandado,
 Escrevera uma carta
 A Dom Duarte de Montealbar.

— «Fazei a carta, senhora,
 Que eu o mensageiro seria,
 Viagem de quinze dias
 Faço-a n'uma Ave-Maria.
 Escreve, escreve, senhora,
 Que eu serei o teu creado ;
 Viagem de quinze dias,
 No jantar serei chegado.

— «Abre, abre, cristalina
 Janella de Portugal,
 Quero entregar esta carta
 A Dom Duarte de Montealbar.

Dom Duarte, que leu a carta,
 Logo se poz a chorar,
 Dando saltinhos em terra
 Como baleia no mar.

.....
 Dom Duarte se finge frade
 P'ra a princeza confessar :
 Lá no sexto mandamento
 Um beijo n'ella quiz dar.

«Bocca que Dom Duarte beijava
 Não é p'ra frade beijar !

N'isto então se descobria,
 Capuz de frade largou,
 E já fugia com ella
 E para a hôda a levou.

6

A ROMEIRA

(*Versão do MINHO e TRAZ OS MONTES*)

Por aquelles montes verdes
 Uma romeira descia ;
 Tam honesta e formosinha
 Não vae outra á romaria.
 Sua sáia leva baixa
 Que nas ervas lhe prendia ;
 Seu chapellino cahido
 Que lindos olhos cubria !
 Cavalleiro vae traz d'ella,
 De má tenção que a seguia !¹
 Não a alcança por mais que ande,
 Alcançal-a não podia,
 Senão junto a essa oliveira²
 Que está no adro da ermida.
 A sombra da arvore benta
 A romeira se accollhia :

—Eu te rogo, cavalleiro,
 Por Deus e a Virgem Maria.
 Que me deixes ir honrada
 Para a santa romaria.

Cavalleiro, de malvado,
 Nem Deus nem rasão ouvia ;
 Cego no desejo bruto,
 De amores a accommettia.
 Pegaram de braço a braço,

1 Alcançal-a não podia — *Traz-os-Montes*

2 Alcançou-a descançando
 Debaixo da verde olíva — *Id.*

Lucta de grande porfia! ¹
 A romeira, por mais fraca,
 Emfim rendida cahia... ²
 No cahir, lhe viu á cinta
 Um punhal que elle trazia;
 Com toda a força lh'o arranca,
 No coração lh'o mettia.
 O sangue negro saltava,
 O negro sangue corria...

«Por Deus te peço, romeira, ³
 Por Deus e a Virgem Maria,
 Que o não digas em tua terra,
 Nem te vás gabar á minha
 Da vingança que tomaste,
 Da affronta que eu te fazia.
 —Heide dizel-o em tua terra,
 Heide me ir gabar á minha,
 Que matei um vil covarde
 Co'as armas que elle trazia.

Tocou a campa da ermida,
 A campa que retinia.

—Ermitão, por Deus vos peço, ⁴
 Bom ermitão d'esta ermida,
 Tenhaes dó d'essa má alma
 Que inda agora se partia:
 Dae terra benta ao seu corpo,
 Que Deus lhe perdoaria.

1 Qual debaixo, qual decima — *Trax-os-Montes*
 2 Logo debaixo cahia — *Id.*
 3 Eu te peço, romeirinha, — *Id.*
 4 Eu te peço, ermitão,
 Por Deus e Santa Maria,
 Que enterres esse traidor
 Lá na sua santa ermida — *Id.*

Marianninha

(Versão da Margem de Tamega, DOURO, da Romeira)

Noite se fez no caminho,
Todo o souto escurecia ;
Se vae cheia na rigueira,
Quem por ella passaria?
Nanja a linda Marianninha,
Que volta da romaria . . .
Bate o vento na ramada
E a neve d'alli caía.

«As rodas da minha azenha
Quem d'aqui as ouviria ;
Que antes de ser o sol nado
Abraçara a minha tia !
Valei-me anjinhos do céo,
Valha-me Santa Maria !
Andam lobos na deveza,
E eu n'ella vou perdida ! . . .

Calou-se a Marianninha,
Logo a ramada se abria :

—Queres ser mulher de um conde,
Terás muita pedraria,
Comerás com a rainha
E de seda irás vestida :
Lençóes do teu leito de oiro
Serão de cambaria fina.

Responde a minha donzella,
Que bem que lhe respondia :

«Oh ! que lindo cavalleiro ;
Quem lhe dera a cortezia !

Fallar assim a menina
Que anda no inatto perdida,
Não é saber defendel a
Nem é mostrar bizzarria.
Se me quer contar de amores
Levára-me a minha tia ;
E de dia e não de noite,
Na minha porta o ouviria.

Ouvireis agora o conde,
O que o meu conde dizia :

—Tu não vês o meu castello
Por de traz d'aquella azenha?
A tua casa está longe,
Vem na minha companhia.
A'manhã dirás a todos
Que voltas da romaria.

«Vae-te com Deus, cavalleiro,
Mais a tua galhardia,
Que nunca da minha bocca
Hade sair a mentira.

—Ando a caçar no meu souto,
A caça que achei é minha ;
E isto á fé de quem sou
Que a ninguem a cederia!

«Cavalleiro que tal diz,
Por villão o tomaria...
Se meu irmão aqui fôra
A lingua te cortaria.
Hade salvar-me de ti
A Virgem Santa Maria ;
Ella é minha madrinha,
E eu venho da romaria.

Na alma negra do conde
O bruto desejo ardia.

—Nem teu pae nem teu irmão
Nem Deus te defenderia!

Eis que sôa na deveza
Uma grande tropelia;
Logo um lobo embravecido
O cavalleiro investia!
Por morto no chão o deixa,
Mas comer não no comia!
Sem fazer mal á donzella
Para a moita se volvia.
Ella vendo o conde morto,
Já d'elle se condoia;
E a seus pés ajoelhada
Por aquella alma pedia.
Milagre! o conde chorando,
Do chão a custo se erguia,
Ambas as mãos lhe beijava
Entoando—Ave Maria:

—Pela minha alma pediste,
Que a Deus e a ti offendia;
Dos infernos a livraste
Dou-t'a para toda a vida;
Não te contarei de amores
Senão ámanhã de dia!
Que ámanhã serás condessa
Nos paços de Santa Iria.
Cuidei que tudo era caça..
Mal haja a descortezia,
Com que tratei a romeira
Que vinha da romaria.
Vamos procurar teu pae,
Condessa Marianninha.

De alegre salta a donzella,
Quem é que não saltaria!...

Tiaha dado uma alma a Deus
E um sobrinho á sua tia.

—●—
A Tecedeira

(*Versão do Marco de Canavezes, DOURO, da Romeira*)

- Oh minha mãe, minha mãe,
Ou eu não sei apostar!
Vou enganar Marianna
Antes do gallo cantar.
«Oh meu filho, não apostes
Nem te deites a apostar,
A Marianna é sincera,
E' custosa de enganar,
—Do modo que heide enganar-a
Ninguem no hade julgar;
Heide-me vestir de dama,
Ir ao jardim passear.
- «Oh que tão linda dama
No jardim a passear!
—Sou uma tecedeirinha
Das bandas d'além do mar;
Tenho a teia urdida,
Fiado venho buscar.
—«Esse fiado, senhora,
Ainda está por dobar.
—Avie-se lá, senhora,
Depressa, não devagar;
E' de noite, faz escuro,
Tenho muito para andar.
—«Ainda tenho meus creados
Para comsigo mandar.
—Seus creados não os quero,

- Que me podem diffamar.
Avic-se lá, senhora.
Depressa, não devagar. . .
- «Ainda tenho minhas camas
Para se ir lá deitar.
- N'esse logar não as quero,
Que me podem diffamar;
Avic-se lá, senhora,
Tenho muito para andar.
- «Ainda tenho creadas
Para comsigo deitar.
- Com as criadas não quero,
Que me podem diffamar;
Que tem os seus conversados
Que as vão lá visitar.
- «Tenho a minha sobrinha
Para comsigo deitar.
- Com essa mesma, senhora,
Com essa heide acceitar,
Que ella é menina donzella,
Não me podem dsffamar.

Estavam sentados á meza,
Cada um em seu logar;
Elle dizia á donzella:

- Marianna, vamos deitar.

Lá junto á meia noite,
Marianna quiz gritar:

- Oh Marianna, não grites,
Não te queiras diffamar,
Sou Dom Carlos d'Alem-mar
Comtigo heide casar.

A Tecedeira

(Versão de Rebordainhos, TRAZ-OS-MONTES, da Romeira)

- Apostado tenho, madre,
Minhas armas, meu punhal,
De dormir com Marianna
Antes do gallo cantar.
«Não apostes, não, meu filho,
Que não poderás ganhar.
—Como mãe de sete filhos,
Um conselho me heis de dar.
«Veste-te tu de dama,
E á praia vae passear,
Que ella, como doidinha.
Logo te vem fallar.
- «D'onde é a fidalguinha,
Do tão lindo passear?
—Tecedeira sou, senhora,
D'aquellas bandas do mar;
Tres tês tenho urdidias,
E a sua venho buscar.
—«A minha tês, senhora,
Ainda está por dobar.
—A vossa tês, senhora,
Vamos nós a dobar;
Mas temo os seus creados
Que me hajam de affrontar.
—«As chaves do meu pousento
A' sua mão hão de ir dar.

Lá pelo meio da noite,
Começára de gritar!
O ladrão da tecedeira
Em varão se quiz tornar.

Conde de Montearbar

(Versão de Loulé, ALGARVE, da Tecedeira)

—Minha mãe, tenho uma apósta
De perder ou de ganhar:
Enganar Dona Maria,
Filha do Conde real.

«Não apostes, oh meu filho,
Tu não a hasde ganhar;
Dona Maria é honesta,
Tu a não hasde enganar.

Já se veste de donzella,
Pela rua a passear.

—«Que donzella é aquella,
Pela rua a passear?

—Sou donzella, oh senhora,
Venho lá do meu tear;
Tenho de urdir uma tãa,
Fiado eu venho buscar.

—«Fiado tenho, donzella,
Mas ainda para dobar.

—Pois vá dobal-o a senhora,
Ou o mande já dobar;
Donzellas a esta hora
Pela rua parece mal.

—»Cala-te lá, oh donzella,
Em palacio dormirás.

—Haverá lá algum mancebo
Que de mim queira zombar?

—«Cala-te, oh donzella,
Que commigo dormirás.

Lá pelo noite adiente,
Dona Maria quiz gritar.

- Cala-te, Dona Maria,
 Não te queiras diffamar,
 Que eu sou mocito solteiro
 E contigo heide casar.
- «Eu te peço, oh cavalleiro,
 Que te não vás a gabar.
- Pela cruz de minha espada
 Eu me atrevo a jurar.

Na manhã do outro dia
 P'ra praça se foi gabar :

- Dormi com Dona Maria,
 Filha do Conde real.

Los irmanos, que isto ouviam,
 A seu pae foram contar.

- Hoje mando buscar lenha,
 A' manhã vae a queimar.

Dona Maria que ouvira,
 P'ra varanda foi chorar :

- «Ai, quem me dera um creado
 Que meu pão fosse ganhar,
 Levando uma carta minha
 Ao Conde de Montecalbar.

Anjo do céo lhe appareceu,
 Logo se poz a fallar :

- «Escreva, senhora, a carta,
 Que eu já a irei levar;
 Mas escreva-a depressa,
 Que eu não posso demorar.

- «Novas te trago, Dom Carlos.
 Novas de muito pesar,

Que a tua Dona Maria
A'manhã vae a queimar.

— Não se me dá que a queimem,
Nem que a tornem a queimar;
Dá-se-me da formosura
Que a terra vae gastar.
Alto, alto, meus creados,
Meus cavallos vão ferrar,
Com ferraduras de bronze,
Para melhor aguentar
Jornada de quinze dias
N'uma noite se hade andar,

Só no andar do caminho
A justiça a encontrar.

— Arredae-vos, oh justiça,
Tratae de vos arredar,
Essa menina que ahí vae
Eu a quero confessar.

«= Confesse-a, meu fradinho,
Enquanto vamos jantar.

Lá no meio da confissão
Um beijinho lhe quiz dar.

«Alto, alto, oh senhor frade,
Não se queira adiantar,
Onde Dom Carlos beijou,
Outro não hade beijar.

— Dom Carlos sou eu, menina,
Dom Carlos de Montealbar.
Eu servi-me d'estes habitos
P'ra da morte vos livrar;
Agora venha commigo,
Seu pae que a venha buscar.
Entramos pela porta trazeira,
Saímos pela principal.

7

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

DONA OULIVA

(Versão da Calheta)

Andava la Dona Ouliva
Pelos palacios reaes,
Penando las suas penas,
E gemendo los seus ais.

—Lo meu amor da minha alma,
Já se foi p'ra nunca mais!

Tinha lo marido longe,
Mas tinha la sogra ao lado;
E pela arteira da sogra
Logo lhe foi perguntado:

«Que tendes vós, Dona Ouliva,
Hi dentro alabarado?

Dona Ouliva então disse
Lo que houvera calado:

—Eu vos peço, oh minha sogra,
Por Deus vos tenho rogado,
Quando vosso filho chegue
Nada lhe seja contado;
Mas deixae-me ir álem,
Áquelle castello guardado;
Quero ir... por devoção...
Carpir n'aquelle finado.

Pela mofina da sogra,
Que lo filho quer vingado,

Volvido elle a palacio,
Tudo logo foi contado.
Elle ouviu, não disse nada,
Tinha cavallo selado;
Tinha espóras nos pés,
Foi ao castello guardado :

- « Deus vos salve, a vós, guardas
D'este castello guardado;
Dizei-me, que gente é essa
Que carpe n'esse finado?
— São donas e são donzellas,
Pessoas de grande estado :
Umhas carpem lo irmão,
Outras carpem lo cunhado,
E tambem la Dona Ouliva
Carpe lo seu namorado.
— « Digam lá a Dona Ouliva
Que, por seu crime provado,
A cutello de aço rijo
Pescoço terá cortado,
E seu corpo n'umas andas
A seu pae será mandado.

Dona Ouliva, d'onde estava,
Ouviu lo qu'elle dizia,
E, perdida do juizo,
N'estas vozes respondia :

- « Mande-me viva a meu pae,
Que eu então lhe fallaria ;
Que este é que era meu amor,
Que eu a ti nunca te queria.
De sete filhos que tive
Será um de ti, se lór ;
Esse que vista brilhante,
Los outros, . . . triste rigor.

Digam-me cá, digam todos,
 Cada um e toda a gente.
 Haverá cousa peor
 Do que casar malcontente?
 Ora adeus, que eu vou p'ro cêo,
 Com meu amor vou p'ra sempre!

E, abraçada no morto.
 Morreu n'aquelle repente.

—●—
Dona Eurives (Genuiwar)

(Versão do Porto da Cruz)

Andava Dona Eurives
 Cá e lá em triste andar,
 Chorando las suas penas,
 Que devia de calar.

—Lo que tendes, Dona Eurives,
 Que vos não seja de grado?
 «Por Deus, peço a vós, sogra,
 Por Deus, vos peço, rogado.
 Que, em o vosso filho vindo,
 Nada lhe seja contado;
 Que eu vou-me além, ao castello,
 Carpir n'aquelle finado.

Mas pola falsa da sogra,
 P'ra vèl lo filho vingado,
 Tudo que la nóra disse,
 Tudo lhe fôra contado.
 Puxou elle suas esporas,
 Tinha cavallo selado...

—«Deus vos salve, a vós, guardas
 D'este castello guardado,

Dizei-me que gente é essa
Que carpe n'esse finado?
= São senhoras e donzellas,
Coisa de mui grande estado:
Uma carpe lo marido,
Outras carpem lo cunhado,
E tambem la Dona Eurives
Carpe lo seu bem-amado.
— Digam-me a essa senhora
Que seu amor é pagado:
Entre duas facas finas
Seu pescoco degolado,
Mettido entre dois pratos,
A seu pae será mandado.
« Matac-me já, que a meu pae
Eu fallar-lhe não sabia:
Que este é que era meu amor,
E que eu, a vós não vos queria.
De sete filhos que eu tive,
Quatro são de vós, senhor;
Los vossos vistam brilhante;
Los outros, . . . triste rigor.
Digam quantos aqui estão,
Digam todos, toda gente,
Se ha peor coisa no mundo
Do que casar malcontente?
Ora adeus que eu vou-me embora,
Com meu amor . . . para sempre!

E abraçou-se no morto,
E foi a enterrar com elle

8

DOM DUARDOS

A filha do Imperador de Roma

(Versão de TRAZ OS-MONTES)

O imperador de Roma
Tem uma filha bastarda,
A quem tanto quer e tanto
Que a traz mui mal criada,
Pedem-lh'a Duques e Condes,
Homens de capa e de espada;
Ella isenta e desdenhosa
A todos lhe punha tachia :
A uns, que não eram homens.
Outros, que não tinham barbas ;
Aquelle, que não tem pulso
Para puchar pela espada.
Dizia-lhe o pae, sorrindo :

—Inda hasde ser castigada !
De algum villão de porqueiro
Te espero ver namorada.

Por manhã de Sam João,
Manhã de doce alvorada ,
Subira a uma ventana,
Uma ventana mui alta,
Viu andar tres cegadores
Fazendo sua cegada ;
O mais pequeno dos tres
Era o que mais trabalhava ;
De seu garbo e gentileza
A infanta se namorava.

Ali estava a aia discreta
Em que toda se fiava :

«Vês, aia, aquelle ceifeiro
Que anda n'aquella cegada?
Condes, Duques, Cavalleiros,
Nenhum que o ceifeiro valha.
Vae-m'o chamar em segredo,
Que ninguem não saiba nada.

- «Bom cegador, vem commigo,
Que te quer fallar minha ama.
—Eu não conheço a senhora,
Nem tampouco a creada.
—«Cegador de boa estreia,
Trazes a vista mui baixa ;
Alça os olhos e verás
A estrella da madrugada.
—Vejo o sol que vem nascendo,
Não vejo a estrella d'alva.
—«Estrella ou sol, vem commigo?
—Irei pois, quem pode manda.

Entraram por um postigo,
Que a porta ainda era cerrada ;
No camarim da princesa
O bom do ceifeiro estava.

- Senhora, que me quereis,
Pois venho á vossa chamada?
«Quero saber se te atreves
A fazer minha cegada.
—Atrever, me atrevo a tudo,
Trabalho não me acobarda!
Dizei vós, senhora minha,
Onde é a vossa cegada.

«Não é no monte ou no vale,
No baldio ou na coutada;
Cegador, é nos meus braços,
Que de ti estou namorada.

Lá junto da meia-noite
Ao cegador perguntava :

»Dizei-me, bom cegador,
De quem eu fico pejada?
—Eu sou filho de um porqueiro,
E meu pae porcos guardava.
»Oh triste de mim, oh triste.
Oh triste de mim, coitada!
Bem me dizia meu pae :
Tu hasde ser castigada.
Pediram-me Condes, Duques,
Homens de capa e de espada,
E agora eis-me aqui
De um porqueiro deshonrada.

O hortelão das flores

(*Variante da Covilhã, BEIRA BAIXA, de Dom Duardo*)

—Não venho por te vêr, nem por te dar valor,
Venho por erguer olhos e a vista no sol pôr.
Fallar quero á princeza, o amor me traz rendido,
A ti peço conselho. velha do tempo antigo.
«Vista traje mudado, cante em seu bandolim,
Boquinha de crystal, faces de seraphim.
—Um bom conselho, velha, me deste para mim;
Não farão de mim caso, se mé virem assim.
Com Deos te fica, velha, mais a tua porfia;
Mas se eu a render, velha, tens tensa cada dia.

Eu vou bater o mato, caçar altenaria,
Mas se ella me escapar em ti me vingaria.

- Abri lá essas portas, oh hortelão das flores,
Venha em traje mudado fallar aos meus amores.
- Senhor, podcis entrar, que tendes sempre acerto ;
Senhor, sois Dom Duarte, que bem vos reconheço.
- Oh que varandas altas, com cem palmos de alteza,
Diz', velho, de bom tempo, se ali vem a princeza ?
- «Para as varandas altas, para tomar a fresca,
Costuma vir sósinha quasi sempre a princeza.
- Se ella te perguntar quem é o estrangeiro,
Dize que é um teu filho, vindo lá d'outro reino.
Que varandas tão altas, que jardim bem plantado ;
Soubera o que hoje sei, que o tinha passeado.
- «Oh regador dos cravos, venha para mais perto,
Conversar a princeza com prazer discreto.
Oh regador dos cravos, venha para o mirante,
Olhar para a princeza com olhos de diamante.
- Mandaram-me cá vir, não sei se é verdade ?
- «Tão verdade não fôra, espelho bello e claro.
- Tendes-me aqui, senhora, mandae como a vassallo,
Já estive em noite escura, agora é dia claro ;
Dae-me, que tenho sêde, um pucarinho de agua !
- «Aqui vos mato a sêde, espelho bello e claro.
- A mim não ha quem mate a sêde continuada.
- «Vem cá fallar commigo ámanhã de madrugada.
Alluga uma burrinha, que o não saiba ninguem,
Que eu quero para sempre ir d'aqui para além.
- Como a levarei, senhora, com quem ireis d'aqui ?
Filho de um corta-carne, que apregôa aqui !
- «Não se me dá que o sejas ou que apregôe aqui.
- Alluguei a burrinha, vá-se despedir.

- «Adeus oh fontes claras e poços de agua fria,
 Eu já não ouço aqui rouxinóes ao meio dia.
 Se meu pae perguntar quem é que me queria,
 Dizei, que a desgraça não é a que me guia.
- Cala-te, Magdalena, lagrimas de peregrina!
 Nos reinos estrangeiros melhor agua haveria.
 Tambem ha claras fontes. poços de agua fria,
 E canta o rouxinol á hora do meio dia.
- «Pareces Dom Duarte! Oh que fortuna a minha,
 Tornemos ao palacio a dizel-o á rainha.
 Rainha e mãe senhora, humildo-me ao castigo,
 Aqui está Dom Duarte, que vem por meu marido,
 Rainha e mãe senhora, que pena me acompanha,
 De não achar meu pae senhor de toda a Hespanha.
 Rainha e mãe senhora, humildo-me com dor,
 Não tem a quem pôr culpa, é mui cego o amor.

O Duque da Lombardia

(*Variante da BEIRA-ALTA. de Dom Duardos*)

Por manhã de San João,
 Manhã de doce alvorada,
 Ao seu balcão muito cedo
 A Infanta se assomava.
 Viu andar tres cegadores
 Fazendo sua cegada;
 O mais pequeno dos tres
 Era o que mais trabalhava;
 Fita que traz no chapéo
 De ouro e seda era bordada.
 Fina prata que luzia
 A foíce com que ceifava,
 De seu garbo e gentileza
 A Infanta se namorava,

O ceifeiro vae ceifando...
Bem sabe elle o que ceifava.

«Vês, aia, aquelle ceifeiro
Que anda n'aquella cegada?
Vae-m'o chamar em segredo,
Que ninguem não saiba nada.

Entraram por um postigo,
Que a porta ainda era cerrada;
No camarim da princeza
O bom do ceifeiro estava:

«Quero saber se te atreves
A fazer minha cegada?
—Atrever, me atrevo a tudo,
Trabalho não me acobarda.
«Não é no monte ou no vale,
No baldio ou na coutada;
Cegador é nos meus braços
Que de ti estou namorada.

Passou todo aquelle dia,
O mais da noite passava,
Ceifando vae o ceifeiro...
Bem sabe o que elle ceifava.

«Basta, basta, cegador,
Feita está tua cegada;
Vae-te, que meu pae não venha,
Antes de ser madrugada.

Palavras não eram ditas
El-rei á cama chegava:

—«Com quem fallas, minha filha,
Tão cedo de madrugada?
«Fallo com esta minha aia,
Que me tem desesperada;

Uma cama tão mal feita
Que dormir não me deixava.
— É forte essa tua aia,
Que a barba tem tão cerrada!
Vista-se já a donzella,
Que antes de ser madrugada,
Pelo barbeiro do algoz
A quero vêr barbeada.

O cegador mui enchuto
Sua sentença escutava;
Com uma mão se vestia,
Com a outra se calçava,
Saltou no meio da casa,
Como se não fôra nada:

— Venha já esse barbeiro
Com a navalha afiada:
Ao Duque da Lombardia,
Verêmos quem faz a barba.

O imperador mui contente
Depressa ali os casava,
Não quiz senhores, nem condes,
Homens de capa ou de espada,
Senão só o cegador
Que andava em sua cegada.
Sahiu-lhe um Duque reinante,
Senhor de alta nomeada,
Pois tudo é sorte no mundo,
A sorte foi bem deitada.

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

O Ceifão

(Versão de Ponta do Sol, de Dom Duardos)

Era um senhor em Roma
Com sua filha bastarda;
Ella de um ceifão do pae
Estava louca namorada.

—Se soides um bom ceifão,
Quero ser por vós ceifada;
Que não sou terra ladeira,
Nem rocha dependurada;
Não na tem ninguém melhor,
Terra tão bem assentada.

Lo ceifão salta a ceifar
'Inda não é madrugada;
Era pino do meio-dia,
Mal vac la ceifa meitada;
E era já noite escura,
Sem estar la ceifa acabada,
Com tanto ceifar, ceifar,
Não findou la empreitada;
Que, com ser forte ceifão,
Elle já não pôde nada;
Mas gallinhas e capões
Lhe deram força dobrada,
Lá pol la noite adiante,
La seara está ceifada.

—D'esta ceifa que fizestes,
Que conta tendes deitada?
«Do meu trabalho, menina,
Tive paga avantajada;

Que, por fim, sou eu quem devo,
 Sem que vós me devaes nada,
 Essa terra onde ceifei
 Só por mim será lavrada.
 «Assim é la conta justa,
 Fica assim bem ajustada.

Nove mezes não são findos,
 Já ella estava casada.

Amores de D. Lisarda

(Versão da Calheta, de Dom Duardos)

Foi em tempo uma princeza
 Tão linda, tão engraçada!
 Mais linda que flôr bella,
 Lo seu nome era Lisarda:
 Seus desvellos e cuidados,
 Todos no jardim das flôres;
 Que ella então não sabia
 Que coisa fossem amores.
 Uma tarde, por alli
 Um principe á caça andava,
 E, lá nos altos fronceiros,
 A par do jardim estava.
 Lisarda lhe pôe los olhos,
 E, por simples, innocente,
 Logo, com setta d'amor,
 Seu peito já ferido sente.

—Lo amor não tem alteza,
 Eu vou arriscar quem sou;
 Vou arriscar minha fama,
 De amor já lhe fallar vou.
 «Assocegue vossa alteza;

Repare que não lhe convem
 Arriscal la sua fama
 Por amor d'esse qu'rer-bem.

- Tendes rasão, aia querida ;
 Ide vós, entre las flôres,
 Ide saber d'quelle homem
 Se por mim anda de amores,
 « Isso fica á minha conta ;
 Recolha-se vossa alteza,
 Que los passos p'ra nós guia
 Elle já, com gram lesteza,
- « Aqui d'entre d'estes montes,
 Prantada n'esse jardim,
 Eu bem vi estar uma flôr
 Da brancura do jasmim.
 « Essa flôr, que vós dizeis,
 É d'este reino princeza,
 E d'este jardim senhora,
 E dama que tem alteza.
 Ella vos manda recado
 Que, se algum bem lhe qu'reis,
 Pola noite, alli á porta,
 Dar-lhe uma falla podeis.
- « Esta joia, aia minha,
 D'alviçara vos offereço ;
 Que eu heide vir a gosar
 Essa flôr que não mereço.
 « Meu rico senhor, adeus,
 Haja segredo, cautella ;
 Que prometto será vossa
 Essa flôr, tão nobre e bella.
- « Ora, adeus, querida aia,
 Dizei ao meu serafim,
 Que, por noite, aqui serei,
 A' porta d'este jardim.

«Agora, minha senhora,
Pode ficar bem segura,
Que lo nobre forasteiro
Por seu amor s'aventura.

—Esta tarde, oh aia minha,
Minhas joias ajuntar,
Que eu á noite pertendo
Com meu amor me ausentar.
Chega, chega, noite escura,
Dos amantes desejada,
P'ra que feliz eu alcance
Prenda de mim tão amada!

Mal anoitece, vão elle e ella, cada qual por seu lado, parar á porta do jardim, e se fallam d'este modo:

- «Vós estaes hi, qu'rida minha,
Minha princeza adorada?
—Eu cá estou, lindos meus olhos,
Prenda de mim tão amada.
—«Dae-me cá, vós, esses braços,
Que n'elles me quero vèr;
Quero apagar lo fogo
Que sinto em mim arder.
—Aqui tendel los meus braços,
Junto vae lo coração.
—«Vinde ser minha mulher;
Aqui tendes minha mão.
—Vamos embora d'aquí,
Antes que eu seja sentida;
Que logo toda pessoa
Saberá minha fugida.
—«Montae-vos aqui, senhora,
A's ancas n'este cavallo,
Que bem segura vós is,
Sem soffrer nenhum abalo.

- Mal la fortuna me leva,
Mal la fortuna me guia ;
Não sei se me furta um rei,
Se homem de baixa valia !
Adeus, palacios reaes,
Palacios, onde eu vivia !
Adeus, janellas tão altas,
Janellas de onde eu via
Córrem las aguas claras,
Las aguas da fonte fria !
Adeus, aia da minha alma,
Com quem eu tanto me qu'ria !
- Calae-vos, senhora minha,
Não choreis, minha alegria ;
Que tambem na Inglaterra
Tem aguas la fonte fria ;
Lá tenho paços, janellas,
E casusas de mais valia ;
Tenho vinte quatro damas,
Que são nobre companhia ;
Tudo isto e muito mais
Pera vossa senhoria.
- Ora, adeus, pae da minha alma,
Que eu me vou p'r'a terra alheia !
La vossa casa, vasia,
Fôra p'ra mim sempre cheia.
Ora, adeus, mãe da minh'alma,
Adeus, mãe da minha vida !
Hoje se ausenta de vós
La vossa filha tão qu'rida !
E, se alguem quer saber mais
Parte da minha fugida,
Pergunte ao deus dos amores,
Que d'elle me vou bem f'rida.

No jardim do seu recreio

(Versão de Porto da Cruz, dos Amores de Dona Lisarda)

No jardim do seu recreio,
 Passeia real donzella:
 Por linda e engraçada,
 Nenhuma flôr é tão bella;
 Tem lo nome de Lisarda,
 E' na casa la primeira:
 Filha d'el-rei de Aragão,
 E da c'roa la herdeira.
 Seus cuidados e disvellos
 Eram no jardim nas flores;
 Porque 'té ali não sabia
 Que coisa eram amores.
 Mas nos montes defronteiros
 Ao jardim, onde ella estava,
 Um forasteiro galante
 Na pista da caça andava:
 Elle que lhe põe los olhos,
 Ella que fica manente;
 Cada olhar, cada ferro
 Cravado no peito sente.

- Não sei p'ra onde me vá,
 Nem me conheço quem sou!
 'Stou louca d'amor por elle,
 Ao monte fallar-lhe vou.
 «Assocegae, vós senhora,
 Vede que vos não convem
 Ir jogal la vossa fama
 Sem lo saberdes com quem.
 — Bem disseste, qu'rida dama,
 Fica tu entre las flores;
 Sabe-me d'elle quem seja;
 Se por mim morre d'amores.

«Isso está de meu cuidado,
Becolhei-vos, vós, senhora ;
Seus passos aqui guiando,
Elle que vem sem demora.

- «—D'aquelles montes mais altos,
Vi dentro n'este jardim
Uma flôr, alva, formosa,
Que pudéra ser jasmim.
«Essa flôr, oh forasteiro,
É nobre dama d'alteza ;
Senhora d'este jardim,
E d'este reino princeza.
- «Aqui tens rico annel,
Que eu, de alviçara te offereço,
P'ra d'este jardim colher
Linda flor, que bem mereço.
«Generoso forasteiro,
Guardae segredo, cautella,
Que, vos dou eu minha fé,
Colhereis essa flor bella :
'Stá louca de amor por vós ;
E, se bem algum lhe qu'reis,
Esta noite áquella porta
Ter-lhe uma falla podeis.
- «Oh sol de luzentes raios,
Que luz ao mundo estás dando,
Apressa mais la carreira,
Que de amor me vou penando !
- «Que elle é de nobre sangue
Bem podeis ficar segura ;
No amor d'elle, senhora,
Não vos faltará ventura :
'Stá por vós louco de amor,
E, se bem algum lhe qu'reis,

Esta noite áquella porta
 Dar-lhe uma falla podeis.
 —Chega, escuro da noite,
 Dos amantes desejado,
 Que quero eu vêr de perto
 Aquelle amor adorado!
 Cuida já, oh dama qu'rida,
 Minhas joias ajuntar;
 Porque, dê por onde dér,
 Vou me com elle ausentar.

La noite escura chegou,
 Passos mansinhos vem lá.
 Serão ambos, ou um só?
 Algum d'elles faltará?

- «Staes ahi, oh prenda qu'rida?
 —Aqui estou, prenda adorada.
 —«D'estes meus olhos sois luz.
 —E vós dos meus, prenda amada.
 —«Vinde commigo, princeza,
 Dona do meu coração.
 —Mas, haveis d'arreceber-me
 Por mulher, na vossa mão.
 —«Agora, vinde commigo,
 Ao mais não digo que não-
 —Ficae, meu jardim das flores;
 Ficae, fontes de agua fria,
 Onde cantam passarinhos
 Todas las horas do dia.
 Ficae vós, dama fiel,
 Que mais fiel não n'havia!
 Ficae-vos, paços reaes,
 De oiro e pedraria!

- Ficæ-vos, vós, pae e mãe,
 Pae e mãe que eu tanto qu'ria!
 Furta-me não sei se um rei,
 Se homem de baixa valia.
- Não vos vades tão soidosa,
 Não chores, minha alegria,
 Que eu sou lo filho de um rei,
 Principe de alta valia.
 Tambem lá na minha terra
 Tem aguas la fonte fria;
 Los jardins têm passarinhos,
 Que cantam todo lo dia;
 Tem la çôrte muitas damas,
 Que vos farão companhia;
 Lá tenho paços reaes.
 De oiro e pedraria; .
 Lá tenho paes, que serão
 Paes de vossa senhoria.
- Se alguém procurar quizer
 Parte da minha fugida,
 No reino de amor procure,
 Que p'ra lá vou de corrida.
 Se meu pae cá perguntar
 Por uma filha que tinha,
 Digam que me leva amor,
 Muito por vontade minha.



ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

Lizarda

(Versão da Ilha de S. Jorge, dos Amores de Dona Lizarda)

No jardim do seu recreio
 Passeava uma donzella,

Tão linda, como engraçada,
 Como as mesmas flores bella.
 Seus cuidados e disvellos
 Era no jardim das flôres,
 Por não saber até ali
 Que haviam outros amores.
 Seu nome era Lizarda,
 Unica filha herdeira,
 Filha do rei de Aragão,
 Por ser na casa a primeira.
 Saíndo á tarde á caça
 A um monte que ali estava,
 A um monte sobranceiro,
 O príncipe á caça andava.
 Lizarda botou seus olhos
 Ao príncipe, como innocente,
 E já com setas d'amor
 Seu peito ferido sente.
 Quando o príncipe a viu
 Foi tal a inquietação,
 Que aos olhos lhe arrebentaram
 Lagrimas do coração.

«Trata já, querida ama,
 Minhas joias ajuntar ;
 Que eu pertendo esta noite
 Com o príncipe me ausentar...
 —Socegue vossa alteza,
 Advirta que não convém,
 Menos passear de cór
 A troco de querer bem...
 «Dizes bem, querida ama,
 Bem discreta entre as flôres,
 Mas d'elle podes saber
 Se por mim morre d'amores.
 —Socegue vossa alteza,

Que isso fica á minha conta,
Que o principe que desejaes
Seus passos para nós monta.

- «No mais alto d'este monte,
No meio d'este jardim,
Está uma flor de encanto,
Parece-me a ser jasmim.
- Pois esse jasmim, senhor,
Que procura vossa alteza,
E' d'este jardim senhora,
E' d'este reino princeza;
Louca de amores me diz
A saber o que quereis,
Que á noite áquella porta
Uma falla lhe dareis.
- «Este anel, oh bella dama,
Por alviçaras offereço,
Se chegar a possuir
Esta flôr que não mereço.
- Adeus, senhor Dom João,
Haja segredo e cautella;
Que eu lhe dou minha palavra
D'esta ser sua flôr bella.
- «Oh sol, que a quarenta raios
Luzes ao mundo vaes dando,
Apressa mais os teus passos,
Que por amores estou penando.
Chega, chega, noite escura,
Dos amantes desejada;
Quero vêr a feliz pessoa
D'aquella prenda adorada.
- «Estás aqui, luz dos meus olhos,
Minha linda prenda amada?
«Estou aqui, luz dos teus olhos,
Tua affeição adorada,

— «Dá-me cá esses teus braços
 E juntamente o querer :
 Quero apagar o fogo,
 Que no peito sinto arder.
 «Heide dar-te alma e vida,
 Juntamente o coração ;
 Por firme e leal esposa,
 Amor, aceita esta mão.
 Adeus casa, adeus espelhos,
 Adeus pae da minha vida,
 Que hoje de ti se aparta
 Uma prenda tão querida.
 Adeus meu jardim das flôres,
 Minha fonte de agua fria ;
 Que em quanto eu mais viver
 Te verei tam só lo dia.
 Fica-te embora Menónia,
 Minha leal companhia ;
 Se meu pae te perguntar,
 Pois que muito me queria,
 Dize-lhe que o amor me leva,
 A culpa que não é minha.

Dom Duardos e Flérída

(Versão da Ilha de S. Jorge, de Dom Duardos)

Era pelo mez de Abril,
 De Maio antes um dia,
 Quando a bella Infanta
 Já da fróta se espedia ;
 Fôra ao jardim de seu pae,
 Ella chorava e dizia :

«Fica-te embora mil flôres,
 Meus jardins de agua fria,

Que eu te não torno a vêr
Senão hoje, n'este dia.
Se meu pae te perguntar
Pelo bem que me queria,
Dize-lhe que o amor me leva,
Que me venceu uma porfia ;
Não sei p'ra onde me leva
Nem que ventura é a minha,

Respondeu Dom Duardos,
Que escutava o que dizia :

— Calae-vos, bella infanta,
Calae-vos, pérola minha !
Em portos de Inglaterra
Mais claras aguas havia,
Mais jardins e arvoredos
Para vossa senhoria ;
Tambem isto quero donzella
Para vossa companhia

Chegadas são as galeras
Que Dom Duardos trazia ;
O mar lhe cantava honra
E as ondas cortezia !
Ao doce remar dos remos
A menina adormecia
No collo do seu amor,
Pois assim lhe convencia.

Dom Duardos

(Lição ms. do seculo XVII, do Cavalheiro de Oliveira)

Era pelo mez de abril,
De Maio antes um dia,

Quando lyrios e rosas
Mostram mais alegria ;
Era a noite mais serena
Que fazer no céo podia,
Quando a formosa infanta
Flérída já se partia ;
E na horta de seu padre
Entre as arvores dizia :

« Com Deus vos ficade, flôres,
Que ereis a minha alegria !
Vou-me a terras estrangeiras,
Pois lá ventura me guia ;
E se meu pae me buscar,
Pae que tanto me queria,
Digam-lhe que amor me leva,
Que eu por vontade não ia ;
Mas tanto ateimou commigo,
Que me venceu co'a porfia.
Triste não sei onde vou,
E ninguem m'o dizia ! . . .

Ali falla Dom Duardos :

— Não chores. minha alegria,
Que nos reinos de Inglaterra
Mais claras aguas havia,
E mais formosas jardins,
E flôres de mais valia.
Tereis trezentas donzellas
De alta genealogia ;
De prata são os palacios
Para vossa senhoria ;
De esmeraldas e jacinthos
E ouro fino da Turquia,
Com letreiros esmaltados,

Que a minha vida se lia,
Contando das vivas dôres
Que me dêstes n'esse dia
Quando com Primalião
Fortemente combatia :
Mataste-me vós, senhora,
Que eu a elle não temia...

Suas lagrimas enchuga
Flérída, que isto ouvia.
Já se foram ás galeras
Que Dom Duardos havia ;
Cincoenta eram por conta,
Todas vão em companhia;
Ao som do doce remar
A princeza adormecia,
Nos braços de Dom Duardos,
Que tão bem a merecia.

Saibam quantos são nascidos
Sentença que não varia :
Contra a morte e contra amor
Que ninguem não tem valia.



Chegada era la hora

(Versão de Campo de Viboras — TRAZ-OS-MONTES)

Chegada era la hora
Do pino do meio dia,
Quando uma moça donzella
Metter-se a freira queria ;
Fôra-se p'ra sua horta
E d'ella se despedia :

— Adeus, casa de meu pae,
Adeus, adeus, horta minha,
Que eu vou-me c'um jornaleiro
A ganhar-la minha vida.
Eu não sei se irei ganhada,
Eu não sei se irei perdida!
« Ganhada vae, minha senhora,
Ganhada vae, não perdida!
Que achará casas douradas
Defronte da Mouraria;
Achará muito dinheiro
E muita da louça fina;
Achará moço e moça
Para sua serventia.

II

ROMANCES DE AVENTURAS

§ 1 — *Cyclo da Mulher perseguida*

1

SYLVANINHA

(Versão da BEIRA e Ribatejo)

Passeiava-se a Sylvana
Pelo corredor acima ;
Viola de oiro levava,
Oh ! que tam bem a tangia !
Melhor romance fazia.
A cada passo que dava,
Seu padre a commettia :

- Atraves-te tu, Sylvana,
Uma noite a seres minha !
«Fôra uma, fôra duas,
Fôra, meu pae, cada dia.
Ma' las penas do inferno
Quem por mim las penaria ?
—Penal-as-hei eu, Sylvana,
Que las peno cada dia,

Foi-se d'alli a Sylvana ;
Mui agastada que ia :

Foi-se encontrar com sua madre
Lá no adro da ermida : ¹

- «Que tens tu, minha Sylvana,
Que tens tu, oh filha minha?
—«Oh! quem tal pae não tivera,
Quem não fôra sua filha!
Que me accommette de amores,
Oh minha mãe, cada dia.
—«Vae, filha, vae para casa,
Veste uma alva camisa,
Que o cabeção seja de oiro,
As mangas de prata fina:
Deitar-te-has no meu leito,
Eu no teu me deitaria...
E hade valer-nos a Virgem,
A Virgem Santa-Maria

Lá junto da meia-noite
Seu padre que a accommettia :

- Se eu soubera, Sylvana,
Que estavas tam corrompida,
Oh! las penas do inferno
Por ti las não penaria...
—«Esta não é a Sylvana,
E' a mãe que a paria:
Tambem pariu Dom Alardos,
Senhor de cavalleria,
Tambem pariu a Dom Pedro,
Principe da infantaria,
Tambem pariu a Sylvana
Que seu pae accommettia.
—Oh! mal haja que haja a filha
Que seu padre descobria!

—«Oh mal haja que haja o padre
Que sua filha commettia!

Manda-a metter n'uma torre,
Que nem sol nem lua via;
Dão-lhe a comida por onça
E a agua por medida.
Ao cabo de sete annos
Viu a torre que se abria...

Assomou-se a Sylvana
A uma ventana mui alta,
Foi-se encontrar com su madre
Lavrando n'uma almofada: ¹

«Estejaes, embora, madre,
Oh madre já da minha alma:
Pego-vos por Deus do céo
Que me deis um jarro de agua;
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma.

—«Déra-t'a eu, filha minha,
Se a tivera salgada,
Que ha sete para oito annos
Que por ti sou mal casada.
Se teu padre tem jurado
Pela cruz de sua espada,
Quem primeiro te dêsse agua
Tinha a cabeça cortada.

Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mais alta,
Foi-se encontrar c'os irmãos
Que estavam jogando as cannas:

I Cosendo n'uma almofada—*Extremadura*

«Estejaes, embora, irmãos,
 Meus irmãos já da minha alma:
 Peço-vos por Deus do céu
 Que me deis um jarro de agua,
 Que se me parta a vida,
 Que se me arranca a alma!

—«Déra-t'a eu, irmã minha,
 Se a tivera empeçonhada:
 Que nosso pae tem jurado
 Pela cruz da sua espada,¹
 Quem primeiro te dêsse agua
 Tinha a cabeça cortada.

Assomou-se a Sylvana
 A outra ventana mais alta,
 Foi-se encontrar com seu padre
 A jogar a embocada:

«Estejaes embora, padre,
 Padre meu já da minha alma:
 Peço-vos por Deus do céu
 Que me deis um jarro de agua,
 Que se me aparta a vida,
 Que se me arranca a alma,
 E de hoje por diante
 Serei vossa namorada.

—Alevantem-se, meus pagens,²
 Creados da minha casa,
 Uns venham com jarros de oiro,
 Outros com jarros de prata;
 O primeiro que chegar
 Tem a commenda ganhada,

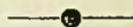
¹ Pelos cunhos da espada.— *Alentejo*.

² Alevantem-se, meus môços.— *Minho*.

O segundo que chegar
Tem a cabeça cortada.

Os creados que chegavan,
Sylvaninha que finava
Nos braços da Virgem Santa,
Dos anjos amortalhada! ¹

—Vae-te embora, Sylvaninha,
Sylvaninha da minha alma;
Tua alma vae para o céo,
A minha fica culpada.



Faustina

(Versão de Freixo de Espada-à-Cinta, de Dona Sylvana)

O Conde de Villa Flôr,
Por ser o Conde maior,
De tres filhas que elle tinha
Clarinhas como o sol:
Uma se chama amada,
Outra se chama querida,
Outra se chama Faustina
Por ser a mais fidalgada.

—Queres tu, filha Faustina,
Ser a minha namorada?
«Não permitta Deus do céo
Nem a Virgem consagrada,
Que eu, sendo vossa filha,
Seja sua namorada.

Deixa vir a mãe da missa,
Que eu lh'o saberei dizer. ¹

— Ora vinde, mulher minha,
Vêr o que aconteceu :
A nossa filha Faustina
De amor me prometteu.
Dizei lá, oh mulher minha,
O que Faustina mereceu?
= Torre de pedra lavrada
Para metter Faustina ;
Deras-lhe o pão por onça,
Agua por uma medida.

Alli tiveram Faustina
Por sete annos encerrada :
Davam-lhe agua por onça
E da carne mais salgada ;
Ao cabo de sete annos
Faustina sem ser finada.
Foi-se d'alli a Faustina
Tristinha e desconsolada ;
Assubindo a uma ventana,

1 A versão de Lagos assenta sobre esta situação :

N'estas rasões em que estavam,
Sua mãe que lhe apparecia:

= Que é isto? o que é?
— E' Dona Silvana que queria
Domir commigo esta noite,
Brincar commigo um dia.

A mãe, que aquillo ouvia
.....
Mandou pôl-a n'uma torre,
Nem sol nem lua veria.

Outra ventana mais alta,
D'onde viu estar suas manas
Cosendo em uma almofada.

«Deus vos guarde, oh manas minhas,
Manas minhas da minha alma,
Peço-vos pelo amor de Deus
Que me deis uma pinga de agua.
—«Deus te guarde, oh Faustina,
Oh mana da minha alma,
O nosso pae nos jurou
P'los cópos da sua espada,
Que quem dêsse agua á Faustina
Sua cabeça é cortada.

Foi-se d'alli a Faustina
Tristinha e desconsolada,
Assubiu a uma ventana,
Outra ventana mais alta;
D'onde viu estar sua mãe
Lavrando a oiro e a prata :

«Deus vos guarde, oh minha mãe,
Mãe minha da minha alma;
Peço pelo amor de Deus
Que me dê uma pinga de agua.
—Deus te guarde, oh Faustina,
Oh filha da minha alma:
Ha sete annos que eu vivo
Com o teu pae mal casada. ¹

1 Na versão de Lagos :

=Vae d'aqui, oh maldita,
Vae te d'aqui, amaldiçoada;
Por amor de ti, maldita,
Passo eu então mal casada,

Foi-se d'alli a Faustina,
 Tristinha, desconsolada;
 Assubiu a uma ventana,
 Outra ventana mais alta,
 D'onde viu andar seu pae
 Passeando n'uma sala :

«Deus vos guarde, oh meu pae.
 Oh pae meu, da minha alma;
 Peço pelo amor de Deus
 Que me deis uma pinga d'agua.

—Deus vos guarde, oh Faustina,
 Filha minha malfadada;
 Eu pedi-te a mão direita,
 Tu não m'a quizeste dar.

«Aqui tem a mão direita,
 A esquerda, se a quizer!

—Venham as jarras de prata,
 De oiro, se as houver,
 Quero dar agua á Faustina,
 Que já é minha mulher.
 Corram, corram, cavalleiros,
 A dar agua á Faustinhinha;
 O que primeiro chegar
 Hade ter uma prenda minha.

A agua era chegada,
 Era sinada Faustina!
 No meio d'aquelle largo
 Um tanque de agua apparecia.
 Vieram sete senhoras
 Domingo de madrugada,
 Para levarem Faustina
 Para o céo em corpo e alma;
 Nossa Senhora do Pranto
 Era a que a pranteava.

Tu morreste. Faustininha,
P'la honra de ser honrada.
No seu pranto que dizia:

--Domingo de madrugada
Vieram sete demonios,
Dormiram em tua casa
Para levarem teu pae
P'r'o inferno em corpo e alma.



Dona Silvana

(Versão de *Elvas*, ALENTEJO, de Faustina)

Estando Dona Silvana
No seu jardim assentada,
Em manguinhas de camisa,
Seu pae, que bem a mirava:

«Vá-se d'aqui, oh meu pae,
Ouvir a missa do dia,
Que eu vou para o meu quarto
Vestir outra fatania.

Ao subir a negra escada,
Madre velha que encontrava:

—Oh que tendes, vós Silvana.
Que assim vens agoniada?
«O que heide ter, madre velha,
Acuda-me, se puder;
Que meu pae é um traidor,
Quiz sua filha accometter.
—Cala-te ahi, oh Silvana,
Que isso remedio havia:

Deita-te na minha cama,
Que eu na tua me deitaria.

Lá pela noite adiante,
A' traição a accomettia :

- =Se eu soubera, Silvana,
Que não estavas donzilla,
Eu as penas do inferno
Por ti não as passaria.
—Vae-te d'ahi, oh Silvana,
Vae-te d'ahi, oh malvada!
Findos sete annos e um dia,
Me fizeste mal casada.
=Cala-te, minha mulher,
Que isso remedio havia:
Mando-a metter n'uma torre,
Onde não veja sol nem dia.
Que nem as aves do céo
Noticias d'ella daria;
Comerá peixe salgado,
Agua, não na beberia.

Ao fim dos sete annos,
Sete annos e um dia,
Abriu-se-lhe uma ventana
Das mais altas que tenia;
Viu estar seus irmanitos
Jogando a espada preta :

- «Irmanitos da minha alma,
Por Deus e Santa Maria,
Dae-me um jarrinho de agua,
Que já se me apaga a vida.
—«Irmanita da minha alma,
Quem te pudera dar agua!

Nosso pae é um traidor,
Té a agua tem fechada.
Tem-nos promettido a todos,
P'las cruces da sua espada,
Que aquelle que te der agua
Terá a cabeça cortada!

Foi-se d'alli a Silvana
Muito triste, agoniada;
Abriu-se-lhe outra ventana
Das mais altas que tenia.
Viu suas irmanitas,
Fiando oiro e prata fina,

«Irmanitas da minha alma,
Por Deus e Santa Maria,
Dae-me um jarrinho de agua,
Que já se me apaga a vida.

— «Irmanita da minha alma,
Quem te pudera dar agua!
Nosso pae é um traidor,
Té a agua tem fechada;
Tem-nos promettido a todos
Pelas cruces da sua espada,
Que aquella que te der agua
Terá a cabeça cortada.

Foi-se d'alli a Silvana
Muito triste, agoniada,
Abriu-se-lhe outra ventana
Das que tenia mais altas;
Viu estar sua madre velha
Lendo n'um livro de prata:

«Madre velha, madre velha,
Madre velha da minha alma,

Por Deus e Santa Maria
 Dae-me um jarrinho de agua.
 — Vae-te d'ali, oh Silvana,
 Vae-te d'ali, oh malvada;
 Findos sete annos e um dia
 Me fizeste mal casada.

Foi-se d'alli a Silvana
 Muito triste, agoniada;
 Abriu-se lhe outra ventana
 Das que tenia mais altas.
 Lendo em um livro de oiro
 Vira estar seu velho padre:

«Padre velho, padre velho,
 Padre velho da minha alma;
 Por Deus e Santa Maria,
 Dae-me um jarrinho de agua,
 Que eu prometto, oh meu pae,
 De ser vossa namorada.
 =Altos creados, creados,
 A' Silvana vão dar agua!
 Aquelle que chegar primeiro
 Tem uma prenda ganhada,
 E aquelle que chegar ultimo
 Terá a cabeça cortada.

Chegaram todos ó tempo.
 Já Silvana está morta;
 De anjinhos está cercada,
 San João fazia a cova.
 Nossa Senhora era
 Era quem a mortalhava,
 A' cabeceira da cama
 Tinha uma fonte de agua.

=Oh Silvana, minha filha,

Oh quem não te fôra nada!
A tua alma está no céu,
A minha está condemnada.

—●—
Dona Silvana

(*Versão de Loulé, ALGARVE, de Faustina*)

Estando Dona Silvana
Bordando em seu quarto, um dia,
Seu pae que lhe apparece,
De amores a accommettia:

- Bem puderas, tu, Silvana,
Silvana, bem poderias
Dormir commigo uma noite,
Brincar commigo um dia.
«Eu dormir, eu sim dormira,
Eu brincar, sim brincaria;
Mas as penas do inferno,
Meu pae, quem as pagaria?
— Deixa as penas do inferno,
Que eu com ellas me haveria.

Silvana, como avisada,
A sua mãe o diria.

- «Deita-te na minha cama,
Na tua eu me deitaria;
Veste tu os meus vestidos
Que eu os teus vestiria.

Era meia noite em ponto,
Seu pae que a accommettia:

- Se eu souberá, oh Silvana,
Que não eras a donzilla,
Eu com este meu punhal
A vida te tiraria.
- «Como heide ser donzella,
Como heide ser a donzilla,
Se eu tive Dona Francisca,
E tambem Dona Maria,
E tambem Dona Silvana,
Espelho onde me via.
Malditos sejam os paes
Que accomettem as filhas!
- Os filhos que os paes descobrem,
Tambem que sejam malditos.

O pae, que isto dissera
Contra aquella triste filha,
Encerrou-a n'um convento
Sete annos e um dia,
A comer o pão por onças,
E agua salgada bebia.
No fim, no fim de sete annos,
Uma janella se abria,
E viu a irmã mais velha
Que na sua sala corria :

- «Deus te salve, oh minha irmã,
Oh irmã da minha alma!
Mandas-me pelo amor de Deus
Dar-me uma gotinha de agua,
Que ha sete annos que eu vivo
N'este convento encerrada,
Comendo o comer por onças,
E bebendo agua salgada.
- Vae-te d'ahi, Silvana,
Cara de pilha salgada ;

Fizesses o que o pae pedia,
Estarias regalada.

Subiu mais alta ventana
Para vêr quem descobria ;
Viu então a sua mãe
Que na sua sala corria:

«Deus vos salve, oh minha mãe,
Oh minha mãe da minha alma ;
Dae pelo amor de Deus,
Dae-me uma gotinha de agua ;
Que ha sete annos que eu vivo
N'este convento encerrada,
Comendo o comêr por onças,
Bebendo agua salgada.

— «Vae-te d'ahi, Silvana,
Minha filha desgraçada,
Que o ladrão do teu pae
Até a agua traz fechada

Subiu ventana mais alta
Para vêr quem passeava ;
Viu estar seus tres irmãos
Com bola de ouro a jogar:

«Oh meus queridos irmãos,
Oh meus irmãos da minha alma ;
Pelo amor de Deus peço,
Dêem-me uma gotinha d'agua ;
Que ha sete annos que eu vivo
N'este convento encerrada,
Comendo o pão por onças,
E bebendo agua salgada!

Respondeu o irmão mais vellio :

=Quem tivera um punhal,
Que a vida lhe tirara.

Respondeu o irmão do meio :

=«E eu tambem te ajudava.

Respondeu esse mais novo,
Que os dois irmãos reprovava:

«=Ah, se eu fôra passarinho,
Eu no bico t'a levava :

Subiu ventana mais alta
Para vêr quem passeava;
Viu seu pae com bolas de ouro
Que no terreiro jogava:

«Oh meu pae, meu pae querido,
Oh meu pae da minha alma,
Dê-me pelo amor de Deus,
Dê-me uma gotinha d'agua;
Que ha sete annos que vivo
N'este convento encerrada,
Comendo o comêr por onças
E bebendo agua salgada;
Que d'aqui para diante
Serci vossa namorada.

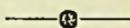
— Alto, alto. meus vassallos,
Que estão aqui ao meu lado,
Vão levar agua á Silvana
Por aquelle jarro dourado.

A agua chegando alli,
A Silvana que acabava.

«Digam lá ao meu pae, digam
Que eu não quero a sua agua;

Que á cabeceira da cama
Me rebentou agua clara,
Agua clara de uma fonte
De mangerona cercada.

Nossa Senhora da Morte
E' que lhe deu a mortalha;
Para o céo n'aquella hora
Um anjo a acompanhava.



Dona Silvana

(Versão de Loule)

Estando Dona Silvana
No seu corredor um dia,
Veiu seu pae de uma caçada,
De amores a perseguia:

- Bem podias tu, Silvana,
Bem podias, minha filha,
Dormir commigo uma noite,
E brincar commigo um dia.
« Eu dormir, sim, dormira,
Eu, brincar, sim, brincaria;
Mas as penas do inferno,
Meu pae, quem as passaria?
— Deixa, filha, lo inferno,
Que isso é uma phantasia;
Inda penas mais custosas
As passo eu todo o dia.

A mãe, que os estava ouvindo,
A' filha perguntaria :

«São amores de meu pae ;
De amor me perseguia.
=Deixa lá, filha Silvana,
Eu remedio te daria :
Veste lá os meus vestidos,
Que os teus eu vestiria ;
Assoma-te ao meu espelho,
Que eu ao teu me assomaria ;
Deita-te na minha cama,
Que eu na tua me deitaria.

Lá junto da meia noite
Seu pae la perseguia,
Dormindo com a mulher,
Cuidando que a filha seria.

—Se eu soubesse, Silvana,
Que estavas tão corrompida,
Oh. las penas do inferno
Por ti las não passaria.
=Esta não é a Silvana,
E' sua mãe, que a pariu.
—Cala-te, Dona Silvana,
Cala-te, amaldiçoada ;
Metter-te-hei n'uma torre,
E deixar-te ali cerrada.

Lá de manhã muito cedo
N'uma torre a meteria ;
Dava-lhe comer ás onças
E agua nunca bebia.
Ao cabo de sete annos
Eis a torre que se abria ;
Subiu a uma varanda,
Das mais altas que havia ;
Viu la estar o seu irmão,
Bolas de ouro jogaria.

«Oh, meu irmão, meu irmão,
Irmão querido da minha alma!
P'lo amor de Deus lhe peço,
E pela hostia consagrada,
Que me dê um jarro d'agua,
Uma gotinha bondava,
Ou de fome ou de sede
Já se me arranca a alma.
Ha sete annos n'esta torre
Aqui mettida e fechada,
Comendo o comer por onças,
E agua só a salgada.
— «Como heide-te dar agua,
Mana querida, da minha alma,
Se o mão do nosso pae
Té a agua tem fechada!

O que soffria a Silvana!
Chorar de noite e dia;
Não podia já viver
No meio d'aquella agonia.
Subiu a outra varanda
Das mais altas que haveria,
Viu lá estar sua irmã,
Seus cabellos trançaria.

«Oh minha irmã, minha irmã,
Irmã querida da minha alma!
Pelo amor de Deus lhe peço
E pela hostia consagrada,
Que me dê um jarro de agua,
Uma gotinha bondava,
Que de fome ou de sede
Já se me arranca a alma.
Ha sete annos n'esta torre
Aqui metida e fechada,

Comendo o comêr por onças,
 E agua só a salgada.
 =Tira-te d'ahi, Silvana,
 Tira-te, pérra judia.
 Porque não fizeste tu
 O que teu pae te pedia?

O que soffria a Silvana!
 Chorar de noite e de dia;
 Não podia já viver,
 No meio d'aquella agonia:
 Subiu a outra varanda,
 Das que havia mais altas;
 Viu lá estar sua mãe
 N'uma cama entrevada:

«Oh minha mãe, minha mãe,
 Mãe querida da minha alma!
 Pelo amor de Deus lhe peço
 E p'la hostia consagrada,
 Que me dê um jarro de agua,
 Uma gotinha bondava,
 Que de fome ou de sede
 Já se me arranca a alma.
 Ha sete annos n'esta torre
 Aqui mettida e fechada,
 Comendo o comêr por onças,
 E agua, só a salgada.
 =Como queres te dê agua,
 Filha querida da minha alma,
 Se o maldito do teu pae
 A agua me traz fechada!

O que soffria a Silvana!
 Chorar de noite e de dia;
 Não podia já viver

Na ancia d'aquella agonia.
Subiu a outra varanda
Das mais altas que haveria ;
Viu estar seu pae sentado,
Jogos elle jogaria.

«Oh meu pae, querido pae,
Pae querido da minha alma !
Pelo amor de Deus lhe peço
E pela hostia consagrada,
Que me dê um jarro de agua,
Uma gotinha bondava ;
Ou de fome ou de sede
Já se me arranca a minha alma.
Ha sete annos n'esta torre,
Aqui mettida e fechada,
Comendo o comêr por onças
E agua só a salgada.
D'este dia por diante
Serei vossa namorada.

—Alto lá, oh meus creados,
Todos já ao meu mandado,
Vão levar agua á Silvana,
Como vos tenho ordenado,
Não por pucaro de lata,
Nem tampouco de latão,
E sim por jarro de ouro,
Que refresca o coração.
O que lá chegar primeiro
Cavalleiro heide-o armar ;
O que chegar á ultima
A fôrça o hade esperar.

Cavalleiro que lá chega,
Silvana que era faltada !

=Como quer que lhe dê agua,
Se ella está amortalhada!

A' cabeça se lhe achava
Uma fonte de agua clara ;
Não tinha páo nem fio
A cêra que a allumiava ;
Passavam de mais de mil
Os anjos que a acompanhavam.

..... 1

—Silvana, minha Silvana,
Filha minha muito amada,
Tu bem ganhaste lo céu,
E eu perdi a minha alma.

1 Na versão de Lagos ha mais esta circumstancia final :

—Subam, subam, meus creados,
Vão todos ao meu mandar
Levar agua á Silvana,
Comer p'ra se sustentar.

Quando as toalhas vieram,
Os anjos a amortalhavam,
Nossa Senhora os ajuda
E para o céu a levava.
Vindo uma nuvem branca
A menina encaminhava,
Vindo uma nuvem preta
Pelo pae e mãe pegava.

—Perdôa-me, oh Silvana,
Perdôa-me, oh minha filha,
Que a tu alma já vac salva,
E a minha condemnada 'staria,

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Aldina

(Versão de Porto da Cruz)

Foi um rei, tinha seis filhas,
Alvas que nem prata fina;
Namorou-se da mais moça,
Que lhe chamavam Aldina.

— Bem podéras tu, Aldina,
Sel la minha namorada;
Dorme uma noite commigo,
Que tu serás bem pagada.
«Não permitta Deus do céo,
Nem na Virgem consagrada,
Que, sendo eu vossa filha,
Seja vossa namorada.

Quando el-rei tal ouviu,
Foi n'uma torre fechada;
A pão duro como pedra,
Agua peor que salgada.
Ao cabo de sete annos,
Aberta la porta estava;
E logo se foi Aldina
Onde las irmãs esperava:

«Ai, irmãs da minha vida,
A quem eu tanto amava,
Dae-me uma gotinha d'agua,
Que vou espedir minha alma.
— «Vae-te por ahi, Aldina,

Aldina desgraçada ;
 Se nosso pae lo soubesse.
 Sete vidas nos tirava.

Fôra por ahí Aldina
 Aonde sua mãe estava :

«Rica mãe da minha vida,
 A quem eu tanto amava.
 Dae-me uma gotinha d'agua,
 Que vou espedir minha alma.
 — Vae-te por ahí, Aldina,
 Aldina desgraçada ;
 Por amor de ti, Aldina,
 Sete annos mal casada !

Fôra por ahí Aldina
 Aonde lo seu pae estava :

«Rico pae da minha vida,
 A quem eu tanto amava ;
 Dae-me uma gotinha d'agua,
 Que vou espedir minha alma.
 — Correi, vassallos, correi,
 Trazei agua a Dona Aldina,
 Em garrafinhas de oiro
 E côpos de crystal fino.

Quando chegaram com agua,
 Aldina já morta estava,
 Toda cercada de luzes,
 Que Deus do céu lhe mandava ;
 Uma fonte á cabeceira
 E la Virgem lh'a minava.
 Aldina morreu á sêde,
 Mas salvou-se a sua alma.

Galdina

(Versão de Machico)

—Galdina, minha Galdina,
Minha rica prenda amada,
Tu tens sido minha filha,
Vaes ser minha namorada.
«Não permitta Jesu Christo,
Nem na hostia consagrada,
Ser manceba de meu pae,
De minhas irmãs madrasta.

Mal lo disse, el-rei la prende
N'uma torre castellada ;
Um quarto de pão por dia,
De beber, agua salgada.
Na manhã do outro dia,
A' janella se chegava ;
E de lá viu sua mãe,
E á mãe assim fallava :

«Por Deus vos rogo, vós mãe,
Por Deus vos venho rogar,
Dae-me uma gotinha d'agua,
P'ra minha sede matar.

—«Vae-te d'ahi, oh Galdina,
Triste filha malfadada,
Que, por amor de ti, Galdina,
Eu me vejo malcasada.

Galdina, com grande pena,
Da janella se arredava.
Oh cuitada de Galdina,
Que de sede se finava !
Na manhã do outro dia,
A' janella se chegava ;

E de lá viu las irmãs,
A's irmãs assim fallava :

«Por Deus, irmãs, eu vos rogo,
Por Deus vos venho rogar,
Dae-me uma gotinha d'agua
P'ra minha sêde matar.
«—Vae-te d'ahi, oh Galdina,
Bem na quizeramos dar;
Mas, se nosso pae soubesse,
Ahi nos iria fechar.

Galdina, com grande pena,
Da janella s'arredava.
Oh cuitada de Galdina,
Que de sêde se finava!
Na manhã do outro dia,
A' janella se chegava;
E de lá viu seu máo pae,
E ao pae assim fallava :

—Por Deus vos rogo, vós pae,
Por Deus vos venho rogar,
Dae-me uma gotinha d'agua,
P'ra minha sêde matar.
Minha alma vae espedir,
A' sêde vou acabar.

Oh cuitada de Galdina,
Mais não podia rogar!
E lo pae, se pae elle era,
Quêdo, mudo, sem fallar!

«Oh cuitado de vós, pae,
Onde vossa alma vae dar!
Eu, que fui la vossa filha,
Quero, pae, . . . vos perdoar.

—«Meus creados, agua, agua,
Depressa, não devagar.

Mas Galdina era morta,
Quando agua lhe chegava;
La Virgem la abençoou,
Anjo dô céo la guardava.
Lo diabo, de raivoso,
No inferno praguejava.



Gaudina

(Versão de Funchal)

Tinha el-rei suas tres filhas,
Lindas que mais não havia;
Namorou-se da mais velha,
Que Gaudina se nomia.

—Quero eu que tu, Gaudina,
Sejas la minha amasia.

«Não digaes vós isso. pae;
Deus não lo consentiria.

Oh euitado de vós, pae,
Onde vossa alma cahia!

—Poil las penas do inferno
Eu, por ti, las penaria.

«Ai, oh minha rica mãe,
Acudi-me n'este dia;
Esse pae, que Deus me deu,
Agora me commettia.

—«Não lhe digas tu que não;
A ter com elle eu iria,
Vestida com teus vestidos,
Eu com elle me haveria.

«Pois, senhora mãe, que vá,
Por mim não m'arriscaria.

El-rei não a conheceu,
Disse para a rainha :

«Que assim estavas. desgraçada.
Nunca eu tal cuidaria!
Nem las penas do inferno
Por ti não las penaria.

— «Quando dormiste commigo
N'aquelle primeiro dia,
Eu minha honra te dei;
Agora, não la trazia.

— Maldita seja la filha
Que lo seu pae denuncia!

— «Chegou-se pr'a sua mãe,
Que seu pae la commettia.

E logo preza Gaudina
N'uma torre gradeada,
Ahi penou hora a hora,
Té sua hora ser chegada.
Pela Virgem, Mãe de Deus,
Foi Gaudina mortalhada;
Por um anjo, hora a hora,
Foi na eça acompanhada;
E tinha na mão direita
Uma carta bem cerrada!
Vieram condes, marquezes,
Mão cada vez mais fechada;
Só nas mãos de sua mãe
Foi essa carta largada;
Ella se abriu por si mesma,
Assim dizia rezada :

«*Não se me dá de morrer :*

*Minha alma está resgatada ;
Só se me dá de meu pae,
Sua alma é condemnada.*

El-rei, quando tal ouviu,
Todo ficou demudado ;
Largou sceptro, largou c'roda,
Largou todo seu estado :

— Vem cá, meu filho herdeiro,
Principia o teu reinado ;
Que eu me vou em penitencia
A resgatar meu peccado.

— ● —
ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

—
Sylvana

(Versão da Ilha de San Jorge)

Passeava-se Sylvana
Por um corredor acima ;
Seu pae estava mirando
Paços d'onde ella vivia :

— Bem puderas tu, Sylvana,
Gosar minha companhia !
« E as penas do inferno,
Pae meu, quem as passaria ?
— Passava-as, eu, Silvana,
Por ter um gosto na vida.
« Mas deixae-me ir a palacio.
Vestire outra camisa.
Que esta que tenho no corpo
Peccado não o faria.

Chegara d'onde a mãe estava,
 Justiça do céu pedia,
 Justiça do céu á terra,
 Que no mundo não na havia :

«Um pae, que Deos me dêra,
 De amores me commettia.
 --«Despe esses trajos, Sylvana,
 Que d'elles me vestiria;
 Irei aonde o rei estava,
 Pois muito bem no sabia.

Tanto cego estava o pae,
 Cuidava que era a filha :

—Se eu sabia, tal peccado
 Pois d'elle não commettia.
 —«Não tive senão dois filhos,
 Dom Pedro e a Sylvaninha!
 —Filha que chocalhá o pae
 Que castigo merecia?
 —«O pae que acomette a filha
 Mil infernos merecia.

Mandou fazer altas torres
 A fim d'elle lá não ir;
 Ao cabo de sete annos
 A mãe as mandou abrir;
 Chegára onde o pae estava,
 Estava o pae p'ra acabar :

«Oh meu pae da minha alma,
 Vós estaes para acabar!
 Lembrae-vos da grande conta
 Que a Deos tendes para dar!
 A Dom Pedro deixaes tudo,
 Só a mim nada deixaes.

- Que mulher é esta aqui,
Que tanto está de enfadada?
«É' vossa filha Sylvana,
Que a deixaes desherdada;
A Dom Pedro deixaes tudo,
A ella não deixaes nada?»
—Deos se não lembre de mim,
Se tal filha me lembrava!
Aqui tem um punhal de ouro.
Para seu brio sustentar;
Agora que a tua mãe,
Que te acabe de herdar.

—●—

Aldina

(Variante da Ilha de S. Jorge, Vellas)

- Um rei tinha tres filhas,
Alvas como prata fina;
Namorou-se da mais moça
Por lhe chamarem Aldina:
- Bem podias tu, Aldina,
Fazer-me a cama um dia!
«Padre Santo não confessa
Peccados de pae com filha.
- Bem puderas vós, Aldina,
Ser a minha namorada;
Eu te vestiria de ouro,
De prata fina lavrada.
- «Não o permitta Jesus,
Nem a ostia consagrada,
Que eu sendo vossa filha
Fôsse a vossa namorada.
Nem meu pae por amor d'isso
Não condemne a sua alma.

—Pois as penas do inferno
 Eu por ti as passaria.
 «Deixae-me ir á minha sala
 Vestir uma alva camisa,
 Que esta que eu tenho vestida
 Tal peccado não faria.

Indo para a sua sala
 Com sua mãe se encontrou :

«Oh rica mãe da minha alma,
 Casae-me hoje n'este dia,
 Que um pae que Deos me deu
 De amores me commettia.

—«Dae-me cá os teus vestidos
 De semana cada dia,
 Que eu por ti, Dona Aldina,
 Faço essa romaria.

—Se eu soubera, Dona Aldina,
 Que estavas tão corrompida,
 Eu as penas do inferno
 Por ti as não passaria.

—«Quando zombavas commigo.
 Oh Dom Pedro de Castilla,
 Eu era mulher honrada,
 Não era mulher vadia.

—Maldição cubra a Aldina,
 Que a seu pae foi descobrir.

—«Maldição cubra seu pae,
 Que de amores a commettia.

Mandou fazer altas torres
 De prata fina lavrada,
 Para lá metter Aldina
 Sete annos degradada,
 A comer a carne crua,

A beber agua salgada!
Ao cabo de sete annos
Aldina fôra soltada,
Fôra ter a uma varanda
Onde sua mana estava:

«Rica mana da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua,
Que eu tenho os meus bofes seccos,
A minha alma se me aparta,
De comer a carne crua,
De beber agua salgada.
=Rica mana da minha alma,
Eu não te posso dar agua,
Que meu pae me tem jurado
Pela ponta da sua espada,
Quem a ti agua dêsse
Que a vida lhe tirava.

Chegou a uma varanda
Onde sua mãe estava:

«Oh rica mãe da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua,
Que eu tenho os meus bofes seccos,
A minha alma se me aparta,
De comer a carne crua,
De beber agua salgada.
=«Guar'-te tu d'ai, Aldina,
Triste filha malfadada;
Que ha sete annos, vae em outo,
Que eu por ti sou mal casada.

Chegara a uma varanda
Aonde seu pae estava:

«Oh rico pae da minha alma,

Dae-me uma gotinha de agua;
 Heide ser a vossa filha,
 Mais a vossa namorada.
 —Corre, corre, cavalleiro,
 A' Aldina buscar agua.
 Em garrafinhas de prata,
 Em taça sobredourada!
 O primeiro que chegar
 Será rei de Portugal.

O rei como mais esperto
 Foi o primeiro a chegar;
 Quando elle lá chegou
 Já Aldina era passada,
 Com sete tochas a cezas
 A cabeça rodeada.
 Estava no céu a cantar
 N'uma rosa encarnada!
 O pae estava no inferno
 Com sua alma condemnada.
 Mandara forrar as ruas
 De preto e tafetá;
 Não quiz a boa fortuna
 Que as chegasse a lograr.
 Ajuntaram-se os anjinhos
 Logo em Aldina pegaram;
 Ajuntaram se os garrazes
 Logo em seu pae agarraram.

Silvana desamparada

(Variante da Ilha de S. Jorge)

Passeava Dona Silvana
 Por o corredor acima,
 Viola de ouro no peito
 Pois ella bem retinia,

Pois se ella bem retinia
Melhor romance fazia ;
Com sua viola á cinta
Melhor balanço trazia.
Seu pae a estava mirando
Da sala aonde assistia :

- Bem me pareces, Sylvana,
Em véstias de cada dia,
Do que tua mãe rainha
Com quanto ouro havia.
Bem puderas tu, Sylvana,
Ser o meu amor um dia ?
« Pois as penas do inferno,
Meu pae, quem as passaria ?
— Passaria-as eu, Sylvana,
Por ter um gosto na vida.
« Deixae-me, senhor, deixae-me,
Com honra e cõrtezia ;
Quero ir á minha sala
Vestir uma alva camiza,
Pois esta que tenho no corpo
Com ella não peccaria.
— « Que tendes, bella Sylvana,
Que vindes tão assustada ?
« Um pae, que Deus me deu,
Quer que eu seja sua amada.
— « Dae-me cá os teus vestidos,
Vestidos de cada dia,
Quero ir a esse logar
Cumprir essa romaria.
— Se eu soubera, oh Sylvana,
Que estavas tão corrompida,
As penas lá do inferno
Por ti não as passaria.
— « Eu não sou Dona Sylvana,

Sou a mãe que a paria ;
 Em quanto fallei contigo.
 Oh Dom Pedro de Castilla,
 Eu era mulher honrada,
 Não era mulher vadia.
 — Maldição cubra a filha
 Que o seu pae descobria.
 — Maldição cubra o pae
 Que tal filha commetia.

Mandara-a meter n'um career'
 D'onde sol nem lua havia ;
 Dava-lhe o pão por onça,
 Agua por uma medida ;
 Ao cabo de nove mezes
 Corredores ella corria,
 Encontrara sua mãe,
 Pediu-lhe um pinguinho d'agua :

« Oh rica mãe da minha alma,
 Dae-me um pinguinho d'agua,
 Que eu trago os meus bofes seccos.
 Minha alma se desaparta,
 De comer a carne crua,
 De beber agua salgada,
 De comer pão bolorento
 Que o senhor pae me mandava.
 — Rica filha da minha alma,
 Eu não te posso dar agua,
 Pois teu pae me tem jurado
 Pelo fio da sua espada,
 Que a quem te desse agua
 Sete vidas lhe tirara !
 Vae ter com o teu irmão
 Que te dê uma pinga d'agua.
 « Oh rico irmão da minha alma,

- Dae-me uma gotinha d'agua . . .
= Rica irmã da minha alma,
Quem vól-a pudesse dar!
O rei meu pae, se o sabe
Logo me manda uatar;
Mas vae ter ao senhor pae
Que te dê uma gotinha d'agua.
« Oh rico pae da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua;
Que eu de hoje por diante
Serei sempre a sua amada.
— Inda me appareces diante,
Sylvana desamparada?
Deus se lembre da minha alma
Se tu filha me lembravas.
Andem moços, corram moços,
Depressa a buscar agua;
O que mais depressa fôr
Será rei de Portugal
« Oh rico pae da minha alma,
Já não quero a vossa agua,
Que a minha alma está no céo
Está n'uma rosa pintada;
A vossa está no inferno,
Pois bem o tendes ganhado.
— Adem moços, corram moços,
Depressa a forrar palacio;
A minha alma está no inferno,
Pois ella o tinha jurado.

— ● —
Conde Yano

(Versão da Ilha de S. Jorge: Ribeira de Areias)

Passava-se a Sylvana
Por um corredor acima;

Seu pae a estava mirando
 Da cama d'onde jazia ;
 Se ella mui bem passeava,
 Melhor romance fazia.

— Bem me pareces, Sylvana,
 Em trajo de cada dia,
 Que a madre de vossa mãe
 Com quanto ouro havia.
 Bem podieis vós, Sylvana,
 Dormir commigo um dia !
 Que as penas do inferno
 Eu por vós as penaria.

«Deixae-me ir ao meu quarto
 Vestir um novo vestido,
 Que este que agora tenho
 Tal cousa não commettia.

«Case-me, senhora mãe,
 Hoje n'este santo dia ;
 Que um pac que Deus me deu
 De amores me commettia.

— «Vosso pae é homem velho,
 Isso foi em zombaria.

«Renego do seu zombar,
 Mais da sua zombaria ;
 Case-me, senhora mãe,
 Hoje n'este santo dia.

— «Filha, já não ha na côrte,
 Um que vos mereceria.

«Eu mereço me de um Conde,
 Marido de minha tia.
 Mandae-o vós cá chamar
 Para cá jantar um dia ;
 Que depois da sobremeza

Eu proprio lhe fallaria. ¹

A rasão não era dita,
Creado á porta batia :

- « — Senhor Conde está em casa?
El-rei o manda chamar.
— « Isso não é p'ra meu bem,
Certo será p'ra meu mal.

Indo pela cõrte dentro
Mil cortezias fazia ;
Mandaram-lhe pôr a mesa,
Puzeram-lhe graves comidas.
Atimante a sobremeza
O seu prato de alegria :

- « Lembra-te, Conde, lembra-te,
O que fizestes um dia?
= Eu, tal cousa não me lembra,
Nem isso me parecia.
— Anda, vae para casa,
Vae matar Dona Maria.
= Saiba o senhor Rei Conde,
Que ella a morte não merecia.
— Pega por agua dos pés,
Por outras cousas que tal ;
Se ella não a tiver prompta
Rasão tens ; vae-a matar.

Foi-se o Conde para casa,
Bem triste, bem anojado :

- = « Contae-me, Conde, contae-me,
Contae-me das vossas magoas,

1 Começa o syncretismo com o romance do *Conde Alarcos*.

= Como heide contar magoas,
 Senhora Dona Maria?
 Se elle a ceia está prompta
 Eu ceiar quereria.

= «A ceia está já prompta
 Como de antes succedia;
 Contae-me das vossas magoas,
 Como contas alegrias.

Foram-se assentar á meza,
 Nem um nem outro comia.

= Como heide contar magoas,
 Senhora Dona Maria?
 Se a agua dos pés está prompta
 Eu lavar-me quereria.

= «A agua dos pés está prompta
 Como de antes succedia;
 Contae-me das vossas magoas,
 Como contas alegrias.

= Se a cama está feita
 Eu deitar-me quereria.

Foram-se deitar na cama,
 Nem um, nem outro dormia;
 As lagrimas de um e outro
 Toda a cama alagariam.

= «Contac-me das vossas magoas,
 Como contaes alegrias.

= Como vos contarei magoas,
 Senhora Dona Maria?
 O rei vos manda matar
 Para dar honra á filha!

= «E vós não lhe perguntastes
 Isso que remedio tinha?

= Isso lhe perguntei eu,
 Disse elle que não sabia.
 = «Esse rei de mil diabos
 Que raiva me tomaria?
 Já me matou pae e mãe,
 E tres irmãos que havia.

Estando n'esta afflicção,
 O rei á porta batia :
 A condessa não é morta?
 Senão elle a mataria.

= A condessa não é morta,
 Mas já está n'essa agonia.
 — Mata Conde, mata Conde,
 Antes de uma Ave-Maria.
 = «Deixa-me dar um passeio
 Da sala para o quintal ;
 Adeus cravos, adeus rosas,
 Adeus flôr do laranja!
 Deixa-me dar um passeio
 Da sala para o jardim,
 Adeus cravos, adeus rosas,
 Adeus flôr do alecrim.
 Deixem-me dar um passeio.
 Da sala para a cosinha ;
 Venham-me cá os escravos
 Que tanto bem me serviram,
 A'manhã servirão outra
 De mais alta senhoria.
 Venham-me cá os meus filhos,
 Que os quero abraçar ;
 As palavras da madrasta
 Nunca os hãode acalentar ;
 Quando lhe pedirem pão
 Agua fria lhe hade dar ;

Quando lhe pedirem vinho
 Com um viminho lhe hade dar!
 Mama, mama, meu menino,
 N'este leite derradeiro;
 Nunca tornarás a achar
 Uma mãe como a primeira.
 Chamem-me o filho mais velho,
 Que eu o quero aconselhar,
 Que conselhos da madrasta
 M'o hãode escandalisar.
 Venha cá uma toalha,
 D'essas mais finas que houver,
 Para apertar a garganta
 Que o nosso rei assim quer.

Tocam os sinos na côrte,
 Ai Jesus! quem morreria?
 Responde o infante do berço,
 Que ainda fallar não sabia:

«Alviçaras, senhor pac,
 Que eu as dou com alegria:
 Morreu a Dona Sylvana
 Pela traição que fazia;
 Quiz descasar um casal,
 Causa que Deos não queria.

2

CONDE YANNO

Chorava a infanta, chorava,¹
 Chorava e rasão havia,

1

Chorava a infanta Solisa,
 Rasão de chorar havia.—*Alentejo*.
 Chorava Dona Sylvana.—*Extremadura*.

Vivendo tam descontente ,
 Seu pae por casar a tinha.
 Acordou el-rei da cama ¹
 Com o pranto que fazia :

- Que tens tu, querida infante,
 Que tens tu, ó filha minha?
 «Senhor pae, o que heide eu ter
 Senão que me pésa a vida!
 De tres irmans que nós eramos,
 Solteira eu só ficaria.
- Que queres tu que te eu faça?
 Mas a culpa não é minha.
 Cá vieram embaixadas
 De Guitainha e Normandia; ²
 Nem ouvil-as não quizeste,
 Nem fazer-lhes cortezia. . .
 Na minha cõrte não vejo
 Marido que te daria. . .
 Só se fosse o conde Yanno, ³
 E esse já mulher havia. ⁴
- «Ai! rico pae da minha alma,
 Pois esse é que eu queria.
 Se elle tem mulher e filhos,
 A mim muito mais devia,
 Que me não soube guardar
 A fé que me promettia.

Manda el-rei chamar o conde,
 Sem saber o que faria :

-
- 1 Despertou el-rei seu pae. — *Beir'alta*.
 2 De Leão e de Castilha. — *Traz-os-Montes*.
 Guitaina é Aquitania, bem claramente.
 3 Só se fosse o conde Albano. — *Minho*.
 Só se fosse o conde Alarcos. — *Beirabaixa*.
 4 E esse tem mulher e filhos. — *Beir'alta, Lisboa*.

Que lhe viesse fallar . . .
Sem saber que lhe diria.

- «Inda agora vim do paço,
Já el-rei lá me queria!
Ai! será para meu bem?
Ai! para meu mal seria?

Conde Yanno que chegava,
El-rei que a buscar o vinha :

- «Beijo a mão a vossa alteza ;
Que quer vossa senhoria ?

Responde-lhe agora o rei
Com grande merencoria :

- Beijae, que mercè vos faço ;
Casareis com minha filha.

Cuidou de cahir por morto
O conde, que tal ouvia :

- «Senhor rei, que sou casado
Já passa mais de anno e dia !

— Matareis vossa mulher,
Casareis com minha filha.

- «Senhor. como hei-de matal-a,
Se a morte me não mer'cia ?

— Calae-vos conde, calae-vos,
Não vos quero demazia ;
Filhas de reis não se enganam
Como uma mulher cativa.

- «Senhor, que é muita rasão,
Mais rasão que ser devia,
Para me matar a mim
Que tanto vos offendia ;
Mas matar uma innocente

Com tamanha aleivosia!
 N'esta vida nem na outra
 Deus m'o não perdoaria.
 —A condessa hade morrer
 Pelo mal que cá fazia;
 Quero vêr sua cabeça
 N'essa doirada bacia

Foi-se embora o conde Yanno,
 Muito triste que elle ia,
 Adeante um pagem d'elrei
 Levava a negra bacia.
 O pagem ia de luto,
 De luto o conde vestia;
 Mais dó levava no peito
 C'os apertos da agonia.
 A condessa que o esperava.
 De muito longe que o via,
 Com o filhinho nos braços
 Para abraçal-o corria,

«—Bem vindo sejaes, meu conde,
 Bem vinda, minha alegria!

Elle sem dizer palavra
 Pelas escadas subia.
 Mandou fechar seu palacio,
 Coisa que nunca fazia;¹
 Mandou logo pôr a ceia
 Como quem lhe appetecia.²

Sentaram-se ambos á mesa,
 Nem um nem outro comia;

1
 2

O que d'antes não fazia.—*Minho.*
 Como quem comer queria.—*Lisboa.*

As lagrimas era um rio ¹
 Que pela mesa corria.
 Foi a beijar o filhinho
 Que a mãe aos peitos trazia ;
 Largou o seio o innocente,
 Como um anjo lhe sorria.
 Quando tal viu a condessa,
 O coração lhe partia ;
 Desata em tamanho choro
 Que em toda a casa se ouvia :

— « Que tens tu, oh querido conde,
 Que tens tu, oh vida minha ?
 Tira-me já d'estas ancias,
 El-rei o que te queria ?

Elle affogava em soluços,
 Responder-lhe não podia ;
 Ella, apertando-o nos braços,
 Com muito amor lhe dizia :

— « Abre-me o teu coração,
 Desaffoga essa agonia,
 Dá-me da tua tristeza,
 Dar-te-hei da minha alegria.

Levantou-se o conde Yanno,
 A condessa que o seguia.
 Deitaram-se ambos no leito,
 Nem um nem outro dormia.
 Ouvireis a desgraçada,
 Ouvide agora o que dizia :

¹ As lagrimas eram tantas
 Que pela mesa corriam.— *Varias.*

Todas as versões lêem assim : só a de Lisboa como vae no texto.

- «—Peço-te por Deus do céo
E pela Virgem Maria,
Antes me mates, meu conde,
Que eu vêr-te n'essa agonia.
—«Morto seja quem tal manda,
Mais a sua tyrannia!
«—Ai! não te entendo, meu conde,
Dize-me, por tua vida,
Que negra ventura é esta
Que entre nós está mettida?
—«Ventura da sem ventura,
Grande foi tua mofina!
Manda-me el-rei que te mate,
Que case com sua filha.

Palavras não eram ditas,
Inda mal lh'as ouviria,
A desgraçada condessa
Por morta no chão cahia.
Não quiz Deus que alli morresse...
Triste que alli não morria!
Maior dôr que a da morte
A torna a chamar á vida.

- «—Cala, cala, conde Yanno,
Que inda remedio haveria;
Ai! não me mates, meu conde,
E um alvitre te daria:¹
A meu pae me mandarás,
Pae que tanto me queria!
Ter-me-hão por filha donzella,
E eu a fé te guardaria.
Criarei este innocente
Que a outra não criaria;

Manter-te-hei castidade
 Como sempre t'a mantia.

— «Ai! como pôde isso ser,
 Condessa, minha querida,
 Se el-rei quer tua cabeça
 N'esta doirada bacia?

«—Cala, cala, conde Yanno,
 Que inda remedio teria.
 Metter-me-has n'um convento
 Da ordem da freiraria;
 Dar-me-hão o pão por onça
 E a agua por medida:
 Eu lá morrerei de pena,
 E a infanta o não saberia.

— «Ai! como pôde isso ser,
 Condessa, minha querida,
 Se quer vêr tua cabeça
 N'esta maldita bacia?

«—Fecháras-me n'uma torre,
 Nem sol, nem lua veria,
 As horas da minha vida
 Por meus ais as contaria.

— «Ai! como pôde isso ser,
 Condessa, minha querida,
 Se el-rei quer tua cabeça
 N'esta doirada bacia?

Palavras não eram ditas,
 El-rei que á porta batia:

—Se a condessa não é morta,
 Que então elle a mataria.

— «A condessa não é morta,
 Mas está na agonia.

«—Deixa-me dizer, meu conde,
 Uma oração que eu sabia.

—«Dizei depressa, condessa,
Antes que amanheça o dia.
« — Ai! quem poderá resar,
Oh virgem Santa Maria!
Que eu não me pesa da morte,
Pesa-me da aleivosia :
Mais me pesa de ti, Conde,
E da tua covardia ;
Matas-me por tuas mãos,
Só porque el-rei o queria !
Ai! Deus te perdõe, Conde,
Lá na hora da contia.
Deixae-me dizer adeus
A tudo o que eu mais queria ;
A's flôres d'este jardim,
A's aguas da fonte fria.
Adeus, cravos, adeus, rosas,
Adeus, flôr da Alexandria!
Guardae-me vós, meus amores,
Que outrem me não guardaria.
Dêem-me cá esse menino,
Entranhas de minha vida ;
D'este sangue de meu peito
Mamará por despedida.
Mama, meu filbinho, mama,
D'esse leite da agonia ;
Que até'gora tinhas mãe,
Mãe que tanto te queria,
A'manhã terás madrasta
De mais alta senhoria...

Tocam n'os sinos na sé...
Ai Jesus! quem morreria?
Responde o filho ao peito,
Respondeu — que maravilha!

«Morreu, foi a nossa Infanta,
Pelos males que fazia ;
Descasar os bem casados,
Coisa que Deus não queria.

—●—
Conde Alberto

(Versão do Porto e Vienna, do Conde Yanno)

Indo Dona Silvana,
Pelo corredor acima,
Tocando sua guitarra,
Muito bem que a tangia ;
Acordou seu pae da cama
Ao estrondo que fazia.

- Que tendes, Dona Silvana.
Que tendes, oh vida minha ?
«Raparigas do meu tempo
São casadas, tem familia ;
Eu por ser a mais formosa
Para o canto ficaria ?
— Não tenho com quem te case
N'este reino, minha filha ;
Só se fôr o Conde Alberto,
E' casado e tem familia.
«Mandae-o chamar, meu pae,
Da sua parte e da minha,
Que mate a sua condessa,
E case com vossa filha ;
Que traga a cabeça d'ella
N'esta dourada bacia.

Eis manda chamar o Conde
Da sua parte e da filha,

Matasse a sua condessa,
Casasse com Silvaninha.

Veiu o Conde mui depressa,
Mais depressa que podia :

- Quero mates a condessa,
Que cases com minha filha.
— « Como matar a condessa,
Se ella a morte não merecia ?
— Mata, mata, Conde Alberto ;
Antes de uma Ave-Maria
Me traz a sua cabeça
N'esta dourada bacia.

Foi o Conde para casa,
Muito triste que elle ia ;
Mandou fechar seus palacios,
Cousa que nunca fazia.
Mandou vestir seus creados
De luto á maravilha ;
Mandou pôr a sua mesa
Para fazer que comia.
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corriam ;
Os suspiros eram tantos
Que o palacio estremecia.
Desceu a condessa abaixo
A vêr o que o Conde tinha :

- « Que tens tu, oh Conde Alberto,
Que tendes, oh vida minha !
Conta-me as tuas tristezas
Como contaes alegrias.
— « Minhas tristezas são tantas
Que contar-vos não queria.

- «Conta, conta, Conde Alberto,
Conta, conta, vida minha.
- «Manda-me el-rei que te mate,
Que case com sua filha.
- «Cala-te lá, Conde Alberto,
Que isso remedio teria :
Meter-me-has n'um convento,
Que não veja sol, nem dia ;
Deras-me o pão por onça,
Agua por uma medida.
- «Ai! como pode isso ser,
Condessa da minha vida ?
Diz que te leve a cabeça
N'esta maldita bacia.
- «Cala-te d'ahi, oh Conde,
Que isso remedio teria :
Matarias a donzella
Que se parece commigo.
- «Cala-te d'ahi, mulher,
Que isso não é honra minha.
- «Vou para casa de meu pae,
Nunca mais apparecia.

Palavras não eram ditas,
El-rei á porta batia :
Se a condessa era morta,
Senão, elle a mataria.

- «A Condessa não é morta,
Anda n'essas agonias.
- «Deixa-me dar um passeio
Da sala até á cosinha :
Adeus, moças, adeus, aias
Com quem eu me divertia,
Adeus, espelho real
Onde me via e vestia ;

Que amanhã por estas horas
Já estarei na terra fria.
Dá-me cá esse menino
Que o quero pentear;
Dá-me cá o outro mais novo,
Quero-lhe dar de mamar:
Mama, mama, meu menino,
Este leite de paixão,
Que amanhã por estas horas
Está tua mãe no caixão.
Mama, mama; meu menino,
Este leite de pesar,
Que amanhã por estas horas
Vae tua mãe a enterrar,
Mama, mama, meu menino,
Este leite da condessa,
Que amanhã por estas horas
Mamarás o de princeza
Mama, mama, meu menino.
Este leite de amargura,
Amanhã por estas horas
Está tua mãe na sepultura.

Tocam sinos em palacio,
Ai, Jesus, quem morreria?
Responde o menino do peito:

—Morreu a filha do rei
Pela soberba que tinha,
Descasar os bemcasados,
Cousa que Deus não queria.

Conde Alves

(Variante da BEIRA BAIXA, do Conde Yanno)

Estando a princesa a chorar,
Filha do rei de Castilla,
Seu pae se foi ter com ella
Ao estrondo que fazia;

— O que é isso, oh Silvana,
Que é isso, oh filha minha?
«De tres manas que eu tenho
São casadas têm familia;
Eu por ser a mais formosa
Solteirinha ficaria?

— Não tenho com quem te case
Na mais alta senhoria;
Só sendo com o Conde Alves,
É casado e tem familia.

«Com esse, meu pae, com esse,
Com esse é que eu queria;
Mande-o chamar, meu pae,
Da sua parte e da minha.

— Ála, ála, meus creados,
O Conde Alves vão chamar.

— «Ainda agora de lá venho,
Já para lá heide tornar?

Entrou pelo paço dentro
Fazendo mil cortezias:

— «Que me quer a Vossa Alteza,
Vossa Alteza Senhoria?

— Quero que mates a Condessa,
E cases com minha filha.

— «A Condessa não a mato,
Que ella a morte não merecia.

Mando-a deitar aos matos,
Que os bichos a comeria.
— Mata, mata, Conde Alves,
Não me tornes demasia ;
A cabeça me hade vir
N'esta dourada bacia.
Não m'a troques lá por outra,
Que eu bem a conhecia ;
Que ao seu lado direito
Um sinal preto teria.

Foi-se d'ali o bom Conde.
Cheio de melancholia ;
Mandou fechar suas portas,
Cousa que nunca fazia !
Mandou pôr a sua mesa,
Nem um, nem outro comia ;
As lagrimas eram tantas,
Que pela mesa corria.

- « O que é isso, oh bom Conde,
Que é essa melancholia ?
Conta-me as tuas tristezas,
Que eu te conto alegrias !
— « Se eu te contasse tristezas,
Morta para trás cahirias ;
Mandou o rei que te mate,
Que case com sua filha.
— « Isso não, bom Conde, não,
Que eu a morte não merecia ;
Manda-me deitar aos mares,
Que os peixes me comeria.
— « Isso não, Condessa, não,
Que o rei logo o sabia ;
A cabeça te hade ir
N'aquella negra bacia,

Que te não troque por outra,
Que elle bem te conhecia;
Que ao teu lado direito
Um sinal preto teria.

—«Deixa-me dar um passeio
Da sala para o jardim:
Adeus, cravos, adeus, rosas,
Adeus, flor do alecrim.
Deixa-me dar um passeio
Da sala para a cosinha;
Deixa-me dar de mamar
Ao filho que tanto queria.
Mama, filho, mama, filho,
Este leite amargurado,
Amanhã por estas horas
Já teu pae está coroadado.
Mama, filho, mama, filho,
Este leite de amargura;
Amanhã por estas horas
Já estarei na sepultura.
Anda cá, filho mais velho,
Que te quero ensinar
A tua mãe a rainha
Como lhe haveis de chamar,
Com o joelho no chão,
O chapéosinho no ár.

Estando n'estas rasões,
El-rei á porta batia:
A condessa já é morta?
Senão elle a mataria.

—«A condessa não é morta,
Está n'essas agonias.

Tocam os sinos na côrte,

Ai, Jesus! quem morreria?
Morreu, foi Dona Silvana.
Por crimes que commetia;
O pae morreu ás dez horas,
E a filha ao meio dia.
Apartar os bemcasados,
Era o que Deus não queria.



Silvana

(Versão do Porto e Villa Nova de Gaya, do Conde Yanno)

Indo Dona Silvana
Pelo corredor acima,
Tocando n'uma guitarra,
Oh que estrondo que fazia!
Acordou seu pae da cama
Do somno em que elle dormia :

- Que tendes, Dona Silvana,
Que tendes, oh filha minha?
«De tres manas que nós eramos
São casadas. têm familia;
E eu por ser a mais formosa
Para um canto ficaria!
- Não vejo com quem te casar,
Nem com quem te dê valia,
A não ser com o conde Alberto,
E' casado, tem familia,
«Esse mesmo, oh meu pae,
Esse mesmo eu pretendia;
Mande-o chamar a palacio
Da sua parte e da minha,
Diga-lhe que venha vestido,
Vestido á maravilha.

Palavras não eram ditas,
 Já o conde á porta batia :

- «Que quereis, real senhor?
 Vossa alta senhoria?
 — Quero que mates a condessa
 P'ra casares com minha filha.
 — «Eu como a heide matar,
 Se ella morte não merecia?
 — Manda El-rei que o faças.
 Senão, que te tira a vida;
 Que lhe mandes a cabeça
 N'esta dourada bacia.

Indo o conde para casa,
 Mui triste, sem alegria,
 Mandou fechar seu palacio,
 Cousa que nunca fazia,
 Mandou vestir todos os creados
 Do mais pezado que havia,
 Mandou pôr a sua meza,
 Para fazer que comia!
 As lagrimas eram tantas
 Que pela meza corriam;
 Os suspiros eram tantos
 Que até palacio tremia.

- Tu que tens, oh conde Alberto,
 Tu que tens, oh vida minha?
 Conta-me as tuas tristezas,
 Que eu te conto alegria.
 — «Eu como te heide contar
 Se ellas são tristezas minhas!
 Mandou o rei que te mate
 P'ra casar com sua filha,
 E que lhe mande a cabeça

- N'esta maldita bacia,
=Cala-te d'ahi, oh marido,
Que isso remedio teria ;
Meteras-me n'um convento
Das freiras arrecollidas,
Darias-me o pão por onças
E a agua por medida.
- «Eu como o heide fazer,
Se o rei logo o sabia?
- =Cala-te d'ahi, marido,
Que isso remedio teria :
Deita-me áquelle mar,
Que as ondas me sumiriam.
- «E como o heide fazer
Se El-rei logo o saberia ?
Quer que lhe mande a cabeça
N'essa maldita bacia.
- =Deixa-me dar um passeio
Da sala para a cosinha :
Adeus, moças, adeus, aias,
A quem eu tanto queria ;
Adeus, jardim das flôres
Adonde me divertia,
Adonde ouvia cantar
Rouxinões ao meio-dia.
Adeus, espelho real
Aonde eu me vestia,
Dê-me cá esse menino
Que lhe quero dar a mama :
Mama, mama, meu menino,
Este leite de pesar,
Que amanhã por estas horas
Está tua mãe a enterrar.
Mama, mama, meu menino,
Este leite de amargura,
Que amanhã por estas horas

Está tua mãe na sepultura.
 Mama, mama, meu menino,
 Este leite derramado,
 Que amanhã por estas horas
 Está meu corpo sepultado.

Estando o menino ao peito,
 Inda nem um mez teria;
 Tocam os sinos na côrte
 Ai Jesus! quem morreria?

«Morreu a Dona Silvana
 Que por amores morria.
 Descasar os bemcasados,
 Cousa que Deus não queria.

(Versão da Póvoa de Santa Iria)

Chorava Dona Silvana,
 Chorava, que rasão teria?
 Seu pae se ergueu da cama
 Ao pranto que ella fazia:

- Que tens tu, Dona Silvana,
 Que tens tu, oh minha filha?
 «Já era tempo, oh meu pae,
 De me dar o que eu queria.
- Não tenho com quem te case,
 Nem, filha, quem te merecia;
 Só o Conde d'Allemanha,
 Esse tem mulher e filhos.
- «Esse mesmo, oh meu pae,
 Esse mesmo é que eu queria;
 Mande-m'o aqui já chamar
 Da sua parte ou da minha.

Palavras não eram ditas,
Creados á porta batiam :
Se está cá o senhor Conde,
El-rei o manda chamar.

- «Inda agora vim do paço,
Já para lá heide voltar?
Se será para meu bem,
Se será para meu mal!

Entrando por o palacio dentro,
D'esta maneira dizia :

- «O que quer vossa Magestade,
O que quer vossa Monarchia?
— Quero que mates a Condessa
Para casares com minha filha.
= «Eu a Condessa não mato,
Que ella a morte não merecia ;
Que a mate Deus do céo
Mais a Sagrada Maria.
— Cala-te ahi, oh meu Conde,
Não me tornes demasia ;
Traze-me aqui a cabeça
N'esta dourada bacia.

Indo o Conde para casa
Cheio de melancholia,
Mandou fechar seu palacio,
Cousa que o Conde não fazia ;
Mandou pôr na sua meza
O melhor manjar que havia ;
Mandou vestir seus creados
Do luto que bem lhe parecia,
A meza já era posta,
Nem um nem outro comia ;

As lagrimas erão tantas
 Que até os pratos enchiam ;
 Foram-se deitar na cama,
 Nem um nem outro dormia,
 As lagrimas eram tantas
 Que até pelos lençóes corriam.

=Conta-me cá, oh meu conde,
 Conta-me a tua agonia !

—«Se eu conto a minha agonia
 Ella hade dar em tristeza :
 El-rei me mandou chamar
 Para que mate a ti condessa.

=Cala-te ahi, oh meu Conde,
 Que isso remedio teria :
 Manda-me fechar n'um convento,
 Nem ao côro eu subiria,

—«Isso não, Condessa, não,
 Que El-rei logo sabia ;
 Quer que lhe leve a cabeça
 N'esta maldita bacia.

=Cala-te etc...
 Manda-me fechar n'uma torre,
 Que nem sol nem lua veria.

—«Isso não, Condessa, não, etc., etc.

=Cala-te ahi, oh meu Conde,
 Que isso remedio teria :
 Manda-me deitar á praia,
 Que a onda me levaria.

—«Isso não, Condessa, não, etc., etc.

=Pois mata-me, oh meu Conde,
 Para trabalhos não passares,
 Dêem-me aquelle menino
 Que lhe quero a face beijar ;
 Aquelle mais pequenino
 Que lhe quero dar de mamar :

Mama, mama, meu menino,
Este leite amargurado,
Que amanhã a estas horas
Já teu pae é rei coroado.
Mama, mama, meu menino,
Este leite de tristeza,
Que amanhã a estas horas
Já tens uma mãe alteza.
Mama, mama, meu menino,
Este leite de ternura,
Que hoje tens tua mãe viva,
E amanhã na sepultura.
Deixa-me ir dar um passeio
Da sala para o meu jardim :
Adeus, cravos, adeus, rozas,
Adeus, flôr do alecrim,
Adeus, tambem meus creados,
Que me serviram a mim.

Lá tocam os sinos na sé
Ai Jesus, quem morreria?
Foi a filha do Rei da Hungria
Pela traição que fazia,
Descasar os bem casados,
Que era o que Deus não queria.

A Infanta castigada

(Versão de *Elvas*, ALEMTEJO, do Conde Yanno)

«Casae-me, meu pae, casae-me,
Que a edade me obriga ;
Já todas as do meu tempo
Têem casa e têem vida.

- Com quem te casarei, filha,
 Se a côrte já é corrida,
 Se é já corrida a côrte
 Sem achar quem pretendia?
 Se o Conde Alardos não fosse,
 Mulher, filhas que tenia,
 «Esse é que era o que eu amava,
 Esse é que era o que eu queria.

- «Inda agora vim do paço,
 El-rei me mandou chamar;
 Não sei se é para meu bem,
 Se será para meu mal!

Entrou pelo paço dentro,
 Fazendo mil cortezias :

- «Que quer vossa magestade,
 Que quer vossa senhoria?
 — Quero mates a condessa,
 P'ra casares com minha filha.
 — «Como a heide matar, rei,
 Se a morte não é merecida?
 Mandal-a-hei para França,
 Onde pae e mãe vivia;
 Ou metel-a n'uma torre
 Onde não veja sol nem dia,
 E nem as avens do céu
 Noticia d'ella daria.
 — Tudo isso será bom,
 Mas nada d'isso eu queria;
 Quero me tragas a cabeça
 N'uma dourada bacia;
 Não a troques tu por outra,
 Que eu logo a conhecia!
 Tem dois sinaes na cara,

Que muito bem lhe dizia.

Foi o conde para casa,
Muito triste em demasia,
Sentou-se co'a condessa a meza,
Nem um nem outro comia.
As lagrimas eram tantas,
Que pela meza corria.

- =O que tendes, querido Conde,
Contae-me a vossa agonia?
- «Eu não vos queria dizer,
Mas eu sempre vos dizia:
Manda El-rei, que vos mate,
P'ra casar com a sua filha.
- =P'ra que me hasde matar, conde,
Se a morte não seu mer'cida?
Mandar-me-has para França,
Onde pae e mãe vivia;
Ou meter-me-has n'uma torre
Onde não veja sol nem dia,
E nem as ávens do céo
Noticia de mim daria.
- «Tudo isso eu já lhe disse,
E elle disse, que não queria;
Quer que lhe leve a cabeça
N'uma dourada bacia;
Que não lh'a troque por outra,
Que elle logo a conhecia,
Tem dois sinaes na cara,
Que muito bem lhe dizia.
- =Não me mates com espada,
Nem com ferros que tenia,
Mata-me com laços finos,
P'ra mais alta senhoria.
Oh creadas, oh creadas,

Venha papel e tinta,
Que me quero despedir
De toda a minha familia.
Adeus, palacios e salas,
Adeus, conde d'Alegria,
Adeus, quartos, adeus, cama,
Adeus, cama onde eu dormia ;
Adeus, jardim, adeus fonte,
Adeus, fonte onde eu bebia.
Adeus, creadas, vassallos
Adeus, minha companhia,
Que é mandado pelo rei
Fazer esta tyrannia.
Mamae, filhinhos, mamae,
Este leite de amargura,
Que ámanhã por estas horas
Tereis mãe na sepultura
Mamae, filhinhos, mamae,
Este leite de agonia,
Que ámanhã tereis madrasta
De mais alta senhoria,

Dobram os sinos na sé,
Tocam em Santa Maria;
Quem morreu. quem morreu ?
Quem morreu ? Quem morreria ?

— «Morreu a filha do rei
Pelo crime que tenia,
Matar a mãe a seus filhos,
Isso era o que Deus não queria ;
Descasar os bencasados
E' que Deus não permittia.

Dona Sylvana

(*Variante de Elvas, do Conde Yanno*)

Indo Dona Sylvana
P'lo seu corredor acima,
Tocando n'uma guitarra,
Oh que estrondo não fazia!
Acordou seu pae da cama.
Do quarto onde dormia:

- Que tendes, Dona Sylvana.
O que tendes, filha minha?
«Todas as filhas que teve,
Estão casadas, têm familia;
Eu por ser a mais bonita
Para o canto ficaria!
- Não tenho com quem te case,
Pessoa igual á minha;
Só se fôr o conde Alberto,
Mas o conde tem familia.
- «Pois esse mesmo, meu pae,
Esse mesmo é que eu queria;
Mande-o chamar a casa,
Da sua parte e da minha.

Veiu o conde ao palacio
Saber o que o rei queria.

- «Que quer vossa magestade,
Que quer vossa senhoria?
- Quero que mates a condessa
P'ra casar com minha filha.
- «Como heide matar a condessa,
Se ella a morte não merecia!
- Mata-a, conde, mata-a, conde,
Se não eu tiro-te a vida;

Traze-me a cabeça d'ella
N'esta real bacia.

Foi o conde p'r'o palacio,
Triste como iria;
Mandou fechar as janellas,
Cousa que nunca fazia;
Mandou tirar o jantar
Ao pino do meio dia;
Mas que tristeza era aquella,
Que nem um nem outro comia?

—Que tendes, oh conde Alberto,
Que tendes, oh vida minha?
Contae-me as vossas tristezas,
Que eu vos conto maravilhas.

—«Manda el-rei que vos mate
P'ra casar com sua filha.

—Mama, mama, meu menino,
Este leite de amargura,
Que ámanhã por esta hora
Tens a mãe na sepultura.
Mama, mama, meu menino,
Este leite de tristeza,
Que ámanhã por esta hora
Serás filho da princeza.

Tocam os sinos na sé,
Ai Jesus! Quem morreria?
Morreu a Dona Sylvana
Da morte que ella merecia,
Que desmanchar bemcasados
E' cousa que Deus não queria.

Dona Silvana

(Versão de Loulé, ALGARVE, do Conde Yanno

Ergueu-se Dona Silvana
Uma vez ao seu jantar,
Com a viola no braço
Para o jardim foi tocar.

—Que tendes, Dona Silvana?
Que tendes oh filha minha?

«Raparigas do meu tempo
São casadas, têm familia;
Eu que sou a mais formosa
Para um canto ficaria!

—Casa te, Dona Silvana,
Casa-te, oh filha minha.

«Não tenho com quem me case,
Nem pessoa igual á minha;
Só se fôr o conde Alberto,
Elle se descasaria.

—Eu lo mandarei chamar
Ao meu palacio um dia.

«Mandarias já chamal-o
Da sua parte e da minha.

—Alto, alto, oh meus creados,
Todos já ao meu mandado;
Vão chamar o conde Alberto
Ao meu palacio real.

—«Anda cá, oh conde Alberto,
El rei te manda chamar,
Que vás já ao seu palacio
Ao seu palacio real.

«—Inda agora vim da cõrte,

- El rei me manda chamar!
 Será para me dar tença,
 Ou p'ra me mandar matar?
 Aqui estou, oh Vossa Alteza.
- Venha cá a senhoria;
 Quero mates a condessa
 E cases com minha filha.
- «—Eu a condessa não mato,
 Ella a morte não merecia.
- Mata, conde, a condessa,
 Não uses de mais porfia.
- «—Eu a condessa não mato,
 Ella a morte não merecia,
 Mando-a para seu pae,
 E nunca mais me veria.
- Mata, conde, a condessa,
 Não uses de mais porfia.
- «—Eu a condessa não mato,
 Ella morte não merecia;
 Mando-a p'ra um convento
 E nunca mais me veria.
- Mata, conde, a condessa,
 Não uses de mais porfia.
- «—Eu a condessa não mato,
 Ella a morte não merecia;
 Mando-a para umas lrenhas.
 Manjar dos bichos seria.
- Mata, conde, a condessa,
 Não uses de mais porfia,
 E d'ella traze a cabeça
 N'esta dourada bacía.

Volta o conde p'r'o palacio,
 Para o palacio voltaria;
 Portas e janellas fechara,
 Cousa que nunca fazia.

Manda vestir os creados
De luto á maravilha ;
Manda pôr a sua meza
Só p'ra fingir que comia.
Com lagrimas dos seus olhos
Todolos pratos enchia,
Os suspiros que elle dava
Em o palacio se ouviam.
Desceu a condessa abaixo,
Que ella de nada sabia :

- Que tendes, oh conde Alberto,
Que tendes, oh vida minha !
Conta-me as tuas paixões
Como contas as alegrias.
— « Eu as paixões que tenho
Na cama te as contaria.

Pegando-lhe pela mão
P'ra sua cama a levaria.
As lagrimas dos seus olhos
Pela cama correriam ;
E os suspiros que elle dava
Em o palacio se ouviam.

- Que tendes, oh conde Alberto,
Que tendes, oh vida minha ?
Conta-me as tuas paixões.
Como contas as alegrias.
— « Eu, as paixões que tenho,
No jardim te as contaria,

Pegando-lhe pela mão
Ao jardim a levaria :
As lagrimas dos seus olhos
Pégos no jardim faziam ;
Os suspiros que elle dava

Em todo o jardim se ouviam.

=Que tendes, oh conde Alberto,
Que tendes, oh vida minha?
Conta-me as tuas lagrimas,
Por Deus e Santa Maria.

As tristezas que elle tinha
Encobril-as não podia :

— «Manda-me el-rei que te mate,
P'ra casar com sua filha.

— Cala-te, oh conde Alberto,
Que remedio te daria :
Vou p'ra casa de meu pae,
Que elle me accitaria.

— «Isso mesmo lhe disse eu,
Elle só me respondia :
Quero vêr-lhe a cabeça
N'uma dourada bacia.

=Não disseste, que um convento
Mui bem me albergaria ;
E metida n'uma cella
P'ra sempre lá ficaria !

— «Isso mesmo lhe disse eu,
Elle só me respondia :
Quero vêr-lhe a cabeça
N'uma dourada bacia.

=Não disseste, n'umas brenhas
Eu de todo ficaria ;
Entre os bichos e mais feras
Alli mesmo morreria ?

— «Isso mesmo lhe disse eu,
Elle só me respondia :
Quero vêr-lhe a cabeça
N'uma dourada bacia.

= Não me mates com um ferro,
Que de um ferro eu tremeria;
N'um laço dos meus cabellos
Eu mesmo me mataria,
Adeus, adeus, meu jardim,
Lá onde me divertia;
Adeus, creados fieis,
Que muito bem me serviam.
Adeus, adeus, conde Alberto,
Claro espelho onde me via,
Adeus, adeus, conde Alberto,
Minha doce companhia.
Dá-me cá o nosso filho,
Eu de mamar lhe daria.
Mama, mama, meu filhinho,
Este leite da agonia,
A'manhã terás madrasta
Da mais alta fidalguia.
Mama, mama, meu filhinho,
Este leite amargurado;
Agora ainda tens mãe,
A'manhã estarei no adro.
Palavras não eram ditas,
Sino da sé tocaria.

» Ai Jesus! Ai, quem morreu?
Ai, Jesus! Quem morreria?
«— Já morreu el-rei, o pae,
Tambem Silvana, sua filha,
Apartar queriam casaes,
Cousa que Deus não queria.

Dona Iria

(Variante de Loulé, do Conde Yanno)

Caminhando Dona Iria
 P'lo seu corredor acima,
 Tocando a sua guitarra,
 Muito triste em demasia,
 O seu pae la encontrou,
 D'esta sorte lhe fallaria :

- O que tendes, Dona Iria,
 O que tendes, filha minha ?
 «Muito triste estou, meu pae,
 De nada me alegraria ;
 Outras de menor idade
 Têem casa e marido,
 E só eu, real senhor,
 Solteira e aborrecida.
- E quem queres tu, oh filha,
 Para tua companhia ?
 «Só o bello conde Alberto
 De amores me perseguia.
- Não te afflijas, filha minha,
 E enche-te já de alegria,
 Eu madal-o vou chamar
 P'ra jantar connosco um dia,
 «Que me diz, real senhor,
 Que me dá tanta alegria ?
 Se fosse vontade minha
 Hoje mesmo o chamaria.
- Alto, alto. meus creados,
 Todos já ao meu mandado,
 A chamar o conde Alberto,
 Conde Alberto, meu amado.

Conde Alberto teve a nova,
Começou-se a assustar;
Haverá alguma guerra?
Ou será para lá jantar?

El-rei apenas o viu,
Lhe fallou em tom amigo:

- Hoje és apenas meu servo,
A'manhã meu genro querido.
- «Real senhor, esqueceste,
Ou estaes acaso dormindo:
Conde Alberto é casado
E tem um tenro filhinho.
- Conde, mata tua mulher,
Casarás com Dona Iria,
E faze isto que te digo
Antes de uma Ave-Maria.
- «Como quereis que eu a mate,
Se ella a morte não merecia?
- Faze, conde, o que te digo,
Não uses de mais porfia,
Traze aqui a sua cabeça
Antes de uma Ave-Maria.
- «Mando-a para o seu pae,
Como solteira estaria.
- Faze conde, o que te digo,
Não uses de mais porfia;
Traze aqui a sua cabeça
Antes de uma Ave-Maria.
- «Mando-a para umas brenhas,
Ella por lá morreria.
- Faze conde, o que te digo,
Não uses de mais porfia;
Traze aqui a sua cabeça
Antes de uma Ave-Maria.

- «Mando-a para um convento,
Nunca mais de lá saia.
—Faze, conde, o que te digo,
Não uses de mais porfia;
Traze aqui a sua cabeça
N'esta dourada bacia.

Conde Alberto foi p'ra casa
Em muito grande agonia;
Mandou fechar suas portas
Cousa que nunca fazia:
Mandou vestir suas aias
Com maior luto que havia.
A condessa que isto viu
D'esta sorte lhe dizia:

- =O que tendes, conde Alberto,
O que tendes, vida minha?
Conta-me as tuas paixões,
Como contas as alegrias.
—«As minhas paixões, senhora,
Não são para vos contar.
=Conde, conta las paixões
Para d'ellas te alliviar.
=«Manda prestes pôr a meza,
Então te as heide contar.

Sentaram-se á mesma mesa,
Nem um nem outro comiam;
As lagrimas eram tantas,
Que os pratos d'ellas enchiam.

- =Conde, conta las paixões
Para d'ellas te alliviar.
—«As minhas paixões, senhora,
Não são p'ra já vos contar.

As palavras não eram ditas,
A' sua porta se batia ;
Era o escudeiro do rei
Que d'esta sorte dizia :

«Lá manda dizer el rei
Não uses de mais porfia ;
Que lhe mandes a cabeça
N'esta dourada bacia.

Grande foi sua tristeza
Quando ella aquillo ouvia :
Aperta o filhinho ao peito,
D'esta sorte fallaria :

==Manda-me para meu pae,
E solteira ficaria.

—Isso mesmo disse ao rei,
E respondeu-me que não queria.

—Manda-me para umas brenhas,
O bicho me comeria.

—«Isso mesmo disse ao rei,
E respondeu que não queria.

==Manda-me para um convento,
De lá nunca te veria.

—«Isso mesmo disse ao rei,
E respondeu que não queria.

==Dá-me cá aquelle tinteiro,
Mais aquella escrevaninha,
Quero escrever ao meu pae
As desgraças d'esta filha.
Mama, filho, mama, filho,
Este leite de agonia,
Logo tens uma madrasta
Da mais alta senhoria.

Palavras não eram ditas,

Sino da sé dobraria ;
 A condessa commovida
 D'esta sorte fallaria :

=Quem será o que morreu ?
 Quem será que morreria ?

E uma voz vinda do céo,
 E que ella bem ouviria :

» Não lastimes, oh condessa,
 Não vivas com agonia.
 Que morreu el-rei, o pae,
 É tambem a filha Iria ;
 Queriam apartar casados,
 Cousa que Deus não queria.

= Anda cá, oh conde Alberto,
 Anda cá, oh vida minha ;
 Não perdôo a morte ao rei,
 Nem tampouco á filha Iria,
 Perdôo ao meu querido conde
 Pelo muito que me queria.

— ● —

A Condessa

(Versão de Lagos, do Conde Yanno)

Filha de el-rei de Marrocos
 Todo o dia está chorando.

— Porque choras, filha minha ?
 (Seu pae lhe está perguntando.)
 « Se eu llorava, oh meu pae,
 Tenho motivos para isso ;

- Ha meninas dos meus annos
Que já têm casa e vida,
Eu, com toda esta idade,
Nem caso nem tenho vida.
- Que heide fazer, filha minha,
Se não acho quem te sirva?
Só o conde da Allemanha,
Esse tem mulher e filhos.
- «Esse mesmo, oh meu pae,
Esse mesmo é que eu queria.
Mandamos hoje chamal-o
Pela nossa fidalguia.
- «— Está em casa o senhor conde?
Está em casa a fidalguia?
El-rei o manda chamar
Mais a princeza, sua filha.
- «Se el-rei chamar-me manda,
E' p'ra me mandar matar,
Lançando minha cabeça
Nas ondas do claro mar.
- Vinde com Deus, meu bom conde,
Vinde com Deus, fidalguia;
Vae matar tua mulher,
Casarás com minha filha.
- «A minha mulher é moça,
Ella a morte não merecia;
Meto-a logo n'um convento,
Nem sol nem lua veria.
- Faze, conde, o que te mando,
Não uses de mais porfia,
Traze-me a sua cabeça
N'esta dourada bacia.
- Volta o conde para casa,

Agoniado de agonias.

=Que tindes, oh meu bom conde,
 Que tindes, oh alma minha?
 Contae las vossas paixões,
 Eu contarei alegrias.

— «Manda-me já pôr a meza,
 Só assim t'as contaria.

A meza estava já posta,
 Nem um nem outro comiam;
 As lagrimas eram tantas
 Que pela meza corriam.

=Que tindes, oh meu bom conde,
 Que tindes, oh alma minha?
 Contae las vossas paixões.
 Eu contarei alegrias.

— «Manda-me fazer a cama,
 Só assim t'as contaria.

A cama era já feita,
 Nem um nem outro dormia,
 As lagrimas eram tantas
 Que pela cama corriam.

=Que tindes, oh meu bom conde,
 Que tindes, oh vida minha?

— «El-rei te manda matar
 Para eu casar com sua filha.

=Cala-te, oh meu bom conde,
 Que isso remedio teria:
 Vou meter-me n'um convento,
 Nem sol, nem lua veria.
 Dá cá aquelle tinteiro,
 Mais aquella escrevaninha,

Quero escrever a meu pae
 As desgraças d'esta filha.
 Dá cá aquelle menino,
 Quero dar-lhe de mamar:
 Mama, mama, oh meu filho,
 Não deixes pinga de leite;
 Inda hoje tindes mãe,
 Mãe que tanto te prantêa,
 Agora tindes madrasta
 Da mais alta fidalguia.

Ella ponde-se á janella
 Os sinos da sé ouvia:

=Quem morreu? Quem morreu?
 Ai Jesus! Quem morreria.
 »Morreu el-rei de Marrocos
 E la princeza, sua filha;
 Queriam desmanchar casaes,
 Cousa que Deus não queria.



ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Conde Elarde

(Versão de Porto da Cruz)

«Senhor pae. dae-me marido,
 Isto só vos eu pedia;
 Vós bem lo sabeis porquê..
 Que, por al, não pretendia.
 —Se na côrte lo houvesse,
 Eu marido vos daria:
 Só se fosse conde Elarde,

Mas casou com vossa tia.
«Esse mesmo, senhor pae,
Esse mesmo bom seria.
Para comvosco jantar
Chamae-lo já n'este dia;
Lá por meio do jantar,
Eu lo alvoriçaria.

El-rei lhe mandou recado,
Logo n'esse mesmo dia.

— «Inda agora vim da côrte,
Já recado p'ra voltar?
Ou el-rei me quer dar tença,
Ou me quer mandar matar.

E foi logo de caminho,
Sem saber lo que cuidar.

— «Real senhor, Dêus vos salve,
Vossa c'rôa a governar.
Inda agora d'aqui fui,
P'ra que me fazeis tornar?
Só se é p'ra me dar tença,
Ou me quereis mandar matar.

— Não era p'ra te dar tença,
Menos é p'ra te matar;
Meu recado te mandei
Para commigo jantar.
«Tendes lo jantar na meza,
Não lo deixeis esfriar;
Tendes nos ricos picheis
Vinho do nosso lagar;
Nos açafates da cópa
Fructas do nosso pomar;
Na rica bacía de oiro,

Agua para vos lavar;
Toalha de linho fino,
Feita no nosso tear.

'Stão todol los tres á mesa,
Qual a comer, qual bebia;
E, por meio do jantar,
La infanta que dizia:

- «Alembra-te, conde Elarde,
Alembra-te aquelle dia,
Abaixo do rosal verde,
Por detraz da fonte fria?
—«Eu bem me alembro, senhora,
Bem me alembro d'esse dia;
Mas era nino chiquito,
Para mais não entendia.

Palavras não eram ditas,
Que logo el-rei se erguia:

- Tamanho crime de ti
Nunca eu lo cuidaria!
Ou com minha filha casar,
Ou garrote te daria.
—«Já casei, tenho mulher;
Com outra, não no pod'ria.
—Vae matar tua condessa,
Depois tudo se faria.
—«Como houvera mata-la,
Se morte lhe não merecia?
Mando-la p'ra sua gente,
Que seu pae l'acceptaria;
Nem cartas ella mandava,
Nem eu las receberia.
—Vae matar tua condessa;

- Arrenego da porfia!
 Sua cabeça cortada
 Quero vêr n'esta bacia.
- «Como houvera matal-a,
 Se morte lhe não mer'cia?
 Mando-la pôr n'um mosteiro,
 Que mais ninguem la veria;
 Nem cartas ella mandava,
 Nem eu las receberia.
- Vae matar tua condessa,
 Arrenego da porfia!
 Sua cabeça cortada
 Quero vêr n'esta bacia.
- «Como houvera matal-la,
 Se morte lhe não mer'cia?
 Mando-la deixar na serra,
 Que lobo la comeria.
- Vae matar tua condessa,
 Arrenego da porfia!
 Sua cabeça cortada
 Quero vêr n'esta bacia.
- «Como houvera matal-la,
 Se morte lhe não mer'cia?
 Mando-la deitar na mar,
 D'onde não se salvaria.
- Vae matar tua condessa,
 Arrenego da porfia!
 Sua cabeça cortada
 Quero vêr n'esta bacia.
 Nem la troques tu por outra,
 Qu'eu mui bem la conhecia.
 Se tu não la degolasses,
 Eu contigo me haveria.
 Ou com minha filha casas,
 Ou garrote te daria.
 Manda quem póde mandar;

Arre nego da porfia.

Foi p'ra casa conde Elarde,
Triste, que mais não podia.

=Triste vindes, conde Elarde,
Como la noite do dia.

Poz-lhe na mesa pão,
Conde Elarde não comia;
Poz-lhe na meza bom vinho,
Conde Elarde não bebia:
Tinha um nó na garganta,
Comer nem beber podia,
E foi deital-lo na cama,
Mas lo conde não dormia.

=Contae-me vossa tristeza,
Como contaes l'alegria.
—«Como vos heide contar
Lo que nem saber eu qu'ria?
El-rei manda que vos mate;
Que seu genro eu seria.

=Caluda, caluda, conde,
Isso remedio teria;
Mandae-me p'ra minha gente,
Que meu pae me aceitaria.

—«Condessa, essas palavras
Eu a el-rei las dizia;
Mas quer vèr vossa cabeça
Cortada, n'esta bacia.

=Caluda, caluda, conde,
Isso remedio teria;
Mandae-me pôr n'um mosteiro,
Santa vida lá faria.

—«Condessa, essas palavras

- Eu a el-rei las dizia ;
 Mas quer vêr vossa cabeça
 Cortada, n'esta bacia.
 = Caluda, caluda, conde,
 Isso remedio teria ;
 Mandae-me deixar na serra,
 Lobo não me comeria.
- « Condessa, d'essas palavras
 Eu a el-rei las dizia ;
 Mas quer vêr vossa cabeça
 Cortada, n'esta bacia.
 = Caluda, caluda, conde,
 Isso remedio teria ;
 Mandae-me deitar na mar,
 D'onde hem me salvaria.
- = « Condessa, essas palavras
 Eu a el-rei las dizia ;
 Mas quer vêr vossa cabeça
 Cortada, n'esta bacia.
 = Caluda, caluda, conde,
 Isso remedio teria ;
 Morreu hoje uma donzella,
 Que commigo se par'cia . . .
- = « Cabeça d'essa defunta
 Pela vossa eu levaria ;
 Mas el-rei lá foi dizendo
 Que mui bem vos conhecia ;
 Que vos não troque por outra,
 Que eu vos degolaria ;
 E que, senão, tambem eu
 A garrote acabaria.

Palavras não eram ditas,
 El-rei á porta batia :

— Ou la condessa já morta,

Ou los dois eu mataria.
—«Real senhor, não é morta,
Mas está n'hora d'agonia.
=Dae-me, conde, aquella ninha,
Que eu la quero aninar ;
Dae-me, conde, nossa filha,
Quero-la pôr a mamar.
Mamae, filhinha, mamae,
Mamae na vossa maminha,
A'manhã tereis madrasta,
Muito alta senhorinha.
E a vós, conde, perdôo
Innocente morte minha ;
Não vos levo emprazado,
Por'môr d'esta creancinha.

Palavras não eram ditas,
Dobre de sinos se ouvia ;
Eram sinos de palacio !
Quem na côrte morreria ?

Lo pregoeiro apregoando,
A toda a gente dizia :

=«Rezae vós, bispos e frades,
Tomae dó, vós, fidalguia ;
Chorae, povo, já é morta
D'el-rei la filha Maria !

Quando passou lo enterro
Toda la gente dizia :

=«Descasal los bemcasados
É coisa que Deus não qu'ria ;
Viver em tanto peccado
Deus não lo consentiria ;

Morreu quem mer'ceu morrer,
Viveu quem viver mer'cia.

—●—
Conde Alario

(Versão de Machico, do Conde Yanno)

«Eu ando envergonhada,
Já repucha meu vestido ;
E vós, que sois lo culpado,
Dae-me, vós pae, um marido.

—Aqui na cõrte não vejo
Quem possa ser escolhido.

«Conde Alario? — Tem mulher,
E tem já filho nacido.

«Que tenha mulher e filho,
Eu lo quero por marido ;
De força, ou de vontade,
Assim fica decidido :
Chamae-lo vós a jantar,
Será por mim commettido.

Lá por meio do jantar,
Sua honra assim dizia :

—«Não t'alembra, conde Alario,
Ha nove mezes seria,
Dos beijinhos que me deste
A' sombra da fonte fria?

Ficou lo conde calado,
Como quem culpas tenia ;
Fel lo rei sua carranca,
Que de ciume seria.

«Não t'alembra, conde Alario,

Coisinhas d'aquelle dia ?
Los abraços que me déste
A' sombra da fronte fria ?

Ficou lo conde calado,
Como quem penas temia ;
E, só porque las temeiu,
Alfim lhe responderia :

- «Senhora, vós me chamastes ;
Eu, por mim, não lo faria.
«Tu és pae d'este meu ventre ;
Outro não lo ser podia.
- «Eu sel lo pae d'esse ventre ?
Valha me Virgem Maria !
«Tu serás lo meu marido ;
Outro não lo ser podia.
- «Eu sel lo vosso marido ?
Nem pol la Virgem Maria !
- Só por seres conde Alario,
Aqui não te mataria ;
Vae matar tua condessa,
Casarás ao outro dia.
- «Senhor, não na matarei,
Que sem porqué lo faria ;
La mandarei p'ra Castella,
Onde pae e mãe teria :
Ou la meto n'um mosteiro,
D'onde nunca sahiria,
Onde de mim não soubesse,
Nem eu d'ella saberia.
- Manda quem póde mandar ;
Arrengo da porfia.
Vae matar tua condessa,
Casarás ao outro dia.

- «Senhor, não la matarei.
 Animo me faltaria;
 Mando-la pôr no sertão,
 Um bicho la comeria :
 Mando-la deitar na mar,
 No fundo se afogaria.
- Vae matar tua condessa ;
 Arrenego da porfia.
 Sua cabeça cortada
 Quero vêr n'esta bacía ;
 Nem me cuides enganar,
 Porque eu não me enganaria.
 Ou vem la cabeça d'ella,
 Ou la tua pagaria.

Foi-se d'ali conde Alario,
 Sem bem saber por onde ia ;
 Chegado á sua casa
 Mal se disfarçar podia.

- «Condessa, dá-me cear,
 La fome já lo pedia.
- La condessa poz-lhe a ceia,
 Mas lo conde não comia :
 Tanta lagrima chorava,
 Que pela mesa corria.

- «Condessa, vamos dormir ;
 Lo somno já lo pedia.
- Ambos se foram deitar,
 Mas lo conde não dormia ;
 Tanta lagrima chorava,
 Que la cama alagaria.

—Porque choras, conde Alario ?

- Que triste caso seria?
 El-rei mandou-te chamar,
 Que novidades havia?
- «Desgraça sobre desgraça,
 Que ser maior não podia:
 Manda el-rei que eu te mate;
 Que por seu genro me qu'ria.
- == Não me mates, conde Alario,
 Que eu só para ti vivia
 Manda-me tu p'ra Castella,
 Com meus paes lá moraria;
 Ou mete-me n'um mosteiro,
 Santa vida lá faria:
 Novas de ti lá terei,
 Novas de mim te daria.
- «Palavras d'essas, condessa,
 Eu a el-rei las dizia:
 Mas da ordem que me deu
 Nada já lo demovia.
- == Cal'-te, cal'-te, conde Alario,
 Polo melhor se faria:
 Manda-me pôr no sertão,
 Bicho não me comeria,
 Ou que me deitem na mar,
 Que me não afogaria.
- «Palavras d'essas, condessa,
 Eu a el-rei las dizia:
 Mas da ordem que me deu
 Nada já lo demovia.
 Tua cabeça cortada
 Quel-la vêr n'esta bacía.
- == Cal'-te, cal'-te, conde Alario,
 Polo melhor se faria:
 Hoje morreu minha prima,
 Que meu retrato par'cia;
 Leva la cabeça d'ella,

Cortada, n'essa bacia.
 — «É boa traça, condessa,
 A nós ambos salvaria;
 Mas el-rei já foi dizendo
 Que se não enganaria.
 Quer vêl la tua cabeça,
 Ou la minha pagaria.

La condessa, meia morta,
 Assim mesmo respondia:

— Minha morte te perdôo.
 Que morrer eu não mer'cia;
 Nem emprazado te levo,
 Que muito bem eu te qu'ria.
 Não me mates de punhal,
 Tampouco de adaga fria:
 Dá-me cá uma toalha,
 Eu mesma me afogaria.
 Se escrever soubera eu,
 A meus paes eu escrevia,
 Que minha morte chorassem
 De tamanha tyrannia.
 Manda cá minhas creadas,
 Com quem eu me entretenia:
 E de todas, uma a uma,
 Eu, coitada, me espedia.
 Dá-me cá essa creança,
 Em que tanto me revia:
 Mamac, filhinho, mamac
 Este leite de agonia;
 Vae-se embora d'este mundo
 Quem maninhas vos daria;
 A'manhã tereis madrasta
 De mais alta senhoria.

Palavras não eram ditas,

Mensageiro que batia.

- «Quem bate á minha porta,
N'esta hora de agonia?
«— Venho da parte d'el-rei,
Se la condessa morria?
— «'Stá já prestes p'ra morrer,
Vae resal l'Ave-Maria.

Não acaba la Condessa
De dizer la Ave-Maria;
Já dobram los sinos grandes...
Quem da côrte finaria?

- «— Morreu la filha d'el-Rei
Na hora em que devia!
E morreu tambem lo filho
Que d'ella então nacia;
E pouco tempo depois
Tambem el rei falecia.

Um e outra lo Diabo
No inferno recolhia;
Que la trela de los tres
Um só peccado fazia.
Viveu la santa condessa,
Que santa vida vivia.

●

ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

—

Conde d'Alba

(Versão da Ilha de S. Jorge, do Conde Yanno)

Indo Dona Silvanina
Pelo corredor acima,

Tocando n'uma guitarra,
Do melhor modo que podia,
Logo seu pae acordou
Ao estrondo que fazia.

- Que queres, oh Silvanina,
Que queres, oh minha filha?
«De tres irmãs que nós eramos
Eu era a mais bonita;
E já todas estão casadas
E tem casa de familia.
—Só se te casar com o Conde d'Alba,
Coisa que ser não podia,
O Conde d'Alba é casado,
E tem casa de familia.
«Mas mande-o, meu pae chamar
Da sua parte e da minha.

Palavras não eram ditas,
O Conde á porta batia.

- «Que quer Vossa Magestade,
Que quer Vossa Senhoria?
—Quero que mates a Condessa
P'ra casar com minha filha.
—«Alto Senhor, que dizeis?
Tal coisa eu nunca faria,
Matar a minha mulher
P'ra casar com vossa filha!
—Mata, Conde, mata, Conde,
Não me tornes demasia,
E traze me a sua cabeça
N'esta dourada bacia.
—«Eu sou um vosso vassallo
E obedecer-vos queria;
Mas olhae que isso é

Uma grande tyrannia.

- Mata, Conde, mata, Conde,
Não me tornes demasia,
E dou-te tempo em que reses
Uma só Ave Maria.

Foi-se o Conde para casa
Sem nenhuma alegria ;
Vestiu-se logo de luto,
O maior que ser podia ;
Mandou fechar o palacio
Cousa que nunca fazia ;
Mandou tirar o jantar
Antes de ser meio dia.
Foi o jantar para a mesa,
Nem um, nem outro comia,
As lagrimas erão tantas
Que os mesmos pratos enchia.
A Condessa admirada
Da tristeza que ali via :

- Diz' me, Conde, diz' me, Conde,
Tira-me d' esta agonía,
— Quer El-Rei que eu vos mate
P' ra casar com sua filha.
— Tu porque lhe não disseste,
Que a meu pae me levarias ?
— Eu mesmo assim lh' o disse,
Mas elle não attendia.
— Meter-me-has n' uma prisão
Onde não veja a luz do dia ;
Dar-me-has carne por onça
E agua por medida,
Té que de pura fraqueza
Exhale os dias de vida ;
Ou manda-me p' ra ilha deserta

Aonde gente não vivia,
E ahí meu corpo enfermo
De pasto ás feras sirva.

Estando n'estas palavras,
O Rei á porta batia :
Se a Condessa não é morta
Que mesmo a mataria.
Disse-lhe o Conde em resposta,
E na mágoa em que se via :

— «A Condessa não é morta,
Mas já está n'essa agonia.
=Dixem-me dar um passeio
Da sala té á cosinha,
Quero ir despedir-me
D'esta familia que tinha :
Adeus, meu jardim das flores
Aonde eu me divertia ;
Adeus, moços, adeus, moças,
A quem eu tanto queria,
Vem cá, meu filho mais velho
A quem eu tanto queria,
A'manhã terás mãe nova
De mais alta gerarchia.
Vem cá, meu filho mais moço,
Quero-te dar de mamar ;
Perdes hoje a tua mãe
E madrasta te querem dar.
Mama, mama, meu menino,
Este leite d'agonia,
Que ámanhã por estas horas
Heide estar na terra fria.

Tocam os sinos na cõrte,
Ai Jesus ! Quem morreria ?

Responde o filho mais moço,
Que inda fallar não sabia :

— «Morreu a filha d'el-Rei,
Para nós que alegria!
Queria descasar um casal,
Cousa que Deus não queria.



O Conde de Alado (Alarcos)

(Versão da ilha de S. Miguel, do Conde Yanno)

«Tres filhas que meu pae teve
A todas creou sem mãe ;
Duas estão casadas,
Só eu não tive ninguém.

— N'esta terra, minha filha,
Eu não tenho quem te sirva ;
Só o Conde de Alado
Com sua mulher e filhos.

«Mande-o, meu pae, chamar
Para jantar cá um dia,
E no meio do jantar
Tocae-lhe em cousas minhas.

— Não sabes tu, conde, a que
Te mandei chamar aqui ?
É p'ra matar tua mulher
E casar com minha filha.

— «Como posso eu matal-a,
Se eu matal-a não podia ?
Mando-a p'ra casa dos paes,
Seus filhos a sustentariam.

— Se tu, conde, não a matas,
Eu a ti te mataria. •

- «Como posso eu matal-a,
Se eu matal-a não podia?
Mando-a deitar no' mato,
Os bichos a comeriam.
=Se tu não a matas, conde,
Eu a ti te mataria.
Quero mates a Condessa
Para honra de minha filha.
—«Mando a deitar ao mar,
Os peixes a comeriam;
Mando dobrar os sinos,
Finjo que ella faleceria.
—Acaba, conde, d'ali
Com esta grande porfia,
E traze a sua cabeça
N'esta formosa bacia.

Montou o conde a cavallo
Sem saber o que fazia,
Cada suspiro que dava,
Seu cavallo arrasaria.

- =Conde Alado, Conde Alado,
Conde Alado, alma minha!
Conta-me as tuas tristezas
Como contas alegrias.
Se te morreu pae ou mãe
Eu o saber quereria,
—«Não me morreu pae nem mãe,
Nem donzella que tenia;
Morreu-me a melhor prenda
Que eu na minha casa tinha.
Vamos, vamos para a meza,
Que eu lá te contaria.

Conde Alado estava á mesa,
Conde Alado não dizia.

- = Vem tu cá, Conde de Alado,
Vem tu cá, Conde de mi vida,
Conta-me tuas tristezas
Como contas de alegria.
— «Vamos lá para o almôço
Que só lá te contaria,

Chegou-se para o almôço
Nem um nem outro dizia;
As lagrimas eram tantas
Que nos pratos retinia.

- = «Vem tu cá, Conde de Alado,
Vem tu cá, Conde de mi vida,
Conta-me tuas tristezas.
- Como contas d'alegria.
— «Vamos lá para o jantar
Que só lá te contaria.

Chegou-se para o jantar
Nem um nem outro diziam;
As lagrimas eram tantas
Que no seu quarto corriam.

- Vem tu cá, Conde de Alado.
Vem tu cá, Conde de mi vida,
Conta-me tuas tristezas
Como contas de alegria.
— «Vamos lá para o jardim,
Que só lá te contaria.

Chegaram-se para o jardim,
Nem um nem outro diziam;

As lagrimas eram tantas
Que por seu jardim corriam.

=Conde Alado, Conde Alado,
Conde Alado, alma minha!
Se te morreu pae ou mãe
Eu saber o quereria.
Tenho janellas douradas,
De luto as forraria;
Tenho vestidos de seda,
De luto os cobriria.

—«O rei me disse, senhora,
Que acabasse com a porfia,
Levasse a tua cabeça
N'esta maldita bacia!

=Conde Alado, Conde Alado,
Tu, tu não me matarias?
Manda-me p'ra casa de meus paes,
Meus filhos me sustentariam.

—«Assim lhe disse eu, senhora,
Elle disse-me que não queria,
E que acabasse de pressa
Com escusada porfia.

=Traz-me cá Dona Anninhas,
Quero-lhe dar de mamar
Este leite de amargura,
Este leite de pezar.

—«Dona Anninhas 'stá dormindo,
Tu não a queres acordar.

=Dá-me cá um cópo d'agua
Que me quero consolar!
Dá-me cá uma toalha,
Que me quero embrulhar,
Não quero que vejas esta
Cara que hasde matar.
Dae-me cá o meu filho,

Que lhe quero dar de mamar,
Mamae, menino, mamae,
Este leite amargurado,
Que amanhã por todo o dia
Vosso pae é rei coroadado.
Mamae, menino, mamae,
Este leite da agonia
Agora é que perdeste mãe,
Mãe, que tanto vos queria,
Que amanhã terás madrasta
De mais alta senhoria.
Mamae, menino, mamae,
Este leite verdadeiro,
Nunca mais haveis achar
Amor como o primeiro.
Deixa-me dar um passeio
Da sala até ao jardim:
Adeus cravos, adeus, rosas
Adeus, flôr do alecrim,
Adeus, moças, adeus aias,
Adeus, minhas amiguinhas.
Dac-me licença, senhor,
Que reze uma Ave-Maria?
— «Se n'ella pedes a morte
Do rei mais da sua filha,
Pede tambem por mim,
Que a vida não queria!

Batem que batem á porta,
Era em pino do meio dia!
Vem dizer:

— «Morreu o Rei!
A Infanta não dura um dia!
Seja o Conde Alado rei,
Condessa a nossa rainha.
Apartar os bens casados
Era o que Deus não podia.

INDIA

Sylvaninha

(Fragmento da versão de Gôa, colhida por Costa e Silva, do Conde Yanno)

.....
Mando mates a Condessa,
Casarás com minha filha.

Vae o Conde para casa
Muito triste em demasia.

«Que tendes, oh Conde Alarcos,
Que tendes, oh minha vida?
—Se eu vos contasse, senhora,
Tristes novas vos daria.
«Conta-me vossas desgraças
Já que me contaes as ditas.
—Se eu vos contasse, senhora,
Tristes novas vos daria;
Ponde a mesa, Condessa,
Ponde a mesa, minha vida.

Sentados ambos á mesa,
Nem um nem outra comia;
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corriam.

«Que tendes, oh Conde Alarcos?
(A Condessa persistia;)
Não quereis contar desgostos
Contando todas as ditas?
—Manda El-rei que vos mate,
E case com sua filha!

«Calae-vos, Conde, calae-vos,
Dizia-o por zombaria.

—Não zombava não, Condessa,
Que devéras o dizia;
E quer a vossa cabeça
N'esta dourada bacia.

«Calae-vos, Conde, calae-vos,
Cessae a vossa agonia,
Cumpri o que manda El-rei
(A Condessa respondia.)

Manda meus filhos buscar
E a minha filha querida,
Quero-lhe dar de mamar
Ao menos por despedida.
Mamae, oh filha, mamae,
Este leite de agonia,
Até agora tinhas mãe,
Mãe que tanto te queria;
Agora terás madrasta
Da mais alta gerarchia,
Quando fallares com ella
Respeitae a soberania,
Dobrae o joelho em terra,
A cabeça em cortezia.

Estando n'estas conversas,
El-rei á porta batia:
A Condessa já é morta,
Senão, que elle a mataria,

—A Condessa não é morta,
Mas está n'essa agonia,

Palavras não eram ditas,
Da sé o sino tangia.

—Tocam os sinos da sé,
Ai Jesus! Quem morreria?

Por certo que foi pessoa
Da mais alta gerarchia.

—●—
Conde Alarcos

(Fragmento colligido por Costa e Silva, do Conde Yanno)

.....

Ainda agora vim do paço,

El-rei me manda chamar!

Ou é para meu bem,

Ou será para meu mal.

Entrei pelo paço dentro

Fazendo mil cortezias :

—Guarde Deus as Magestades,

Guarde Deus as bizarrias!

«Quero que mates a Condessa,

E cases com minha filha.

—Como a heide eu matar,

Se a morte não merecia?

«Faze, Conde, o que te digo,

Antes de uma Ave-Maria ;

E lhe ponhas a cabeça

N'esta ditosa bacia.

Foi o Conde para casa

Mui triste em demasia :

—«Que tendes vós, oh meu Conde,
Que tendes oh alma minha?

—Manda El-rei que te mate

E case com sua filha.

—«Calae-vos vós, oh meu Conde,

Dizia o por zombaria.

—Manda El-rei que te mate

Antes de uma Ave-Maria

E lhe leve a cabeça
N'esta maldita bacia.
Ponha-se ahi uma mesa,
E coma-se por despedida.

A mesa já era posta,
Nem um, nem outro comia.

— «Dae-me aquelle menino
Que o quero pentear,
Aquelle mais pequenino
Lhe quero dar de mamar.
Mamae, menino, mamae
Este leite de amargura
Que amanhã por estas horas
Estará vossa mãe na sepultura.
Adeus criados, adeus aias
A quem eu tanto queria,
Adeus palacio real
Aonde eu assistia.

== Tocam os sinos da sé,
Ai Jesus! Quem, morreria?

— «Morreu a filha de El-rei
Pelo mal que comettia,
Descasar os bemcasados,
Cousa que Deus não queria.



BRASIL

Conde Olario

(Versão de Sergipe, do Conde Yanno)

Soluçava Dona Silvana
Por um corredor que tinha,

Que seu pae não a casava,
Nem esta conta fazia.

—Eu não vejo n'este reino
Com quem case filha minha;
Só se fôr com Conde Olario,
Este tem mulher e filhos.

«Com este mesmo é que eu quero,
Com este mesmo eu queria:
Mandae vós, oh pae, chamal-o
Para vossa mesa um dia.

—Corre, corre, cavalleiro,
Dos mais ligeiros que eu tinha,
Vae dizer ao Conde Olario
Que venha jantar commigo.

—«Inça hontem vim da cõrte,
Que Dom Rei me fez chamar;
Não sei se será p'ra bem,
Ou se será p'ra meu mal.

.....
—P'ra matares a Condessa
E casar com minha filha.

—«Como isso pode ser,
Como isto nunca seria?
Descasar um beincasado,
Cousa que Deus não faria!

—Instantes te dou de hora
Que reze uma Ave-Maria;
Que me mandes a cabeça
N'esta formosa bacia. ¹

.....

¹ Canta-se em Rio Grande do Sul, em quadra solta :

Manda-me a cabeça d'ella
N'uma salva de bacia;
Não mandes outra por ella,
Que muito a conhecia.

A mesa já estava posta,
Nem um nem outro comia;
As lagrimas eram tantas
Que pela meza corria ¹

=Contae, marido, tristezas,
Como quem conta alegria.

—«Não sei que vos vá contar,
Que já é em demasia. ²

.....



G A L L I Z A

Conde de Algalia

Indo doña Silvela
Por un corredor arriba
Tocando n'unha viguella,
Na calle da Figuria,
Ergueu-se seu pai da cama
Co o estrondo que facia.

—Que ténedes, doña Silvela,
Que ténedes, a vida miña?
«O rei tiña, aí, trás fillas
Casadiñas com familia,

¹ Em quadras soltas, no Rio Grande do Sul:

Estando nós todos na mesa,
Nem um nem outro comia,
Que o choro era tanto
Que pela meza corria.

²

Ah Jesus! Tocou o sino,
Ah Jesus! Quem morreria?
Se foi a filha do rei
Com tanta soberbia.

Eu por ser a mais bonita
Aqui me hallo rendida.

—Qué che farei, miña filla,
Se pra ti n-hai compania?
«Esté calado, meu pai,
Qu'eu remedio ponderia:
Chame ó Conde d'Algalia,
Casadiño con familia,
Que matara y-a condesa,
Por casar co'a sua filla,

E manda chamar o conde
D'a sua parte e da filla.

«—Cháma-che o Rei de palacio,
Nou sei qué che quereria.

==«Qué manda a sua maxestá?
Que manda a nha señoria?

—Que matares a Condessa,
Por casar con miña filla,

==«Por qué a hei de matar, triste
S'eu motivo ningún tiña?

—Presentarás m'a cabeza
N'esta dourada vacia;
E se non m'a presentaras
Arrebataréche a vida.

Tornou o Conde d'Algalia
Mais triste que d'alegria,
Cerrou portas e ventanas,
Cousa que nunca facia,
E mandou cobril-a mesa
Figurando que comia.
As bágoas que de él corrian
Por tod'a a mesa corrian.
Deixou-se doña Condessa
A' perguntarle qué tenia:

- = Qué ten o conde d'Algalia,
Porqué chora miña almina?
- Mandou-me o Rei de palacio
Que che vos quitar'a vida,
E que si non ch'a quitaba
Qu'él me quitaría a minã;
Quérem' o Rey de palacio
P'ra casar con sua filla.
Presentareill'a cabeza
N'esa maldita bacía.
- = Non chore o conde d'Algalia
Qu' eu remedio lle pondría:
Mande vir um ciruxano
Que me abra unha sangría,
Que pequeniño á pouco
Vaisem' acabando a vida.
Déixame dar unha volta
D'esta sala p'ra cosina
Despedir-me dos criados
Con que m' eu adivertía,
Déixame tamén pasear
Toda esta minã cosina,
Dádeme o fillo mais vello
Que o quero peitear;
Traèm' esotro mais novo
E dareille de mamar.
Máma, máma, meu meniño,
D'este leite d'amargura,
Porque mañan d'estas horas
Verásme na sepultura.

Estando o niño mamando
Xe começou de fallar:
Toda a xente po-la calle
Xe s' empezou á alborotar.
Toca a campana em palacio

Nen sei que ali haberia?
 Que morreu doña Silvela
 D'unha morte repentina.
 Morreu a filla do rey
 Pela soberbia que tiña;
 Descasar á bencasados,
 Cousa que Dios non queria!

3

HELENA

(Versão dos arredores de Lisboa)

- «Ai, que saudades me apertam
 Pela casa de meu pae?
 Tambem me apertam as dôres,
 E minha mãe sem chegar!
- Se as saudades te apertam,
 Bem n'as pódes ir matar;
 As dôres não serão muitas,
 Toma o caminho, e andar!
- «E á noite meu marido,
 Quem lhe dará de cear?
 —Da caça que elle trouver,
 Eu lh'a farei amañhar;¹
 Do meu pão e do meu vinho
 O que elle quizer tomar,
- «Onde está mi' esposa Helena
 Que me não dá de cear?
 —Tua esposa Helena, filho,
 Foi-se para não tornar;

- Que ia para sua casa,
 Que nos não pode aturar;
 Chamou-me a mim perra velha,
 A ti filho de mãe tal.
- «O meu cavallo andaluz.¹
 Já e já m'o vão selar.
 Essa mulher, por Deus juro,
 Que ella m'as tem de pagar.
- «—As boas novas, meu genro,²
 Que tenho para vos dar!
 Filho barão, e tam lindo,
 Um anjo de pôr no altar!
- «Novas me dão, boas novas;
 Más as trago eu para dar:
 Que a mãe que o pariu
 Não é que o hade criar.
 Ergue-te d'ahi, Helena,
 Que me tens de acompanhar.
- «—Paridinha de uma hora,
 Onde a quereis levar?
- «Para perto, e bom caminho;
 Não tem muito que penar;
 Que o meu cavallo andaluz
 Anda mais do que o luar.
- «—Ande elle, que não ande,
 Onde a quereis levar?
- «Cal'-se d'ahi, minha mãe,
 Já se havia de calar;
 Que a mulher que é bem casada,
 O marido a hade mandar.

1 Que me selem meu cavallo,
 Depressa, não devagar—*Extremadura*,

2 Alviçaras, meu irmão,
 Que já m'as devias de dar—*Beir'alla*..

Que me dêem a minha cinta,
 Para eu me conchegar,
 E esse meu gibão forrado
 Para melhor me abafar.
 E agora dêem-me o meu filho,
 Que o quero abraçar.
 Ai! d'estes beijos, meu filho,
 Se te saberás lembrar?
 Lembrae-lh'o vós minha mãe,
 Quando elle souber fallar.
 «—Que dizes, filha, que dizes?
 «Minha mãe, isto é folgar;
 Que é tam perto e bom caminho
 Para onde temos de andar;
 E o cavallo andaluz,
 Anda mais do que o luar.

O cavallo era andaluz
 Andava mais que o luar;
 O caminho era de pedras,
 Elle ia a tropeçar.
 Vão andando, vão andando,
 Sem um nem outro fallar,
 Ella já tem as mãos frias,
 O corpo está-lhe a inchar;
 Chegando ao alto da serra ¹
 Deu um ai, quiz desmaiar.

—«Que ais são esses, Helena?
 Porque estás a suspirar?
 «É que se me acaba a vida,
 É que me estou a finir:
 Paridinha de uma hora,

Sinto-me em sangue alagar.

Já se não tem a cavallo,
Alli a foi apear:
Era a agonia da morte
Que já lhe estava a apertar.

- «A quem deixas o teu oiro,
Que t'o hajam de estimar?
«Deixo-o a minhas irmãs,
Se tu lh'o quizeres dar.
- «A quem deixas essa cruz
E as pedras do teu collar?
«A cruz deixo-a a minha mãe
Que por mim lhe hade rezar;
As pedras não as quer ella,
E bem n'as podes guardar:
Se a outra as deres, marido,
Melhor lh'as deixes lograr,
- «Tua fazenda a quem deixas
Que t'a saibam grangear?
«Deixo-t'a a ti, marido;
Que t'a deixe Deus gosar!
- «A quem deixas o teu filho
Que t'o hajam de criar?
«A tua mãe, que Deus queira
Amor lhe venha a ganhar!
- «Não o deixes a essa perra,
Que é capaz de t'o matar.
Ai! deixa-o antes á tua,
Que bem n'o hade criar;
Com lagrimas de seus olhos
Bem n'o ella hade lavar;
Toucas de sua cabeça¹

I

E as toucas da cabeça
Despirá para o pençar — *Extremadura*

Tirá para o pençar.

De ouvir aquellas palavras
A pobre quiz-se animar :
Mas a voz que vem do peito
A bocca não pôde achar. ¹
Inda lhe disse c'os olhos
Que lhe estava a perdoar.

== « Não me perdões. Helena,
Que Deus te hade escutar.
Ai, as penas do inferno
Já as eu começo a penar,
Que vejo subir ao céo
O meu anjo tutelar.
Mal hajam linguas traidoras ²
E ouvidos que eu lhe fui dar !
Que por amor das más linguas
Meu anjo vim a matar !
Sete annos e mais um dia
Me irei a peregrinar,
À porta santa de Roma
Me quero ir ajoelhar.
E aqui um santo convento
Fundarei n'este logar,
Com sete missas por dia
Cada uma em seu altar ;
Que digam todos que o virem :
Aqui foi seu mal peccar,
E aqui fez penitencia
Para Deus lhe perdour.

1 Não pôde á bocca chegar — *Beir'alta*

2 Mal hajam as linguas taes
E ouvidos que lhe eu fui dar,
Que por amor das más linguas
Meu amor vim a matar — *Estremadura.*

Olindinha

(Versão de Castro Laboreiro, da Helena)

Olindinha tem desejos
De ir a casa de seu pae.

—Se não tens outros desejos,
Toma o caminho e vae;
Teu marido foi á caça,
Tres dias hade tardar;
Da caça que elle trouxer
Eu algo te heide guardar.

A Olindinha partiu,
O marido a chegar:

«P'ra onde foi Olindinha,
Que me não fez o jantar?
—Olindinha, oh meu filho,
Tratemos de a matar,
Porque a mim chamou-me nomes,
E a ti filho de máo pae.
«Olindinha não se mata,
Castigo se lhe hade dar;
E apromptem-me esse cavallo,
Que a quero ir buscar.

E disse-lhe a mãe d'ella,
Ao marido a perguntar:

—«Paridinha de tres dias,
Para onde a queres levar?
—Ou parida ou por parir,
A cavallo a vou botar.
Anda mais, oh Olindinha,

Anda mais áquell' logar ;
 Alli não faltam gallinhas,
 Nem capões p'ra te eu matar.
 =Não preciso das gallinhas,
 Nem tambem dos teus capões ;
 Manda-me chamar o padre
 Que me quero confessar.

.....
 - Oh menino de tres dias,
 Se me puderas fallar ;
 Se me puderas dizer
 Onde tua mãe foi parar ?
 =Minha mãe ? não tenho pena,
 Que p'ro céu vae caminhando ;
 É a pérra da minha avó
 P'ra o inferno vae chorando.



Dom Beço

(Versão de S. João de Airão, MINHO, da Helena)

Dom Beço andou na caça
 Tres dias sem mais tardar.

«Assim que Dom Beço chegue
 Eu le saberei fallar ;
 Da caça que elle trouxer
 Eu d'ella le heide mandar.

Chegou Dom Beço de fóra :

— Minha mãe, dê-me o jantar.
 «Eu o jantar não te dou
 Sem m'a tu ires matar.
 — Matar, não a matarei,

Mas ella hade-me pagar.
A' anca do meu cavallo

.....
—«Dá-me cá esse vestido
Que o quero apertar ;
Dá-me cá esse colete
Que o quero abrochar :
Se outra o hade romper
Commigo o quero levar.
Paridinha de tres dias
Onde me querem levar ?
Quem nunca passou o rio,
Como hade passar o mar ?

.....
=Minha mãe vae para o céu.
Eu a vou acompanhar ;
Minha avó está no inferno,
Meu pae não sei onde irá.

— ● —
Dom Pedro

(*Versão da Covilhã, BEIRA BAIXA, da Helena*)

«Oh minha mãe, quem me dera
Vêr-me em Castilha do mar !
Tenho desejós de ir vêr
A minha mãe natural...

—Se tens desejos de vêr
A tua mãe natural ;
Mas Dom Pedro foi a caça, -
Em vindo lhe irei contar.
Da caça que elle trouxe
Te madarei um casal :
De duas perdizes uma,
De tres coelhos um par.

Ella a sahir pela porta,
Dom Pedro a entrar no quintal.

=Que é da minha rosa branca,
Que me não vem abraçar?

—Tua rosa branca, Dom Pedro,
Está em Castilha do mar?

Olha o que ella ia dizendo,

Que se não pode contar:

Que em sua casa não tinha

Cama para se deitar!

Olha o que ella ia dizendo,

Que se não pode dizer:

Que em sua casa não tinha

Um pão para se comer!

Bem puderas tu, meu filho.

Minha benção alcançar;

Como vieste da caça

Ir-m'a já lá arrastar.

—Ála, ála, meus creados,
Meus cavalloos vão ferrar,
Com ferraduras de bronze
Para melhor caminhar.

Deu sete voltas á cêrca,
Sem n'ella poder entrar;
Viu lá entrar uma preta
Que se estava a pentear.

—Abri-me as portas, oh preta,
Põe-m'-as já de par em par!
Menina que lá está dentro
Já a lá vou arrastar.

—Dac-me alviçaras, Dom Pedro,
Dac-m'-as, bem m'as podeis dar;

Que vos nasceu um infante
Lindo como um crystal.

- «Novas vos trago, senhora,
Novas de muito pezar;
Que Dom Pedro está á porta,
Jura de vos ir matar.
«Dê-me a mão, oh minha mãe,
Ajude-me a levantar,
Que Dom Pedro está á porta,
Jura de me vir matar.
=Deixa-te estar, oh filha,
Que eu o vou assocegar!
Que Dom Pedro é attencioso,
Logo me ha de querer fallar.

Pegou-lhe pelos cabellos
E elle a foi arrastar;
Andára mais de tres leguas
E sem lhe querer fallar.

- «Olha para traz, Dom Pedro,
Olha se queres olhar,
O teu cavallo é branco
Veiu já do meu sinal.
Leva-me áquella ermida
Que me quero confessar,
Se não, confesso-me a ti
Por eu já não ter logar.
—Mal a haja a tua mãe
Que te deixou levantar.
«Mal haja a tua, Dom Pedro,
Que taes conselhos quiz dar;
Cá te fica um infante,
Cá o darás a criar,
Não o dês a tua mãe.

Que jura de m'ò matar ;
 Dá-o cá antes á minha
 Que ella o dará a criar.
 — Fica-te aqui, rosa branca,
 N'este campo de alegria !

Com a ponta da espada
 A cova ali lhe fazia !
 Com as lagrimas dos olhos
 A terra lhe amollecia.

— ● —

Dom Bruno

(*Versão de Loulé, ALGARVE, da Helena*)

« Quem me dera ir agora
 A' hortinha de Monvadre,
 Só p'ra estar na companhia
 Da minha querida madre.
 — Vae-te, vae-te, Dona Ausenda,
 P'ra hortinha de Monvadre ;
 Dar-te-hei mula de gosto
 E chapéo que te resguarde.
 « Quando Dom Bruno vier,
 Quem no irá abraçar ?
 Quem lhe hade pôr a mesa,
 A mesa para o jantar ?
 — Vae-te, vae-te, Dona Ausenda,
 P'ra hortinha de Monvadre,
 E quando vier Dom Bruno
 Eu o irei abraçar ;
 E logo lhe ponho a mesa,
 A mesa para o jantar,
 Dona Ausenda que partia,

Dom Bruno que era chegado.

- «Onde estará Dona Ausenda,
Que me não vem abraçar?
Nem me vem já pôr a mesa,
A mesa para o jantar.
Fóra da terra estará,
Ou na cama muito mal!
- Dona Ausenda de pejada
Foi p'ra casa de sua madre;
O que ella de mim fallou
Antes de uma hora pague:
Tu, que eras filho d'um principe,
E eu filha d'um triste frade,
E uma irmã que ainda tens
Filha era de um abbade.
- «Cale-se lá, minha mãe,
Nada mais a delatar:
Ponha-me já a caminho.
E na cama a vou matar.

Indo lá a meio caminho,
Caminheiro a saudar:

- «Alviçaras, oh meu Dom Bruno,
Alviçaras me hade dar:
Já lá tem um filho infante,
Que Deus ajude a criar.
- «Nem o infante se me crie,
Nem Deus o ajude a criar,
Nem a mãe que lo pariu
Uma hora hade durar.

Indo lá mais adiante,
Um cunhado a saudar:

«Alviçaras, oh meu Dom Bruno,

Alviçaras me hade dar :
 Já lá tens um filho infante
 Que Deus ajude a criar.
 — «Nem o infante se crie,
 Nem Deus o ajude a criar,
 Nem a mãe que lo pariu
 Meia hora hade durar.

Chegando mais adiante,
 A casa fôra parar.

— «Que é feito de Dona Ausenda,
 P'ra commigo caminhar?
 =Deus te salve, oh meu Dom Bruno,
 (Veiu a sogra a lo saudar;)
 Deus te deu um filho infante,
 Filho infante p'ra reinar.
 — «O filho que Deus me deu
 Elle não chegue a reinar :
 La madre que lo pariu
 Minutos hade durar.
 =O que tens, oh meu Dom Bruno,
 Que mil paixões me vens dar?
 — «Venho buscar Dona Ausenda
 P'ro meu palacio real.
 =Parida de uma hora
 Não poderá caminhar.
 — «Meia hora que ella fôra,
 Não havia d'aquí ficar.

Ausenda se levantou,
 No cavallo se montara ;
 Logo Dom Bruno p'la mão
 Na anca fel-a sentar.
 O sangue tanto corria,
 Cobria o chão e o cavallo ;

Indo lá mais para diante,
Ausenda não podia estar.

«Abaixo, oh meu Dom Bruno,
Confissão me queiras dar;
A alma d'este meu corpo
Sinto-a já separar.

— «Anda lá mais para diante,
Confissão te quero dar.

Indo lá mais para diante,
Ausenda não podia estar :

«Abaixo, oh meu Dom Bruno,
Confissão me queiras dar:
Alma d'este meu corpo
Sinto-a já separar.

— «Anda lá para aquelle valle,
Confissão te quero dar.

Quando ao valle elle chegou,
Dona Ausenda a expirar.

— «Mal haja a tua mãe,
Que te deixou levantar.
«Mal haja a tua, Dom Bruno,
Que mal me quiz intrigar.
Cá te fica um filho infante,
Cá o darás a criar;
Não o dês a tua mãe,
Que jura de m'o matar,
Dá-o cá antes á minha
Que o dará a criar.

Acabando de fallar,
Acabava de expirar.

Com a ponta da sua espada
 Uma cova lhe abriria :
 As lagrimas dos seus olhos
 Os torrões abrandariam.

— «Mal haja quem se cofia
 Em palavras de su madre ;
 Aqui matei Dona Ausenda
 Por dolo, sem piedade.

— ● —

Dom Bruno

(Variante de Lagos, ALGARVE, d.ª Helena)

«Quem me dera agora ir
 Até á horta de Alvade ;
 Trouvera por companhia
 A senhora minha madre.

—Vae, Dona Clemencia, vae,
 Vae até lá a cavallo.

«Quando Dom Bruno vier
 Quem m'o hade accommodar ?

—Mandarás-lhe pôr a ceia,
 Para logo elle ceiar,
 Mandarás fazer a cama
 Para elle se deitar.

Dona Clemencia a abalar.
 Dom Bruno que alli chegava ;

—«Que é da minha Clemencia ?
 Que é da minha saudade ?

—A tua Clemencia foi
 Até á horta de Alvade ;
 Ella aqui o que fallou

Pela bocca ella o pague :
Que eu era má mulher,
Tu eras filho de um frade ;
Uns irmãos que Deus te deu
Eram filhos de um abbade.

— «Alto, alto, meus creados,
Vão lá selar o cavallo,
Que eu quero agora ir
Até á horta de Alvade.

E Dom Bruno que abalou,
O creado encontrava :

— «Deus vos salve, oh meu Dom Bruno,
Alviçaras vos quero dar,
Que tendes um filho infante
Que Deus vos deixe criar.

— «Nem o infante se crie,
Nem Deus o deixe criar,
Nem a mãe que o pariu
Se chegue a levantar.

Elle indo mais para diante,
A sogra que vira estar :

— «Deus vos salve, genro meu,
Alviçaras vos quero dar,
Que tendes um filho infante
Que Deus o deixe criar.

— «Nem o infante se crie,
Nem Deus o deixe criar,
Nem a mãe que o pariu
Se chegue a levantar.

— «Ha duas horas que é parida,
Já vós a quereis levar !

— «Antes que ella sôra uma,
Não m'havia de cá ficar.

Ausenda se levantou,
Dom Bruno que abalava ;
O sangue já era tanto
Que o cavallo banhava.

«Andae, Dom Bruno, andae,
Dê de esporas ao cavallo,
Que até áquella ermida
Vos haveis de confessar.

—«Andae, oh Dona Clemencia,
Dae esporas ao cavallo.
Que até áquelle valle
Vos haveis de confessar.

A confissão que lhe deu,
Acabou-a de matar.

«Toma lá este menino,
Dá-me-o tu a criar,
Não m'ò dês a tua mãe,
Que ella o hade matar,
Dá-m'ò á minha mãe,
Que ella o hade criar ;
Com o fumo da sua bocca
Ella o hade defumar,
Com as lagrimas dos olhos
Ella o hade lavar ;
Com a touca da cabeça
Ella o hade limpar.

Depois das duas mortes feitas,
Fez a confissão geral :

—«Desgraçados são os homens
Que em suas mães se fiam ;
Uma madama tão linda,
Enterrada em terra fria !

Dom Bezo

(Variante de Lagos, da Helena)

«Levantae-vos, oh Dom Bezo,
Se bem me quereis ;
Ide chamar vossa mãe,
Cá vós la chamareis.

—Acordae, oh mãe,
Do doce dormir ;
Venha á Flôr d'Alma
Que está para parir.

—«Se parir que pára
Um rapaz varão,
Que arrebente, estale
Pelo coração.

—Confiae vós, minha alma,
Na Virgem Maria ;
Minha mãe não está em casa,
Foi a uma romaria.

«Levantae-vos, oh Dom Bezo,
Se bem me quereis ;
Ide chamar vossa mana,
Cá vós la chamareis.

—Acordae, oh mana,
Do doce dormir,
Venha á Flôr d'Alma,
Que está p'ra parir.

«—Se ella parir que pára
Uma rapariga,
Que arrebente e estale,
E acabe a vida,

- Confiae vós, minha alma,
Na Virgem Maria,
Não está em casa minha mana,
Foi a uma romaria.
«Levantae-vos, Dom Bezo,
Se bem me quereis,
Ide chamar minha mãe,
Cá vós la chamareis.
- Acordae, oh minha sogra,
Do doce dormir,
Venha á Flôr d'Alma,
Que está para parir.
- Subi. subi, meu genro,
Comei um bocado,
Emquanto eu ponho
Este negro toucado.
Acordae, oh meus moços,
A selar as mulas,
Emquanto eu visto
Negras vestiduras,
- Pastorinho nobre,
Que o gado guardaes,
A quem se dobram
Estes sinaes?
»E' pela Flor d'Alma
Que morreu de parto.
- Ai, minha querida filha,
Filha da minha vida,
Se eu lá estivesse
Ainda eras viva.
Ai, minha querida filha
Do meu coração,
Se eu lá estivesse
Morrerias ou não.

A sogra cansava
De accender os cirios;
A mãe não cansava
Em dar suspiros.
A sogra cansava
De accender as velas,
A mãe não cansava
De chamar por ella.

—●—
Dom Bruno

(*Variante de Lagos, da Helena*)

«Vae-te, meu Dom Bruno,
Vae-te e vem logo;
Dize a tua mãe,
Que venha aqui logo.

- Deus te salve, mãe,
Em braço dourado.
—«Apeia-te, filho,
Que hasde vir cansado.
—Eu venho cansado
Por quem me regala;
E' que a Flôr do Dia
Me ficou de parto.
—«Tenha a Flôr do Dia
Um filho varão,
Com elle rebente
Sobre o coração.
—Minha luz estrangeira
Minha querida aurora,
Madre, minha madre
Não vem cá agora

«Vae-te, meu Dom Bruno,
Vae-te e vinde logo;
Dize a tua mana,
Que venha aqui agora.

—Deus te salve, oh mana,
Em braço dourado.

«—Apeia-te, oh mano,
Que hasde vir cansado.

—Eu venho cansado
Por quem me regala;
E' que a Flôr do Dia
Me ficou de parto.

«—Tenha a Flor do Dia
Um filho bastardo;
Com elle arrebente
Sobre o costado.

«Vae-te, meu Dom Bruno,
Vae e vinde logo,
Dize a minha mãe
Que venha aqui logo.

—Deus te salve, oh sogra
Em braço dourado.

«—Apeia-te, oh genro,
Que hasde vir cansado;
Um copo de vinho,
Ração ao cavallo.

—Eu venho cansado
Por quem me regala:
E' que a Flôr do Dia
Me fica de parto.

A mãe que isto ouviu,
Tratou de abalar.
No meio do caminho,

Sinos a dobrar ,
Lá mais adeante,
Pastor encontrava :

- =Dize-me, pastor,
Pelas santas almas,
Que dobres aquelles,
Que são tão soados ?
«E' a Flôr do Dia
Que já é faltada.
=Minha querida aurora,
Minha luz estrangeira,
Que tão só se viu
N'uma terra alheia,
Com falta de mãe,
Que não de parteira.



ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

Dona Helena

(Versão da Ilha de S. Jorge, da Helena)

Chorava Dona Helena,
Chorava que rasão tinha.

- Que tendes, Dona Helena,
Que estaes posta a chorar?
«As saudades me apertam
Pela casa de meu pae.
—Se isso é assim, Dona Helena,
Cavallo mando selar.
«Se o homem vier da caça,
Quem o hade ir visitar?

—Vou eu, vou eu, Dona Helena,
 Vou eu em vosso logar;
 Em elle vindo da caça,
 Na caça lhe irei pegar.

Quando ella tal ouviu
 Tratou sim de caminhar;
 Dona Helena caminhando,
 Seu marido a chegar.

—«Que é da minha esposa Helena,
 Que me não vem visitar?

—A tua esposa Helena
 Foi p'ra casa de seu pae:
 A mim me chamou má velha,
 A ti filho de máo pae,

—«Se assim é, minha mãe,
 Trato sim de caminhar;
 Viagem de oito dias
 Faço-a até ao jantar.

Mete esporas ao cavallo,
 Tratou sim de caminhar;
 Chegou a casa do sogro,
 Seu cunhado a montar:

—«Dou-vos novas, meu cunhado,
 Que tendes filho varão!

—«Pois a mãe que o teve
 Ou o criará ou não!

N'aquelle mesmo tempo
 Mandou-a logo montar.

«Ai, Jesus, vou tão fraquinha,
 Quem me dera confessar.

—«A quem deixas teus vestidos
 Que tu deixas de usar?

- «A' minha irmã mais velha,
Que Deus lh'os deixe gosar.
- «A quem deixas tuas joias
Que tu deixas de usar?
«A' minha irmã mais môça,
Que Deus lh'as deixe gosar.
- «A quem deixas o teu filho
Que tu deixas de criar?
«A' perra de tua mãe,
Causadora de meus males!
- «Antes o deixes á tua,
Que a minha t'o hade matar.
- «Oh, que ermida é aquella,
Que a vejo alvejar?
Chama-me um padre d'ella
Que me quero confessar.
- «Confessa-os a mim, Helena,
Que elles serão perdoados!
- «Confesso-te os mais miudos.
Que os grandes não tem logar.

●

Dona Helena

(Variante da Ilha de S. Jorge)

Passeava Dona Helena
Por um corredor acima;
Cantares que ella cantava,
Ouidos que a sogra ouvia.

- O que tens, oh Dona Helena,
O que tens, oh nóra minha?
«As saudades me matam,
Que a casa de meu pae via!
- Se as saudades te matam,

Caminha, caminha, e vae
No cavallo andaluz,
Que é ligeiro no andar.
Viagem de outo dias
N'uma hora a ides passar.
«Se meu marido vier,
Quem lhe porá de ceiar?
—Se teu marido vier,
Eu lhe porei de ceiar,
A caça que elle trouxer
Eu a saberei guardar.

—«Que é da minha esposa Helena,
Que eu aqui deixei ficar?
—A vossa esposa Helena
Foi p'ra casa de seu pae;
A mim me chamou má velha,
A ti, filho de máo pae!
Se quereis ir ter com ella,
Caminha depressa e vae
No cavallinho andaluz,
Que é ligeiro no andar:
Viagem de outo dias,
Fázel a até ao jantar.

Elle por escada acima,
Cunhado por ella abaixo:

—«Dou-te novas, meu cunhado,
Tendes um filho varão.
—«Essas novas que me daes
Tanto me dá como não;
Porque a mãe que o teve
Ou o criará ou não.
Levanta-te, mulher minha,
Vâmos para nossa casa.

- «Pois doentinha de uma hora
P'ra onde heide caminhar?
- «A viagem é de outo dias,
N'uma hora a vamos passar;
O cavallinho andaluz
E' ligeiro no andar.
- «Olha para esse cavallo
Como em sangue vae banhado?
Vae banhado com o sangue
Que d'este meu corpo sae!
Pois que ermida é aquella
Que eu vejo branquejar?
Chamae-me um padre de missa
Que me quero confessar.
- «Confessa-te a mim, Helena,
Que Deus te hade perdoar,
Dos peccadinhos miudos,
Que os grandes não tem logar.
A quem deixas o teu fato
Que t'o haja de estimar?
- «A' minha irmã mais velha,
Que Deus lh'o deixe gosar
- A quem deixas o teu ouro,
Que t'o haja de estimar?
- «A' minha irmã mais môça
Que Deus lh'o deixe gosar.
- «A quem deixas o teu filho
Que t'o haja de estimar?
- «A' perra de tua mãe,
Causadeira de meus males.
- «Tu não o deixes á minha,
Que ella t'o hade matar,
Deixa-o antes á tua,
Que ella t'o hade criar;
Com as lagrimas dos olhos
E' que t'o hade levar,

Com a coifa da cabeça
E' que t'o hade limpar.



BRASIL

Flor do Dia

(Versão de Recife)

«Alevanta, amor,
D'esse dormir ;
Chame sua mãe
Para me accudir.

Levantou-se elle
Sem mais descanso,
Foi selando logo
Seu cavallo branco.

- Deus vos salve, mãe,
No vosso estrado.
- «Deus vos salvé, filho,
No vosso cavallo.
Apeia p'ra baixo,
Jantas um bocado.
- Não quero jantar,
Que vim a chamado ;
Que a Flôr do Dia
Lá ficou de parto.
- «De mim para ella
Um filho varão,
De espora no pé.
A espada na mão ;
Rebente por dentro
Pelo coração.

- Flôr do Dia,
Faça por parir ;
Minha mãe está doente
E não pôde vir.
- Alevanta, amor,
D'esse bom dormir ;
Chamae minha mãe
Para me accudir ;
Que ella móra longe,
Mas sempre hade vir.
Grande dôr, marido,
E' dôr de parir !
- Deus vos salve, sogra,
No vosso estrado.
- == Deus vos salve, genro,
No vosso cavallo.
Apeia p'ra baixo,
Jantar um bocado.
- Não quero jantar,
Que vim a chamado ;
Que a Flôr do Dia
Lá ficou de parto.
- == De mim para ella
Um filho estimado ;
Que eu veja no throno,
Um bispo formado
Espera lá, meu genro,
Deixa-me vestir ;
Que ella móra longe,
Mas sempre heide ir.
- Pastor de ovelhas,
Que sinal é aquelle
Que está dobrando ?
- — E' Dona Estrangeira
Que morreu de parto,

Sem haver parteira.
 =Aquello sino
 Não cessa de dobrar,
 Nem meu olhos
 Também de chorar.
 Adeus, minha filha,
 Do meu coração.
 Que morreu de parto
 Sem minha benção.
 Adeus, minha filha,
 Que eu vinha-te vêr
 Quem não tem fortuna
 Não vale nascer.

©

GALLIZA

Albuela

(Versão da Coruña, da Helena)

«Quén me dera estar agora
 No palacio de meu pai
 Descansando estas delores
 Nos brazos de miña nai

A sogra que tal oía
 Dend'a a sala donde está:

--Ti, qué é o que tés, Albuela,
 Que non fas senon chorar?
 «S'estivera en cas meu padre
 Eu me soupera queixar.
 --Pilla xa, Albuela, pilla,
 Pilla logo á camiñar,

Pois en casa de teu padre
Moi ben podías estar.

«Don Berso é cazador,
No monte vai á cazar;
Cando Don Berso viñer
Quén lle porá de xantar?

—Don Berso era meu fillo
Ben o saberéi amar;
Cando Don Berso viñer
Eu lle porei de xantar;
D'o que da caza trouguere
Teño de te regalar.

Cande Don Berso chegou
Comenzou á perguntar :

—«Madre, onde vai Albuela,
Que me non pón de xantar?
Xuramento fago á Dios
No-n-o hei de crebantar,
De non comer nin beber
Hastra esa esposa buscar.
Cacheí rios e fontes,
No-n-a puiden encontrar,
Por eso á cas' de seu padre
Que ali habia de estar.

Indo por aquel camiño,
Un paxe vén á chegar,
Saludouno así decindo
Aqui os vén a saludar :

—«Dios me lo guarde, Don Berso,
Dios me lo queira guardar,
Aqui o veño buscando
Novas lle quera dar

De pracer e d'alegria,
 De pracer, non de pesar.
 Don Berso, vos don albizaras,
 Albizaras vos veño a dar.
 —«De que son esas albizaras,
 De quén m'as queredes dar?
 =«Que a infantíña nena
 Trouxe un neno mui galán,
 Sua esposa está na cama
 Co'o neno de par a par.
 =«Malas nacidas te maten!
 A madre non coma pan;
 O neno non mame leite!
 Antes que boccado coma
 M'as ten ela de pagar.

Pica o cabalo Don Berso
 E á Albucla vai buscar.

=Entra pra dentro, Don Berso,
 Entra, si quières entrar;
 Muller parida d'unha hora
 Cómo se hade levantar!
 —«Levántat ahi, Albucla,
 Se te quières levantar,
 Que si outra ves ch'o digo
 Hade ser co meu punhal.

Os padres que tal oiron
 Se puxeron á chorar:

=A onde me leval-a filla?
 A onde m'a querés levar?
 Porque se m'a filla matas
 Conta d'ela m' has de dar,
 «Cálense, meus padres, cálense,

Non se deixen lastimar,
 Que a muller á seu esposo
 Naide ll'a pode privar.
 Sempre ll'oin decir,
 Sempre ll'oin cantar.
 Apaciguate, Don Berso,
 Si te qués apaciguar.
 Muller d'unha hora parida
 Mal podía camiñar!

- «Baixa para baixo, perra,
 Baixa, si te qués baixar;
 Que se arriba che subo
 A vida che hade custar.
 «Présteme, mi padre, présteme
 Cabalo pra camiñar;
 A muller á seu marido
 Naide ll'a pode privar.
 =Nem ch'o hei d'emprestar, nena,
 Que ch'o teño de dar.

As doncellas que a visten
 Non paraban de chorar;
 O que aparella o cabalo
 Non deixa de suspirar.
 Unha lle trae o xustillo,
 Outra lle trae o zayal.

- «Aónde me levas, traidor,
 Aónde me quéres levar?
 =Se che no camiño morre,
 Conta d'ela m' has de dar!
 «Adiós, padres e hirmaos,
 Adiós campo d'o Villar,
 Para tod'a miña vida
 Xá vos teño d'olvidar.
 Logo a pón d'á cabalo,

E presto se pon á andar,
E no medio do camiño
Volveu a cabeza atrás.

==«Mira-l-o pazo paterno
Ou miras algún galán?

Camiñando máis arriba
O neno empeza á chorar.

==«Dall'-o peito ó neno, Albuela,
Que sou horas de ll'o dar.
«Cómo ll' heide dar o peito?
Cómo o peito ll'heide dar?
Toma ese neno, Don Berso,
Que me quero desmayar!
Vállame Nosa Senora!
Dios me queira consolar!
Busca-me crego, Don Berso,
Que me quero confessar.

==«Adiante, esposa miña,
Adiante crego hai.
«Por Dios che pido. Don Berso,
Que me deixes confessar.

—«Cando chegues á ermida
Ali te confessarán.
«Xa que de min non te fias,
Volve os teus ollos atrás.

Caiu n-o chan o momento,
E o marido así á exclamar:

—«Vállame a Virgen pura!
Dios me queira consolar!
A muller morta n-o suélo
E o neno por bautizar!

Vélvello o alento á esposa
E principia asi á falar :

«Baixate abaixo, Don Berso,
Baixa logo á aquel lugar,
Pois ali hai lugar santo
Dond' o meu corpo enterrar;
Tamén pia de bautismo
Par' o neno bautizar,
Como tamén sacerdote
Para m' adeministrar.
Che pido qu' á ese inocente
Non llo leves á tua nai,
A' tua madre non llo leves
Porque ch'o ha de matar;
Levarálo á madre miña
Qu' esa ch'o ha de criar.
Lévame á aquela capilla,
Se ti me quéres levar;
De San Xoan Retornado
Qu' ali non han de faltar
Sean curas, sean fraires
Para m'a min confessar.

Antes de chegar á ermida
Albuela morta iba xa.

—«Xuramento teño feito,
No-no heide querbantar,
De non comer nin beber
Hastra miña nai matar.
Desafortunado de min!
Qué camiño hei de levar;
Por Dios che pido, Albuela,
Que me queiras perdonar.

«Perdóne-che Dios do Ceo,
Qu'el te pode perdonar...

«De quén é aquel enterro
De tanta gente á chorar?
—«O enterro é de Don Berso
Que se morréu de pesar:
Por consellos de sua madre
A' sua esposa foi matar.

4

DONA ANNA

(*Versão de TRAS-OS-MONTES*)

N'aquella villa viçosa
Entrou a cavallaria;
Foi por uma rua abaixo,
E virou por outra acima.
Viú estar n'uma janella
Duas meninas mui lindas;
Disse o tenente p'r'o alferes:

—Qual d'ellas é a mais linda?
«Oh, aquella de azul claro,
Essa é uma maravilha?
Heíde lá entrar á noite,
Antes que me custe a vida.

Com vinte e cinco soldados
Foi p'ra sua companhia;
E á meia noite em ponto
O tenente á porta batia.

—Oh! quem bate á minha porta,

Olhe que inda não é de dia.

«Não é consigo, Dona Anna,
Mas é com a sua filha.

—Minha filha não está cá,
Foi a dormir com a tia.

Entrou pela porta a dentro
Sem nenhuma cortezia,
Sete salas descobriram
Sem acharem a menina;
Chegaram ao aposento
Onde ella estava dormindo.
Levanta-se a mãe da cama
A dar conselhos á filha :

—Oh! filha, faz pela honra,
Que eu tambem fiz pela minha.

A desgraçada Dona Anna
Em lagrimas le dizia :

«Honre as barbas de meu pae,
Que a minha já vae perdida.

A' sahida do palacio
O tenente le procurara :

—Lá em casa de seus paes
Como ella se chamava?

«Em casa de meus paes
Chamava-se-me fidalga;
Agora por estes mundos
Serei infeliz desgraçada.

Indo lá mais adiante
O tenente le procurara :

—Em a casa de seus paes
 Como ella era tratada?
 «Em a casa de meus paes
 Comia gallinha assada;
 Agora por estes mundos
 Comerci sardinha salgada.

Indo lá mais adiante
 O tenente a acommettia;
 Ella como discreta
 Respondeu que não queria,
 Puchou por um punhal de oiro,
 Que o cavalleiro trazia,
 Meteu-lo por um lado
 E ao coração le sahia!
 Pegou n'ella em seus braços
 E a sua mãe levou a filha;
 E assim fallou á Dona Anna
 Para mais tyrania,

—Oh Dona Anna! Oh Dona Anna,
 Eis aqui a tua filha!
 Honrada e virtuosa
 Mui bem le custou a vida.
 «Justiça do céo, valei-me
 Que na terra não a havia,
 P'ra matar o cavalleiro
 Que matara a minha filha.



Dona Anna

(Variante de TRAS-OS-MONTES)

—Companheiro, companheiro,
 Vês aquellas raparigas?
 A do vestido azul,
 Aquella de azul vestida,

Heide tiral-a de casa,
Inda me custe a vida.

Era meia noite em ponto
A' porta de Dona Anna batia :

—Dona Anna, abre-me a porta,
Dá-me cá a tua filha.
«Minha filha não está cá, -
Foi dormir com a sua tia.

Entrou pela porta dentro,
Não lhe guardou cortezia.
Deu volta a toda a casa,
Encontral-a não podia.
Aonde foi dar com ella?
Foi ao quarto d'o cozia.
«Levanta-te da costura,
Arranja-te, filha minha,
Quem vac p'ra fóra da terra
Deve ir asseadinha.

Lá no meio do caminho
De amores a acommettia;
Ella como vergonhosa
Disse-lhe que o não queria.
Puchou pelo seu alfange,
Logo ali a degolou;
Agarrou n'ella em seus braços,
A' casa da mãe a levou :

—Dona Anna, abre-me a porta,
Aqui tens a tua filha,
Honrada e virtuosa,
Mas assim lhe custou a vida.

As duas donzellas

(*Variante de TRAZ-OS-MONTES de Dona Anna*)

Indo-me eu a passear
 Pela tarde, ás duas horas,
 Vi estar n'uma janella
 Duas donzellas formosas ;
 A maior é muito linda,
 E da cara melindrosa ;
 A outra é mais morena
 E da cara graciosa.
 Namorei-me da morena
 Por ser a mais graciosa ;
 A branca, desde que o soube,
 Logo se mostrou queixosa :

— Cal'-se lá, senhora branca,
 Não se mostre tão queixosa ;
 Depressa lhe direi eu
 Quanto morena se importa :
 De preto veste Elrei,
 E o Padre-santo de Roma ;
 E preto era lo manto
 Da Virgem, nossa Senhora ;
 De preto são as abellas
 A seu dono proveitosas ;
 Que de branco vão os mortos
 Quando os levam para a cova.

O Alferes matador

(*Versão da Covilhã, BEIRA BAIXA, de Dona Anna*)

— Indo eu por quélha abaixo,
 Topando por quélha acima,
 Olhei para uma janella
 Onde vi 'star tres donzilhas.

Aquella de azul claro
E' linda em demasia,
Tenho de a ir buscar
Inda que me custe a vida.

As dez horas eram dadas,
E elle á porta batia.

«Qem bate á minha porta,
Deshoras á porta minha?»
— E' um grande cavalleiro
Que vem buscar sua filha.
«Minha filha não 'stá em casa,
Foi para a de sua tia,
Que a mandou cá buscar
Para uma função que havia.

Deitou os hombros á porta,
Não uzou mais cortezia;
Entrou pela casa dentro
Com toda a sua ousadia,
E foi direito a um quarto
Aonde a filha dormia.

«Oh filha, faz pela honra,
Antes que te custe a vida;
Honra as barbas a teu pae,
Que brancas na cara as tinha.

Pegou-lhe pelos cabellos,
Foi-a arrastar pela villa,
E depois de a vêr morta
A sua mãe a trazia:

—Aqui tendes, oh D. Anna,
Oh Dona Anna, vossa filha,

Honrada e virtuosa,
 Mas porém custou-lhe a vida.
 «Antes a quero vêr morta
 Que a sua honra perdida ;
 Justiça venha do céo,
 Que na terra não a havia,
 E caia sobre um Alferes,
 Matador de minha filha.

—●—

A mulher forçada

(Versão de Cabeça das Mós — Sardoal)

—Amava a uma donzella,
 Com ella tinha amisade,
 Fallava-le á meia noite,
 Todos os dias á tarde.
 Um dia le procurei
 Se em casa me dava entrada ?
 Ella me disse que não :
 «Por minhas mãos me matava !
 Se por minha casa entrasses,
 Ai de mim, o que seria !
 Matavas los teus desejos,
 Casar commigo não querias.

—Casava, donzella, casava,
 Juro-te á fé de quem sou ;
 Já perdi os meus sentidos,
 Já não sei adonde estou.

Ella me pegou p'la mão,
 Para casa me levou.
 Ella me disse que sim
 Ao pé de uma luz diyina ;
 Cinco sentidos que tinha

Os empreguei na menina.
 Abraçei-a dei-le um beijo,
 Cheguei o meu corpo ao d'ella ;
 E' este o lucro que tira
 Quem ama uma donzella,
 Passa tormentos na vida,
 Vem a fôrça, morre n'ella.

.....
 Passa tormentos na vida
 Vê os passos que passeia ;
 Cá deixo esta por espelho
 Aos rapazes d'esta aldêa,
 Não façam como eu fiz.
 Meter-se co'a vida allêa.

O Rei Traquilha

(Versão das Caldas da Rainha)

Indo o rei Traquilha á caça
 Anoteceu-lhe na caçada,
 Estando Grameneza á porta
 Logo ficou assustada.
 Ella virou para dentro,
 Boa mesa apparelhada ;
 Se boa era a mesa
 Muito melhor era a câma.
 Accendeu-lhe doze tochas,
 Poz-lhe seis de cada banda.
 Lá pela noite velha
 Rei Traquilha alevantado,

—O que é isto, rei Traquilha ?
 Vossa Alteza alevantada ?
 «Sim, humilda-te aqui a mim,

Se não morres degollada !
 —Pois mais vale a morte com honra,
 Do que a vida malladada,

Isto sirva de exemplo
 A toda a mulher casada.

—●—
Dona Branca

(*Versão de Tavira, ALGARVE*)

Achava-se Dona Branca
 Sentada á sua janella,
 Com as suas duas filhas
 Que Nosso Senhor lhe déra.
 Quem as via, não sabia
 Qual d'ellas era mais bella ;
 O ladrão de Dom Tarquino
 Zombava e ria com ellas.
 Vae-se a pedir a mais môça,
 Mas só lhe dão a mais velha,
 Assim se correm as bodas
 Ao gosto d'elle mais d'ella.
 Ao cabo de sete mezes
 \ Leva-a para a sua terra ;
 Mal que lá fôra chagado,
 Um máo sentido lhe déra.

—Fica-te ahi, Dona Branca,
 Que eu por mim vou para a guerra,
 Mas inda serei de volta
 Pelos pagens que me esperam.

Lá no meio do caminho
 Lhe lembra a irmana que houvera ;
 Á casa da sogra corre
 Com má tenção que tivéra.

- Deus vos salve, oh minha sogra,
A quem tanto bem quizera!
=Dona Branca onde a deixastes,
Que novas me trazeis d'ella?
—Dona Branca está mui triste
De se vêr em extranha terra;
Aqui me mandou, senhora
Emquanto não vou á guerra,
Para vêr se lhe eu levava
Sua irmana Filomena,
Para ser sua comadre
Do que Deus lhe dar quizera.

Filomena se prepara,
Ninguem já por ella espera;
Já veste sáia de lana,
Já veste sáia de seda,
Já põe toucas engommadas
Que de Flandres lhe vieram.
Dom Tarquino em seu cavallo
Logo d'ancas a pozera.
Sete legoas são andadas
Sem que nada lhe dissera;
Lá em meio do caminho
De amores a acommettêra.

- Tem-te, oh pèrro traiçoeiro,
Que eu por mim te não quizera;
Se meu irmão tu não fôras,
Maldição te logo dêra.

Arrancando um punhal d'ouro,
Para que nada dissera,
A lingua alli cortaria
A desgraçada donzella;
Assim a deixa sósinha,

Que elle vae-se a outra terra.
 Passa apóz um pastorinho
 Que la granada vendera ;
 Por acenos o chamára,
 Que lingua não a tivêra. ¹
 Na ponta da sua touca
 Cinco lettras escrevêra,
 E todas de sangue puro,
 Que outra tinta não houvera.
 Assim a manda á irmana
 Para que taes lettras lêra.
 Sua irmã quando tal vira,
 Logo um infante movêra, ²
 E o mette n'uma caçoila ³
 Para o pae quando estivêra.
 O pèrro estava de volta ;
 Antes elle não viêra !

—Põe a mesa, Dona Branca,
 Que a fome já não espera.
 Come carne, mulher minha,
 Que ella está gostosa e tenra.
 Que carne tão doce é esta,
 Que outra assim nunca eu comera ?
 =É a tua mesma carne,
 E a lingua de Filomena. ⁴

Elle quando aquillo escuta,
 Nem mais ouve nem tolera ;
 Com o punhal que trazia

1 Que pcr lingua não podéra.
 2 Um filho macho movêra.
 3 Manda-o metter em caçoila.
 4 Mais tenra era, ladrão,
 A lingua de Filomena.

Cem punhaladas lhe déra.
À mãe já chega a noticia,
Como doida a recebêra.

—Mulheres, que tendes filhas,
Casac-as na vossa terra,
Que de duas que eu amava,
Bem magoas que recebêra!
Uma me ficou sem lingua,
Sem que mais d'ella soubêra :
Outra morta ás punhaladas
Por mão de sedenta fera.
Como flôres as criára,
E um ladrão se gosou d'ellas!



ARGHIPELAGO DOS AÇÔRES

Florbella

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Estava uma triste viuva
Mettida em sua terra ;
Ella tinha duas filhas
Como duas flôres bellas.
Veiu um turco da Turquia
E lhe pediu uma d'ellas ;
Elle pediu a mais môça,
Ella lhe deu a mais velha.
Mandou-lhe talhar vestidos
Ao uzo da sua terra ;
Puzerá-a no seu cavallo
E caminhára com ella.
No fim de tres semanas
A casa da sogra viera :

- Deus 'steja comvosco, sogra.
 «Deus venha comvosco em bo'hora ;
 Como está Branca-flôr,
 Filha minha e mulher vossa ?
- Muito doente na cama
 Com mil saudades vossas ;
 Manda-vos pedir Florbella
 Para sua companhia,
 Que está lá na terra alheia
 Onde ninguem a conhecia.
- «A Florbella eu não a dou,
 Porque é menina donzella ;
 Da sala para a cosinha
 Cuido que o vento m'a leva.
- Florbella com seu cunhado
 Mal nenhum lhe viera.
 «Pois aviae-vos, Florbella,
 Ide com vosso cunhado.

Mandou selar seu cavallo,
 Ao seu lado a puzera ;
 Indo no meio da serra
 Razões d'amor teve com ella :

«Olha, turco da Turquia,
 Olha, turco arrenegado,
 Olha, turco da Turquia,
 Olha que és meu cunhado.

Elle que a rasão ouviu
 Logo ali se apeiára,
 Tirou-lhe a lingua da bocca,
 E os olhos da sua cara.
 Os seus olhos lhe tirou
 Pelo mal que ella o olhara,

A ponta da sua lingua
Pelo mal que ella fallava.

—Branca-flôr, ponde-me a meza,
Que aqui trago que jantar,
A lingua de Florbella
E os olhos da sua cara.

Branca-flôr que tal ouviu
Começou de prantear :

«—Oh mães, que tendes filhas,
Casae-as em vossas terras.
Duas que minha mãe teve
Goso nenhum viu d'ellas :
Uma morreu nos caminhos,
A outra em tão longes terras.
Foi um turco da Turquia
Que é que foi o senhor d'ellas.
N'esta terra não ha tinta,
Nem papel, por meus peccados ;
Nem aves que tenham penna
Para escrever meus cuidados.
Pastores que andaes aqui,
Escrevi isto a mi madre ;
Se não tiveres papel,
No bastão d'esta bengala.

A pobre Viuva

(Variante da Ilha de S. Jorge)

Sendo uma pobre viuva
Dentro em casa arrecollida,
Tendo eu duas filhas bellas
Mais lindas que a prata fina ;

Estando ellas á janella
 Passa o Duque da Turquia,
 Me pedira uma d'ellas,
 Me pedira a mais bonita.
 Eu lhe dera a mais velha,
 Se foi embora com ella ;
 Ao cabo de sete mezes
 Não li tornára a apparecer :

- «Oh de fóra, oh de dentro,
 Oh de dentro, quem está hi ?
 —Senhora, é o vosso genro,
 Senhora, mandae-lhe abrir.
 «Se elle é o meu genro,
 Eu mesmo lhe irei abrir,
 Como está Dona Angelica ?
 —A minha mulher é viva.
 Dona Angelica é doente
 Com as saudades que tinha ;
 Florinda mandou buscar,
 Sua irmã p'ra companhia,
 «A sua irmã não a dou
 Que ella é menina donzilla ;
 Cuido que o vento m'a leva
 Da sala para a cosinha.
 Mas como é com seu cunhado
 Eu posso deixal-a ir ;
 Vão-lhe apromptar o cavallo
 Que ella se irá vestir.
 —«Requeiro de caminhar
 Por terras de povoado,
 Fosse pelos quintaes d'ella,
 Não o attente o peccado.

Só com aquellas palavras
 Mui assombrado ficou !

Cortou-lhe com a espada
A lingua com que fallou ;
Tirou-lhe com a espada
Olhos com que ella mirou.

— Põe a mesa, Dona Angelica,
Que eu já trago que jantar,
Lingua de tua irmã Florinda,
E os olhos da sua cara.

Dona Angelica que ouvira
Logo caíra por terra :

— Toda a mãe que tiver filhas
Não as case fóra da terra ;
Minha mãe que teve duas
Não viu mais nenhuma d'ellas,
Foi o Duque da Turquia,
Que é que foi o senhor d'ellas.

« Oh de fóra, oh de dentro, .
Oh de dentro, quem está ai ?

— Senhora é um pastor,
Má nova vos vem trazer.

« Se ellas são ruins novas
Diga-m'as logo d'ai.

— Florinda que já é morta,
E' morta, eu bem n'a vi !
Aqui trago pá e enxada,
Terra com que a cobri.

« Toma lá tinta e tinteiro
Escreve n'essa bengala,

Já que se perdeu o corpo,
Que se lhe não perca a alma :
Toda a mãe que tiver filhas
Não case-as fóra da terra,

Que eu tive duas e dei-as,
 Fiquei sem nenhuma d'ellas ;
 Foi o Duque da Turquia,
 Que é que foi o senhor d'ellas.

5

GUIMAR

(Versão do ALENTEJO)

Era a menina mais linda ¹
 Que n'aquella terra havia ;
 Tam formosa e tan discreta,
 De outra egual se não sabia.
 Muito lhe quer Dom João
 Muito de mais lhe queria ;
 Seus amores, seus requebros
 Não cessam de noite e de dia.
 Por fidalgo e gentil moço
 Ninguém tanto a merecia ;
 Senão que o pae da donzella ²
 Outro conselho seguia :
 Casal-a quer muito rica
 Com um mercador que ali havia,
 Sem fazer caso de amores,
 Sem lhe importar fidalguia.

-
- 1 Era uma menina bella
 Discreta e bem parecida,
 Dom João a namorava,
 Mil requebros lhe f zia— *Alentejo.*
- 2 Mas o pae d'aquella moça
 Por melhor conselho havia
 Casál-a com um mercador
 Que áquellas partes vivia— *Alentejo.*

Dom João, quando isto soube, ¹
Por pouco se não morria.
Foi-se d'alli muito longe
Sem dizer para onde ia.
Tres mezes por lá andou,
Tres mezes n'essa agonia;
A vida que lhe pesava
Sofrêl-a já não podia.
Mandou selar seu cavallo
Sem cuidar no que fazia;
Deitou por esses caminhos
Sem saber adonde ia.
O cavallo é quem mandava
Cavalleiro obedecia.
Passou por terras e terras,
Nenhuma não couhecia,
A' sua tinha chegado,
Onde estava não sabia.
Era por manhan de maio,
Todo o campo florescia,
Os passarinhos cantavam,
O prado verde sorria;
Lá de dentro da cidade
Um triste clamor se ouvia
Eram sinos a dobrar,
E era toda a clerezia,
Eram nobres, era povo
Que da egreja sahia...
Entrou de portas a dentro,
De rua em rua seguia,

1

Dom João quando isto ouviu
Fóra da terra se ia;
Por lá estivera tres mezes
Que sofrêl-os não podia—*Extremadura*

Que eu tive duas e dei-as,
 Fiquei sem nenhuma d'ellas ;
 Foi o Duque da Turquia,
 Que é que foi o senhor d'ellas.

5

GUIMAR

(Versão do ALENTEJO)

Era a menina mais linda ¹
 Que n'aquella terra havia ;
 Tam formosa e tan discreta,
 De outra egual se não sabia.
 Muito lhe quer Dom João
 Muito de mais lhe queria ;
 Seus amores, seus requebros
 Não cessam de noite e de dia.
 Por fidalgo e gentil moço
 Ninguem tanto a merecia ;
 Senão que o pae da donzella ²
 Outro conselho seguia :
 Casal-a quer muito rica
 Com um mercador que ahí havia,
 Sem fazer caso de amores,
 Sem lhe importar fidalguia.

-
- 1 Era uma menina bella
 Discreta e bem parecida,
 Dom João a namorava,
 Mil requebros lhe f'zia— *Alentejo.*
- 2 Mas o pae d'aquella moça
 Por melhor conselho havia
 Casál-a com um mercador
 Que áquellas partes vivia— *Alentejo.*

Dom João, quando isto soube, ¹
Por pouco se não morria.
Foi-se d'alli muito longe
Sem dizer para onde ia.
Tres mezes por lá andou,
Tres mezes n'essa agonia;
A vida que lhe pesava
Soffrêl-a já não podia.
Mandou selar seu cavallo
Sem cuidar no que fazia;
Deitou por esses caminhos
Sem saber adonde ia.
O cavallo é quem mandava
Cavalleiro obedecia.
Passou por terras e terras,
Nenhuma não couhecia,
A' sua tinha chegado,
Onde estava não sabia.
Era por manhan de maio,
Todo o campo florescia,
Os passarinhos cantavam,
O prado verde sorria;
Lá de dentro da cidade
Um triste clamor se ouvia
Eram sinos a dobrar,
E era toda a clerezia,
Eram nobres, era povo
Que da egreja sabia...
Entrou de portas a dentro,
De rua em rua seguia,

1 Dom João quando isto ouviu
Fóra da terra se ia;
Por lá estivera tres mezes
Que soffrêl-os não podia—*Extremadura*

Chegou á de sua dama, ¹
 Essa sim que a conhecia.
 As casas onde morava,
 Janellas aonde a via,
 Tudo é coberto de preto,
 Mais preto que ser podia. ²
 Mandou chamar uma dama ³
 Que ella consigo trazia :

- «Dizei-me por Deus, senhora,
 Dizei-me, por cortezia,
 Esse luto tam pesado
 Por quem trazeis, que serfa ?
 — «Trago-o por minha senhora,
 Dona Guimar de Mexia, ⁴
 Que é com Deus a sua alma,
 Seu corpo na terra fria.
 E por vós foi, Dom João,
 Por vosso amor que morria. ⁵

Dom João quando isto ouviu ⁶
 Por morto em terra cahia,
 Mas a dor era tamanha ⁷
 Que á força d'ella vivia.
 Os seus olhos não choravam,
 Sua bocca não se abria.

-
- 1 Veiu-se a passear
 A' rua de sua amiga—*Alentejo*.
 2 Do mais preto que havia—*Extremadura*.
 3 Mandou chamar uma dama,
 Por Deus e á cortezia :
 — «Dize-me tu, por quem trazes
 Ausencias tam doloridas—*Alentejo*.
 4 Dona Agueda de Mexia—*Alentejo*.
 5 Por vós foi sua partida—*Extremadura*.
 6 Palavras não eram ditas—*Extremadura*.
 7 Mas a dor era tam forte—*Extremadura*.

Mirava a gente em redor
 Para vêr o que faria.
 Vestiu-se todo de preto,
 Mais preto que ser podia,¹
 Foi-se direito á egreja
 Onde sua dama jazia :²

«Eu te rogo, sacristão,
 Por Deus e Santa Maria.
 Eu te rogo que me ajudes³
 A erguer esta campra fria.

Afi a viu tam formosa
 Tal como d'antes, a via ;
 Alli, morta, sepultada,
 Inda outra egual não havia,
 Poz os joelhos em terra,
 Os braços ao céo erguia,
 Jurou a Deus e á sua alma
 Que mais a não deixaria.
 Puchou de seu punhal de oiro,⁴
 Que na cintura trazia,
 Para a acompanhar na morte
 Já que em vida não podia.
 Mas não quiz a Virgem santa,⁵

1 Do mais preto que havia—*Extremadura*.

2 Onde a sua dama tinha—*Alemtejo*.

3 Que me ajudes a erguer

4 A campa de minha amiga—*Alemtejo*.

Puchou por um punhal de oiro
 Por lhe fazer companhia—*Alemtejo*.

5 Permittiu a Virgem santa,
 A virgem Santa Maria.
 Que se não perdesse uma alma
 Por um percento que tinha—*Alemtejo*.

A Virgem Santa Maria,
 Que assim se perdesse uma alma
 Que só de amor se perdia,
 Por juizo alto de Deus
 Um milagre se fazia :
 A defunta a mão direita
 Ao seu amante estendia,
 Seus lindos olhos se abriram,
 A sua bocca sorria ;
 Volta a vida que se fôra,
 Com todo o amor que não si ia.
 Seu pae, o foram buscar,
 Que já estava na agonia ;
 Vêm amigos, vêm parentes,
 Todos em grande alegria.
 Dão graças á Santa Virgem,
 Cujo milagre seria ;
 E a Dom João dão a esposa,
 Que tam bem a merecia.



Dom João

(Versão de Elvas, ALEMTEJO)

Dom João tomou amores
 Com Dona Angela de Mexia ;
 Mas o pae da tal moçoila
 Outros intentes trazia,
 De a casar c'um mercador
 Que tinha vindo da India.
 Dom João assim que o soube,
 Ausentar-se resolvia,
 Para uma quinta mui bella
 Que seu pae a possuia.
 Lá, ao cabo de um anno,

De um anno e mais um dia,
Chegaram-lhe as saudades
De sua amada querida.

=Alto, alto, meus creados,
Meus cavallos preparar,
Que a jornada de oito dias
N'uma noite se hade andar.

Abalou o Dom João,
Vestido ás mil maravilhas,
Foi entrar em Barcelona
A's nove horas do dia,
Andou correndo as calhas
Da sua amada querida.
Levantou os olhos ao céo
Para vér se anoitecia,
Lá n'umas altas varandas
Onde viu estar uma nilha,
Toda vestida de preto
Desde baixo ate acima.

—Por Deus, vos peço, nilha, (niña)
Por Deus, em cortezia,
Que me dizeis por quem andaes
N'essa ausencia dolorida?
«Ando por minha senhora
Dona Angela de Mexia,
Ella me deixou dito,
Que se algum dia o visse
Lhe desse este rosario,
Que o rezasse cada dia.

As razões que eram ditas,
Elle por terra cahia.
Acudiram os amigos

Dos mais leaes que trazia.
Fizeram-no entrar em si
A poder de agua fria.

—Por Deus, vos peço, amigos,
Por dias, em cortezia,
Vos ides d'aqui embora,
Me deixeis sem companhia.

Retiraram-se os amigos
Para vêr o que elle fazia.
Foi-se a um bahu mui bello,
Que seu pae o possuia,
Vestiu-se todo de preto
Desde baixo até acima.
D'alli tornou por passeio
A' egreja da Virgem Maria.
Cincoenta vezes resava,
Offerecer nunca podia.
Acadiu um ermitão,
O's ais e gemidos que ouvia,

—Vinde com Deus, ermitão,
Deus venha em vossa companhia.
Ajudae-me a alevantar a campa
Da minha amada querida.

Já dois levantam a campa,
O que sete não fariam.

—Deus te salve, claro sol,
Clara luz do meio dia!
Já te pudeste apartar
De quem tanto te queria.
Escreveras-me uma carta,
Que eu outra te escreveria.

Elle tudo lhe dizendo,
 E ella a nada respondia.
 Deitou suas mãos atraz,
 A um punhal que trazia,
 Para se matar com elle,
 P'ra lhe fazer companhia.
 Ouviu uma voz do céo,
 Outra da terra dizia :

«Torne-se a alma ao corpo
 De Dona Angela de Mexia ;
 Que não é bom que se percam
 Devotos da Virgem Maria.

Alli se arreceberam,
 Alli se arreceberiam,
 Padre, Filho, Espirito Santo
 Seja em nossa companhia.

—●—

Dona Angela de Medina

(Versão de Elvas)

.....
 Um grande tropel se ouvia.
 Era Dom João que chegava ;
 Aonde esperava Dona Angela,
 A sua aia, que encontrava
 Toda de lucto vestida,
 Na sacada do palacio

—Dizei-me vós, oh senhora,
 Por quem andaes tão sentida ?
 Por quem trazeis esse dó ?
 «Por Dona Angela de Medina.
 Dona Angela de Medina,

Que por vós é falecida,
 Pediu-me que vos entregasse
 Este rosario que tinha ;
 E que vos lh'o rezásseis
 Um anno de dia a dia.

Dom João que isto ouvira,
 Para traz morto cahia ;
 Acodem-lhe os seus amigos
 Com um côpo de agua fria.
 Logo que tornou a si,
 Pede para que o deixem
 Alli só sem companhia.
 D'alli se foi para a egreja
 Aonde a sua bella jazia ;
 Cem vezes rezou o rozario,
 Cem vezes o rezaria.
 Ao soluçar que fazia,
 Sacristão que acudia .

«Que fazeis, oh cavalleiro,
 Que fazeis, oh vida minha ?
 —Peço-te, oh sacristão,
 Peço-te, por tua vida,
 Me digas a sepultura
 De Dona Angela de Medina.
 «Lá cima ao altar mór,
 Aos pés de Santa Catharina.
 —Peço-te, oh sacristão,
 Peço-te, por tua vida.
 Me ajudes a levantar a campa,
 Que eu mui bem te pagaria.

Levantam os dois a campa,
 Na sepultura elle se via :

—Deus te salve, bella aurora,

Claro sol do meio dia,
 Que te fez o eterno pintor
 Que todas as cousas cria.
 Volve á vida, minha bella,
 Que viver sem ti não podia.

— Vive tu, meu namorado,
 Vive tu, que eu já vivi;
 Braços com que te abraçava
 Já não têm vigor em si

— Volve á vida, minha bella,
 Que não posso viver sem ti.

— Vive tu, meu namorado,
 Vive tu, que eu já vivi;
 Bocca com que te beijava
 Já não tem sabor em si.

.....

Fidalgos e cavalleiros,
 Todos á uma diziam:

— Dêem-na, dêem-na a Dom João,
 Que ella bem no é mer'cida
 Dêem-na, dêem-na a Dom João,
 Que de morta a tornou a vida.

A Donzella e o punhal

(Versão de Tavira, ALGARVE, de Dona Anna)

Em uma grande cidade
 Gentil donzella habitava;
 Já seu pae perdido tinha,
 Porém pouco lhe faltava,
 Pois um padraсто que houvera
 Por filha sua a tratava.
 Vac pedil-a um cavalleiro.

Que bem com ella egualava,
 Mas não casam a menina,
 Seus parentes a negaram.
 Em frente d'ella apparece
 Mancebo de rasa escada,
 Que do seu lavor vivia,
 Sua casa sustentava.
 Tanto se querem os dois
 Que co' a vista se fallavam;
 Tambem em certa janella
 Muito bem que se arrostavam.
 Diz-lhe uma noite o mancebo
 Com bem magoa de su'alma :

— Grande pena me estás dando,
 E a causa vae ser fallada;
 Por Dom Pedro estás pedida,
 Homem de grande embaixada!
 « Não o creias, minha vida,
 Ai, não o julgues. minb'alma;
 Basta que tu sejas homem
 Para cumprir tua palavra,
 Que eu tambem serci mulher
 Para sair d'esta casa;
 Com o pouco que trouvéres
 E o que é meu, de minha arada,
 Muito bem hade chegar-nos,
 Que eu sou mulher governada;
 Do que eu herdei de meu pae
 Não podem tirar-me nada.

Vae-se o mancebo contente,
 Queda-se ella consolada.
 Subindo aos seus aposentos,
 Na cama se já deitava.
 N'outro dia, manhã cedo

Foi sua mãe a chamal-a.

=Desperta, filha querida,
Desperta, filha adorada;
Tu casarás com Dom Pedro,
Senhor de grande embaixada;
Pois se acaso eu te morrer,
Já ficas bem amparada.
«Não me mettam em cuidados,
Deixem-me ali descansada.
=Se tu o não queres, filha,
É que és d'outro enamorada!

Ajuntaram-se os parentes,
Fizeram grande ajuntada,
Quatro ficaram de dentro
Por vêr o que se passava,
Os mais fõram para o campo,
Onde o pobre trabalhava;
Descuidado o surprenderam,
Deram-lhe sete facadas.
Meia noite fõra em ponto
Quando a nova lhe chegava;
A dama não acredita,
Pois a zombar a escutava.
N'isto chega o desengano,
Um sino ao longe dobrava.
Quando ella ouvira o sino,
Seus cabellos arrancára.

«Coração, que te não partes,
Que esperança ainda guardas?

Tinha esta dama uma prima,
Prima que muito estimava;
Subira a escada sósinha
Para vêr se a consolava;

—«Oh, minha prima querida,
Rica prima da minh'alma;
Ao que morreu perdõe Deus
Sua paixão tresloucada!
Tu casarás com Dom Pedro,
Homem de grande palavra.
«Não o creias, minha prima,
Minha prima sempre amada;
Quando eu d'aqui saír.
Heide ir logo amortalhada.

Sua prima tal não cre,
De a consolar só tratava;
Mas reparando em seus gestos
A viu muito atribulada.
O sangue já lhe corria,
Que ella a si se apunhalára,
E corria tanto e tanto
Que toda a casa alagava.

—«Oh, minha tia querida,
Tia, tia da minh'alma,
Vossa filha está morrendo,
Está toda ensanguentada!
Chamem já o confessor,
Não morra desamparada.
Sem confissão, como foi
O villão que tanto amava.
Veiu logo um santo frade,
E como boa christana
A sua mãe deixou dito
Que orasse pela su'alma,
E do malaventurado
A quem tanto ella estimava.
Cada um em seu caixão,
Seus enterros se ajuntavam;
Elle parecia um cravo,

Ella rosa desmaiada!

Mães que tendes vossas filhas,
Ai, deixae, deix: e casal-as,
Não lhes tireis seu desejo.
Se as não quereis desgraçadas!

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Pomba sem fel

(Versão da Senhora do Monte)

Triste caso me faz triste
Desde minha mocidade;
Nunca houve mais amor,
Nem mais infelicidade.
Morreu o Conde nas guerras
Em que Portugal ardia;
Uma filha lhe ficou.
Que com sua mãe vivia.
A filha, pomba sem fel,
Melhor de alma não na havia;
Desde que nos avistámos
Nos amámos d'esse dia.
Mas la Condessa viuva
Era toda soberbia;
E, com ser fidalgo eu,
Por genro me não quereria;
Que só a conde, a marquez
La sua filha daria:
Por isso cá fômos ambos
Namorando de porfia,
Mas com tamanho segredo;
Que ninguem lo sonharia.
N'estes amantes cuidados,

Tardo lo tempo corria :
Despois la Pomba sem fel
Cada vez mais adoecia ;
Cada vez maior magreza,
Mais forte febre lhe ardia ;
Toda só na pelle e osso,
A fôgo lento morria.
E. no fim, la triste pomba,
Triste, sua mãe chamava,
Sua mãe, triste, acudiu.
La filha, triste, fallava :

—Vinde cá, senhora mãe,
Vinde á minha cabeceira ;
Fazei-me lo que vos peço,
Por vontade derradeira :
Não posso dar alma a Deus
Sem me ver com meu amor ;
Não me deixes, mãe, morrer
Afogada n'esta dor !

Sua mãe só perguntou
Quem assim la apaixonava ;
La minha Pomba sem fel
Tudo, tudo lhe cõtava :
E la Condessa viuva,
Ella mesma, me buscava !
Eu, quando la vi, chorei ;
Ella, que me viu, cõrava :

—«Que me acontecesse esta,
Eu nunca nem lo sonhava !
Minha filha vos quer ver ;
Que, sem vos ver, afogava.

Palavras não eram ditas,

Eu como louco fiquei ;
Corri logo por 'hi fóra ;
Que não corria, voei :
E, mais morto do que vivo,
A' porta d'ella cheguei :
Chegando, não ouvi nada ;
Dou um empurrão, entrei.

=Inda bem, oh meu amor !
Sem te vêr não acabei.
(Era ella que fallava ;
Eu, por mim, nada fallei.)
Inda bem, oh meu amor,
Que sem te vêr não fiquei.
A' espera de cá vires,
Contra esta morte briguei ;
Agora, dá-me teus braços,
Dá-me cá beijos tambem ;
Venha cá abençoar
Tristes noivos, minha mãe.

Chegou sua bocca á minha
Logo que estas fallas deu,
E, no meio d'este beijo,
Fechou olhos, e morreu.
Giolhou la mãe commigo
A chorar em altos gritos.
N'este mundo cá ficámos
Dois corações afflictos.
Oh morte, oh cruel morte,
Olhae que roubo fizestes :
Enterraes meu coração
A' sombra dos aciprestes !
Oh morte, oh cruel morte,
Mataste quem Deus não quiz !
Sou arvore que está de pé,
Mas cortada na raiz.

D. Henrique d'Alencastre*(Versão de Santa Luíza)*

N'este cerrado arvoredo,
N'este bravio encantado,
Aqui vivo como bicho
Entre rochas enterrado.
Vae lo dia, vem la noite,
Nada p'ra mim é mudado.
Das minhas penas sustento
O triste de mim coitado !
Oh vós troncos e penedos,
E bichos do descampado,
Vinde ouvir as minhas queixas
D'este pobre desgraçado.

Dom Henrique d'Alencastre
E' meu nome verdadeiro ;
Dos Duques d'esta linhagem
Sou lo unico herdeiro ;
E sendo eu só na casa
Fui em tudo lo primeiro ;
Que meu pae muito me quiz
Tè dar lo ai derradeiro.

Com todos los meus couteiros
Fui a montar um dia ;
Fôra eu p'ra trazer caça,
Mas outrem me caçaria.
Bem longe de tal cuidar,
Pista da caça corria,
Quando lá além assomando,
Formosa dama apparecia.

— Olhae lá, couteiros meus,
Quem la formosa seria ?

«E' Dona Guimar de Crasto,
Da mais alta fidalguia.

Se mais disseram não sei,
Que, por mim, não nos ouvia ;
Todo eu estava nos olhos,
E não andava, corria,

—Senhora, servo sou vosso,
Por vós aqui morreria :
Aceitae-me por marido,
Por mulher vos tomaria.

—Dom Henrique d'Alencastre,
Isso era lo que eu queria.

—Jurael-lo, senhora minha ?

—Juro, por Virgem Maria,
Mulher só de vós serei ;
D'outro não, nunca seria.

E voltou ao seu castello,
Ao de meu eu volvia.
Este amor de mim e d'ella
De sol a sol mais crescia.
Entrementes, a meu pae,
Que tão leal se tratava,
Por mexericos de um conde,
Logo Elrei condemnava,
Mas, quando foi la justiça,
Que por elle procurava,
Já não achou quem prender ;
De morrer elle acabava.
Só de nome eu conhecia
Quem lo meu pae me matava ;
Um conde novo na' côrte,
Que no amor me invejava !
E ao novo condesinho,

Que no amor me invejava,
 El-rei, com minhas herdanças,
 Dona Guimar tambem dava!
 Calado, quêdo fiquei,
 Que nem lagrima chorava;
 Ninguem me ouviu dizer ai;
 Mas cá dentro rebentava!
 Pera ir onde Guimar,
 De romeiro me vesti:
 Rondei la casa tres dias,
 Nunca, nunca, não na vi!
 Mas passou um fidalguinho,
 Todo soberbo de si.

- Dona Guimar, senhor meu,
 Iria longe d'aqui?
- «Está enferma, bom romeiro,
 Orae por ella, por mim;
 Por mim, que sou noivo d'ella.
 Por ella...» Mais não ouvi.
 Cegou-me não sei lo què,
 Menos sei lo que senti;
 No ladrão do condesinho
 Lo meu punhal afundi.
 Como elle era quem era
 Loge foi grande motim;
 Cramaram, á voz d'El-rei,
 Todos, todos contra mim,
 Mas lo trajo que eu vestia
 Logo, logo lo despi;
 Por meio da tanta gente,
 P'ra estes montes fugi.
- Ai, Dona Guimar de Crasto,
 Quem cuidára, quem diria
 Que tu me fôras traidora,

Quando las juras te ouvia?

Palavras não eram ditas,
Dona Guimar que apparecia:

= Dom Henrique d'Alencastre,
Quem no dissera mentia.
Jurei ser tua mulher,
D'outro não, nunca seria;
Que me custasse la vida,
Minhas juras cumpriria,
Tudo a ti roubaram;
Tudo por ti deixaria.
Por amor de mim morreste,
Por amor de ti morreria.
Dona Guimar aqui estou,
Pera tua companhia;
Eu sou tua, tu és meu,
Valha-nos Jesus, Maria.



ARCHIPELAGO DOS AÇORES

Dona Maria

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Eu era a filha de um rei
Chamada dona Maria,
Amava um capitão
Pelo bem que elle me queria.
Meu pae tanto que o soube,
Dava-me muita má vida:
Dava-me o pão por onça,
E a agua por medida.

Mandou botar um pregão,
Por toda a cidade acima :
Calafates, carpinteiros,
Se juntassem n'esse dia,
Para fazer uma não
Para ir Dona Maria.
Calafates eram muitos,
Deram-na feita n'um dia.
Metteram-lhe mantimentos
Para sete annos e um dia ;
Metteram na n'esses mares,
Sem velas nem remaria ;
Dona Maria foi n'ella,
Só, sem a mais companhia.
Chegou lá a uma terra
Onde gente não havia,
Se não um Ermitão santo
Que vida santa fazia.

— Quem te trouxe aqui, mulher,
A fazer perder minha vida ?
« Va d'aí, Ermitão santo,
Que o vento que aqui me trouxe
Outra vez me levaria.
Carrega, vento, carrega,
Obedece marezia,
Levae-me á minha terra,
Que isso era o que eu queria.

Estando o rei á janella
A' hora do meio dia,
Vira entrar uma não
Sem velas nem remaria.

— « Dizei-me que não é aquella.
Que entra sem licença minha ?

-
- «E' vossa filha, senhor,
Chamada Dona Maria.
—«Pois se ella é minha filha
Quero-a ir visitar:
- «Dize-me, tu, filha minha,
Como passastel-o mar?
«Os mares me cataram honra,
E os ventos cortezia,
E os anjos iam de noite
Para minha companhia,
Iam com uma hora de sol,
E vinham com outra de dia,
E a Virgem me chamava
Sua donzella Maria.
-

6

CASAMENTO E MORTALHA

(Versão do MINHO)

- Lá das bandas de Castella
Triste nova era chegada ;
Dom João que vem doente,
Mal pesar da sua amada.
São chamados tres doutores
Dos que têm mais nomeada :
Que se algum lhe dêsse a vida
Teria paga avultada.
Chegaram os dois mais novos,
Dizem que não era nada ;
Por fim que chega o mais velho
Diz com voz desenganada :
- Tendes tres horas de vida

E uma está meia passada;
 Essa é para o testamento
 Deixar a alma encommendada.
 A outra é os sacramentos,
 Que inda é mais bem empregada;
 Na terceira as despedidas
 Da vossa dama adorada.

Estando n'estas conversas
 Dona Isabel que é chegada;
 Ergueu os olhos para ella
 Com a vista já turvada :

- «Ainda bem que vieste,
 Minha prenda desejada;
 Que tanto queria ver-te
 N'esta hora minguada.
 «Tenho fé na Virgem Santa,
 N'ella venho confiada,
 Que me hade ouvir e salvar-te,
 Que teu mal não será nada.
- «Oh, que se eu chegar a erguer-me,
 Minha rosa namorada,
 No vaso d'este meu peito
 P'ra sempre serás plantada,
 Com as benções de um arcebispo,
 E de agua benta regada,
 Com a estóla da santa Igreja
 Ao meu coração atada.

Estando n'estas conversas,
 Sua mãe que era chegada :

- «—Que tens tu, filho querido,
 D'esta alma amargurada ?
 — «Tenho, mãe, que estou morrendo,
 Que esta vida está acabada ;

- Com só tres horas por minhas,
E uma já meio passada.
- «—Filho de minhas entranhas,
N'esta hora minguada,
Lembra-te se algo deves
A alguma dama honrada.
- «Minha mãe, que devo, devo,
E Deus me não peça nada!
Dona Isabel, que em má hora
Por mim fica diffamada;
Mas deixo-lhe mil cruzados
Para que seja casada.
- «—A honra não se paga, filho,
Mil cruzados não é nada.
- «Já lhe deixo mais duzentos,
E a cruz da minha espada.
- «—A honra não se paga, filho,
Os cruzados não são nada.
- ==«Deixo-a a estes tres doutores
Muito bem encommendada;
E a vós, minha mãe, vos peço
Que a tenhaes bem guardada.
O que com ella casar
Tem uma villa ganhada;
O que lhe disser que não
Tenha a cabeça cortada.
- «—A honra não se paga, filho,
Nem com terras é comprada:
Se a essa dama lhe queres,
Não a deixes deshonorada.
- «Pois fique esta mão já fria
Na sua mão adorada;
De Dom João é viuva,
Condessa será chamada.

INDICE

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

I

ROMANCES HEROICOS E NOVELLESCOS

§ 1 — *Cyclo Odysseaico ou atlantico*

	<u>Pag.</u>
1— A Não Cathrineta (Versão composita) ..	1
— (Fragmento de uma versão alentejana)	4
— (Versão algarvia)	*
— (Versão de Lagos)	8
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
— (Versão de S. Martinho)	10
— (Versão de Ponta Delgada)	12
— (Variante de Funchal)	14
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
— (Versão da Ilha de S. Jorge)	18
— (Variante dos Rosaes)	20
— (Variante de S. Jorge)	22
— (Outra variante)	25
— (Outra variante)	27
2 — Bella Infanta (Versão ribatejana)	33
<i>Dona Clara</i> (Variante do Porto)	36
<i>Dona Anna</i> (Versão de Penafiel)	40
<i>Dona Infanta</i> (Versão da Beira Baixa)	42
<i>Dona Catherina</i> (Versão da Beira Baixa)	45
<i>Dona Leouarda</i> (Versão de Villa Boim — Alemtejo)	48
<i>Dona Isabel</i> (Versão de Elvas)	50
<i>Bella Infanta</i> (Versão de Loulé — Algarve)	52
— (Variante de Loulé)	55

	Pag
<i>Dona Silvana</i> (Versão de Lagos)	57
— (Variante de Lagos)	59
ARQUIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Bella Infanta</i> (Versão de Machico)	62
ARQUIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Bella Infanta</i> (Versão de Rosaes—Ilha de S. Jorge)	64
BRAZIL	
<i>Bella Infanta</i> (Versão do Rio de Janeiro)	67
3 — <i>Nausica</i> (Versão de Traz-os-Montes)	69
<i>A Mõça da Fonte</i> (Versão de Traz-os-Montes) ...	70
4 — Dom Marcos (Versão de Lagos—Algarve)	71
<i>A Noiva Extremenha</i> (Versão de Almeida)	73
<i>Nóiva arraiana</i> (Versão do Algarve)	75
ARQUIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Noiva Extremenha</i> (Versão da Ilha de S. Jorge) ..	77
— (Outra versão)	79
-- (Versão da Ilha de S. Miguel)	85
BRAZIL	
— (Versão do Rio de Janeiro)	86
— (Variante final de Paraty)	87
§ II — <i>Cyclo Scandinavo-germanico</i>	
ARQUIPELAGO DOS AÇORES	
1 — Vestigios de uma Saga (Versão da Ilha de S. Jorge)	88
2 — O Caso de Juliana e Jorge (Versão de San Miguel — Ponta Delgada)	89
<i>Dona Ausenia</i> (Versão do Campo de Viboras — Traz-os-Montes)	90
BRAZIL	
<i>Juliana</i> (Versão de Pernambuco)	91
<i>Dom Jorge</i> (Versão do Ceará)	92
3 — Tristes novas (Variante transmontana) ...	94
4 — D. Martinho de Avisado (Variante da Covilhã — Beira-Baixa)	95
<i>Dom Martinho</i> (Variante da Beira-Baixa)	98
<i>Dom Barão</i> (Variante da Foz do Douro)	102
<i>Dom Carlos e Dona Leonor</i> (Versão de Villa Nova de Gaia)	105
<i>Dom Marcos</i> (Versão de Elvas — Alemtejo)	108

	Pag.
<i>Dom Martinho</i> (Versão de Loulé — Algarve)....	111
<i>Dom Marcos</i> (Variante de Loulé — Algarve)	115
ARQUIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Dom Martinho</i> (Versão de Porto da Cruz)	120
<i>Donzella que vae á guerra</i> (Variante de Machico)	127
<i>Hoje s'apregõam guerras</i> (Variante de Caniço) ..	130
ARQUIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Donzella que vae á guerra</i> (Versão da Ilha Terceira)	131
<i>Dom Varão</i> (Versão da Ilha de S. Jorge).....	136
<i>Donzella guerreira</i> (Variante dos Rosaes).....	140
INDIA	
<i>Dom Marcos</i> (Versão de Gôa).....	144
ARQUIPELAGO DA MADEIRA	
5 — Historia do Bravo-Franco (Versão da Calheta).....	148
<i>A do Gallo-Franco</i> (Variante de Machico).....	150
ARQUIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Dom Franco</i> (Versão da Ilha de S. Jorge).....	152
<i>Dona Inez</i> (Variante da Ilha de S. Jorge).....	153
<i>O Caso de Dona Inez</i> (Variante da Ilha de S. Miguel)	154
6 — Dom Aleixo (Versão da Beira Alta).....	155
— (Versão da Foz do Douro).....	158
— (Versão de Lisboa).....	159
— (Versão de Loulé — Algarve).....	162
— (Variante de Lagos).....	165
<i>As tres irmãs</i> (Versão de Faro)	166
<i>Dom Aleixo</i> (Versão algarvia).....	168
ARQUIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Dom Aleixo</i> (Versão da Ilha de S. Jorge).....	171
— (Variante da Ilha de S. Miguel).....	173
BRASIL	
<i>Dona Maria e Dom Arico</i> (Versão do Rio de Janeiro)	174
§ III — <i>Cyclo Carlúgio</i> — (MATERIA DE FRANÇA)	
1 — Reginaldo (Versão da Beira).....	177
<i>Gerinaldo</i> (Versão de Maçores — Traz-os-Montes)	183
— (Variante transmontana).....	185
<i>Dom Geraldo</i> (Versão de Villa Nova de Gaia) ...	187
— (Versão de Loulé — Algarve)	189
<i>Generaldo</i> (Versão do Algarve).....	191

	Pag
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Estoria de Gerinaldo</i> (Versão de Calheta).....	194
<i>Gerinaldo</i> (Variante do Porto da Cruz).....	196
<i>Leonardo</i> (Variante da Camara de Lobos).....	199
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Gerinaldo</i> (Versão da Ilha de S. Miguel).....	201
<i>Girinaldo</i> (Variante da Ilha de S. Jorge)	204
2 — Dom Beltrão (Versão de Traz-os-Montes).	207
<i>Valdevinos</i> (Versão de Traz-os-Montes)	210
3 — Dom Gayfeiros (Versão de Traz-os-Montes) .	211
<i>Melinsendra</i> (Variante de Traz-os-Montes)	214
4 — Cruel Vento (Versão de Traz-os-Montes)..	221
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Joãosinho ou o Banido</i> (Versão da Ilha de S. Jorge)	»
<i>Flores e Ventos (Floovant)</i> (Variante da Ilha de S. Jorge).....	223
<i>Dona Branca</i> (Variante da Ilha de S. Jorge) ...	225
5 — Carlos Magno (Versão de Tolosa — Alemtejo).....	227
§ IV — <i>Cyclo Arthuriano</i> — (MATERIA DE BREITANHA)	
1 — Infantina (Versão da Beira Alta).....	230
<i>Infanta da França</i> (Versão da Covilhã — Beira-Baixa).....	234
<i>A Encantada</i> (Variante da Foz do Douro)	234
<i>O Caçador e a Donzilla</i> (Versão de Villa Nova de Gaia).....	235
<i>Infantina</i> (Versão de Penafiel)	236
<i>O Caçador</i> (Versão de Extremadura)	238
<i>A Infelizada</i> (Versão ribatejana).....	240
<i>Dom Pedro</i> (Versão de Traz-os-Montes)	242
<i>A Encantada</i> (Versão de Loulé — Algarve)	244
<i>Almendo</i> (Variante de Tavira).....	247
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Filha do Rei de França</i> (Versão do Porto da Cruz)	250
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
— (Versão da Ilha de S. Jorge).....	254
<i>O Caçador e a Donzilla</i> (Variante da Ilha de S. Jorge)	256
<i>Donzella encantada</i> (Variante da Ilha de S. Jorge)	259
— (Versão da Ilha de S. Miguel).....	260

	<u>Pag.</u>
2 — Conde Nillo (Versão de Traz-os-Montes) ..	263
<i>Conde Niño</i> (Versão de Traz-os-Montes).....	265
<i>O Conde Lindes</i> (Versão de Vila Boim—Alemtejo)	267
<i>Dom Nino</i> (Versão de Loulé)—Algarve) ..	268
<i>Dom Diniz</i> (Versão de Faro)	270
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Filha Maria</i> (Versão da Ilha de S. Jorge).....	272
<i>Dom Duardos</i> (Versão da Ilha de S. Jorge).....	273
<i>A Ermida no mar</i> (Variante na Ilha de S. Jorge).	275
3 — Prinçeza Peregrina (Versão do Porto)	277
<i>Promessa de Noivado</i> (Versão da Covilhã—Beira Baixa)	280
<i>A Enganada</i> (Versão de Tavira — Algarve)....	281
<i>Dom Manuel</i> (Versão de Tavira)	283
<i>A Peregrina</i> (Versão de Lagos)	286
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Don'Ana</i> (Versão da Camara de Lobos).....	287
<i>Cavalleiro não namores</i> (Variante da Ponta do Sol)	290
<i>Dona Ignez</i> (Variante Calheta).....	293
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Donzella que se fina de amor</i> (Versão da Ilha de S. Jorge).....	297
<i>Rosal-florido</i> (Variante da Ribeira de Areias—Ilha de S. Jorge).....	300
— Versão da Ilha de S. Miguel).....	302
BRASIL	
<i>Dom Duarte e Donzilha</i> (Versão de Sergipe)....	305
4 — Claraliuda (Versão ribatejana).....	306
<i>Conde de Montelavar</i> (Versão de Penafiel)	309
<i>Dom Carlos</i> (Versão de Traz-os-Montes)	314
<i>O que diz o roixinol</i> (Versão da Junqueira — Mor- tella)	316
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Conde de Montalbano</i> (Versão de Porto da Cruz) .	316
<i>Conde de Montalvão</i> (Versão de Ponta do Sol) ...	321
<i>Conde de Montalvar</i> (Variante da Senhora do Mante)	324
<i>Conde de Montes Claros</i> (Variante de Machico) ..	329
<i>Conde Claros</i> (Versão da Ilha de Porto Santo) ..	334
<i>Conde Alarcos</i> (Variante de Santa Luzia).....	338
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>A Condessa</i> (Versão da Ilha de S. Jorge).....	341
<i>Dom Pedro Menino</i> (Versão da Ilha de S. Jorge).	345

	<u>Pag.</u>
<i>Dom Pedro Pequeninno</i> (Variante da Ilha de S. Jorge)	348
BRASIL	
<i>Dom Carlos Montealbar</i> (Versão de Sergipe)	351
— (Versão de Papeha de Flores)	354
5 — Dom Carlos d'Alem-mar (Versão ri- batejana)	356
<i>Dom Carlos de Montealbar</i> (Versão do Porto) . . .	364
<i>Dona Lisarda</i> (Versão da Covilhã—Beira Baixa).	368
<i>Lisarda</i> (Versão de Traz-os-Montes)	371
<i>Albaninha</i> (Versão de Traz-os-Montes)	374
<i>Dona Felisarda</i> (Versão de Elvas—Alemtejo) . . .	376
<i>Dona Galançua</i> (Versão de Loulé—Algarve)	378
<i>Dona Areria</i> (Variante de Coimbra)	382
<i>Lisarda</i> (Versão de Lagos)	384
<i>Dona Aldonça</i> (Versão de Lagos)	387
<i>Dona Galançua</i> (Versão de Lagos—Algarve) . . .	390
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Dona Ansenda</i> (Versão de Santa Luzia)	392
<i>Dona Alberta</i> (Versão de Camara de Lobos)	397
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Clavalinda</i> (Versão da ilha de S. Jorge)	399
<i>Dom Carlos de Montealvar</i> (Variante de Ribeira de Areias)	402
<i>Conde Claro</i> (Versão da Ilha de S. Miguel)	405
BRASIL	
<i>Dona Branca</i> (Versão de Sergipe)	407
6 — A Romeira (Versão do Minho e Traz-os- Montes)	409
<i>Mariaminha</i> (Versão da Margem do Tamega) . . .	411
<i>A Tecedeira</i> (Versão do Marco de Canavezes) . . .	414
— (Versão de Rebordainhos—Traz-os-Montes) . .	416
<i>Conde de Montealbar</i> (Versão de Loulé—Algarve).	417
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
7 — Dona Oliveira (Versão da Calheta)	420
<i>Dona Eurives (Genuivar)</i> (Versão de Porto da Cruz)	422
8 — A Filha do Imperador de Roma (Versão de Traz-os-Montes)	424
<i>O Hortelão das flores</i> (Variante da Covilhã—Bei- ra Baixa)	426
<i>O Duque da Lombardia</i> (Variante da Beira Alta).	428

	<u>Pag.</u>
ARQUIPELAGO DA MADEIRA	
<i>O Ceifão</i> (Versão de Ponta do Sol)	431
<i>Amores de Dona Lisardo</i> (Versão da Calheta) ...	432
<i>No jardim do seu recreio</i> (Versão de Porto da Cruz)	436
ARQUIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Lisarda</i> (Versão da Ilha de S. Jorge).....	439
<i>Dom Duardos e Flérída</i> (Versão da Ilha de S. Jorge)	442
<i>Dom Duardos</i> (Lição ms. do seculo XVII, do Cavalleiro de Oliveira)	444
<i>Chegada era a hora</i> (Versão de Campo de Viboras —Traz-os-Montes.....	445

II

ROMANCES DE AVENTURAS

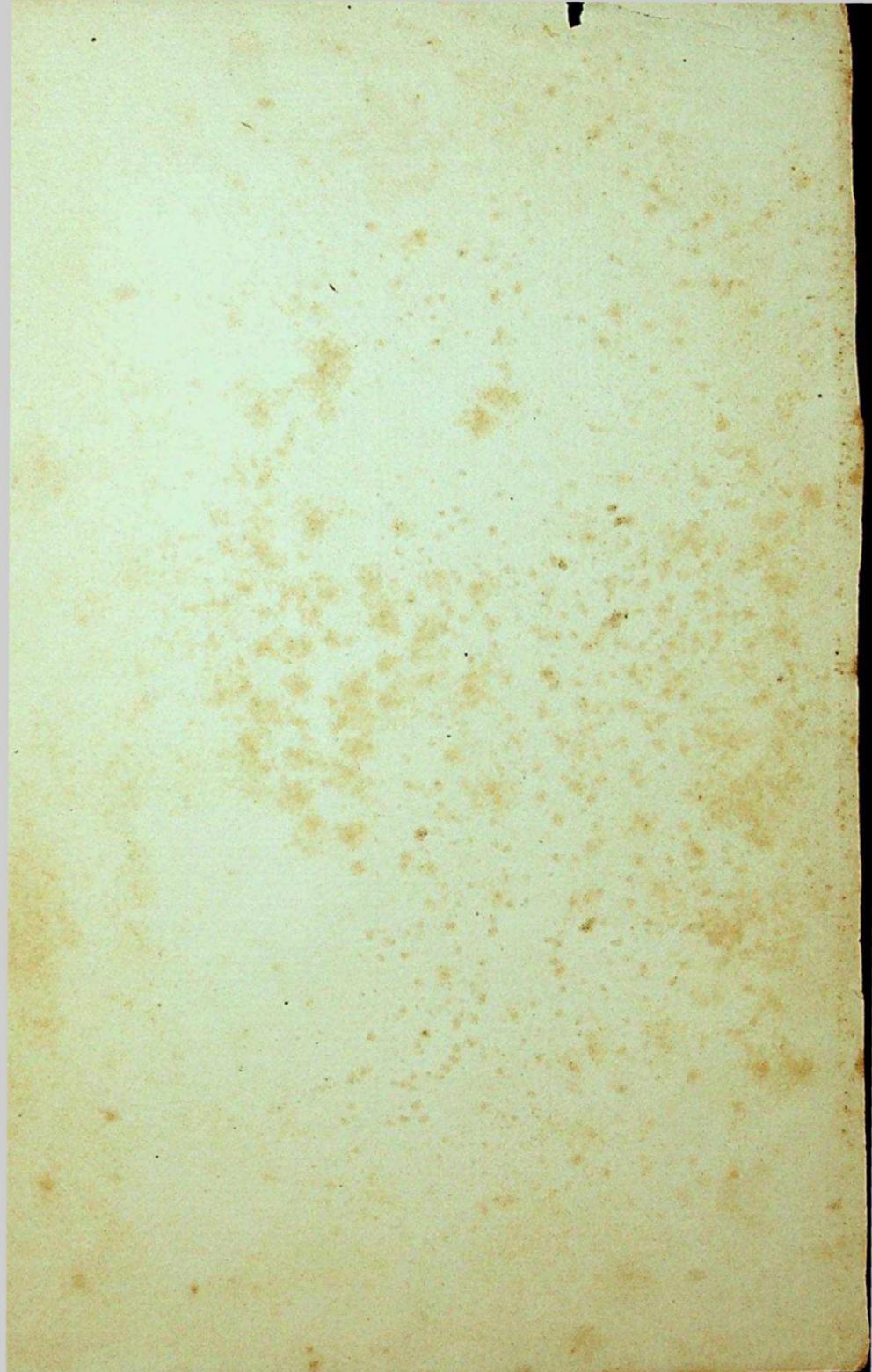
§ I—*Cyclo da Mulher perseguida*

1 — <i>Sylvaniuha</i> (Versão da Beira e Ribatejo) ..	447
<i>Faustina</i> (Versão de Freixo de Espada-á-Cinta) .	451
<i>Dona Silvana</i> (Versão de Elvas —Alemtejo)	455
—(Versão de Loulé —Algarve)	459
—(Variante de Loulé)	463
ARQUIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Aldina</i> (Versão de Porto da Cruz)	469
<i>Galdina</i> (Versão de Machico).....	471
<i>Gaudina</i> (Versão de Funchal)	473
ARQUIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Silvana</i> (Versão da Ilha de S. Jorge)..	475
<i>Aldina</i> (Variante da Ilha de S. Jorge).....	477
<i>Silvana desamparada</i> (Variante da Ilha de S. Jorge)	480
<i>Conde Yano</i> (Versão da Ilha de S. Jorge)....	483
2 — <i>Conde Yanno</i>	488
<i>Conde Alberto</i> (Versão do Porto e Vianna)	496
<i>Conde Alves</i> (Variante da Beira Baixa).....	500
<i>Silvana</i> (Versão do Porto e Villa Nova de Gaya).	503
<i>A Infanta castigada</i> (Versão de Elvas—Alemtejo)	509
<i>Dona Silvana</i> (Variante de Elvas).....	513
—(Versão de Loulé—Algarve	515
<i>Dona Iria</i> (Variante de Loulé)	520
<i>A Condessa</i> (Versão de Lagos)	524

	<u>Pag.</u>
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Conde Elarde</i> (Versão de Porto da Cruz)	527
<i>Conde Aiario</i> (Versão Machico).....	534
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Conde d'Alba</i> (Versão da Ilha de S. Jorge).....	539
<i>O Cande de Alado (Alarcos)</i> (Versão da Ilha de S. Miguel)	543
INDIA	
<i>Sylvaninha</i> (Fragmento da versão de Gôa, colhida por Costa e Silva).....	548
<i>Conde Alarcos</i> (Fragmento coligido por Costa e Silva)	550
BRASIL	
<i>Conde Olario</i> (Versão de Sergipe).....	551
GALLIZA	
<i>Conde de Algalia</i>	553
3 — Helena (Versão dos arredores de Lisboa)....	556
<i>Olindinha</i> (Versão de Castro Laboreiro).....	561
<i>Dom Beço</i> (Versão de S. João de Airão—Minho)	562
<i>Dom Pedro</i> (Versão da Covilhã—Beira Baixa) ...	563
<i>Dom Bruno</i> (Versão de Loule—Algarve).....	566
—(Variante de Lagos)	570
<i>Dom Bezo</i> (Variante de Lagos)....	573
<i>Dom Bruno</i> Variante de Lagos)	575
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Dona Helena</i> (Versão da Ilha de S. Jorge).....	577
—Variante da Ilha de S. Jorge).....	579
BRASIL	
<i>Flôr do dia</i> (Versão do Recife)	582
GALLIZA	
<i>Abuela</i> (Versão da Coruña).....	584
4 — Dona Anna (Versão de Traz-os-Montes)....	590
—(Variante de Traz-os-Montes)	592
<i>O Alferes matador</i> (Versão da Covilhã—Beira Baixa).....	594
<i>A Mulher forçada</i> (Versão de Cabeça das Mós—Sardoal).....	596
<i>O Rei Traquilha</i> (Versão das Caldas da Rainha).	597
<i>Dona Branca</i> (Versão de Tavira—Algarve). ...	598

	<u>Pag.</u>
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Florbella</i> (Versão da Ilha de S. Jorge)	601
<i>A Pobre Viuva</i> (Variante da Ilha de S. Jorge) ...	603
5 — Guimar (Versão do Alemtejo).....	606
<i>Dom João</i> (Versão de Elvas — Alemtejo)..	610
<i>Dona Angela de Medina</i> (Versão de Elvas). ...	613
<i>A Donzella e o punhal</i> (Versão de Tavira — Algarve).....	615
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Pomba sem fel</i> (Versão da Senhora do Monte)...	619
<i>Dom Henrique d'Alencastre</i> (Versão de Santa Luzia	622
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Dona Marta</i> (Versão da Ilha de S. Jorge)	625
6 — Casamento e mortalha (Versão do Minho).....	627

1870
1871
1872
1873
1874
1875
1876
1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900



MANUEL GOMES, LIVREIRO EDITOR

LIVREIRO DE SS. MAJESTADES E ALTESAS

Rua Garrett (Chiado), 61 — Lisboa

EXTRACTO DO CATALOGO GERAL

Dr. Th. Braga		Fernandes Costa	
<i>Historia da Poesia popular portugueza</i> — 2 vol.	1\$600	<i>A João de Deus</i> — 1 vol.	200
Anthero do Quental		<i>Memorias de um Ajudante de Campo</i> — 2 vols. — com retratos — encad.	2\$000
<i>Raios de extincta luz</i> — Poemas ineditas (1859-1863) publicadas e precedidas d'um largo escorço biographico por THEOPHILO BRAGA — 1 vol.	500	Bispo de Coimbra	
<i>O Infante D. Henrique</i> — Com um prefacio de Rod. VELLOSO e um bello retrato de Anthero, magnifica edição in-4.º gr.	400	<i>A execução das leis de fuzenda na extinctão dos conventos</i> — 1 vol.	400
Dr. Manuel Bento de Sousa		Telxreira de Quelroz	
<i>O Doutor Minerva</i> — (Critica do ensino em Portugal) 2.ª edição, correcta e augmentada.	700	<i>As minhas opiniões</i> (Estudos psychologicos e sociaes) — 1 vol.	600
<i>A Parvonia</i> — Nova edição, com uma carta-prefacio — 1 vol.	600	J. Fernando de Sousa (Nemo)	
<i>Discurso em homenagem a Antonio Maria Barbosa</i> — 1 vol. in-8.º	200	<i>Religião, moral e politica</i> — 1 vol.	600
Claudia de Campos		Sousa Viterbo	
<i>Mulheres</i> — Ensaios de psychologia feminina — 1 vol.	700	<i>A esgrima em Portugal</i> — 1 vol. in-4.º, em papel de linho (Edição de 100 exemplares numerados)	1\$500
<i>A Esphinge</i> — Romance psychologico — 1 vol.	700	Montufar Barreros	
Soror Marianna		<i>Armas</i> — 1 vol.	1\$000
<i>Cartas de amor ao Cavalheiro de Chamilly</i> — Traducção e revisão de LUCIANO CORDEIRO — Ill. de MANUEL SAN ROMÃO — 2.ª edição	500	<i>Os papeis de meu pae</i> — 2 vol.	1\$200
Flalho de Almeida		Camões	
<i>O Paiz das Uvas</i> — Contos illustrados por Julião Machado — 1 vol. gr. in-8.º.	1\$000	<i>Les Lusidades</i> — traducção em verso franceise, por Garim — 1 vol.	1\$5000
		Corrêa Garção	
		<i>Obras poeticas</i> — 1 vol. com introducção e notas de Azevedo Castro.	1\$500
		<i>Historia da litteratura espanhola</i> — 1 vol.	400
		Oliveira Martins	
		<i>Historia de Portugal</i> — traducção de Stephens — 1 vol. ..	1\$200
		Visconde de Condelixa	
		<i>O mosteyro da Batalha</i> — 1 vol. com magnificas illustrações.	9\$000